# ETHICA,

OU

# FILOSOFIA MORAL.

# HARMONIA

DA

# RAZÃO, E RELIGIÃO.

## PARTE I.

No que toca aos Dogmas da Fé, ou Theologia Natural.

*Que faz o nono Tomo da Recreação.*

# HARMONIA
## DA
## RAZÃO, E DA RELIGIÃO,

Dividida em duas Partes:

PARTE I.

Do que pertence aos Dogmas da nossa Fé,

*Que faz o nono Tomo da Recreação Filosofica, e he a Theologia Natural.*

PARTE II.

Do que pertence aos costumes da nossa Religião,

*Que faz o decimo Tomo da Recreação Filosofica, e he a Filosofia Moral, ou* Ethica.

# RECREAÇÃO FILOSOFICA
## Sobre a FILOSOFIA MORAL,
Em que ſe trata
## DOS COSTUMES,
Composta, e offerecida
AO
PRINCIPE REGENTE
O
SENHOR D. JOÃO
POR
T. A. D. C. O.

---

TOMO X.

---

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCCC.

---

*Com licença da Meza do Deſembargo do Paço, e Privilegio Real.*

# SENHOR

HAVENDO *eu de publicar a minha* Filosofia Moral, *isto he, a sciencia que trata dos costumes, tendo-nos a Providencia posto diante dos olhos em VOSSA ALTEZA REAL o modélo dos mais santos costumes, dos mais justos, dos mais prudentes e louvaveis, seria em mim hum grande crime se eu deixasse de corroborar a minha doutrina com tão brilhante, e tão efficaz exemplo, pondo logo no frontespicio da Obra o amavel Nome de VOSSA ALTEZA REAL; porque este Nome attrahirá suavemente a todos, para que me leião: por quanto costumão os olhos ir gostosos para onde o amor os leva.*

*Além*

*Além disso tinha eu principiado esta Obra da* Recreação Filosofica *ha cincoenta annos, debaixo da Protecção do Augustissimo Bisavô de VOSSA ALTEZA REAL, o Senhor Rei D. João o V., e era justo que este Remate della tambem fosse protegido por outro D. João seu successòr; successor digo, e Herdeiro, não só do Regio Throno, mas muito mais da sua grande Religião, do zelo da honra de Deos, da inclinação á piedade, e da protecção dos* bons costumes; *os quaes nestes tristes, e calamitosos tempos tem tão poucos Soberanos que os protejão.*

*Esta parte da Filosofia nunca foi mais necessaria do que agora; por quanto a Doutrina dos* Incredulos, *que tapão inteiramente os olhos á luz da Religião, e tambem á da boa razão, forceja para transtornar as bases dos* bons costumes, *firmadas na Religião, na boa razão, nas Leis da Humanidade, e até nos interesses solidos de toda a Sociedade: porém nada disto basta, porque a ouvir os impios Voltaire, Rousseau, l'Esprit, Les Moeurs d'Alembert, Diderot, e outros, nem a Religião he freio para subjugar a furiosa li-*

*ber-*

*bertinagem, nem a razão he ouvida, nem ó poder dos Soberanos basta.*

*He tão grande o empenho de soltar os desenfreados costumes, que para isso chegão a affectar hum ignominioso parentesco com os brutos, querendo que o homem tome (como elles) por guia dos seus costumes o cego impeto das suas paixões, que agora geralmente canonizão como innocentes e santas, ainda sendo as mais depravadas. No titulo da sua* Moral universal *põem como epigrafe a louca sentença de Seneca, que diz:* A luz da razão deve consultar, e ouvir a Natureza. *Quem tal diria! A Luz da razão, Guia celeste que o Creador deo ao homem para governo das suas acções, deve consultar a Natureza depravada pela quéda do primeiro homem, e bem differente do estado primitivo, em que sahio das mãos do Creador!*

*Esta Natureza assim depravada fazem elles parenta em primeiro grão dos mesmos brutos; e ha Filosofo dos seus, que confunde os homens com os Bugios, pondo claramente o grande Newton na cabeceira dos Bugios mais astuciosos; e ainda assim querem que essa Natureza haja de gover-*

*nar*

*nar a* Boa Razão : *quem vio maior disparate !*

*Contra estes impios esfórço quanto me he possivel á boa Filosofia, e á luz da razão; e posto que no entendimento me acho fortalecido com o soccorro da Religião, prudentemente lhes occulto as suas luzes, para evitar as irrisões com que desprezão os seus Dogmas : e só me valho da espada da Razão, e da Experiencia, que são as unicas armas do Filosofo : e com ellas me persuado que os faço precipitar nos maiores absurdos, e manifestas contradicções dos seus mesmos Principios.*

*Para fazer a minha leitura mais amena, e os meus argumentos mais vivos, me valho do estilo de Dialogo; como felizmente fiz no meu nono Volume da* Theologia Natural, *a que dei o Titulo de* Harmonia da Razão, e Religião. *Nelle revendiquei os Dogmas da nossa santa Religião da impostura de serem* contra a clara razão do homem sensato; *e tive a doce consolação de reduzir com elle (ajudado da graça superior) a hum occulto, mas estudioso* Atheo, *que lendo o meu livro, confessou ingenuamente, que elle*

*le*

*le não tinha resposta, e rendeo o seu coração, e entendimento á Santa Igreja, a quem pela nimia, e desordenada lição occultamente tinha negado a obediencia. Se Deos tambem abençoar este meu trabalho, poderei esperar algum fruto.*

*Consinta pois VOSSA ALTEZA REAL que o seu amavel Nome appareça no titulo desta Obra, que parece ser util á Igreja, util ao Estado, util aos* bons costumes, *de que depende a felicidade do Throno, e do Reino. Deos guarde a preciosa vida de VOSSA ALTEZA REAL por mui largos, mui felices, e mui abençoados annos, como todos desejamos, e como pede incessantemente ao Ceo quem se consola de ser*

DE VOSSA ALTEZA REAL

Humilde Vassallo

*Theodoro de Almeida.*

# PROLOGO.

TOdos ſabem que a Filoſofia dilata os ſeus Ramos por toda a parte; e que, ſegundo a materia ſobre que diſcorre, tem diverſos nomes que a caracterizão. Quando diſcorre ſobre a Natureza das couſas viſiveis, ſe chama *Filoſofia Natural*, ou Fyſica, da qual tratámos nos primeiros ſeis Tomos deſta Recreação; quando trata dos actos do noſſo entendimento, ſe chama *Filoſofia Racional*, ou Logica, a qual démos ao público no ſetimo Tomo da Recreação. A parte que trata dos Principios, e verdades geraes, e communs a tudo o que tem ſer, ſe chama *Filoſofia transnatural*, ou além e aſſima da Natureza, ou Metafyſica, a qual explicámos no oitavo Tomo da noſſa Recreação. Seguio-ſe o nono Tomo, que he da *Theologia Natural*, ou Filoſofia de Deos, em que tratamos de Deos, quanto o Filoſofo póde conhecer e moſtrar, deixando

do aos Theologos o que ſe não demonſtra pela boa razão (que he ſó o que pertence á Filoſofia) mas que ſe prova pelas Divinas Letras. Faltava eſta ultima parte da *Filoſofia Moral*, a que chamão *Ethica*, no que empregamos eſte decimo, e ultimo Volume.

Poderá alguem queixar-ſe da tardança deſta Obra, ha tanto tempo pedida e deſejada; e tambem da ordem com que tenho conduzido os animos dos Leitores á ſua inſtrucção; e reſpondo que puz mais cuidado em ſervir o público *bem*, do que em ſervillo *depreſſa*. Forças curtas, ſe querem trabalhar depreſſa, nem ſempre acertão; e he dictame mais prudente, e mui antigo o que dá Horacio ſobre a demaziada preſſa de produzir as obras do entendimento.

Agora quanto á ordem, já-mais de huma vez diſſe que tratar da Logica logo no principio da inſtrucção da mocidade, he conduzilla logo por huma caſa eſcura, marrando com mil couſas que moleſtão, ſem lhe fazer ver nada

da que agrade ; porque sem a Fysica que lhe dê exemplos de discursos, tudo he ir ás apalpadelas, sem ver cousa que dê gosto. Por isso introduzi o discipulo logo pelo Jardim ameno da Fysica, que agrada, encanta, e dá appetite de querer saber, alegra os animos, e convida a discorrer.

Depois disso a Logica ajudada da Fysica e Geometria, tem nestas sciencias bons exemplos dos seus dictames ; e então a Theorica cahindo sobre a prática, se entende com summa facilidade.

A Metafysica tendo a base da Fysica, e da Logica, voa com duas azas assima da Natureza; e com esse mesmo voo vai a Theologia Natural conhecendo a Harmonia pasmosa, que tem a *Razão*, sua primeira conductora, com o que depois a *Religião* ensina.

Tendo já os meus discipulos a sua razão costumada a passos seguros, e pausados, podem maduramente julgar no perigoso combate das *Paixões*, que tan-

tanto perturbão a *Razão*, quando discorre na materia dos *Costumes*. Em qualquer materia que seja, sempre ha contestações, que no fim da contenda deixão duvidosa a verdade mais patente; porém nunca ha tanto receio desta desordem, como na materia dos costumes, em que as paixões são atacadas nas suas proprias trincheiras. Por isso nesta materia devemos ter mais madureza no discurso, do que viveza de engenho; mais prudencia, e cautela. Eis-aqui porque da Filosofia Moral sempre se deve tratar mais no fim dos estudos; e eu a reservei para o fim da minha Obra, e talvez da minha vida, já bem cançada, por ter principiado a publicar esta Recreação ha cincoenta annos.

Vale.

# DIVISÃO
## DESTA FILOSOFIA MORAL,
a que chamão
## *ETHICA.*

Em tres Partes principaes ſe divide.

### PARTE I.

Das obrigações, ou deveres do homem para com Deos.

### PARTE II.

Das obrigações, ou deveres do homem para comſigo meſmo.

### PARTE III.

Das obrigações, ou deveres do homem para com os outros homens.

PAR-

RECREAÇÃO

# FILOSOFICA.

## PARTE I.

### DA FILOSOFIA MORAL.

---

## TARDE XVI.

*Das obrigações do Homem para com Deos, tiradas do que Elle fez no Universo para bem do Homem.*

### §. I.

*Introducção a esta Obra.*

*Baroneza.* SEJAIS bem vindo, Chevalier, ás nossas conversações literarias, que sem vós não tem aquelle sal, que as fazia agradaveis algum dia;

e agora a voſſa aſſiſtencia as fará mais inſtructivas, porque o voſſo eſtudo, e a communicação com muitos Cavalheiros inſtruidos, que na guerra tratarieis, vos terão dado muitas luzes.

*Cheval.* Minha Irmã, ſe quereis que fallemos em balas, aproches, ataques, artilheria, &c. poſſo-vos fallar quanto quizerdes; porque quer no ſitio de S. Roque, quer no Ruſſillon, diſto he que ſempre fallavamos. Cada qual falla da ſua profiſſão; o demais he improprio.

*Baron.* E de que hei-de eu fallar?

*Cheval.* Eu vo-lo digo. De enfeites, de modas, de muſica, de jogos, veſtidos, diamantes, e tudo o mais com que a formoſura ſe augmenta, a galanteria ſe affina, os louvores ſe deſafião, os obſequios ſe multiplicão, as intrigas ſe fomentão, &c. &c. &c.

*Baron.* Eſſes *& cæteras* multiplicados me dizem muito, e não me parecem bem na voſſa boca a meu reſpeito. Já vós ſabeis que o meu entendimento não ſe ſatisfaz com ridicularias que liſongeão os olhos; nem eu nunca fiz caſo das eſtimações que ſe apoiavão em fittas, trapos, cabellos, e outras puerilidades. Chevalier, vós não pondes a mira nas voſ-

voſſas acções em que vos eſtimem por andar aſſeado, que então eu me envergonharia de vos tratar por Irmão; mas a honra que eu recebo de vos ter por Irmão, vem de que no voſſo eſtado encheis todas as obrigações de Cavalheiro, de ſoldado, de honrado. Os veſtidos, e mais adornos não valem nada: aſſim ſou eu.

*Cheval.* Em mim eſſim he; mas em vós, que ſois huma Senhora, em quem a idade florente, a belleza que deveis á Natureza, a graça que ſe eſpalha por tudo o que dizeis, e hum agrado geral que a todos certamente encanta; a vós os enfeites são devidos; e niſto eſtá o ponto principal dos voſſos cuidados; porquanto eſtes são (na voſſa feminina guerra) as baterias, as balas, as armas que ferem, que rendem, que vencem, que proſtrão, ás vezes até os mais heroicos Conquiſtadores, que coroados de louros ſe deixão cativar de Senhoras felices que ſouberão rendellos.

*Baron.* Com que, meu Irmão, ſendo nós Irmãos pela Natureza, vós fazeis huma bem injurioſa partilha entre nós ambos. O que he perfeição da alma, e obra do juizo, e das acções heroicas pertence ao Chevalier; e á Baroneza, fittas, leques,

trapos, pedras que luzem, mentiras, louvores falsos, e o mais que pertence ao corpo. Bella partilha entre Irmãos!

*Cheval.* Esta partilha he a ordinaria; mas confesso que vos he injuriosa.

*Baron.* Meu Irmão, a alma não reconhece sexos: eu não me contento com ornatos do corpo, quero a minha alma enfeitada, quero-a rica, e preciosamente ornada, e fiquemos nisto: para isso tenho sempre estudado. E depois das instrucções que recebiamos, vós, e eu, e o Barão do nosso Mestre Theodosio sempre tenho estudado; e agora elle me disse hontem que haviamos de começar com a Ethica.

*Cheval.* A Ethica, que he a sciencia dos costumes, he muito importante; mas, minha querida Irmã, não he Theodosio o mais proprio Mestre para essa sciencia. Acho-o mui Filosofo, e (deixai-me dizer assim) mui melancolico para a instrucção de huma Senhora, que deve desfrutar os bellissimos annos da vossa idade e formosura. Hoje ha livros pasmosos sobre os costumes, que são mui diversos do que erão no tempo de nossos antepassados.

*Baron.* Bem estimo isso; porque conferin-

do

do a sua doutrina com essa que vós dizeis, ficarei mais inteirada do que se deve seguir; e vós contribuireis para a minha instrucção, que me deveis esse serviço pelo amor que vos tenho. Ahi vem Theodosio, que vendo-nos juntos, está zeloso da nossa conversação: vinde, vinde, Theodosio, que já tardaveis.

*Theod.* Saudades entre Irmãos que por tanto tempo estiverão separados, são justo objecto da conversação nos primeiros dias.

*Baron.* Assim costuma ser; mas eu já metti o Chevalier na conversação que tinhamos projectado.

*Cheval.* Theodosio, minha Irmã diz que vós a quereis instruir na *sciencia dos costumes*, acho-vos razão; porque tendo-a instruido, e muito bem na sciencia do entendimento, era justo que lhe desseis tambem instrucção na sciencia da vontade; pois que a Ethica se ajusta bem com a Logica. Mas acho, meu Theodosio, que hoje a sciencia dos costumes que anda em voga, he mui diversa da que nossos pais praticárão; e ou vós lhe haveis de dar huma doutrina rançosa, que já ninguem segue; ou haveis de fazer no animo da Baroneza huma mudança, que tal-

talvez escandalize a quem tiver huma educação, como a que nossos pais nos derão.

*Theod.* Por amor disso mesmo desejo essa instrucção na vossa presença. Como aqui não vale a authoridade politica, e a authoridade sagrada, a pomos de parte, não como quem a despreza, mas como quem a respeita, e poupa guardando-a em reserva para quando for precisa, sómente nos valeremos das armas da Razão; porque esses authores de que vós fallais, não reconhecem outra; e eu dou a vossa Irmã instrucção como mero Filosofo. Assim não ha aqui doutrina que não se deva examinar, e estimar, se for racionavel.

*Cheval.* Isso quero eu: cuidava que vós nos querieis ensinar com a authoridade da Igreja, que eu venero summamente; mas para responder a estes livros modernos, queria doutrina da Razão meramente.

*Theod.* Tella-heis como desejais. Eu tambem tenho alguma instrucção desses livros que vós estimais; e duvido que me falleis em algum que me seja inteiramente novo. Dos seus systemas vos direi alguma cousa, e vos citarei authores, e paginas; porque eu não gósto de brigar com fantasmas, nem já-mais fingi as doutrinas que hou-

houveſſe de combater ; era preciſo que primeiro eu ſoubeſſe que havia quem as abraçaſſe.

*Cheval.* Sendo iſſo aſſim, já eſtou com appetite de vos ouvir, Theodoſio ; e vos peço que vos não eſcandalizeis, ſe me eſcapar alguma expreſsão alheia da voſſa doutrina ; porque a communicação com officiaes de differentes Nações, e Religião, ſerá a cauſa deſculpavel de alguma palavra impropria, ou alheia de vós, e da Baroneza, que me eſcape.

*Baron.* Sereis perdoado ſe fordes criminoſo.

## §. II.

### *Da obrigação que todo o Homem tem de conhecer a Deos.*

*Theod.* MEu Chevalier, a primeira parte da Filoſofia Moral trata das obrigações do Homem para com Deos ; a ſegunda das obrigações do Homem para comſigo meſmo ; e a terceira das obrigações do Homem para com os outros homens : creio que concordais niſto.

*Cheval.* Concordo, e ſem repugnancia.

*Baron.* Queira Deos que aſſim ſeja até ao fim,

fim, continuai, Theodosio, perdoai-me o interromper-vos.

*Theod.* Ora a primeira obrigação do homem para com Deos he fazer diligencia para o conhecer; porque sendo isso a cousa mais natural a toda a creatura discursiva, ha espiritos tão pezados, e humildes, e abatidos, que á maneira dos jumentos nunca tirão os olhos da terra, que com os seus pés vão pizando; nem levantão a cabeça para o Ceo, em ordem a conhecer o principio donde lhes veio o ser. Deos porém formando o Universo, e prevendo esta indigna condição destes homens, semeou essa mesma terra que pizão, de huns pequenos espelhos, em que reverberão os seus Divinos attributos, de fórma, que o conhecimento de Deos lhes entra pelos mesmos olhos, que elles teimavão em não tirar da terra que pizão. E porque he tão grande ás vezes a froxidão desses espiritos languidos, que nem querem reflectir nas outras creaturas que o cércão, quiz que em si mesmo pudesse achar todo o homem, ou mulher retrato da Divindade. A organização do seu corpo, a fabrica admiravel desses mesmos olhos com que vê, dos ouvidos com que ouve, da mesma alma

que

que o anima, o meſmo entendimento com que diſcorre, tudo são huns como retratos da ſabedoria, e da providencia do Creador; Sabedoria, digo, em que não acha limite. Então impaciente, e af-flicto de não poder comprehender eſſa paſmoſa grandeza, volta em redondo os olhos por tudo que em roda o cérca, e tudo acha igualmente maravilhoſo; e bem como o naufragante, que meio ſub-mergido volta em roda os olhos para toda a parte no mar largo, e não vendo praia, ſe deixa ſubmergir deſanimado; aſ-ſim faz o homem que diſcorre, e ſe dei-xa abyſmar no conhecimento da incom-prehenſibilidade Divina: e deſte modo vem a conhecer a ſeu Deos, quando me-nos niſſo cuidava.

*Baron.* O caſo he, que a maior parte dos homens não diſcorrem, como dizeis, e tem o diſcurſo tão ocioſo, como tem os olhos quando dormem.

*Theod.* Ahi he que eſtá o ſeu crime. Rece-ber de Deos o corpo organico, os ſenti-dos, a alma, e o entendimento, e não ſe perguntar a ſi meſmo, donde lhe veio tu-do iſſo que elle tanto eſtima.

*Cheval.* Muitas vezes porque muito diſcor-re o homem ſe confunde de modo, que

não

não comprehendendo como as cousas são em Deos, nada crê, disso mesmo que lhe parece que vê.

*Baron.* Não ha maior disparate. Huma cousa he crer que a cousa he, outra he conhecer o como he.

*Cheval.* Não deis, minha Irmã, sentença tão forte, que isso he o systema de hum grande homem.

*Theod.* Bem sei, he João Jaques Rousseau no seu Emilio.

*Baron.* Seja embora, digo o mesmo: he hum famoso disparate. Ora dizei-me, Chevalier, vós não gostais de figos?

*Cheval.* E muito; e os que hoje me offerecestes erão excellentes.

*Baron.* Ponho embargos ao vosso gosto; porque vós não deveis crer que haja figos; porque nem vós, nem Filosofo algum me póde dizer como da figueira se fórmão os figos, tendo cada figo em si dez mil granitos, e em cada hum delles a semente de huma nova figueira, como essa em que elles nascêrão. O como se fórmão os figos na figueira, e em cada hum delles dez mil figueirinhas pequeninas, que depois cahindo na terra se fazem grandes, nenhum Filosofo já-mais explicou, nem comprehendeo: logo não ten-

tendes licença do voſſo Rouſſeau para crer que haja figos aſſim: logo não podeis goſtar de figos, porquanto hum homem de juizo, como vós, não póde goſtar do que não crê que haja.

*Cheval.* Góſto, e creio.

*Baron.* Ora ſe vós ſem comprehender, mal nem bem, como poſſa huma figueira dar figos, e os figos darem figueiras, credes iſſo que não comprehendeis, como deſculpais os voſſos amigos de não crerem nos Attributos de Deos, porque os não entendem bem? Aliàs ſois obrigado a me explicar como he eſte myſterio das ſementes das arvores. Quem faz iſto? dizei-mo?

*Cheval.* He a próvida Natureza.

*Baron.* O' meu Irmão, por vida voſſa enſinai-me onde mora eſſa Madama, que lhe quero ir fallar. Sem dúvida que a ſua habilidade vence a de todos os homens juntos; porque ſervindo-ſe meramente do ſucco da terra, e agua, e do calor do Sol, no meſmo terreno aqui onde cahio hum figo ha de produzir figueiras, e em cada huma mil figos, em cada figo dez mil granitos, em cada granito huma plantazinha pequena daquella eſpecie, e com tal organização, que ſaia huma figueira gran-

grande. E logo alli junto onde cahio hum caroço de pêcego, ha de formar hum bello pecegueiro; o qual tem conſtrucção totalmente diverſa da figueira, não obſtante nutrir-ſe da meſma terra, e aguas, e calor do Sol. E eſſa arvore não ha de dar figos, mas excellentes pêcegos, formoſiſſimos na côr, cheiroſos, macios, goſtoſos, e cada hum com ſeu caroço, e na amendoa delle hum novo embrião deſſa eſpecie de arvore. Quem faz iſto, meu Irmão, tem huma intelligencia paſmoſa ſobre tudo; quero ir fallar com ella, dizei-me, onde a acharei?

*Cheval.* A Natureza não falla, nem tem ſciencia.

*Baron.* Pois como comprehendeis vós que tantas couſas maravilhoſas, e delicadiſſimas ſe fação ſem huma cauſa intelligente: dizei, comprehendeis iſto?

*Cheval.* Não me aperteis tanto, Baroneza; não entendo.

*Baron.* Pois então não haveis de comer figos, nem crer que os haja; porquanto não comprehendeis como ſe formem na arvore que os produz; e diz o voſſo Meſtre que ninguem deve crer o que não comprehende.

*Cheval.* Deixai-me ſer amigo de figos, e pê-

pêcegos, e eu mandarei bugiar a maxima de Rousseau, se pela seguir me haveis de condemnar a tão custosa abstinencia.

*Baron.* Logo não fui eu grosseira em chamar disparate a maxima de não crer nada, que eu não possa comprehender. Por conseguinte vede como por esse modo não póde ninguem livrar-se das obrigações, que todo o homem deve a Deos que o creou. Perdoai, Theodosio, a digressão; mas como este ponto de Fysica vinha a proposito, e meu Irmão me picou, foi preciso despicar-me; que eu em Fysica não lhe tenho medo.

*Cheval.* Eu o vejo; mas vamos, Theodosio, ao que querieis dizer.

*Theod.* Eu supponho, meu Chevalier, que dais por evidente que nós temos hum Creador que nos deo o ser; porque tendo nós existencia, e não podendo ter existencia por nós mesmo, alguem no-la havia de dar; e esse Pai, ou Avô, ou Bisavô de alguem havia de receber a existencia, que não podia ter de si mesmo; e vimos a parar n'um Creador, a quem chamamos *Deos.*

*Cheval.* Ha homens tão especulativos, que até dizem que não he evidente que existamos, nem que haja mundo corporeo; por-

porque póde ser que todos andemos sonhando.

*Baron.* Mas quem sonha tambem existe.

*Cheval.* Estais mui adiantada, minha Irmã; mas nenhum homem de juizo, meu Theodosio, duvída hoje de que haja hum Creador, hum *Ente Supremo*, que nos deo o ser.

*Theod.* Logo deve o homem ter veneração, obediencia, e amor a esse Deos, de quem recebeo o *Ser*, e que formou toda esta belleza do Universo. Digo, que deve ter veneração, obediencia, e amor; porquanto o seu *Poder* pede respeito, e veneração; a sua *Superioridade* pede obediencia; a sua *Bondade*, e *beneficencia* para comnosco pede amor: tudo nasce de hum principio, que he reflectir no que Deos he, e tem sido para comnosco, e no que pouco a pouco iremos ponderando com o discurso. Ainda que vós, eu, e a Baroneza sejamos catholicos, e tenhamos a luz da Fé, e Religião, apoiada nos fundamentos Divinos, com tudo, como tratamos este ponto em tom de Filosofos; e vós, meu Chevalier, haveis de conversar com muitos de vossos camaradas, que não tem a vossa Religião, precisais de que nós o tratemos de mo-

do,

do, que os poſſais convencer; ſe tiverdes com elles diſputas, como voſſa Irmã a cada paſſo tem.

*Cheval.* Approvo eſſe methodo, que a todos ſerve; e uſemos ſómente das armas da Razão, que he a unica com que elles jogão; e terei goſto de a manejar, de modo, que fique vencedor, e a verdade manifeſta.

*Baron.* Seja, e não percamos tempo, que eſta materia he das mais importantes que podemos tratar; e góſto que vós, Chevalier, que naturalmente haveis de communicar com muitos incredulos, vades bem inſtruido.

*Theod.* Quatro principios pois me occorrem agora, que obrigão o homem a ter reſpeito, e amor ao ſeu Creador; e são eſtes:

1. As obrigações do Homem para com Deos, pelo que Deos fez no Ceo, ſó para o homem.

2. As obrigações do Homem para com Deos, pelo que Deos fez na Terra, ſó para o homem.

3. As obrigações do Homem para com Deos, pelo que Deos fez no corpo humano, ſó para o homem.

4. As obrigações do Homem para com

com Deos, pelo que Deos fez na nossa alma, só para o homem. Em nada me valerei senão das luzes da Razão, e da Fysica, que todos conhecem, ainda que sejão impios, e incredulos. Destes quatro artigos dimanão varias consequencias; e se hoje não pudermos tratar tudo, á manhã acabaremos o que não pudermos dizer hoje.

*Baron.* Isso he que quero, Theodosio; porque pontos tão essenciaes como estes, não se devem tratar á pressa.

## §. III.

### *Das obrigações do Homem para com Deos, pelo que Deos fez no Ceo, sómente para o Homem.*

*Theod.* AQui brilhareis vós, Baroneza, porque vos supponho lembrada do que vos ensinei na Astronomia; e o Chevalier entendo que tambem não estará esquecido.

*Cheval.* Não me esqueço das cousas mais notaveis, posto que de números, e calculos esteja esquecido.

*Theod.* Isso nos basta. Deixai-me agora fazer huma pequena pintura desta grande

Ca-

Caſa do Univerſo, que vemos feita pela mão do Artifice Supremo; Caſa em que brilha tanto a ſua Magnificencia, Sabedoria, e Poder. Nada direi que não ſeja hoje couſa aſſentada entre todos, ainda entre os ímpios, e incredulos.

*Cheval.* Fazeis bem niſſo; porque deſſes acho eu no exercito muitos; e quero ſaber como hei de fallar com elles.

*Theod.* Eſte Globo terraqueo em que vivemos, já ſabeis que no ſeu Equador, ou *Linha* tem mais de 6 mil leguas de circuito (1). Ora o Sol he hum milhão de vezes maior que ella (2); e já com iſto o noſſo entendimento alarga muito os ſeios da ſua comprehensão, para formar idéa do grande Poder de Deos que o formou, e que o conſerva (ſendo huma immenſa fogueira ardendo,) (3) e que o move, e governa, e faz obedecer a todas as ſuas Leis. Notai, Chevalier, eſte ponto; que eſſe Aſtro paſmoſo não tem intelligencia para ſaber as Leis de Deos; e como elle em 6 mil annos não



(1) Leguas Portuguezas de 18 ao gráo, são 6.480.

(2) Segundo as ultimas obſervações depois da ultima paſſagem de Venus, he 1:435.025.

(3) Tom. III. *Cartas Fyſico-Mathemat.* pag. 230.

tem descrepado dellas, he evidente que a Mão suprema de Deos o governa.

*Cheval.* Descançai, que eu não perco a minima das vossas palavras, e lhes dou todo o pezo.

*Theod.* Accrescentai, que á roda delle como *Satellites*, ou criados, faz Deos gyrar *Mercurio* em distancia de 9 milhões de leguas (1). *Venus* em 18 milhões; e a nossa *Terra* em 25; a qual, como já sabeis que está demonstrado fysicamente, he hum Planeta.

*Baron.* Por final que bem me custou a crer isso, quando me ensinaveis a Astronomia; mas estar o mar no Equador 6 leguas mais alto que nos Pólos, e sendo em toda a parte a mesma agua, e estar equilibrada com a outra agua em toda a redondeza da Terra, me obrigou a crer, que no Equador, e vizinhanças havia causa que diminuisse a sua gravidade; o que não podia ser senão a força centrifuga, procedida da sua Rotação. Continuai.

*Theod.* Muito mais longe do que a Terra se

(1) Estas distancias estão reduzidas a leguas Portuguezas, que são maiores que as Francezas; porque estas são de 25 ao gráo, e as marinas de 20; e as Portuguezas são de 18.

se estende a jurisdicção do Sol, porque traz á roda de si a *Marte*, não obstante distar delle 38 milhões de leguas; e mais longe traz (como cavallos na picaria á roda do Mestre) a *Jupiter*, na distancia de 130 milhões, a *Saturno*, na distancia de 238; e ultimamente ao Planeta novo *Herschel*, ou *Urano*, quanto a mim na distancia de 477 milhões de leguas, calculadas sobre o periodo observado de 82 annos (1).

*Cheval.* Desse não sabia eu ainda; mas he pasmosa a attracção do Sol, ou a Gravidade de todos esses Astros em tão grande distancia, que cança a nossa imaginação para formar justa idéa. Continuai.

*Theod.* Ainda cança com mais razão, quando nós conhecemos que esses fugitivos Cometas, que ás vezes desapparecem por quinhentos annos, ainda lá nessas Regiões, que parecem fóra do Universo, não escapão da jurisdicção do Sol; porque queirão, ou não queirão, em todo esse tempo de licença que tiverão, não derão hum só passo fóra dos limites que lhes prescrevia o Sol com as leis das suas orbi-



(1) Conforme a segunda Lei de Keplero, que se demonstra, os quadros de tempos periodicos são entre si como os cubos das distancias ao Sol.

bitas; elle os faz vir ás ſuas ordens nos *Peribelios*, quando he o tempo perfixo. A que immenſa diſtancia vai logo a juriſdicção do Sol, quando até nos *Aphelios* dos Cometas governa ſem a minima falencia.

*Baron.* Dizeis bem, que a imaginação cança quando quer formar huma idéa proporcionada ao que a razão perſuade, e a experiencia.

*Cheval.* Mas o entendimento caminha tão ſeguro nos ſeus calculos neſſas diſtancias immenſas, como os Geografos nas medidas que fazem ſobre a ſuperficie da Terra. Donde ſe vê, minha Irmã, a razão que Theodoſio tinha quando na Logica nos fazia ver a ſuperioridade das Idéas do entendimento ſobre as Idéas da imaginação (1).

*Theod.* Ora eſta immenſa vaſtidão de Eſpaços, que o entendimento he obrigado a confeſſar, he a caſa que o Creador fez ſó para o Sol, e para a ſua familia: vede como he grande, magnifica, e eſpaçoſa! Mas não he eſſa a ſala principal do Palacio viſivel do Omnipotente.

*Baron.* Que dizeis, Theodoſio! pois que ou-

(1) Logica Tarde 38. §. 1.

outra sala descubris com os olhos da Filosofia ? que lá no que vai no Palacio invisivel, não quero fallar.

*Theod.* Já vos disse, que eu como Filosofo não quero fallar senão no que os olhos vem, e até os do impio, e incredulo. Ora tende paciencia. Toda esta vastissima sala destinada para o Sol, e sua familia, he hum quasi nada a respeito do que nós alcançamos com os olhos; porque haveis de saber que cada huma das Estrellas he hum Sol, de cuja grandeza, nem da sua distancia nada se póde calcular. Os Mathematicos as repartem em seis classes, conforme a claridade da luz que nellas conhecemos; porém as que chamão da 6. classe, ou *magnitude*, e na apparencia minimas, talvez que sejão maiores que o Sol, porque a sua distancia as póde fazer tão pequenas. Se todas estivessem engastadas como diamantes nessa abobada celeste, então considerando-as na mesma distancia, era facil pela diversidade da luz conhecer a da sua grandeza; porém hoje se sabe que essa idéa do vulgo he falsissima, e que esses espaços celestes estão vasios. Com que, cada *Estrella* he hum *Sol*, que talvez terá sua particular familia de planetas, como o Sol tem

a

a sua ; mas isso he conjectura de que se não deve fazer caso. Vamos ao certo.

*Cheval.* Acho-vos razão : não misturemos cousas certas com meras conjecturas.

*Theod.* O *Syrius* , ou a estrella do *Cão grande* , que he huma constellação mui conhecida, he a estrella mais brilhante de todas (talvez por estar mais perto) diz o Wolfio , que he ao menos 100 vezes maior que o Sol.

*Baron.* E como calcula elle isso ?

*Theod.* Deste modo : Primeiramente falla da sua distancia , e a compara com a maior que se póde conhecer com instrumentos ; que he tão enormemente grande , que o diametro da Orbita da Terra , que importa em mais de 50 milhões de leguas , não he base sensivel do Triangulo visivel , que vá a qualquer estrella : e diz assim : *Syrius* não está nessa distancia ; porque então poderiamos conhecer nos instrumentos , o que certamente não podemos ; logo está muito mais longe. Ora supponhamos que o nosso Sol se affastava para essa distancia maxima sensivel , como por outra parte sabemos , que a luz diminue na razão inversa do quadrado das distancias , conhecemos quanto diminuiria a luz do Sol , se esti-

vess-

veſſe neſſa diſtancia maxima ſenſivel ; e achamos que ſeria muito menor que a luz que nos vem de *Syrius* : logo Syrius he muito maior que o Sol , pois que nos dá luz maior que elle daria , ſe lá eſtiveſſe.

*Baron.* Agora entendo.

*Theod.* Ora ſuppoſto iſto , que conceito devemos fazer deſſes infinitos Soes que vemos no Firmamento ? Flamſtedio contou as eſtrellas que ſe podem ver com os olhos nús , iſto he , ſem Teleſcopios , e achou 3.004 ; porém hum Aſtronomo , não ſei ſe he o *Reita* , uſando de Teleſcopios , ſó no cinto de *Orion* , que vulgarmente chamão os *tres Reis* , achou duas mil. Além diſſo na *Via lactea* , que o vulgo chama o *Caminho de Sant-Iago* , e os antigos dizião que era o *Leite de Venus entornado* , ſó neſſa parte do Ceo ; e n'uma *Nubecula auſtral* ſe achão com os Teleſcopios eſtrellas abſolutamente innumeraveis. Ora ſendo cada huma dellas hum formoſiſſimo *Sol* , cuja luz nos he quaſi imperceptivel pela enormiſſima diſtancia em que eſtão , que conceito devemos fazer do Ceo ?

*Cheval.* Sem dizerdes mais , confeſſo , Theodoſio , que o meu entendimento fórma dos Ceos outra idéa infinitamente ma-

maior, e mais perfeita, do que d'antes fazia.

*Baron.* Vede, meu Irmão, que pasmosa he a casa visivel de Deos; pois que só para aluminar essa vastissima loja do seu Palacio, que tem debaixo de seus pés, ahi collocou tantos mil lampiões, sendo cada hum delles como o Sol. Que grande he o Dono de Palacio semelhante!

*Cheval.* Nunca, minha Irmã, nunca fiz do Ceo semelhante idéa.

*Baron.* Nem tambem do Dono, e Soberano Senhor, que nelle habita.

*Cheval.* Tendes razão; mas continuai, Theodosio.

*Theod.* Agora quero que deis attenção a huma pergunta que vos faço, como Filosofo: *Para quem fez tudo isto o Creador?* Seria acaso sem fim algum?

*Cheval.* He injuriosa a pergunta.

*Baron.* Pois seria acaso para recreação dos Anjos?

*Cheval.* Que loucura, minha Irmã, o dizer isso! Porquanto todos sabem que os Anjos não tem olhos corporeos, que se recreem com a luz, e objectos visiveis. Offerecer esse bellissimo Espectaculo aos Anjos, era como mostrar huma pintura de Rafael a huma parede. Com que,

Ba-

Baroneza, não são os Anjos para quem Deos fez eſta belliſſima Arquitectura luminoſa dos Eſpaços, e Corpos celeſtes.

*Baron.* Vós, Chevalier, olhais para mim! E eu ólho para vós: reſpondei pois á pergunta de Theodoſio.

*Cheval.* Vós, Theodoſio, conduzis o noſſo entendimento por hum tal modo, que nos não deixais liberdade, e ſempre o levais ao voſſo fim. Não, não são os Anjos do Ceo os que Deos quiz recrear, quando ideou, e executou toda eſſa paſmoſiſſima fabrica dos Ceos, que com os olhos eſtamos vendo; fábrica tal, que nem ainda vendo-a com os olhos, a pôdemos aſſás comprehender, nem admirar.

*Theod.* Logo foi *ſó para recreio do Homem*: porquanto os brutos, que Deos fez andar ſempre com os olhos na terra, nenhum recreio podem ter nos aſtros do Ceo. Com que; meus amigos, tudo o que vos tenho dito, e vós vedes, confeſſais que Deos o fez ſó com o fim de recrear os olhos, e o entendimento do homem.

*Baron.* Quanto deve o homem a Deos!

*Cheval.* Nunca ouvi couſa que mais me confundiſſe, e convenceſſe.

*Theod.* Vede agora, amigo, com que raiva, e deſprezo ſe deve ouvir, que na

Aſ-

Assemblea de París houvesse quem claramente persuadisse, que se estabelecessem em París tres cadeiras, em que se ensinasse o *Atheismo*, para que os povos ficassem sabendo que não havia Deos.

*Cheval.* Essa blasfemia, que os Francezes não podem negar, porque anda nos papeis públicos, será huma nodoa indelevel da Nação Franceza, neste frenesi em que anda. Vamos adiante, Theodosio, e demos graças a Deos de lá não estarmos.

## §. IV.

### *Do respeito que deve o Homem a Deos, vendo o que Deos fez no Ceo só para o Homem.*

*Theod.* ORa adiantemos mais o discurso, torno a perguntar: Acaso o Supremo Senhor (cujas obras são reguladas por huma sabedoria, e rectidão suprema) faria esta maravilhosa fabrica dos Ceos, sem ter fim algum?

*Baron.* Isso he impossivel. Nenhuma causa intelligente obra sem fim; e além disso, como póde haver harmonia, e proporção entre as partes de huma grande Máquina, sem haver hum *Fim*, o qual vá dirigindo tudo?

*Theod.*

*Theod.* Bem eſtá. Ora eſſe *Fim* ſeria acaſo liſongear meramente a viſta do homem, e recrear o ſeu entendimento, dando aos olhos hum tão brilhante, e luminoſo eſpectaculo, e ao juizo huma tão completa Maravilha? Seria eſte o *Fim* principal deſta obra, em que parece que Deos empenhou a ſua Omnipotencia, e a ſua ſabedoria ſem limite? E iſto de ſorte, que havendo liſongeado o homem, ficaſſe Deos ſatisfeito, ſem ter mais nada que eſperar?

*Cheval.* Eſſe fim ſeria tão vil como o homem, a quem principalmente ſe dirigia; e não ſeria hum *Fim* digno do Ser ſupremo.

*Theod.* Dizeis bem. O Fim que o Creador teve neſta paſmoſa fabrica dos Ceos, foi certamente muito mais nobre.

*Baron.* E qual foi? que certamente foi a noſſo reſpeito.

*Theod.* Eu o digo. Coſtumão na Terra os grandes ſenhores, e principalmente os Soberanos, fazer para ſua habitação Palacios magnificos, e pompoſos, em que a grande fabrica de Porticos, de Atrios, de Columnas, de Eſtatuas, de Obeliſcos, e Torreões, &c. fação gerar na cabeça dos povos, que lhes eſtão ſujeitos, hu-

huma alta idéa da grandeza do Senhor, que ahi habita. E esta idéa da *Grandeza* do morador não he huma vaidade ociosa, e inutil; porquanto aos povos, que lhes estão sujeitos, he necessaria para a *Obediencia*, e *Sujeição respeitosa*, que depende da Grandeza, e Poder de Soberano. Ora esta Grandeza, e este Poder se inculcão pela Magnificencia, e pompa do Palacio. Outro tanto digo agora a respeito de Deos, e de nós. Mas eu quero que me deixeis filosofar hum pouco nesta materia.

*Baron.* Discorrei quanto quizerdes, que vos ouvimos bem gostosos, e não poupeis reflexão alguma.

*Theod.* O coração do homem he naturalmente *altivo*; ou seja porque Deos o creou superior a todas as demais creaturas corporeas, dando-lhe dotes que a mais ninguem deo; ou por outros principios, que agora não fazem ao ponto. Custa-lhe muito humilhar-se, e abater-se; e deixai-me dizer assim, o homem naturalmente tem grande difficuldade em dobrar o pescoço, e inclinar a cabeça. Ora Deos vê por outra parte que a sujeição no homem he precisa, e indispensavel; porque não he o homem o Ser supremo; e assim

de-

deve obedecer a Deos, e deve ſujeitar-ſe; e para que elle o faça ſem cuſto, lhe põe diante dos olhos huma tal magnificencia do ſeu Palacio, que ainda erguendo muito o homem a cabeça da ſua altivez, lhe fique muito inferior, e ſe reconheça vil, humilde, e pequenino á viſta do ſeu Creador.

*Baron.* Se pela Grandeza dos Palacios fórmão os homens idéa da Grandeza, e Poder dos Senhores, que os formárão para ſua habitação, de que modo, meu Chevalier, podia Deos gerar em nós huma alta idéa da ſua ineffavel *Grandeza*, ſenão dando-nos a conhecer a paſmoſa fabrica dos Ceos, que o noſſo Meſtre nos tem moſtrado?

*Cheval.* Eu confeſſo, que pela boa educação que noſſos pais nos derão, e pela Religião que ſempre profeſſei, ſempre fiz da Grandeza de Deos huma idéa cheia de reſpeito; mas tanto como agora, não.

*Baron.* O meſmo confeſſo eu.

*Theod.* Logo com a idéa da Pompa, e Grandeza, e incomprehenſivel magnificencia deſſe Palacio celeſte, devemos unir a idéa da Grandeza do Creador, que o fabricou para ſua morada; e devemos perſuadir-nos, que quando o Senhor poz o

ho-

homem na Terra, com olhos para ver os Ceos, e entendimento para discorrer no que nelles via, em certo modo lhe dizia: *Olha para o meu Palacio, para conhecer de algum modo quem eu sou, posto que me não possas ver.* Este, meus amigos, foi o fim (quanto ao meu parecer) que Deos teve em tanta belleza, e magnificencia. Que me dizeis?

*Baron.* Não póde haver discurso mais natural á razão humana, mais decente a Deos.

*Cheval.* Vós, Theodosio, com o vosso discurso tendes pouco a pouco alargado os estreitos seios da nossa intelligencia, para formar huma idéa da Grandeza de Deos, que eu nunca esperei formalla tão grande.

*Theod.* Ainda vos não disse tudo. Não he esse só o *Fim*, que Deos teve na fabrica dos Ceos; porque essa idéa da sua ineffavel *Grandeza*, e *Poder* deve gerar em nós huma natural inclinação a render-lhe *inteira Obediencia*; porquanto nos causa horror que hum vil bichinho da terra, que nada póde, se atreva a resistir ás ordens do Ser supremo, de cujo Poder, e Grandeza estamos tão persuadidos. Ahi tendes, Chevalier, outro fim ulterior, que

he

he bem conforme á Razão, e bem decente a Deos.

*Cheval.* Eu admiro, Theodosio, como o Creador foi conduzindo a nossa vontade livre a essa *perfeita Obediencia*, sem tocar nem levissimamente nos direitos da fidalguia de nosso livre alvedrio. Que cousa tão bella, e tão nobre, e tão decente obrigar-nos a este rendimento, e obediencia sem o menor constrangimento, nem oppressão. Ah, Baroneza, que reflexões tão nobres, tão verdadeiras, e tão uteis!

*Baron.* Quanto mais sóbe no nosso entendimento á idéa da *Grandeza* de Deos, e do seu immenso *Poder*, tanto mais pequeninos nos achamos diante delle; e já ficão mais flexiveis os joelhos da nossa vontade altiva, conhecendo que a altivez he summamente desarrezoada, e louca.

*Theod.* Ora já que tão facilmente concordais comigo, e vós, Chevalier, estais tão bem disposto para admittir as minhas instrucções, que talvez vos serão na Trópa bem precisas, não quero occultar-vos nada do que o meu discurso conhece.

*Cheval.* Não occulteis, vos peço; porque no Exercito lido com muitos ímpios, e convem fortificar-me para não ser vencido.

*Theod.*

*Theod.* Temos fallado no *Fim* que teve o Creador, quando formou eſta admiravel obra dos Ceos, que he dar-nos modo de formar huma idéa da ſua *Grandeza*, e *Poder*; e iſſo para que nós ſem violencia, nem menos-cabo do noſſo livre alvedrio lhe rendamos *Obediencia perfeita*, e moſtremos *ſumma ſujeição*; mas não eſtá dito tudo.

*Baron.* Pois que mais? O Chevalier vo-lo pedio, e eu não o deſmereço.

*Theod.* O grande *Fim* das obras de Deos não he receber das ſuas creaturas louvor, obediencia, obſequios; na minha Filoſofia não he *receber* de nós, he *Dar*. Seja-me licito dar toda a liberdade ao meu genio filoſofico. Acho indigno do *Infinito*, fazer obras grandes, e eſtrondoſas para o fim ultimo de *receber das ſuas creaturas*. Que pobre ſe moſtraria o mar, ſe fizeſſe grandes diligencias, para que ſe vaſaſſem nelle as fontes que dos altos montes vem atropelando ſeixos, e pedras até cahirem nelle? A gloria do Infinito he *Dar*; e querendo o Creador fazer o homem feliz, para ter pé e motivo de o fazer com rectidão, e gloria do meſmo homem, diſpõe que lhe obedeça, e ſe lhe ſujeite, para então deſafogar nel-

le

lè (deixai-me explicar aſſim) a Immenſa Bondade, que tinha as riquezas inexhauriveis dos ſeus Theſouros reprezadas; em quanto não tiveſſe creaturas a quem as dar; e para iſſo fez o homem livre para poder merecer; e moſtrou-lhe de algum modo quem Elle era, para que lhe não cuſtaſſe a ſujeição; e preparou recompenſas indiziveis ao ſeu merecimento. Vedes que deſte modo o Fim ultimo deſſa paſmoſa fabrica dos Ceos veio a redundar na noſſa felicidade.

*Baron.* Ah Theodoſio, e que reſpeito devemos a Deos; e não ſó reſpeito, mas attenção, e amor!

*Cheval.* Que confusão he a noſſa! Que loucura! Que groſſeria, quando em huma noite ſerena olhamos para o Ceo eſtrellado, e em nada mais reflectimos que na ſua brilhante belleza!

*Baron.* Ha muitos tempos que eu não me contentava com iſſo; mas induſtriada por Theodoſio, me applicava a conhecer os Planetas, reparar nos ſeus movimentos, &c. porém agora de outro genero ha-de ſer o meu contentamento, quando nas noites ſerenas eſtiver lendo por eſſe livro azul, em que com caracteres de luz, Deos me dá a ler a ſua Grandeza, o ſeu Poder,

der, a sua Gloria, a sua Beneficencia, e o direito que tem ás minhas adorações, obediencia, e rendimento; e ao mesmo tempo as suas beneficas Intenções de me fazer feliz, e premiar pelos meus obsequios. Basta, Theodosio, deste ponto, que o meu entendimento cança. Esperai-me hum pouco que vou a minha Mãi, que pelo que ouço precisa de mim: não me demoro.

## §. V.

### *Das obrigações do Homem para com Deos, pelo que Deos fez na Terra, sómente para o Homem.*

*Baron.* SE tenho tardado, desculpai-me, que não foi voluntaria a ausencia, nem a demora. Continuemos, Theodosio.

*Theod.* Já ponderámos, Senhora, as obrigações que deve o homem a Deos pelo que Deos fez nos Ceos sómente para o homem. Vós vos admirastes, e o Chevalier. Não causa menor admiração a hum espirito, que reflecte nas cousas, ver o que Deos fez neste Globo, sómente para commodo, e recreio do homem. No Ceo os objectos são mais brilhantes, e magni-

nificos; mas na terra ainda se mostra com mais individuação o cuidado, e (deixaime dizer assim) o empenho de Deos, e estudo em lisongear o homem; pois até aquillo que parece imperfeição, se conhece que foi industriosa traça para melhor serviço do homem. E já daqui vos peço licença para algumas digressões que pareceráõ escusadas, mas que me serviráõ de base aos meus argumentos.

*Cheval.* E de que imperfeições fallais vós?

*Theod.* Se os homens houvessem de dar a idéa para hum mundo perfeito, sem dúvida mandarião fazer este Globo torneado e lizo, por julgarem essa figura a mais perfeita.

*Cheval.* Sem dúvida.

*Theod.* Ora supponde que era assim o Globo da Terra: nesse caso, ou todo seria cuberto de agua, e incapaz da nossa habitação, como as charnecas de Bordeos, ou toda estaria secca sem rios, nem mares; pois que sendo o Globo torneado, e lizo, não haveria valles, nem montes, nem lugar, que por ser inferior, e excavado na superficie da terra, fosse destinado para as aguas.

*Baron.* Tristissima seria até para a vista; porque quando estive em Tolosa, terra

 sum-

summamente plana, nunca pude achar huma vista agradavel; e subindo ao Observatorio de Mr. *Garipuy*, que era da Academia, vi huma multidão indizivel de telhados, e trapeiras, e nada que pudesse lisongear a vista. Que saudades tinhamos, Chevalier, do nosso bello Paiz d'Armendariz; porque estando na Baixa Navarra, e faldas dos Perineos, a cada paço que davamos, nos offerecia perspectivas bellissimas. Quando hiamos em Baigorre ás Minas de Cobre, que vistas tão diversas, tão novas, tão pinturescas se nos offerecião a cada passo! Que bellos horrores nos suspendião! De hum lado se subião os montes, e lá mui alto viamos os bois, as ovelhas pastando, quasi penduradas sobre as nossas cabeças; e as cabras trepando pelas arvores a roer nos seus tenros ramos as verdes folhas que appetecião; do outro lado viamos lá mui abaixo, em valles profundissimos, ir por entre seixos descarnados, e pedras soltas o nosso rio *Nive*, que topando, e tropeçando nas pedras, ora se enfadava, espumando de raiva, ora desconfiava, torcendo o caminho, ora soberbo saltava por sima; rosnando sempre com hum surdo murmuro de tantos embaraços. Alli

for-

formava hum pequeno lago, acolá ſe repartia em muitas ſerpentes de prata; lá ſe precipitava por entre as aberturas em formoſas caſcatas. Ah, meu Chevalier, quantas vezes poetizavamos hum pouco á viſta deſtas bellezas campeſtres! Nada diſto tem os Paizes planos, nem teria o Globo da terra, ſe foſſe como vós dizieis, torneado, e lizo.

*Cheval.* Não pudeſtes disfarçar as ſaudades do voſſo Paiz natal; nem encubrir o genio poetico, que tanto goſto vos dá.

*Theod.* Outra grande imperfeição deſcubririão os homens neſte Globo da terra, a levarem o ſeu diſcurſo da primeira apparencia de belleza; e he pôr Deos o mar no meio das terras, que parece que ſó foi para ſeparar homens de homens, com pena de morte infallivel, ſe quizeſſem communicar-ſe. Mas agora vemos, que pelo contrario Deos fez os mares de propoſito para facilitar a communicação dos homens entre ſi, ainda vivendo em Paizes remotiſſimos. Com que facilidade ſe communica a Europa com a China, Portugal com as Americas, Heſpanha com o Perú, França com o Miſſiſſipi, e com as pequenas Antilhas, Hollanda com o Cabo da Boa Eſperança, Inglaterra com

as Indias quer orientaes, quer occidentaes! De fórma, que jornadas que por terra ſerião enfadonhas, e de muitos mezes, e talvez annos, por mar ſe fazem em muito menos tempo. Crede, amigos, que quem formou o Globo da terra para nós, ſoube fazello com as commodidades que mais nos convinhão. Só quem fórma todo o Relogio he que ſabe a razão, e utilidade que tem eſta roda em ter tantos dentes, aquella machadinha em ter eſte feitio, aquelle carrete neſte número de dentes, e diametro, &c. Aſſim foi o Globo da terra. Em tudo attendeo o Senhor a que havia de ſervir para habitação dos homens.

*Cheval.* Ora, Theodoſio, qualquer dos outros Planetas podia ſervir para iſſo: eu não conſidero neſte noſſo Globo eſpecial commodidade para o homem. Mas vamos adiante, que iſſo não faz ao caſo do noſſo diſcurſo.

*Theod.* Sim faz: vamos a iſſo. Eu não entro na queſtão ſe os Planetas são habitados, ou não; porque para iſſo não ha fundamento ſolido; o que digo he, que por homens não são, nem podem ſer habitados; porque não são conformes á noſſa natureza. Em Mercurio, que he o

mais

mais chegado ao Sol, quem poderia viver com o calor? ſendo lá o calor 9 vezes maior do que na Terra na força do Eſtio, calculando pelo quadrado da diſtancia do Sol.

*Cheval.* Mas em Venus já ſeria muito mais mitigado.

*Theod.* Por eſſa parte ſim, mas por outra não; porque em Venus a rotação, que faz o ſeu dia, e noite, he de 24 dias. Revolve-ſe ſobre o ſeu eixo com muito vagar; não he como Jupiter, que ſe revolve em menos de 10 horas; nem como a Terra, que dá huma volta em 24 horas. Venus faz em 24 dias o que nós fazemos em 24 horas.

*Cheval.* Venus he ſenhora, he mais grave nos ſeus movimentos.

*Baron.* Não he por certo Franceza; porque nós nas contradanças damos bem ligeiras as noſſas voltas. Mas continuai, Theodoſio.

*Theod.* Já vedes que nos Planetas, ou pelo calor, ou pelo frio, que haveria em Saturno, ou Urano na diſtancia do Sol de 477 milhões de leguas, não podia viver o homem da noſſa natureza; com que formando o Creador a Caſa, que havia de ſervir para a noſſa habitação no tem-

po

po da vida, formou este Globo da Terra como o temos. Nelle a alternativa da noite, e do dia faz que nem o calor nos torre, nem o frio nos gele. Ainda mais: E que me dizeis á Athmosphera do ar, que com o seu pezo levanta continuamente os vapores da agua, que formando as Nuvens, ora nos defendem dos ardores do Sol, ora joeirando sobre os campos a chuva opportuna, fertilizão a terra; ora juntando-se pelas gretas da terra nas cavernas das montanhas, ahi demoradas, fórmão os preciosos thesouros de agua para alimento das fontes, sustento dos homens, e dos gados, cujos sobejos caminhando para baixo, fórmão os rios para barcos pequenos, que transportem commodamente os frutos, e poupem jornadas penosas. Tudo, meu Chevalier, está tão bem feito pela Mão do Supremo Artifice, que qualquer cousa que os homens emendassem, se pudessem, lhes traria incommodos infinitos, e talvez ruina total.

*Baron.* Crede, Chevalier, que na formação deste Globo Deos mostrou summo juizo.

*Theod.* E tambem mostrou claramente que o fazia para o homem; e que este foi o seu fim buscar o nosso commodo, e utilidade.

*Che-*

*Cheval.* Não tinha ponderado iſſo, meu Theodoſio, e não reflectia no que tendes dito, cuidava que nos tinha botado aqui, ſem mais eſtudo, nem particular attenção.

*Theod.* Se não vos enfadais de ouvir reflexões maduras, e agradaveis, muito tendes que ouvir; porque como ſou Filoſofo, em tudo medito profundamente.

*Cheval.* Peço-vos que não nos priveis do que tendes conhecido; porquanto deſſa materia não tenho encontrado livros que me enſinem.

*Baron.* Bem eſtimo, meu Irmão, ouvir-vos iſſo; diſcorrei, Theodoſio.

*Theod.* Ide vós, Baroneza, dizendo a voſſo Irmão o que nós temos converſado, quando na ſolidão dos Perineos nos recreavamos no paſſeio do campo, e nos entretinhamos nas bellezas dos jardins e pomares, ſem ouvir as triſtes noticias de guerras, e perturbações da Corte. Ide dizendo o que me dizieis, que a voſſa fraſe tem notavel energia para convencer ó Chevalier, em que ſempre conheci certa ſimpathia no entendimento com o voſſo juizo.

*Cheval.* A verdade he que nunca ninguem teve ſobre o meu juizo tanta força, como

os

os discursos da Baroneza, que vós lhe tinheis inspirado.

*Baron.* Dizia minha Mãi, desde a nossa infancia, que o juizo de Chevalier, e o meu tinhão sido fundidos no mesmo molde. Mas não percamos tempo. Eu, meu Irmão, em quanto vós andaveis na guerra, disfarçava as saudades, e os sustos, passeando pelo campo, e reflectindo em tudo, segundo as luzes que Theodosio me tinha dado. Em cada florzinha do campo achava as mais deliciosas bellezas quanto aos olhos, porque me servia do microscopio de algibeira (como lhe chamão, e na verdade o he por ser mui commodo) e sentada examinava, e via huma tão delicada fabrica, que o entendimento ficava encantado; e na verdade conhecia, que na balança do entendimento desapaixonado valia qualquer dessas boninas que pizamos com os pés, mais que os diamantes que tanto se estimão na Corte.

*Cheval.* Se as estimais tanto, minha Irmã, porque não recolheis nas vossas gavetas do Toucador, em lugar dos diamantes, e esmeraldas, que tendes nas vossas joias, essas bellissimas maravilhas, que tanto vos suspendem e encantão?

*Ba-*

*Baron.* Ah Chevalier, ſe foſſem tão raras como os diamantes, e tão duraveis como elles, quem duvída que as flores ſerião mais precioſas, e mais guardadas; mas a ſua multiplicidade, e pequena duração he cauſa de que não ſe eſtimem tanto; porém os olhos, e o entendimento não deixão de ter nas flores hum verdadeiro encanto. Para hum Filoſofo, ou qualquer peſſoa que ſabe reflectir, que objecto póde haver mais encantador, que hum campo na Primavera todo florído, e ſemeado de huma paſmoſa variedade de boninas, e eſſas de feitios, e fórmas, e cores inteiramente diverſas; mas todas galantiſſimas, e de ſumma delicadeza, ſem que na variedade haja confusão, ou couſa que não mereça juſtamente a noſſa admiração. Ver a delicadeza das folhas, a galanteria do ſeu recorte, a graça de ſeus matizes, o mimo da ſua figura, a viveza das ſuas cores, o bom goſto da ſua miſtura, a indizivel variedade das ſuas eſpecies, e a prodigalidade com que ſe multiplicão em cada huma das ſuas caſtas. Ver a multidão immenſa com que cobrem os campos, ornão os vallados, e eſtão enfeitando os mais deſpreziveis recantos da terra. Ver... Ah, meu Che-

va-

valier, eu não acabo de dizer, porque nunca acabava de ver; e muitas vezes ſahindo de tarde a paſſear com as minhas Aias, poucos paſſos andados nos ſentavamos a filoſofar, e a ver pelo microſcopio, trazendo-me cada qual a ſua flor, e teimando todas que a ſua era a mais bonita, e admiravel; e aſſim nos recolhiamos a caſa pizando eſſa paſmoſa, e lindiſſima alcatifa, que diante dos noſſos pés nos tinha preparado, e eſtendido o Omnipotente.

*Theod.* Eſtimo eſſa fraſe, Baroneza; porque na verdade Deos he que formou eſſa paſmoſa alcatifa; e o Omnipotente he quem a eſtendeo diante dos pés do homem. Que me dizeis, Chevalier, deſta expreſſão da Baroneza?

*Cheval.* E quereis que eu creia que o Omnipotente para nós he que eſteve formando eſſa belliſſima alcatifa, que minha Irmã deſcreveo? Que Deos a fez não duvido; agora que a fez para nós, he penſamento para mim novo.

*Theod.* Pois ſe não foi para nós, para quem foi? Seria para recrear os Anjos? E quem lhes deo olhos para ver eſſas flores? Seria para os brutos? Olhos tem; mas que differença faz o Boi, quando no

ſeu

ſeu paſſo tardio igualmente enterra no lodo a flor mimoſa, e o ſeixo roliço? Seria acaſo para ſe eſtar recreando neſſa obra das ſuas mãos? Ah! e que loucura de querer recrear o Infinito com eſſas ninharias a reſpeito delle.

*Baron.* Chevalier, rendei-vos, ſe não quereis paſſar por teimoſo.

*Cheval.* E alguma couſa peior que teimoſo: por eſtupido, ou de juizo rombo. Confeſſo que para o homem, e ſó para o homem he que Deos pôz na terra tantas bellezas.

*Theod.* Paſſemos do ſentido da viſta ao dos ouvidos, e reflecti, Chevalier, no canto dos paſſarinhos, que igualmente nos recreão os ouvidos com as ſuas cantigas, e a viſta com as cores, e matizes das ſuas engraçadas pennas. No tempo dos Roxinoes quem ſe não ſente encantar, quando eſtão cantando ao deſafio nas noites ſerenas, caprichando cada qual em vencer o competidor na variedade da cantiga, e galanteria della.

*Baron.* Hontem á noite não ſabeis quanto eu ri com hum bem goſtoſo engano de huma Filomena, que poſta neſſe loureiro, em que tem o ſeu ninho, eſtava cantando; e como no boſque ſe fórma hum

bem

bem distincto éco, competia a avezinha comsigo mesma, cuidando ser com outra competidora. Desfazia-se mui picada de que ella tão perfeitamente a arremedasse, que nem na qualidade da voz, nem na variedade dos gorgeios, nem na graça da cantiga a deixasse vencedora; ora desconfiada se calava, e achava na contraria o mesmo silencio; ora reforçada voltava ao desafio, e não achava fraqueza na competidora; e por fim me fui recolher, deixando-a nesse engraçado engano. Até aqui disse eu o que observo; agora vós, Theodosio, (que esquadrinhais os porques das obras de Deos) direis que fim teria o Senhor em dar aos passarinhos esta voz, esta graça no seu canto, e esta plumagem tão linda.

*Cheval.* Na plumagem vos recommendo, que façais menção dos Pavões; porém de nenhum modo na voz. Mas não sabeis, Theodosio, que effeito fazem estas reflexões no meu animo, ou digo melhor no meu entendimento, porque vou vendo isso mesmo que sempre tinha diante dos olhos; mas que quasi que não via. Continuai, Theodosio.

*Theod.* Já que não vos enjoais de reflexões semelhantes em assumptos diversos, para

fa-

fazer maior base ao meu argumento, passai dos ouvidos ao sentido do gosto, e os mais sentidos; e ponderai a perfeição do sabor, e gosto que Deos tem posto nas frutas; perguntando-vos logo a vós mesmos, para quem esteve o Omnipotente temperando o sabor de cada huma dellas, tão agradavel, tão diverso, tão simples, tão inimitavel?

*Baron.* Ah, Theodosio, não passeis ligeiramente por este artigo, porque me deleita consideravelmente. No meu pomar, confesso, que não sei a que fruta dê a preferencia, nem a primazia. Olho para os pêcegos forrados de veludo para lisongear o tacto, cheirando pasmosamente, para contentar o olfacto; ora rosados, ora amarellos, ora rubicundos para convidar a vista; e sobre tudo summamente gostosos para recrear o paladar por hum modo inimitavel; de fórma, que hum só pomo recrea quatro sentidos do homem. Que cheiro! que gosto! que formosura! que mimo! E fico inteiramente pasmada.

*Theod.* Accrescentai, Baroneza, e perguntai vós qual he a Mão que os formou para nós. Que sabedoria! que attenção! que amor ao homem, para quem Deos tem

nos pomares ſempre a meza poſta; meza tão mimoſa, tão aſſeada, tão regalada! Meza tão abundante, como ſe moſtra na infinita variedade de frutas! Meza, cujas iguarias forão temperadas unicamente pela Mão do Omnipotente! Que me dizeis, Chevalier?

*Cheval.* Não ſei dizer nada, que tão paſmado eſtou á viſta de reflexões, que eu nunca tinha feito.

*Theod.* Accreſcentai, que Deos parece que não ſe ſatisfazia, quando procurava o commodo, e o regalo do homem; pois que empenhava a ſua *Sabedoria* em idear modos infinitos, e diverſos de liſongear os ſeus ſentidos; e tambem a *Omnipotencia*, que tudo produzia, e perpetuava no mundo, para que em quanto houveſſem homens, houveſſe tudo iſſo que a ſua paternal Providencia tinha ideado para os regalar. Ora reflecti comigo.

Nós eſtamos paſmados na indizivel variedade de plantas, e flores, que aqui liſongeão os noſſos olhos, e goſtamos dos frutos delicioſos, que as arvores eſpontaneamente nos offerecem, e que liberalmente deixão cahir no chão aos noſſos pés, ſe nós ingratos os não acceitamos na mão, por mais que ellas verguem, e

in-

inclinem os ſeus ramos carregados de frutas, mettendo-as aos noſſos olhos. Admiramos aqui os paſſarinhos pintados de mil cores, as frutas delicioſas, os pomos que antes que nos chegem á boca, nos recreião com o cheiro, deleitão com a viſta, &c. Tudo aqui nos ſuſpende, e deixa admirados. Eis-que mudamos de clima, e chegamos á America: que novo mundo em tudo! Tudo novo nos meios que Deos buſca para liſongear os ſentidos do homem! Outras plantas, novas flores, paſſaros eſtranhos, e lindiſſimos, outras frutas, tudo novo; mas tudo dirigido ao meſmo fim de liſongear os ſentidos do homem. O meſmo ſuccede ſe paſſamos á Africa, ſe vamos á China, ſe voltamos pela Ruſſia, ſe tomamos pela Suecia, Dinamarca, Inglaterra, &c. não damos paſſo algum, nem entramos (deixai-me dizer aſſim) em novas ſalas, preparadas para os homens, que não achemos novas, e grandioſas Mezas poſtas, e preparadas pela *Mão ſuprema*, em que os ſentidos da viſta, dos ouvidos, do goſto, do olfacto não achem novo, e delicioſo ſuſtento; e tudo (reparai bém) feito e preparado ſó, e unicamente pela *Mão ſuprema*; e outra vez

o repito : *feito e preparado só para o recreio do homem.*

*Cheval.* Essas palavras ultimas, meu Theodosio, são mui fortes para quem tiver o vosso espirito filosofico, de reflectir, e ponderar tudo.

*Baron.* Que são feitas unicamente para o homem, não podemos, meu Irmão, negar. Ora juntar isso com serem feitas unicamente pela Mão suprema, he bem para admirar.

*Theod.* Vós não podeis negar que todas estas obras são feitas por huma causa intelligente.

*Cheval.* Isso he certissimo: causa bruta, ou tonta, ou cega, não póde fazer obras tão pasmosas, tão admiraveis, e tão varias; mas todas sempre debaixo de huns tantos preceitos, que ao mesmo tempo as fazem diversissimas, e uniformes. Deixai-me, Baroneza, tambem a mim discorrer agora nesta pasmosa uniformidade na infinita differença das obras do Creador; que tambem me tenho entretido nisso, aborrecido do que ouvia no Rossillon a muitos prezados de Filosofos, que attribuião tudo ao Acaso.

*Theod.* Não faltão; mas continuai, Chevalier, que gósto de vos ouvir discorrer como Filosofo serio.

*Che-*

*Cheval.* Como aprendi comvoſco, ainda tenho alguma couſa do voſſo genio; poſto que as companhias me tenhão algum tanto eſtragado o juizo, e o coração; mas não de todo. Muitos recorrem ao Acaſo para explicar o que chamão Natureza; mas ſendo a Natureza conſtante, e o Acaſo eſſencialmente vário, e inconſtante, não póde huma couſa naſcer da outra. Eu vejo que a Natureza em todas as Arvores tem huma figura conſtante de raizes, tronco, ramos, e folhas; em todas a pezar da ſua inexplicavel variedade, a côr he verde, as folhas chatas, e pela maior parte de figura oval; todas tem hum talo pelo meio, ſegundo o ſeu diametro maior; mas debaixo deſte preceito que infinita variedade não ha? Vejo nos paſſaros dous pés, alguns dedos, hum bico, duas azas, huma cauda, tudo de pennas: vejo nos quadrupedes hum veſtido, que os defende igualmente do calor, e do frio, huma cauda, hum peſcoço, e ſempre armas para ſe defenderem dos inimigos; ora nas pontas da cabeça, ora nos pés detrás, ora nas unhas, e dentes; vejo em todos o modo de caminhar horizontalmente ſobre as quatro patas. Vejo que cada eſ-

pécie ſe vai perpetuando, ſem differença notavel, por muitos centos de annos. Ora quando ſe vio que o Acaſo tiveſſe tão conſtante ſemelhança? Sempre, meu Theodoſio, tive iſto por loucura, e daquelle genero que não merece a honra de ſer impugnada, ſenão com zombarmos della.

*Baron.* Mal ſabeis, Chevalier, quanto eſtimo ver-vos diſcorrer deſſe modo. Ah, que ſe tiveſſeis continuado ſempre com o trato do meu, e voſſo Meſtre, terieis em tudo hum modo de penſar mais ſiſudo, e mais ſolido.

*Cheval.* Agora me vou convertendo. Dizeime pois, Theodoſio, que hei-de eu entender por eſta palavra *Natureza*? Toda a minha vida ouvi eſta bella palavra, que vem a cada paſſo nos livros modernos, e ninguem me diſſe já-mais o que era a *Natureza*.

*Theod.* *Natureza*, meu Chevalier, não he outra couſa que a *Mão de Deos*, *obrando ſegundo o ſeu coſtume*; e ſe não diſſerem iſto, não dizem nada, fallão como os papagaios, ſem ſaberem o que correſponde as palavras que pronuncião. E ſe não, revolvei os voſſos livros, conſultai os voſſos Doutores, perguntai aos voſ-

voſſos Filoſofos, ſe vos diſſerem couſa que vós entendais claramente, perço alguma couſa.

*Cheval.* Ora já que veio a ponto a converſação, deixai-me ir ao meu quarto buſcar o meu Breviario Filoſofico, e veremos o que dizem os meus Filoſofos da Natureza: eſperai hum pouco... Aqui temos o *Diccionario dos Filoſofos* (pag. 111.) Vejamos o que diz da Natureza. Aqui eſtá: „ *Natureza*, palavra familiar aos Filoſofos, de que elles devem „ uſar mui frequentemente, porque faz „ a fraſe, e linguagem uniforme. Cada „ qual lhe dará a ſignificação que qui„ zer, conforme o ſyſtema que tiver abra„ çado. Alguns entenderáõ por eſta pa„ lavra huma Intelligencia increada, e „ Omnipotente; outros huma cauſa cé„ ga, da qual nós não conhecemos ſe„ não os effeitos, e da qual não pode„ mos adivinhar o caracter, nem as „ qualidades. Mas dem-lhe o ſentido que „ lhe derem, eu tenho viſto que eſta pa„ lavra *Natureza* faz hum bello effeito „ nos eſcritos dos noſſos Filoſofos. „ Não diz mais nada.

*Baron.* A primeira intelligencia he a de Theodoſio, a ſegunda he a do Acaſo,

que

que vós, meu Irmão, já tendes por cousa irrisoria. Continuai, Theodosio.

*Theod.* Crede-me, Chevalier, que tenho meditado muito nisto, e lido bastante: se por Natureza não entendem *a Mão de Deos obrando, segundo o seu costume*, nada dizem que se entenda. Quando Deos obra conforme o seu costume, isso he que se chama *Lei da Natureza.* Quando obrar contra o costume, *he milagre*; tudo o demais são palavras inventadas, para enganar espiritos de crianças, que não profundão, e se contentão com as palavras sonoras, de *Instincto*, *Qualidade occulta*, *Virtude sympatica*, *Propensão nativa*, *Virtude attractiva*, *Virtude repulsiva*, *Virtude activa*, &c. e outras semelhantes; porque se entenderem por ellas cousa céga, privada de intelligencia, essa não póde seguir leis constantes, que não variem, variando as circumstancias, como he a Gravidade, &c. e já se vê, que essa causa não póde fazer os effeitos constantes, que attribuimos á *Natureza*; e se entenderem causa Intelligente, para governar todos os effeitos naturaes, conforme a variedade, e uniformidade das circumstancias, he indispensavel que tenha summa Intelligencia, e summo Poder; e isto só póde ser Deos. *Che-*

*Cheval.* Não poſſo reſiſtir ; mas tambem , meu amigo , parece-me couſa indecente, para hum Ente Supremo, o eſtar pela ſua propria Mão obrando em todos os effeitos naturaes. Vejo-me entalado entre duas difficuldades , que eu não ſei diſſolver ; e ( perdoai-me , amigo ) nunca poderei admittir no meu entendimento huma couſa a que elle me eſtá repugnando. E quanto mais ſoberano conſidero o *Ente Supremo* , Author de todas eſſas maravilhas incomprehenſiveis , tanto mais indigno acho delle que ſe abaixe ; e tenha neceſſidade de trabalhar com a ſua propria Mão nos miniſterios mais humildes. Não , meu Theodoſio , não : fiquemos n'um honrado ſepticiſmo , e digamos que não ſabemos.

*Theod.* Ah meu Chevalier , que vós ainda tendes algumas preoccupações que vos ficárão da infancia : preoccupações que tambem eu tive muitos annos , até que a Filoſofia me abrio os olhos : ouvi-me em paz.

*Cheval.* Com goſto : dizei o que quizerdes.

*Theod.* Coſtuma o vulgo attribuir a Deos todos os defeitos que achamos na natureza dos homens. Cuidamos que Elle tambem

bem se ha-de cançar com obrar em muitos lugares ao mesmo tempo, ou que lhe ha-de entontecer a cabeça o estar cuidando sempre em todas as cousas que succedem no mundo. Ora vós não credes que Deos he Immenso? e que não ha parte no Universo, na qual Elle não esteja fysicamente presente? Porquanto o Infinito sabeis que não póde ter limites na sua presença. Não credes que todo o Universo está fechado na sua Mão? naquella mesma Mão que o formou, e que o conserva? Não credes que o seu juizo he infinito, e que Elle quando a cada creatura deo ordem para o que faz nellas a *Bella Natureza*, Elle he que as executa? Porquanto as creaturas insensiveis nem tem ouvidos para perceber essas ordens, nem juizo para as entenderem. Não credes, digo, que Elle na formação das creaturas he que esteve em cada huma dellas combinando os meios com os fins; e isso com tanto desafogo, e descanço, como a perfeição de cada huma nos faz crer. Ora como quereis cansar o *Infinito*? e enfraquecer o que *Tudo póde*?

Deixai-me usar de huma comparação sensivel, que me parece que vos hade

de convencer. Cansar-se-ha o Sol de estar ao mesmo tempo aluminando todos os Planetas em tão desiguaes distancias, attendendo aos Satellites de cada qual, e tambem a nós cá na terra? e isso sem deixar canto, nem recanto que não illumine, com tanto desenfado, como se nada mais tivesse que fazer esse Monarca das luzes? Lá está governando os Planetas sem os deixar seguir as Tangentes, como o seu movimento appetecia. Lá está prendendo os Cometas fugitivos nos seus *Aphelios* summamente distantes, fazendo-os voltar para junto delle acabada a licença que lhes dera. Lá sem se perturbar faz gyrar a cada Planeta exactamente no tempo prescripto a cada hum delles, segundo a sua distancia; e nesse mesmo tempo, cá na terra está consolando o caracol, que sahindo em parte da sua casca, se está recreando com o seu benefico calor; cá está fomentando a nutrição não só das arvores altas, e frondosas, que se levantão a receber os seus dourados raios, mas tambem da humilde ortiga, que todos desprezão; e nos jardins vai abrindo as flores acanhadas, que de noite, dobrando e encolhendo as folhas, lhes fechavão a sua porta, que nem

nem ainda á Lua querião abrir. A tudo igualmente attende o Sol; de fórma, que em todo o Orbe, em todos os climas, e regiões, sem lhe escapar nem o centro da Cafraria, nem os Certões da America, ou as Terras Austraes desconhecidas, não ha cantinho em que o Sol não entre a liberalizar as suas luzes. Ide, ide ver se o Sol se esquece de consolar o pobre mendigo, que no recanto de duas paredes velhas está remendando os seus trapos com que de noite se abriga. Ide, digo, ver se o Sol se esquece delle, por ter que governar a sua numerosa familia celeste. Se vos não julgais indigno do Sol, tendo tantas, e tão importantes occupações, o estar desenfadado, cuidando em cousas tão pequeninas, e de nenhuma importancia; e percebeis bellamente como póde sem fadiga, nem atarantação acudir a tudo: Deos que o fez, Deos que o tem na sua Mão, Deos que he o supremo Ser, e Infinito, como não podeis perceber que sem indecencia cuide em tudo!

*Cheval.* Acho-vos razão. Sim he cousa indigna de hum grande Monarca terreno o cuidar, se dão bom trigo ás gallinhas da sua capoeira, ou semelhante ridicularia;

ria ; porque quem occupa a sua cabeça com semelhantes cuidados , não a póde ter desembaraçada para os importantes negocios do governo dos seus Estados : cabeça limitada quanto mais se occupa com huns cuidados, menos lugar lhe fica para os outros; porém Deos não tem cabeça limitada , nem braços curtos , nem mãos debeis. Ora, meu amigo, confesso que a minha dúvida tinha por base a preoccupação do vulgo , que cuida que o Omnipotente tem a mesma fraqueza que se acha nos homens.

*Baron.* Quanto me alegro , meu Irmão.

*Cheval.* Eu no meu Regimento , e nos empregos da Guerra não tenho o vagar para discorrer como Theodosio tem ; nem o genio de verdadeiro Filosofo , que sempre discorre sobre principios solidos , e não sobre maximas commuas, ou authoridade de homens. Estou convencido ; que mais quereis, Baroneza ?

*Theod.* He logo certo , meu Chevalier, que Deos com a sua Mão he que esteve enfeitando os passarinhos, pintando as flores , assazonando as frutas , perfumando humas , affermoseando outras , tudo em ordem a lisongear os sentidos do homem. Digo, do homem, porque nem os Anjos

jos comem fruta, nem os brutos a provão, nem creatura alguma se aproveita dellas, senão unicamente o homem. *Sim*, ou *não*? que dizeis, Chevalier?

*Cheval.* Que quereis que diga? *Sim*, *sim*, *sim*.

*Theod.* Apertei-vos deste modo; porque os vossos camaradas havião de dizer: *Não*, e mais *não*.

*Cheval.* Sem dúvida; mas discorrendo como vós discorreis, havião de dizer como eu, e como vós.

*Baron.* Dou-vos, Theodosio, o parabem desta victoria sobre o entendimento de Chevalier; porém eu ainda não vejo bem qual seja o fim a que vós dirigistes esta longa digressão, e gostoso discurso; posto que na verdade nos lisongeia muito, ver que o Omnipotente empenhasse o seu Poder, e a sua Sabedoria em lisongear os sentidos deste pequenino bicho da terra, que chamão *Homem*. Declarai-vos, Theodosio.

*Theod.* O fim a que eu tenho na minha mente conduzido todo este discurso, não foi lisongear o homem, mas pôr-lhe diante dos olhos a obrigação que elle tem de amar a seu Deos; ainda prescindindo da Religião: que esse ponto deve tratar-

tar-se á parte. Eu discorro da sua obrigação, meramente como homem.

*Cheval.* Disso he que se trata no Artigo da Filosofia. Vamos a isso, Theodosio, que gósto de vos ouvir. Ah minha Irmã, que sois feliz em ter quem conduza o vosso entendimento com passos tão seguros, e ao mesmo tempo com hum archote tão luminoso, que encantando-vos com a sua luz, vos certifica das verdades consoladoras que vos descobre. Continuai, meu Theodosio.

## §. VI.

### *Do amor que o Homem deve ao Creador, pelo que fez neste Globo da Terra, só para o homem.*

*Baron.* NUnca vos vi, meu Irmão, tão attento aos discursos de Theodosio como agora.

*Cheval.* He porque o meu entendimento acha nos seus discursos huma clareza que recreia, e huma força que gostosamente me leva á verdade; e nada ha que agrade mais do que conhecella; nada que encante mais do que abraçalla.

*Theod.* He logo verdade conhecida, que Deos esteve de proposito lisongeando os sen-

ſentidos do homem, quando no principio formou eſte Globo terraqueo para elle.

*Baron.* Perdoai-me, Theodoſio, que ainda tenho hum eſcrupulo, que por obſequio a meu Irmão quero declarar, e que ſervirá de illuſtrardes mais a voſſa verdade. E não faria o Creador iſſo, não para liſongear os ſentidos do homem, mas para ſatisfazer meramente aos deveres da ſua Providencia? Porquanto ſendo noſſo Pai, creando-nos, havia de fazer as obrigações de Pai, ſuſtentando-nos a vida que voluntariamente nos dera. Não podiamos dizer iſto?

*Cheval.* Conſenti, minha Irmã, que vos dê hum abraço, porque he a primeira vez que vos vejo replicar a Theodoſio em meu abono.

*Baron.* Ah meu Chevalier, eſtá-me dizendo o coração, que brevemente vos pagarei eſte abraço para vos levantar do chão, vendo-vos cahido aos pés do noſſo Meſtre. Dizei, Theodoſio.

*Theod.* E não reparais vós ambos na differença com que Deos alimenta os brutos, ao modo com que recreia os homens? Aos brutos como Creador conſerva a vida que lhes deo, fornecendo-lhes o ſuſten-

tento nas hervas que a terra eſpontaneamente produz: e moſtra niſſo por ventura o Creador a reſpeito dos brutos, aquelle cuidado em lhes pôr huma meza de tão delicadas iguarias, e tão varias, como já vos moſtrei, que preparou para os homens? Que immenſidade de frutas, &c. Ah, que vós eſquecei-vos do que ha pouco diſſemos. Deos nada faz á toa, e ſem fim particular em cada couſa que obra. Se Deos não tiveſſe outro fim no que creou neſte Globo, ſenão o ſuſtentar-nos a vida, eſtavamos na claſſe dos animaes, que com a herva, e frutas eſpontaneas vivem, e ſe ſuſtentão. Mas a nós....

*Chevalier.* Não digais mais, Theodoſio; porque a diverſidade de frutas em hum pomar bem cultivado; a ſua diverſa côr em cada huma das eſpecies, a ſua figura, o ſeu perfume, o ſabor, e graça inimitavel; e iſſo ſem que haja fruta inteiramente ſemelhante á outra; o cuidado de variar as ſuas eſpecies, conforme as diverſas ſazões do anno; a providencia de fazer durar as laranjas dez mezes no anno, e os limões doces em todo elle; o dar pomos que ſó no fim do outono ſe colhem, e por todo o inverno nos

nos regalão, como são os peros de mil eſpecies, não havendo entre eſtes frutos hum que não tenha ſeu ſal, ſua galanteria diverſa das precedentes, bem moſtra que o Creador não olhou ſómente ao noſſo ſuſtento, mas a liſongear os noſſos ſentidos. Não vos agradeço, minha Irmã, a réplica que me fizeſtes, e vejo que foi mal merecido o abraço que vos dei.

*Baron.* Pois, meu Irmão, eu não quero nada mal levado; eu vo-lo reſtituo com juros, porque vo-lo dou bem apertado, e iſſo porque góſto de ver a candura do voſſo coração. Continuai, Theodoſio, e perdoai-me a interrupção, que coſtumado eſtais a iſſo.

*Theod.* Ora, meu Chevalier, vós me haveis agora de illuſtrar n'um embaraço em que eſtou: tendes juizo claro, e não vos levais cegamente da primeira apparencia das couſas. O Omnipotente fez iſto que eſtá ponderado; e fello em todo o orbe, ſempre olhando para o commodo, utilidade, e deleite do homem: e ſeria eſte o ultimo fim de tão proporcionadas obras, (deixai-me explicar aſſim) tão eſtudadas, e tão proprias de huma ſabedoria Divina? Seria eſſa figurinha quaſi

de

de nada, que chamão *Homem*; o fim ultimo a que olhasse Deos; empenhando a sua sabedorida, e Omnipotencia? Considerai bem, e respondei.

*Cheval.* Nunca tal pergunta se me fez: quero pensar hum pouco... Não acho que o regalo de homem seja hum fim ultimo digno de semelhante empenho de Deos.

*Theod.* Eis-ahi o embaraço em que eu estava: embaraço (a fallar com lizura) para o dizer, não para o entender. Chevalier, as obras de Deos sempre devem ser dignas de Deos, e os fins que Elle se propõem, quando faz alguma cousa, sempre devem ser dignos delle. Ora ter o homem gosto de comer morangos v. g. ou ouvir os passarinhos, ou recrear-se, vendo bellas flores; não he fim ultimo digno de Deos. O simples regalo de huma creaturinha, que diante de Deos está hum furo assima do *Nada*; não póde ser o fim ultimo dos cuidados de hum Deos, nem da sua Sabedoria, e Poder. Que seja este o fim proximo, não podemos negar; porque a isso vemos que essas obras em todas as suas circunstancias se dirigem; mas que Deos pare ahi, sem dirigir esse obsequio, e commodidade, e gosto do homem a mais algum fim, não

póde ser. Era como se se abalassem exercitos formidaveis, para que hum homem tomasse a moda de hum chapeo redondo, ou de tres ventos. Deos alguma cousa intentou, quando quiz obsequiar o homem, do modo que temos ponderado.

*Cheval.* Bem vos entendo, Baroneza, com esse modo de olhar para mim: não deixo de prever o fim que leva Theodosio nesta maneira de discorrer.

*Theod.* Fallemos claro, Chevalier, e demos ao entendimento de hum Filosofo toda a liberdade que elle merece. Attendei-me. Deos concedeo ao homem hum livre alvedrio mui fidalgo, que não consente prizão, nem gosta de preceitos, porque blazona da sua liberdade; e Deos que lha deo, não quer nem tirar-lha, nem levemente tocar nas fimbrias do seu despotismo. A sua *Divina Razão* lhe diz, que o homem sendo creatura racional, e livre, deve amar o que he summamente amavel: que este amor da parte do homem a respeito de Deos, tem duas bellezas, huma he da *Rectidão*, amando o que he amavel; outra he de *Gratidão*, e reconhecimento, amando a quem lhe fez tanto bem. Para Deos conse-

ſeguir eſte fim, ſem tocar levemente nos direitos da liberdade, vede o que faz? Liſongeou o goſto do homem por todos os modos, regalando-o em todos os ſentidos, e fazendo-lhe todas as commodidades; para que o amor que elle teria a ſi meſmo, e aos ſeus commodos, e á liſonja dos ſeus ſentidos, o conduziſſe á ter amor a quem com tão grandes esforços da Omnipotencia, e eſtudos da ſabedoria aſſim o tinha regalado. Ora dizeime, ſe vos parece bem eſte meu diſcurſo.

*Cheval.* Não ha modo mais nobre, nem mais decente, nem mais efficaz para conduzir hum coração livre, a livremente amar o ſeu Creador. Que diverſo conceito, Baroneza, fazemos das couſas, quando diſcorremos de ſangue frio, e em boa paz, daquelle que fazem os novos Filoſofos, ouvindo de paſſagem duas palavras, interrompidas com outras tantas rizadas?

*Baron.* Diſſo ſe queixa Theodoſio muitas vezes; e antes que vieſſeis do Roſſillon, lamentavamos o modo com que hoje ſe trata de tudo que pertence a Deos.

*Theod.* Logo deve o homem a Deos, não ſó hum grande reſpeito, como já provei, mas hum reſpeito cheio de amor; por-

que não dá hum passo, que não receba (deixai-me explicar assim) hum mimo regalado, que lhe manda o seu Creador, por saber que elle havia de gostar de tal, e tal cousa, que agora o Senhor lhe mette em casa.

*Baron.* Verdadeiramente hum Filosofo que o he na realidade, e não só no nome, não póde deixar de ter huma estimação amorosa do seu Creador, que em tudo lhe andou adivinhando o gosto para lho pôr prompto.

*Cheval.* Muito tenho gostado hoje da vossa conversação, Theodosio, basta por hoje, que vou buscar as ordens do meu General, que não sei se á manhã terá o meu Regimento de ter exercicio; mas se não acabar muito tarde, continuaremos. Baroneza, adeos.

TAR-

## TARDE XVII.

*Das obrigações que temos para com Deos, deduzidas do que Deos fez no Homem para commodo do Homem.*

### §. I.

*Das obrigações que deve o Homem a Deos, pelo que Deos fez no seu corpo organico; e primeiramente pela sensação.*

*Baron.* HOje, meu Theodosio, não temos em casa o Chevalier para nos acompanhar na nossa conversação; porém para que não fique insipida, por concordar em tudo comvosco, parece-me que seria bom convidarmos meu Primo o Commendador, que já chegou depois da perda da sua Ilha de Malta.

*Theod.* Como não o conheço, não posso dizer se he proprio para o intento.

*Baron.* Eu tenho confiança com elle para me rir, se o vir ir de narizes ao chão na disputa, porque he pouco mais velho do que eu; e além disso, creámo-nos ambos. E no que toca ás opiniões, pare-

rece-me que ha-de desconcordar comnosco; mas isso he que faz a conversação viva, e agradavel: eu vou convidallo.

*Commend.* Que me quereis, Baroneza? não entendo nada de Mathematicas, que são as vossas delicias; e vós em tendo Theodosio comvosco, já voais por esses astros; e tambem fizestes voar o Chevalier, que hontem á noite em casa do General estava como fóra de si, summamente gostoso da vossa disputa com Theodosio.

*Baron.* Não o ficareis vós hoje menos; porque a verdade quando he bem tratada, a todos encanta.

*Commend.* Mas sobre que materia determinais vós discorrer? porquanto nem todos podem discorrer lá no que vós sabeis.

*Baron.* He sobre materia que a todos interessa. Dizei vós, Theodosio, a materia que tinheis determinado.

*Theod.* A Senhora Baroneza me pedio que fallassemos alguma cousa sobre a Filosofia moral, e he a que trata dos costumes; já se vê que isto a todos interessa.

*Commend.* E interessa com mais razão do que todas as Mathematicas, e Astronomias da Baroneza.

*Theod.* Tinhamos tomado este caminho.

Hon-

Hontem tratámos das obrigações do homem para com Deos, ſervindo-nos para iſſo do que Deos tinha feito para o homem, fóra do homem, que erão os Ceos e a Terra. Hoje determinava tratar das obrigações do homem para com Deos, reflectindo no que Deos fez no homem para commodo do meſmo homem, iſto he, reflectindo no que fez no corpo humano, e depois na noſſa alma.

*Commend.* Quanto ao corpo humano alguma couſa ſei, porque me appliquei algum tempo á Anatomia; agora da alma não eſtudei nada.

*Theod.* Quanto a eſſa, baſta ſaber o que ſabeis: com o que, eſtamos preparados para a converſação.

*Baron.* Principiai vós, Theodoſio, e vós, meu Commendador, não deixeis paſſar couſa alguma que vos deſagrade, que para iſſo he que vos convidei.

*Commend.* Iſſo faria eu, ainda que mo não recommendaſſeis, que o meu juizo não he eſcravo de ninguem. Vamos, Theodoſio.

*Theod.* A bem conſiderar o que Deos tem feito na admiravel fabrica do corpo humano, não acharemos em todo o Univerſo couſa que mais mereça a noſſa admi-

miração, ainda mettendo na conta o que nós sabemos dos Ceos, que disso já nós, Baroneza, tratámos hontem.

*Baron.* Nisso estou bastantemente instruida: agora no que toca ao corpo humano, ainda que algum dia me déstes huma ligeira luz da Anatomia, não sei como dahi quereis tirar doutrina sobre as obrigações que devemos a Deos, por ordem aos costumes.

*Theod.* Não vos disse então senão a parte exterior da Anatomia, que se vê com os olhos; e ainda dessa vez escondi a maior noticia, porque não era o meu intento dar-vos dessa materia noticia cabal, e completa, nem eu tambem a tinha. Mas agora de outro modo havemos de discorrer, porque vos procuro conhecimentos mais altos. Tres cousas vos hei-de ponderar entre mil que nos pasmão, e nos fazem admirar, e confundir. A primeira he o modo da nossa *Sensação.* A segunda os nossos *Movimentos.* A terceira a nossa *Nutrição.*

*Commend.* Sobre todas essas cousas vos ouvirei com gosto, porque não chegou lá a minha noticia anatomica.

*Sen-*

## *Senſação.*

*Theod.* A noſſa alma he huma ſubſtancia de todo eſpiritual : tem intelligencia , e vontade , e não conſta de nada que ſeja materia ; mas com tudo iſſo tem a ſeu cargo o corpo humano, ao qual eſtá unida. Não ſe ſabe como, mas ſabe-ſe deſta união.

*Commend.* Se não ſe ſabe como, já eu daqui proteſto que não aſſino neſſa união , porque eſtou na regra dos Filoſofos illuminados , *de nada crer , quando ſe não póde comprehender.*

*Theod.* Para não deixar ir a converſação ſem o ſal da diſputa , e diverſidade de penſamentos, he que vós dizeis iſto ?

*Commend.* Digo-o ſeriamente : ſe ninguem entende como eſſa alma, que he eſpiritual, ſe une ao corpo, que he pura materia , para que me quereis obrigar a crer o que não ſei ? Iſſo não , Baroneza, os noſſos juizos não são parentes , cada qual ſiga o que quizer.

*Baron.* Ora mal ſabeis , meu Commendador, o goſto que me dá dizerdes iſſo ; que não credes que a voſſa alma eſteja unida ao voſſo corpo , porque vejo o que

nun-

nunca esperei ver. Ora dizei-me: Quem vos move a vossa lingua para me fallar?

*Commend.* A minha alma.

*Baron.* E quem disse á vossa alma que eu agora vos estou fallando? Vós, que me respondeis a proposito, he sinal que a vossa alma sabe o que vos digo. Quem lho disse?

*Commend.* Os meus ouvidos, porque não sou surdo.

*Baron.* Ora eis-aqui o que he bem novo. Dizeis que a vossa alma he que move a vossa lingua para me fallardes, e que não está unida ao corpo: dizeis que os vossos ouvidos fizerão saber á alma que eu vos fallava; mas que o corpo não está unido á alma. Ora eis-aqui o que he bem nova Filosofia. Meu Primo, quando dizemos que a nossa alma está unida ao corpo, queremos dizer que ella move o corpo quando quer; e que como a alma percebe pelos sentidos do corpo os objectos que lhes tocão, está o corpo unido á alma. As minhas vozes tocárão nos vossos ouvidos, e a vossa alma as percebeo; a vossa lingua respondeo, e pronunciou as palavras que a vossa alma quiz que dissesseis. Logo estão unidas estas duas substancias, corpo, e alma.

Com-

*Commend.* Nesse sentido sim.

*Baron.* Mas não obstante este commercio, que he notorio, ninguem sabe o como se communiquem essas duas substancias: mas a vós he que isto pertence, Theodosio.

*Theod.* A todos tres pertence; mas eu vou tocando nos pontos que provocão a nossa admiração. A sensação sómente se póde fazer por meio dos nervos, que chamão *Sensorios*. Sem nervo não ha *Sensação*; de fórma, que se os nervos estão ou ligados, ou impedidos, ou entupidos, que não possa por elles communicar-se o movimento desde o pé, ou mão, &c. até o cérebro, não póde a alma sentir nada, nem saber que toquem no membro exterior.

*Baron.* Bem me lembro do que me ensinastes, e que por essa razão quando temos hum pé dormente, não o sentimos; ou quando ha paralysia, tambem não ha sensação; de tudo isso me lembro, e sei que no movimento pelos nervos até ao cérebro he que está a sensação.

*Theod.* De vagar: não está ahi a sensação. Está na percepção da alma, procedida desse movimento que veio pelos nervos.

*Commend.* Custa a explicar como se commu-

munica desde o dedo do pé até á cabeça esse movimento, que muitos querem explicar com o movimento tremulo da corda de viola; mas isso não me agrada; porque nem o nervo está tezo, como a corda que treme; nem desembaraçado de corpos estranhos, como ella. Em fim, he cousa bem difficil de explicar.

*Theod.* Concordo comvosco; e além disso, a fibra que corresponde a hum dedo do pé, não se communica com mais nenhuma; e tantas fibras de nervo vão ao cérebro, quantas partes ha no corpo humano, que tenhão sensação. E além disso, as fibras que vão a hum dedo do pé, em todo o caminho que dahi ha até o cérebro, se não trocão, nem confundem com as que vem de outro dedo seu vizinho; porque nós sentimos se he neste, ou naquelle dedo que nos ferem. E tudo se ajunta no cérebro, sem que alhi haja confusão na sensação.

*Baron.* E alhi tambem se ajuntão os nervos que vão aos olhos, aos ouvidos, e aos mais sentidos; e pasmo de ver que nos olhos pelo nervo optico se communica ao cérebro a côr do objecto, a figura, e todas as mais circunstancias do objecto visivel. Ora, meu Commendador, que

que myſterio não he iſto, quando nós poſtos ſobre huma altura, deſcortinamos por toda a parte Boſques, Caſas, Torres, Palacios, Jardins, Rios, Pomares; e podemos dar conta de tudo que he viſivel, paſſando tudo deſde a retina pelos noſſos nervos opticos, ſem confusão até ao cérebro.

*Commend.* Se não ha gota ſerena; porque então, haja na retina a pintura que houver, nada vemos.

*Theod.* Aſſim he: e ainda he preciſo mais, para que nós vejamos, e a alma ſe dê por entendida; e he, que não haja *Hidropezia de cabeça*; e que a alma não eſteja fortemente occupada com attenção extraordinaria, porque então nada vê.

*Baron.* E não me deixeis o ſentido do ouvir; porque he couſa que ainda não pude entender (ainda depois do que me enſinaſtes) da conſtructura do labyrintho, e membrana *eſpiral* do caracol, &c. porque eu não ſó percebo o *tom* de qualquer ſom; mas ſe eſſe *ſom* he de corda de Cravo, ou de Harpa, ou da voz, ou de Boé; porque batendo todos eſſes ſons na meſma fibra, para ſerem uniſonos, eu percebo a differença nelles.

*Theod.* Baroneza, nós não eſtamos em Fyſi-

ſica, não cortemos o fio do meu diſcurſo, baſta por ora que eſta ſenſação, que a alma tem por meio dos ſentidos, ſeja huma couſa paſmoſa, e incxplicavel.

*Commend.* Niſſo concordamos todos: tirai dahi a conſequencia que intentais.

*Theod.* Para a tirar, ainda vos faço outra pergunta, meu amigo. E quem fez eſta fabrica em nós, que ſendo em nós, e experimentando os ſeus paſmoſos effeitos, não os podemos bem definir? Quem fez tudo iſto?

*Commend.* Já ſe ſabe que foi a ſábia, e poderoſa Mão do Creador.

*Theod.* E para que fim tanta ſabedoria, tanta delicadeza, tanta harmonia, tanta conſonancia com o deleite da noſſa alma, quanta ella recebe continuadamente pelas ſenſações de todos os ſentidos? Para que fim foi toda eſta fabrica paſmoſa, e inexplicavel? Reſpondei-me.

*Commend.* Para que fim podia ſer, ſenão eſſe que diſſeſtes de dar ao homem neſta vida o goſto innocente, e o deleite natural das ſenſações dos ſentidos, viſta, ouvidos, goſto, &c. O fim eſtá claro, vendo que eſſas obras maravilhoſas neſte fim ſe empregão, ſinal de que a ellas ſe dirigírão. Concordais, Baroneza?

*Ba-*

*Baron.* Nem posso deixar de concordar n'uma cousa tão clara.

*Theod.* Logo muito deve o homem a Deos pelo que obra nos seus sentidos corporaes, com o fim de recrear o homem.

*Commend.* Quem o póde duvidar!

*Theod.* Quem o póde duvidar? (dizeis) Todos esses vossos Doutores, e Filosofos de nova invenção, que querem pôr em dúvida se ha Deos; ou quando o haja, dizem que não se embaraça cá comnosco.

*Commend.* Deixemos agora esse ponto, que não se póde negar que he hum disparate; posto que em muitas cousas estes Authores não sejão para desprezar. Vamos adiante.

*Baron.* Vamos, Theodosio, ao nosso fim.

## §. II.

### *Trata-se do Movimento no corpo organico.*

*Theod.* Continuemos em reflectir no que todos sabemos, posto que não meditemos. A nossa vida toda está nos nossos movimentos; e grande parte dos homens assentão que para nós movermos os membros do nosso corpo, basta ter-

mos

mos ahi a alma, que em certo modo os vivifica, e tambem os rege; e isso bem como a mão que tem calçada huma luva, move os seus dedos como e quando quer; porém isto he erro grosseiro.

*Commend.* Pois eu estava bem persuadido disso, que vós chamais erro: e chamarlhe grosseiro, não sei, meu amigo, se he hum pouco temerario.

*Baron.* Eu sou contra vós, Theodosio: perdoai-me. Se a nossa alma está intimamente unida com o nosso corpo para lhe dar vida, tambem lhe ha-de dar o movimento; e se a alma está animando o meu braço, que mais he preciso para o mover, do que querer a alma movello?

*Theod.* Ora dizei-me vós-outros. E porque não movemos nós as orelhas, se ahi está a nossa alma? Que a alma ahi está pelo vosso argumento, sois obrigados a confessallo; porque ahi sente, se alguem as mortifica: logo ahi está a alma; e porque não as move a alma como quer, e quando quer? As bestas da vossa carruagem as movem com muita facilidade, e conhecemos pelo seu movimento quando ellas temem, quando se espantão, ou quando vão pacificas sem temor

al-

algum: nenhum homem tem eſſe privilegio, nem o quereria ter.

*Commend.* Eu não.

*Theod.* Naſce todo o movimento de muſculo proprio, que tenha qualquer membro para iſſo. Tanto aſſim, que cada dedo em cada junta tem dous muſculos, hum antagoniſta do outro; porque hum ſerve para o dobrarmos, o outro para o eſtendermos; aſſim em todos os membros; e quando faltão os muſculos, ou por natureza, como nas orelhas, ou por moleſtia, como nas paralyſias, ou por outro motivo, falta o movimento. Iſto digo eu, não ſó nos movimentos livres, como dos braços, mãos, pés, cabeça, &c. mas nos movimentos *eſpontaneos*, como os do *coração*, *reſpiração*, &c. Combinai agora a multiplicidade de membros, e juntas, e partes organicas do noſſo corpo com a diverſidade de movimentos que ellas tem, e vede o número ſem número de muſculos que são preciſos para eſſes movimentos. Ora peço-vos que vos não admireis; guardai a voſſa admiração para o que vou a dizer.

Todos eſſes muſculos dependem cada qual do ſeu nervo, que vai ao cérebro; e todos eſſes nervos, a que chamamos *Mo-*

*tores*, como tambem os *Sensorios*, que servem á sensação, se ajuntão no cérebro; e quando o suco nerveo, ou o que chamão *Espiritos animaes*, entra no nervo, o seu musculo trabalha. Ora como póde a alma saber onde está a entrada desse musculo, que serve para mover a lingua, v. g. de modo que pronuncie esta vogal, ou aquella; e juntamente onde está a entrada dos musculos para mover os labios para a consoante dessa syllaba; e onde he a porta dos musculos da garganta, que se ha-de mover para a aspiração do bofe, e os labios da *Glotis*, para lhe dar o tom á voz, e as mais articulações da voz para gargantear, e cantar, segundo os tons que diz a cantiga, e a letra que lhe quereis accommodar, &c. como póde saber isto a alma de huma saloia, que cantando vai vender a sua fruta á Cidade: como póde fazer isso? Podeis comprehender isto, meu Commendador?

*Commend.* Fallando com sinceridade, he isso hum mysterio; porque sabendo todos que o fazemos, nem o nosso corpo, nem a nossa alma sabe como o faz.

*Theod.* He logo preciso que o Creador, que he só quem sabe o que a alma quer fazer, e só quem sabe como o ha-de fa-

fazer, que o faça pela ſua Mão ſoberana.

*Commend.* Iſſo lie mui novo para mim.

*Theod.* O caſo he ſe he mui verdadeiro na realidade. Amigo, as couſas não ſão, nem deixão de o ſer, por ſerem novas, ou já ouvidas, &c. São, ou deixão de ſer, pelo que ellas ſão em ſi, e não pela noſſa intelligencia. Ora ide lá examinando bem cada huma das propoſiçőes, que vou dizendo. Pezai-as bem; e ſe as não achardes evidentes, replicai logo.

*Baron.* He galante deſafio! Aqui eſtou eu, meu Primo, para vos ajudar nas dúvidas. Em me não achando convencida, logo clamo, dizendo: *Duvido.*

*Theod.* Seja: primeiramente ninguem faz huma couſa bem feita, como ſe deſeja, meramente pelo acaſo.

*Commend.* Certo.

*Theod.* Eſtes movimentos de que tenho fallado, e outros deſſe genero, que ſempre ſe fazem como a alma queria, e conſtantemente, como ella queria, alguem os faz.

*Commend.* Certiſſimo.

*Theod.* Quem quer que ſeja que os faz bem feitos, e conſtantemente, como a alma quer, tem intelligencia, e ſabe como os ha-de fazer, ſegundo o que ſe deſeja.

*Commend.* Não se póde duvidar.
*Theod.* Ora a nossa alma não sabe nada do modo com que os ha-de fazer; porque a saloia não sabe nada de musculos, nem *Glotis*, e mais anatomias, que são precisas para ir cantando. Se ainda o mais delicado anatomico não sabe o lugar de cada fibra, ou cada musculo, &c. como ha-de saber a alma da saloia, e o modo de procurar estes movimentos da lingua, garganta, labios, &c. logo a alma não sabe disso nada.
*Commend.* Concordo.
*Theod.* Logo não o póde fazer; porque já me concedestes que quem não sabia fazer huma cousa, não a podia fazer bem feita sempre, e constantemente, como se queria: logo a alma não he quem dirige estes movimentos.
*Commend.* Não posso negar.
*Theod.* Pois se não he a alma, quem será? O vizinho mais chegado? O corpo em si não, porque não tem juizo. Não podeis fugir. Haveis de dizer que he o Creador, porque só Elle sabe o que he preciso fazer para quadrar com a vontade da alma; e onde estão as teclas (deixai-me usar desta metafora) onde estão as teclas neste orgão anatomico, que correspondão

ao

ao effeito que se quer? Ora o Creador obrando pela sua Mão, segundo o seu costume, he o que se chama *Natureza.* Agora respondei.

*Commend.* Digo o mesmo que disse: he para mim novo. Mas accrescento agora, que he verdade, e me dou por convencido.

*Baron.* Agora vos estimo mais, meu Primo, porque vos vejo racionavel. Porém, Theodosio, vós tocastes mui de passagem huma cousa, em que eu desejava que vos demorasseis mais, que he a Musica; porque depois que me déstes as lições da Fysica nessa tal e qual Anatomia que ahi pertencia, eu combinando as lições da Musica com as da Fysica, fico summamente pasmada: demorai-vos, Theodosio, mais hum pouco nesta materia.

*Theod.* Sou obrigado a caminhar ligeiro, para não fazer as minhas reflexões enfadonhas por serem longas; mas a fallar com sinceridade, na Musica tendes bem evidentes provas do que hia dizendo. He bem sabido que nos instrumentos Musicos, Cravo, Harpa, Viola, e os mais instrumentos de cordas, quanto mais se enteza huma corda, tanto mais sóbe de tom. Tambem he bem sabido que a voz hu-

humana regularmente chega a duas oitavas, e ás vezes a tres. Tambem se sabe que cada oitava tem cinco tons, e dous meios tons; que de hum tom a outro, v. g. de *Dó* a *Ré*, ou de *Ré* a *Mi* se sóbe por nove *Comas*, ou degráos; de fórma, que no decurso de duas oitavas temos que póde a voz humana subir por 108 degráos, ou *Comas*; as quaes se as quizermos fazer soar em huma corda de hum tamanho, he preciso que tenhamos modo de a entezar mais e mais com 108 gráos de entezar.

*Baron.* Nenhuma aturava isso sem estalar, conservando-se sempre o mesmo comprimento da corda: certamente estalava.

*Theod.* Ora vós, que tão fortemente affirmais isso, vos esqueceis do que vos ensinei, e he, que quando vós subis de tom cantando, o fazeis, porque entezais mais os labios da Glotis, que são huns cordões elasticos, que descubrio creio que *Mr. Ferrein*, os quaes fazem no seu tremor elastico o que na viola faz o tremor da corda. Reflecti agora: Quando vós estais com o papel na mão para cantar, não podeis mudar de tom, sem que os labios da Glotis mudem de gráo de *tensidade*, ou *entezamento*; e vós de repen-

pente lhe dais aquelle gráo de entezar, que corresponde ao papel; e immediatamente outro, e outro gráo differente, para executardes o que deveis. Que me dizeis, Baroneza?

*Baron.* Sempre tive a Musica vocal por hum grande divertimento, e prenda de huma senhora; agora a respeito como hum mysterio pasmoso, e inexplicavel.

*Theod.* Agora já cahe bem huma consequencia que hei de tirar; mas ainda não convem, porque lhe quero fazer maior base, porquanto ha-de ser mui alta a columna. Quero que nos lembremos dos nossos movimentos vitaes, que são os do coração, e da respiração, &c.

*Commend.* Eu tinha presumpção de saber alguma cousa de Anatomia; mas vós me dais luzes novas no mesmo que ha muitos annos sabia. Continuai.

*Theod.* Quero fallar do beneficio que Deos nos faz na continuação da nossa vida, que já sabeis que depende de muitas cousas. Quem sabe de quantas cousas depende a vida do homem, pasma de que possa viver huma hora, sem que no movimento contínuo de todos os orgãos vitaes se desconcerte alguma daquellas cousas de que a vida depende essencialmen-

mente. Basta considerar no que trabalha o nosso coração, que se por dous minutos parasse, infallivelmente morria o homem.

*Commend.* Em cada minuto, regularmente fallando, se vasa 70 vezes de sangue, no que os professores chamão *Sistoles*; outras tantas vezes se enche no que chamão *Diastoles*; que vem a ser 140 movimentos em cada minuto; e outros tantos movimentos tem as *auriculas*, ou depositos de espera, em que se demora o sangue antes de entrar no coração; porque quando elle se vasa do sangue que tinha, não póde receber o que vem das veias nesse tempo, ficando deste modo os *Sistoles* das auriculas e *diastoles* desencontrados dos do coração. Até-qui sei eu: agora vós ajuntareis as vossas reflexões filosoficas.

*Theod.* Ainda vos falta reflectir nas fibras musculosas, que causão esses alternados movimentos do coração; porque para vasar tem humas fibras espiralmente enroladas á roda do coração; e quando estas trabalhão, se estreita de modo, que faz esguichar pelas arterias todo quanto sangue em si tinha, e desse modo fica muito estreito, e mui comprido, e bate

nas

nas coſtellas, que he o que chamão palpitação. Pelo contrario quando o coração ſe faz redondo, mais largo, e mais curto, recebendo em ſi o ſangue, tem eſte movimento, porque trabalhão as fibras muſculares que o cercão da baſe até á cuſpide. Eſtas fibras muſculares naſcem do *Cerebello*; e ora trabalhão humas fibras, ora outras alternativamente em cada minuto. Iſto no eſpaço de hum anno bota a doze milhões, ou contos, e 160 mil movimentos. Se em toda eſta quantidade de movimentos ſe trocão, ou embaração os eſpiritos animaes que no Cerebello hão-de ir buſcar ora huma ordem de fibras, ora outra, ſe ſe embaração, lá vai a vida do homem. Pergunto agora, meu amigo, quem dirige com tanto cuidado eſtes eſpiritos animaes, os quaes não tem juizo para ouvir ordens, nem para ſem ella executarem com certeza eſtes movimentos indiſpenſaveis para a noſſa vida? A' proporção diſcorro de todos os mais movimentos eſpontaneos, que não dependem do noſſo querer, ou não querer. Reſpondei-me, amigo.

*Commend.* Que quereis que vos reſponda?

*Theod.* Tudo faz o Creador, ou manda fazer para a noſſa vida.

Ba-

*Baron.* Ou manda fazer ! dizeis : e por quem ? Que criados tem o Creador na classe corporea, que possão ouvir as suas ordens, e executallas, se elles não tem percepção para as perceber ?

*Theod.* Nisso estou eu ; mas disse isso, para que a vossa mesma intelligencia vos obrigasse a confessar que Deos obra pela sua Mão em tudo o que vulgarmente se attribue á natureza. E para quem faz Deos estas maravilhosas acções ?

*Baron.* Para que viva o homem.

*Theod.* E de que materia constão estas máquinas tão artificiosas, que possão sem erro trabalhar 70 annos, e mais ? Serão de aço, ou bronze ? Tudo he feito de pelles : de pelles são as veias, as arterias, as valvulas, &c. Nem bronze, nem aço podia aturar tantos movimentos sem se gastarem.

*Baron.* Que me dizeis, meu Primo ?

*Theod.* Não quero que o aperteis com essa justa admiração ; mas sómente com a pergunta, para que fez o Creador essas maravilhas, se não foi para vos conservar a vida a vós, e a mim em mais de 50 annos, e á Baroneza por 24 ? Que obrigações não devemos ao Creador por nos dar, e por nos conservar a vida ?

*Com-*

*Commend.* Vós me confundis com as vossas reflexões.

*Baron.* Mas gostosamente nos confundimos, por ver que em nosso beneficio assim obra o nosso Deos.

*Commend.* O certo he que pouca gente discorre assim, nem tem o vagar de ir analysando o que todos sabemos, para nos desentranhar outras verdades, em que nunca haviamos reflectido.

*Theod.* Está visto, meus amigos, o cuidado, a Sabedoria, e (deixai-me dizer assim) o estudo com que o Omnipotente trabalhou para nos dar, e conservar a vida de que gozamos; vida que a governar-nos pela natural razão, nem hum dia poderia durar; porquanto parece impossivel que em tão complicados movimentos de todos os nossos orgãos, não se quebrasse alguma das muitas peças desta prodigiosa máquina, ou ao menos que se não desconcertasse de algum modo.

*Commend.* Não se póde negar que huma vida de 70, 80, e mais annos he hum prodigio da Omnipotencia, que involve muitos mil prodigios, que nós não poderiamos comprehender.

*Theod.* Se a máquina do corpo organico fosse como os relogios de Inglaterra, feita

ta de aço, e de bronze, trabalhando ella 70 annos continuadamente sem descanço de dia, e de noite, não poderia aturar sem algum desmancho, e no nosso corpo atura, e se conserva o homem muitas vezes com boa saude, sendo esta máquina feita de entranhas molles, e peles, e membranas froxas; e aturão! E para se ver este continuado prodigio, comparai este homem com saude, com todos os mais a seu lado, que por desmancho de alguma pequena parte da sua organização adoecem, e morrem; mas o Omnipotente sustenta em seu vigor todas as peças da organização no homem sadio, sem que fraqueem, nem se quebrem. Que prodigio não he este?

*Commend.* Vê-se, e não se repara.

*Theod.* Mas que fim buscará o Creador em nós por estes prodigios? Obrará por ventura sem ter algum fim? ou será meramente para que nos regalemos? Será este hum fim digno de Deos?

*Commend.* Respondei, Baroneza, porque entrais mais do que eu nos pensamentos de Theodosio.

*Theod.* Eu respondo. Deos não podia fazer isto senão com o fim de que o homem fizesse o que a Razão eterna pede, isto

he,

he, que o homem empregue a ſua vida, e todos os membros do ſeu corpo no culto, e gloria do ſeu Deos. Se achais outro fim que ſeja mais digno de Deos, e mais conforme á Razão Eterna, que a noſſo modo dirige todas as obras de Deos, dizei-o.

*Commend.* Que havemos de dizer?

*Baron.* Confeſſar o que Theodoſio diz; porque ſó hum juizo cego (que não he juizo) póde deixar de ſe ver convencido.

*Theod.* Eu não me valho para os meus argumentos de principios duvidoſos, nem me fundo em authoridade alguma. Bem vedes que de huma parte eſtá a experiencia que a Anatomia nos dá, de que ninguem duvída; da outra a razão ſimples, de que Deos quando formou tudo iſto com ſumma proporção, com ſumma harmonia, com eſtudo, com ſciencia, e com extrema vigilancia, acudindo a todos os inconvenientes, dando providencia ás precisões, &c. teve algum fim, do que ninguem póde duvidar; e ultimamente que o fim de tanta ſciencia, cuidado, providencia, &c. ha-de ſer fim digno de Deos, fim conforme á ſua *Razão Eterna.* Ora todos conhecem que eſte fim não póde ſer ſimplesmente para nós viver-

vermos 80 annos, &c. por consequencia só póde ser para que o homem se reconheça obrigado ao seu Deos, respeitando-o, servindo-o, e amando-o como seu Bemfeitor contínuo. Deste modo Deos nos leva a este nobre fim por conveniencia, quando nos não baste a simples luz da razão, ainda sem ella.

*Commend.* Tenho-vos inveja, minha Prima, de terdes hum tal Mestre, que assim cultiva o vosso entendimento. Sois mais feliz do que eu. Vamos adiante, Theodosio.

## §. III.

### *Trata-se da Nutrição no corpo organico.*

*Theod.* EU tenho omittido huma circunstancia summamente pasmosa, que junta ás que tenho ponderado, faz a nossa organização muito mais admiravel, e he a *Nutrição*, e augmento de todos os vasos organicos que temos no nosso corpo; porquanto todos pelo decurso do tempo em vez de se destruirem com o trabalho contínuo, se multiplicão, e se reforção, e engrandecem; engrandecem, digo, não só na figura total, e sensivel de cada membro em quanto crescemos,

mas

mas no tamanho de cada minima parte do nosso corpo. He pasmar o ver como hum menino de 6 annos, perfeito em todos os seus membros, se nutre, e como cresce até aos 20 annos, nutrindo-se cada membro, e á proporção cada orgão sensivel delle. Comparemos, meu Commendador, os orgãos deste homem na idade de 6 annos com elles mesmos na idade de 30, que differença não tem! até os ossos, que algum dia erão meras cartilagens, hoje são ossos perfeitos, com *medula*, *periosteo*, &c. ora como foi este augmento? Houve sem dúvida canaes, que levárão a cada fibra o succo que convinha para que crescesse. O mesmo digo das veias, das arterias, das valvulas, semeadas por todos elles. O mesmo digo do coração, dos musculos, do cérebro, e seus ventriculos, da Medula oblongada, e toda a ramificação dos nervos. Cada parte destas cresceo, não por se lhe ir amontoando materia; porque desse modo os canaes se entupião, bem como succede nos aqueductos com o salitre da agua; mas pelo contrario, crescem no comprimento, na grossura, na largura e vão, ou capacidade de cada hum dos vasos. Quem faz isto, meu Commendador? Co-

*Commend.* Mr. de Buffon explica bem isso por hum systema seu galante, dando ás partes homogenias, e da mesma natureza huma attracção mutua.

*Theod.* Seja embora verdadeira essa sua ficção: isso faz amontoar na lingua v. g. muitas partes proprias para a lingua; nos olhos muitas partes proprias para os olhos; mas quem fórma mais fibras na lingua, maior diametro na pupilla dos olhos, e seu volume, mais fibras nervosas na retina, &c. Quando muito prova De-Buffon, que se ha-de ajuntar mais materia homogenea; mas que se ha-de fazer huma fabrica mais espaçosa, isso não: que dizeis, Baroneza?

*Baron.* Já li esse systema; parece-me cousa mais de Poeta que de Fysico.

*Theod.* Além de que, o sustento do rapaz, seja qual for, se converte em *Quilo*, e deste se vai nutrindo todo o corpo humamo com todos os seus orgãos, e a hum tempo: do Quilo se nutre o coração, o cérebro, os ossos, as veias, a pelle, &c. que diversidade achamos na substancia de cada hum destes orgãos; e tudo sahe da massa do *Quilo*. Ora consideremos como Filosofos esta nutrição: quem reparte esta materia á proporção por todas quan-

tas

tas partes organicas terá o nosso corpo? Quem dá a esta materia fórma differente á proporção do orgão, que ha-de nutrir? Podeis crer que he o concurso tumultuario das partes da materia, que o rapaz comeo, fosse o que fosse? Póde isto caber na intelligencia de algum de vós?

*Baron.* Na minha não; nem tambem na de meu Primo.

*Commend.* Adivinhastes, Baroneza; porque isto não se póde dizer, nem entender.

*Theod.* Logo he a Mão summamente industriosa do Creador, que lá do modo que sómente Elle entende, o faz em cada hum de nós: e com esta circunstancia pasmosa, que em chegando o homem a certa idade, come, bebe, dorme, &c. como até então; mas os membros não crescem como até alli crescião.

*Commend.* Em tudo se perde o lume dos olhos, se queremos com o entendimento esquadrinhar o modo com que se faz em nós, o que nós todos os dias experimentamos.

*Theod.* He logo a vida de hum homem hum prodigio, que comprehende milhares de prodigios; porque o nutrir-se cada orgão do corpo organico, sem se entupir,

nem ficar inutil pela concurrencia de materia, e tambem o não ficar inutil pela dissipação natural que todos os orgãos devem ter, segundo a continuada transpiração e perda no trabalho contínuo dos movimentos vitaes, são cousas bem passmosas.

*Baron.* Que differença vai, meu Primo, de ver estas cousas com a reflexão que Theodosio nos faz fazer, a vellas de passagem como o vulgo as considera!

*Theod.* Falta-me agora tirar huma consequencia de tudo o que tenho dito neste ponto; mas eu quizera que vós-outros a tirasseis, que eu irei armando as proposições em que ella se funda.

*Baron.* Seja embora: tomai vós, Commendador, sentido para ver se as proposições vão bem ordenadas, e connexas com a consequencia que houvermos de tirar.

*Commend.* Nisso cuidará bem Theodosio.

*Theod.* Supponho que não duvidais que a nossa vida depende de todos os orgãos, que são precisos para o corpo humano ter as suas funções; e por conseguinte, que a vida não he como a dadiva de huma peça preciosa, que huma vez dada, está dada, sem que quem a deo continue

em

em acção nenhuma precisa par a conservar. Creio que confessais que o Omnipotente, quando formou para cada hum de nós o seu corpo organico com tanta sabedoria e intelligencia, e (a nosso modo de fallar) estudo, qual convinha para vivermos, não só nos deo a vida; mas que a continúa a dar em todos os dias que ella dura; pois que em cada dia ha novidade no nosso corpo, que com a sua Divina Mão se repara, ou remedea.

*Baron.* De nada disso duvidamos.

*Theod.* Tambem creio que haveis de assentar, que o supremo Senhor não fez isto como tonto, sem saber para que fim. A sua perfeição summa o obriga a não obrar sem fim; e fim digno da Obra, e digno do Artifice supremo. Para que fim pois Deos deo a vida ao homem com tanto cuidado, estudo, e (deixai-me dizer assim) empenho e trabalho? Sería para o homem se regalar?

*Baron.* Certamente não: não era esse hum fim digno de Deos.

*Theod.* Logo o seu fim foi... dizei-o vós agora.

*Baron.* Que hei-de dizer? Foi sem dúvida para que o homem empregue todos os dias da sua vida em o servir, ado-

rando o Poder, amando a Bondade, obedecendo á sua Lei. Tendes dúvida, meu Primo, nesta consequencia que nós ambos deviamos tirar?

*Commend.* Theodosio tem arte para levar o meu juizo aonde quizer, sem eu lhe poder resistir.

*Theod.* Não he arte minha, he fidelidade do vosso bom entendimento, que em conhecendo claramente a verdade, por força haveis de abraçalla.

*Commend.* Ora, minha Prima, eu era até aqui Maltez, e soldado hum tanto livre, ou libertino; porém agora as Filosofias me inclinão a ser devoto.

*Baron.* De muito vale o ter juizo; e deixar discorrer a razão com paz, sem preoccupação, nem rizotes, nem zombarias, mas seriamente em cousas serias, que he o que não fazem os vossos Doutores.

*Theod.* Já que concluimos este ponto, Baroneza, não vos estejais mortificando. Vós ouvis no quarto de vossa Mãi visita de ceremonia, que he Monsieur *** a quem a vossa casa he obrigada; não será longa a visita, porque he de ceremonia; depois della continuaremos, que o Senhor Commendador me fará a honra e o gosto de passearmos pelo jardim entretanto.

*Ba-*

*Baron.* Acceito o favor, e peço-vos que vos não auſenteis, que o meu coração aqui fica.

## §. IV.

*Das obrigações do Homem a Deos, pelo que o Senhor fez na ſua alma: onde ſe trata da ſua Immortalidade, e Natureza.*

*Baron.* ORa já aqui eſtou, não ſe demorou a viſita, aproveitemo-nos, meu Primo, antes que concorrão as coſtumadas, que vem para o jogo, que he dia de Aſſemblea; mas iſſo he lá á noite.

*Commend.* Aqui eſtou tambem: diga, Theodoſio, a materia do diſcurſo.

*Theod.* Continuemos, Baroneza, a tratar das obrigações do homem para com Deos, e ſeja pelo que Deos poz na alma do homem. Como ella tem duas faculdades principaes, que são o Entendimento, e Vontade, tratemos de ambas; mas primeiro que tudo fallemos da Natureza da alma.

*Commend.* Com goſto vos ouvirei, que he materia para mim, em que não tenho ouvido diſcorrer a meu goſto; poſto que ſupponho que vós ſereis de mui diverſa opinião do que eu tenho lido.

*Theod.*

*Theod.* Eu alguma cousa tenho lido dos novos Filosofos, e de nada me hei-de admirar. Dizei, amigo, o que tendes lido, dizei o que vós seguis, que somos homens de razão, tudo se tratará em paz; e a verdade apparecerá a quem a quizer abraçar.

*Commend.* Primeiramente muitos seguem, que a nossa alma he huma pura materia (cousa, que me parece hum disparate) mas alguns o dizem.

*Baron.* E provão elles isso que dizem?

*Commend.* Isso não; provar nada: fallar, rir, e atirar com proposições novas, que nunca se ouvírão, isso sim; mas provar, isso nenhum o faz.

*Baron.* Bello, bello: isso he ser Filosofo de nova invenção; dizer, e não provar. Ora dizei, Theodosio, o que vos parece.

*Theod.* Como o Senhor Commendador tem isso por hum disparate, pouco basta para mostrar que o he. Nós não podemos trocar as idéas essenciaes das cousas, que isso he loucura. Cada cousa tem suas propriedades, que nascem da sua essencia; e se as trocamos, trocamos as essenciaes, e fazemos humas quimeras inintelligiveis. Temos que os corpos, que pertencem aos olhos, tem ou côr, ou luz: huns são

en-

encarnados, outros azues, outros claros, e luminosos, outros escuros, &c. Do mesmo modo os que pertencem aos ouvidos tem suas propriedades, huma voz he sonora, ou harmoniosa, outra dissonante, esta he grave, aquella aguda, &c. Pelo mesmo modo os corpos que pertencem ao gosto, são ora doces, ora azedos, ora saborosos, ora insipidos. E os do tacto ora são duros, ora molles, ora asperos, &c. Pegai agora, Baroneza, e trocai estas propriedades, e vede o que sahe: achareis hum som *encarnado*, huma voz *azul*, huma côr *azeda*, e outros despropositos semelhantes.

*Baron.* Não posso conter o rizo, e vejo que sahem desses casamentos estravagantes, quimeras nunca ouvidas.

*Theod.* Tudo por nós darmos a humas cousas as propriedades das outras; e mais nos exemplos que eu puz, tudo são corpos sensiveis, posto que pertenção a varios sentidos do homem; e tudo são cousas de pura materia. Que será logo, meus amigos, trocar as propriedades da *materia* com as do *Espirito*. A materia tem *extensão*, isto he, comprimento, largura, medida, figura, &c. O *Espirito* tem *intelligencia*, *conhecimento*, *vonta-*

*tade*, *amor*, *affirmação*, *negação*, *dúvida*, &c. Ora se quizerdes dar ao *Espirito* as propriedades da *materia*, teremos hum *pensamento quadrado*, huma *affirmação triangular*, hum *amor chato*, e cousas semelhantes.

*Commend.* Póde armar-se dessa troca algum jogo, Baroneza, que faça bem rir.

*Theod.* Ora se nós quizermos fazer a troca de outro modo, dando a *materia*, as propriedades de *Espirito*, teremos hum *páo que pense*; huma *pedra que ame*; hum *metal que duvide*, e cousas deste genero. Ora isto fazem os que dizem, que a nossa alma que certamente pensa, conhece, quer, duvída, affirma, nega, &c. póde ser pura materia; de querer dar a materia ás propriedades do Espirito que disparates se não seguem. Pois isto he o que diz o senhor Loke, esse grande homem, que com a authoridade de hum profundo metafysico, como quem sahia de huma madura consideração, disse: *Nós talvez não seremos jámais capazes de conhecer se hum ser puramente material poderá pensar, ou não.* Não se atreveo a dizer mais; porém outros se abalançárão a dizer (verdade he que sem alguma prova) que a nossa al-

ma he inteiramente material (1). Outro diz, que a noſſa alma, e a dos brutos são certamente da meſma maſſa. E outro (2) a põe da meſma qualidade que a planta, deſte modo: *Entre todas as couſas, o homem he o que tem mais alma, e a planta a que tem menos*; de fórma, que do homem á ortiga ſó vai a differença de mais, ou menos.

*Commend.* He eſquecer-ſe muito do que a boa razão dicta.

*Baron.* Ora eu (quero brincar hum pouco, que ſou rapariga) quero fazer eſſa eſcada, e na ſerie das plantas, quando for a pegar na dos brutos, ponho na raia deſſas duas claſſes os *Polipos*, que paſſárão muitos annos por plantas aquaticas, creadas nos limos da agua encharcada; e na raia entre os brutos, e os homens ponho os macacos, que parecem ter juizo, e quaſi a figura de homem.

*Theod.* Não falta quem diga que os Bugios são da meſma claſſe dos homens; tanto aſſim, que Newton ſe deve pôr na cabeceira da claſſe dos Bugios; por ſer o que teve mais juizo de todos.

*Com-*

---

(1) Hiſtoria Natural da alma, pag. 2. 3. 66. 93.
(2) L'homme plante pag. 31. 24.

*Commend.* Bem sei isso; mas como não sigo taes despropositos, não consumamos nisso o nosso tempo.

*Theod.* O ponto que vós quereis saber, he sem dúvida se a nossa alma he immortal; isso he, se dura depois da nossa morte.

*Commend.* Esse ponto he importantissimo. Eu vi ha dias n'um livro (1), Que podiamos dizer da alma tudo quanto quizessemos; mas que por modo nenhum confessassemos que ella era immortal.

*Baron.* E dava disso alguma razão?

*Commend.* Não dava razão alguma; mas sómente que essa immortalidade da alma era ponto que muito embaraçava as nossas acções; e na verdade que assim he; porque se a alma durar além da morte, grande cuidado nos deve isso dar; porque não morrendo ella com o corpo, ha-de vir a ter o premio, ou castigo, que pelas suas acções tiver cá merecido. Porém se a alma morrer com o nosso corpo, então podemos cuidar em levar boa vida, porque com a morte tudo se acaba.

*Baron.* E tendes achado, meu Primo, alguma razão que prove que a alma morre com o corpo? Por ventura nos vossos li-

(1) Le Diccionaire des Filosofes. pag. 5.

livros allega-se, não digo eu demonstração, mas alguma razão attendivel?

*Commend.* Confesso que não a tenho achado; porém poderá haver alguma, porque eu não tenho lido tudo.

*Theod.* Meu amigo, sendo esse ponto tão interessante, e commodo aos vossos Filosofos, se elles achassem alguma razão, andaria logo na frente dessa Questão. Adverti agora, que nós para provar que a alma he immortal, damos demonstrações fortissimas.

*Baron.* Já n'outra occasião vós, Theodosio, me provastes, deduzindo a sua immortalidade, de que sendo espiritual, dotada de intelligencia, e liberdade, havia de ser *simples*; e sendo simples, havia de ser *immortal.* (1)

*Theod.* Assim foi; mas agora vos farei outra demonstração, não metafysica, mas convincente.

*Commend.* Essa quero eu ouvir, a ver se me convence.

*Baron.* Para isso, meu Primo, bastava qualquer prova, não havendo em contrario nenhuma outra, nem boa, nem má; mas vamos adiante.

*Com-*

(1) Harmonia da Razão, e Religião. Tard. IV.

*Commend.* Hum Filosofo, que não he para desprezar (1), protesta que a *immortalidade da alma he huma Questão meramente filosofica, e de pouca importancia; porquanto o que importava era só que a alma fosse virtuosa*; e eu acho-lhe razão.

*Baron.* Ah, meu Commendador, vós ha pouco dissestes que ser ella immortal vos obrigava a ter huma vida mais circunspecta e virtuosa, do que morrendo ella com o corpo, porque nesse caso podieis levar boa vida. Como dizeis agora isso?

*Commend.* Não vos quizera, minha Prima, tão especulativa; vamos, Theodosio, ao que hieis dizendo, que quero com effeito saber se a minha alma ha-de durar mais que a vida.

*Theod.* Nós não podemos negar, que Deos formando o homem, o dotou com a *Luz da Razão.* Ora esta luz a pezar da vontade do homem, lhe grita, e condemna muitas acções, que elle intenta fazer; e por mais que nós estudemos razões em contrario, e façamos bellos discursos para nos persuadir que fazemos bem, a *Luz da Razão* clama, e diz sempre: *Não*; e nun-

(1) Letras Filosoficas. L. 13.

nunca a podemos fazer calar: podemos divertir-nos, e cuidar n'outra cousa, a ver se aquella luz, aquella voz se cala; mas em cessando o divertimento, torna a voz a dizer: *Não*, *não façaз.* Creio que ambos vós experimentais isso.

*Commend.* Assim he, e não nos podemos livrar da reprehensão interna que essa voz nos dá.

*Theod.* Ora esta luz da Razão, esta voz interna de quem póde ser, senão de Deos. Ella he geral para todos os homens, geral para todos os climas, Nações, e gentes. Todos achão que he máo *enganar o innocente*; ou ser *ingrato ao bemfeitor*; ou ser *traidor ao amigo*; ou *dar mal por bem*, &c. Ora se esta voz he geral, procede de causa geral, que he a creação do homem.

*Baron.* Nisso nenhuma dúvida póde haver. Meu Primo, concordais?

*Commend.* Sem dúvida.

*Theod.* Pergunto agora: Deos quando plantou na alma do homem esta luz, esta voz, que diz: *Faze isto*, *não faças aquillo*; ou a plantou *sem algum fim*, ou para que o homem a desprezasse, e *não fizesse caso della*, ou para que *lhe obedecesse*? São tres cousas, escolhei, Commendador.

*Ba-*

*Baron.* Eſtais apertado, meu Primo, dizer que Deos poz eſſa luz ſem algum fim, he injurioſo a Deos.

*Commend.* Mais injurioſo he dar eſſa luz, para que o homem não faça caſo della.

*Theod.* Logo forçoſamente havemos de dizer, que Deos poz eſſa luz na alma de todos os homens, para que elles a ſigão pontualmente.

*Commend.* Nem ſe póde dizer o contrario: mas a que vem iſſo para a immortalidade da alma?

*Theod.* Hum pouco de paciencia, meu amigo. Logo ſe o malvado, a pezar deſſa *Voz de Deos*, que no interior lhe falla, fizer alguma maldade, neceſſariamente ha-de deſagradar ao ſeu Creador.

*Commend.* Sem dúvida.

*Theod.* Logo ſe na vida não levar o caſtigo de Deos, (como muitas vezes ſuccede) o ha-de levar depois da morte: aliàs o Creador ficaria illudido; e a creaturinha feita de *barro*, e do *Nada* zombaria de Deos.

*Baron.* Ah meu Primo! Não ſei que pontada vos deo agora! Mas continuai, Theodoſio.

*Theod.* Temos logo que neceſſariamente a alma ha-de exiſtir depois da morte, para

ra que o *Bem* fique premiado, e o *Mal* caſtigado: aliàs poderião os homens malvados, e neſte mundo felices (deixai-me dizer aſſim) dar huma çurriada ao Omnipotente, dizendo: Mande elle o que mandar; prohiba o que quizer; nós fizemos tudo quanto quizemos, e Elle ficou muito bem eſcarnecido. Parece-vos iſto racionavel, meu amigo?

*Commend.* Não eſperava eſta volta no voſſo diſcurſo.

*Baron.* Mas achais-lhe razão?

*Commend.* A verdade, Baroneza, he que grande parte dos malvados são bem felices neſta vida; e muitos homens bem eſtimaveis morrem pobres, e deſgraçados.

*Theod.* Logo ou *Deos he injuſto, e fraco, e illudido*, ou *a alma dura depois da morte*, e he immortal. Que eſcolheis?

*Commend.* Iſto, minha Prima, he que ſe chama aperto. Nunca tinha penſado deſte modo: vós ſois feliz em ter hum Meſtre ſemelhante.

*Baron.* Ora ponde em contra-balanço deſtas *razões, que provão* ſer a noſſa alma immortal, a *ſimples dúvida* dos voſſos Filoſofos, que dizem talvez que não ſeja immortal, talvez que morra com o

cor-

corpo, como nos cães, e cavallos. Ponde isto em balança, e dizei se não he loucura rematada, seguir esse simples *talvez*, vivendo segundo as leis das paixões, como se nem fosse possivel ser a alma *immortal.* Ainda se o ponto fosse duvidoso, era temeridade expôr-se hum homem de juizo a ser, sem remedio, castigado depois da morte; quanto maior loucura he expôr-se a isso, havendo razões tão fortes, que provão que *sim*; e não havendo razão alguma, nem boa, nem má, que prove que *não*.

*Commend.* Não vos considerava, Senhora, tão viva em materia de argumentos.

*Baron.* Ora dizei-me: Se vós não fazendo conta com a vida futura, vos achardes depois da morte com a vossa alma ainda existindo, para ser julgada pelo Creador, que fareis? Podereis fugir cá para este mundo? O vosso corpo já estará na cova cheio de bichos. Podereis allegar ao Creador, que vós seguieis a opinião dos vossos amigos, e que elles dizião que a alma morria com o corpo. Ora allegando isto, o Senhor vos fará morrer a vossa alma, mudando-lhe a natureza? Que disparate! Dizei-me: Por ventura quando o Senhor creou a vossa alma, acaso foi-

foi-vos perguntar se a querieis mortal, como a dos cães, ou immortal? Foi-vos perguntar se querieis hum corpo magro, ou gordo, huma estatura pequena, ou grande? Hum nariz de cavalete, ou sem elle, &c. Vós rides! Pois se Deos não vos perguntou, como querieis o corpo, e o formou como elle quiz, sem vos perguntar nada a vós; assim fez na alma. Cousa galante! Os vossos Filosofos accommodão-se com o corpo que Deos lhes deo, e não duvidão; e a alma queriãona *mortal*, á sua vontade; porém Deos a fez *immortal* como quiz; e com elles lá se ha-de haver depois da morte.

*Commend.* Cá levo o vosso sermão, minha Prima, vamos adiante, Theodosio.

## §. V.

### *Do nosso Entendimento.*

*Theod.* A Nossa alma, que pela sua natureza he huma preciosa Imagem de Deos, tem dous Dotes, ou Propriedades, que a fazem mais semelhante ao Creador; e por isso muito mais preciosa, e estimavel, que são o *Entendimento*, e a *Vontade livre*. Sobre estas

duas Propriedades he justo que façamos reflexão; porque sendo Dotes concedidos pela Mão do Creador, são novas obrigações para o nosso agradecimento.

*Baron.* Eu comparo o entendimento a respeito da alma com a vista a respeito do corpo, de fórma, que hum homem sem o uso do entendimento, he como hum cego: hum, nada vê, e o outro, nada entende.

*Theod.* He comparação justa. Indo porém ao ponto, digo, que ainda que a *Intelligencia* seja huma propriedade da alma, como pela união que tem com o corpo, nada póde obrar esta intelligencia, sem cooperação do cérebro, impedido o uso livre do cérebro, por qualquer impedimento que haja, tambem fica impedido o uso do entendimento; isto temos nos mentecatos, em que vemos acções, como se a sua alma não tivesse esta potencia do *Entendimento.*

*Commend.* Amigo, perdoai os meus escrupulos, mas fallamos como Filosofos, e convem que o discurso vá com solidez, e firmeza. Nós vemos nos animaes acções tão industriosas, sagazes, e bem entendidas, que nos admiramos, e com razão; e contudo, vós não lhes dais al-

ma

ma espiritual como a nossa ; e por isso eu não entendo bem como he esse Dote do *Entendimento*, que vós tanto encareceis, como hum retoque da nossa semelhança com Deos.

*Theod.* Mal sabeis, amigo, quanto eu estimo essa réplica ; porque a minha resposta creio que dará muita luz sobre este ponto. A industria, e sagacidade que nós vemos nas operações dos brutos, v. g. Abelhas, Aranhas, Formigas, Cães, e Castores, &c. vencem muito toda a intelligencia, e industria dos homens ; porque nunca houve homem, que sem *estudos*, nem *instrumentos*, nem *ensino*, nem *livros*, nem alguma *instrucção* possa fazer o que elles fazem. Dizei aos mais habeis sujeitos, que vão fazer sem estes soccorros hum favo de mel, como o das abelhas, ou como os das vespas, ainda mais delicado, ou hum ninho de passarinhos, sem mais instrumentos, ou mãos que o seu bico, e pés, &c. ide dizer-lhes que se aproveitem da Geometria, e Fysica, e habilidade ; mas tiraillhes os instrumentos, estampas, livros, e até a experiencia ; porque o primeiro *favo de mel* que fez hum enxame novo, he tão perfeito como o ultimo : pe-

di-lhes isto, e vereis o que fazem. E he de notar, que as abelhas deste novo enxame nascêrão no seu cortiço, e nas cellazinhas em que se depositárão os ovos de que se formárão; mas nunca vírão formar essas casinhas em que nascêrão; e tanto que chegou o tempo, sahírão a buscar novo cortiço, ou lugar competente, e ahi vão logo fabricando o seu palacio. Achais, amigo, algum homem bem habil, que faça outro tanto com a sua alma espiritual, se lhe tirarem todos os instrumentos, estampas, lição, mestres, exemplos, &c.

*Commend.* Nenhum póde fazer isso.

*Theod.* Logo ou lhes haveis de conceder alma melhor do que a nossa, ou não haveis de attribuir essas industriosas obras á *Intelligencia*, e *Industria* propria desses animaes.

*Commend.* Pois vós duvidais, que sendo essas acções mais industriosas que as do homem, provem nelles huma grande industria!

*Theod.* Duvido; e tambem vós haveis de duvidar, se reflectirdes, como eu faço. Ora dizei-me, amigo, essas abelhas terão noticia de como erão os favos de mel do tempo de Noé, e mais tempos antigos?

Com-

*Commend.* E como a podem ter, se nem sabem ler, nem tiverão Mestres, nem são desse tempo para verem o que suas avós fizerão.

*Theod.* Pergunto mais: E terão noticia das Colmeas que se fazem na India, no Perú, na Africa, na Succia, &c.? Porque eu vejo que ha huma perfeita imitação, e semelhança entre os favos de mel dos tempos antigos, e os do nosso tempo; e que sempre sempre todas as abelhas assim trabalhárão; e tambem vejo que em toda a parte do mundo são as colmeas semelhantes entre si. Duvidais disto?

*Commend.* Não posso.

*Theod.* Ouvi-me agora attento, e vede que resposta se póde dar a este discurso. Esta perfeita semelhança entre os favos de mel de *todos os tempos*, e tambem de *todos os climas*, será por ventura effeito do puro *Acaso*? Póde isto pensar-se? Reflecti bem.

*Commend.* He loucura maxima, e o maior dos disparates dizer que casualmente acontece huma tão perfeita, e miudissima semelhança em todos os tempos, e em todos os lugares.

*Theod.* Bem está: logo toda esta semelhança procede de causa *Intelligente*, que di-

ri-

rigio todas as obras, para as fazer segundo huma mesma idéa. Se esta semelhança não he do *Acaso* (como dissestes) he nascida de causa *Intelligente*. Notai agora: *de causa Intelligente*, que presida a *todos os tempos*, e a *todos os lugares*; por quanto só assim faria huma uniformidade nas obras de todos os tempos, e de todos os lugares. Tomai bem o pezo a esta illação.

*Commend.* Não a posso negar, por mais que queira.

*Theod.* Ora qual he esta *Causa Intelligente*, *que presida a todos os tempos*, *e a todos os lugares*? Qual he senão o Creador? Accrescentai o que já dissestes, que as abelhas nunca souberão o que suas avós obrárão, nem o que fazem suas irmans, dez leguas longe. Logo esta semelhança que reluz nas suas obras, não he industria dellas, mas sim he do Creador que lhes deo a natureza que ellas tem, a qual he em todas a mesma; e por isso sahem as mesmas obras, em todos os tempos, e em todos os lugares.

*Commend.* Estou pasmado do vosso modo de discorrer, que me prende, por mais que eu vos queira fugir.

*Theod.* Fallemos agora das obras dos homens,

mens, nascidas não da sua natureza cega, mas do seu entendimento industrioso; em todos vereis huma variedade summa, ainda nas que se dirigem ao mesmo fim. Em buscar e preparar o alimento, que variedade! No modo de vestir, para evitar as inclemencias do tempo; no modo de fabricar casas, que nos defendão das chuvas e ventos; no modo de navegar, que pasmosa variedade não vemos! A razão disto he: como cada homem he o que determina o sustento que quer, e o modo de vestir a seu gosto; e como ha-de habitar na terra, ou navegar pela agua, sahem idéas multiplicadas, e jámais achareis nas acções dos homens perfeita uniformidade, porquanto são varios os Authores que dirigem estas obras. Nos brutos porém de qualquer especie que sejão, ha huma perfeitissima uniformidade, porque ha hum unico Author dessas obras. Reflecti bem nisto, que esta razão tem mais pezo, do que á primeira vista parece.

*Commend.* Não vos pareça que deixo de lhe dar todo o valor que ella tem.

*Theod.* Vede agora a differença que vai de alma a alma: a alma do homem por si só discorre, pensa, e escolhe; ora huma cou-

cousa, ora outra; e por isso inventa cousas novas, que nunca ninguem teve no pensamento; e a alma dos brutos vai sempre na mesma carreira, que a sua natureza lhes prescreve; e isso com summa habilidade, e industria; porém fóra disso nada espereis delles. Donde se colhe manifestamente que o juizo, discurso, industria que nas suas acções apparece, não he delles, mas do Creador: bem como toda a industria, e habilidade, e pasmosa connexão dos movimentos de hum relogio, não vem do juizo que elle tenha, mas sim do juizo que teve o relojoeiro que o fez: e por isso fóra de dar horas, e tocar certos minuetes, nem huma nota de musica dá, nem outro movimento que lhe peção, além dos que lá estão postos nas rodas.

*Baron.* Dai-me licença que vos conte huma historia galante, que me contárão ha dias, e vem a ponto. Tratava-se da grande habilidade dos bugios que nos vem da America, e me contárão o modo com que os apanhavão no mato, a pezar da sua extrema ligeireza. Pégão em hum *Coco*, e com a serra lhe cortão huma talhada estreita, como se fosse huma melancia, e dentro lhe bótão milho, ou algumas

ou-

outras ſementes de que elles goſtem. Quando os macacos pégão no coco, que de propoſito lhes deixão pelo mato, mettem a mão pela fenda, e achão milho, e com goſto o agárrão com huma mão cheia; querem tiralla para fóra, não lhes cabe a mão naquella figura, porque entrou vaſia, e eſtendida, não póde ſahir cheia, e fechada; pois são tão faltos de diſcurſo, que não querem largar o milho que tem fechado na mão, e levão arraſtros o coco, e os apanhão deſte modo. Eſtava aquella trapaça armada fóra dos perigos que lhes tinha acautelado a Natureza, e acabou-ſe-lhes o juizo.

*Theod.* O homem que tem juizo ſeu, que o volta, e diverſifica como as circunſtancias pedem, zomba da força, da induſtria, da velocidade dos brutos, e de todos ſe vem a ſenhorear; porque elles além do que eſtá lá diſpoſto nos ſeus orgãos pelo Author da natureza, nada tem de novo; e por ahi os logrão os homens, e fazem delles o que querem.

*Baron.* Eſta circunſtancia do homem inventar o que a ninguem jámais lembrou, prova que elle tem na alma eſſa paſmoſa propriedade, que chamão *Entendimento*, o que nunca vimos nos brutos.

*Com-*

*Commend.* Com que vós, meu amigo, negais que a alma dos brutos ſeja a que diſcorre, e proporciona os ſeus meios com os fins, e que os dirija com tanta ſagacidade! Então de que lhes ſerve a ſua alma? Que differença tem hum cavallo morto de hum cavallo vivo? Os orgãos que elle eſtando vivo tinha no ſeu corpo, lhe ficão quando morre; e porque não faz então as meſmas operações que fazia em vida?

*Theod.* Eſtimo a réplica, meu amigo, para acclarar mais eſte ponto. Em toda a máquina que ha, quer da Natureza, quer da Arte, ha dous principios dos ſeus movimentos: hum he o principio *Movente*; outro he o principio *Dirigente.* Nos artificiaes me explico melhor. Nos relogios o principio *movente* he o pezo, ou a *mola real*; mas o principio *dirigente* he o relojoeiro, que de tal fórma proporcionou a força da *mola* quando ſe deſenrola, ou do pezo quando vai cahindo, com os carretes, e rodas, &c. que faz os movimentos que elle quer. O meſmo ſuccede nos *Moinhos*, quer de agua, quer de vento, quer de beſtas; que o principio *movente* são a agua, o vento, ou mullas, principio cego, que ſem juizo

zo algum, temperado e proporcionado com os carretes, e rodas, e tudo o mais produz movimentos concertados; mas o artifice que fez o *Moinho*, ou qualquer máquina, he que tem precisão de juizo, e muito juizo, para proporcionar o movimento cego do vento aos fins ordenados que se intentão.

*Commend.* Até ahi percebo bem.

*Theod.* Vamos agora ás máquinas da Natureza, que são os animaes. O principio *movente* he o seu sangue, ou melhor os *espiritos animaes* tirados do mais espirituoso sangue; estes espiritos são os que fazem todos os movimentos, tanto nos brutos, como nos homens; com a differença, que nos brutos só Deos he o Principio *dirigente*; e este he o que proporcionou a força dos musculos, e espiritos animaes, temperados, e modificados com os orgãos, que Deos lhes formou, proporcionados digo aos fins que o Senhor intentava. Morto o cavallo, se evaporárão os espiritos animaes, e se desordenárão os orgãos; porque a morte desordenou, e acabou tudo. Assim como quebrada a *mola real* no relogio, tudo parou, ou tambem tirado o pezo, &c.

Nos homens porém ha esta differen-

ça,

ça, que em certos movimentos involuntarios, como são os do coração, os da respiração, e mil outros, que não dependem da nossa vontade, a causa movente (que são os *espiritos animaes*) obra sempre, quer durmamos, quer estejamos acordados, quer queiramos, quer não queiramos; porém nas acções voluntarias, a nossa alma he que encaminha a causa movente para os fins que nós queremos. O que Deos faz nos brutos como Creador, fazemos nós mesmos como senhores das nossas acções. Nós he que pensamos, discorremos, escolhemos, e fazemos ora isto, ora o contrario, conforme os fins que queremos. O principio *Dirigente* em nós he a nossa *alma*, o nosso *entendimento*, e a nossa *vontade*.

Tanto assim, que até em nós os movimentos rapidos, e como chamão *primo-primos*, são indeliberados, e procedem dos espiritos animaes, e orgãos, assim como nos brutos; ahi não entra senão o principio *Dirigente*, que he o Creador, porque nisso somos como os brutos. Deos ordenou todos esses movimentos que não dependem de nós, do mesmo modo no homem, e nos animaes; porém no que está sujeito á nossa vontade,

de, o principio *Dirigente* he a noſſa alma, o entendimento, e a vontade.

*Commend.* Agora entendo bem, hei-de meditar niſſo de vagar, porque he a primeira vez que entendi iſſo bem.

*Baron.* Tambem a mim me cuſtou, meu Primo, a accommodar-me á doutrina de Theodoſio; mas fiquei de todo convencida; e ha poucos dias me confirmei pelo que ouvi a minha mãi, que já ſabeis he Senhora de juizo. Tinhamos nós ouvido hum Prégador que nos encantou; tinha elle huma fraſe pura, huma linguagem decente, pinturas viviſſimas, hum nervo paſmoſo no ſeu diſcurſo, huma energia rara na ſua perſuasão, e fiquei fazendo conceito do Prégador que era homem raro. Porém minha mãi, que ouvio os meſmos louvores, ſurrindo-ſe, me diſſe: Eſte meſmo homem já o tenho ouvido tres vezes, e era bem differente, liguagem impropria, palavras pompoſas, mas que nada dizião, hum diſcurſo frivolo, muitas ridicularias nas frazes; emfim tudo máo: em todas as tres vezes que o ouvi, era aſſim; agora eſte Sermão certamente não era ſeu; porque ſe o foſſe, não diria nos outros tanta parvoice. Lembrei-me logo do que

vós,

vós, Theodosio, me tinheis ensinado ácerca da alma dos brutos, e disse: Bem diz o meu Mestre, que se as obras dos brutos nascessem de juizo proprio, havião de mostrallo em todas as outras obras que lhes pedissem: o que não fazem. Cõmo porém os homens em todas as obras que fazem, inventão cousas novas, mostrão, e provão que esse juizo he seu. Perdoai, meu Primo, a digressão.

*Commend.* Não lhe chameis *Digressão*, mas *confirmação.*

*Theod.* Passando agora os olhos pelas obras de entendimento dos antigos, e dos modernos, se manifesta qual he a força de Invenção que tem o nosso entendimento. Vivem os passaros n'uma região inaccessivel aos homens, lembrou-lhes trazellos mortos á sua meza para regalo: lembrou, e taes traças deo o homem que o conseguio. Do mesmo modo lembrou medir os Planetas, examinar as suas distancias, e de alguns até pezar as suas massas, adivinhar os seus Eclipses, &c. Lembrou-lhes, e conseguírão tudo o que quizerão. Nada disto fizerão os antigos, tudo foi invenção do nosso entendimento.

*Commend.* A verdade he, que nós vemos hoje praticadas idéas, que nunca veio ao pen-

pensamento que se pudessem realizar. Os peixes vivem n'uma região vedada aos homens, sobpena de morte; e os miseraveis são obrigados a vir servir de pasto aos homens, de quem elles tinhão razão para se julgarem bem livres; e contudo alli vem ou mortos, ou vivos servir-lhes de regallo.

*Baron.* Tudo invenção dos homens; porque os que vivêrão nos primeiros seculos, nunca provárão peixe grande. Agora o que sobre tudo faz pasmar, he que tivessem os homens atrevimento para pescar as Balêas, e servir-se de tudo o que ellas tem, sem que lhes valha nem a região que vós dizeis prohibida aos homens, sobpena de morte, nem a sua immensa corpulencia e força. Eu pasmo de que o entendimento humano ideasse modo e traça para nos senhorearmos dellas, e fazer da sua pescaria grande negocio.

*Theod.* Tudo he industria dos mesmos homens, porque he industria de *Invenção*. Nos brutos vemos industrias admiraveis para os seus fins, que o Creador lhes prescreveo, e pàra cuja consecução lhes dispoz os meios; mas não vemos nada de *Invenção*: estão hoje tão adiantados nas suas acções, como no tempo de Noé, por-

porque nada he ſeu, tudo ſe deve ao Creador; mas no homem pelo contrario, as acções voluntarias ſe devem ao noſſo entendimento, e vontade livre. Mas nós, Baroneza, já temos tratado iſto n'outro tempo, e agora nos temos demorado muito.

*Commend.* Mas não inutilmente, porque ſe tem aqui debatido pontos, que não coſtumão tratar-ſe ſenão á ligeira. Vamos ao que querieis.

## §. VI.

### *Da noſſa vontade livre.*

*Theod.* AGora ſegue-ſe tratar das obrigações que deve o homem a Deos, por lhe dar a *Vontade livre*, com pleno dominio ſobre o querer, ou não querer. Poucas peſſoas tomão o trabalho de reflectir filoſoficamente ſobre a precioſidade deſte Dom de Deos. A joia do entendimento, e eſta ſemelhança do homem com Deos, he na verdade couſa bem precioſa; e além diſſo o não ſe ter até agora achado limite á noſſa intelligencia; pois que cada dia conhecemos que o noſſo entendimento ſe adianta em mui-

muitas partes, e ainda isso augmentão a semelhança com a Divindade, que he absolutamente infinita. Contudo, eu prefiro a joia preciosissima da *Liberdade*, e este absoluto dominio da vontade sobre o *querer*, ou *não querer*.

*Baron.* Os homens caprichão do seu Entendimento; mas nós-outras as mulheres da Vontade livre he que caprichamos.

*Commend.* Quer com razão, quer sem ella.

*Baron.* Sim, sim; disso nos jactamos. Vós-outros, por maior que seja o vosso entendimento, sois escravos da razão; só julgais bom o que he bom, e só condemnais por máo o que na verdade he máo. O vosso entendimento não he senhor; porque o mais delicado juizo he hum mero *escravo da Verdade*: porém a vontade livre sempre he *Senhora*, e senhora absoluta. Se dizemos *não*, venha quem vier, ninguem póde obrigar a *liberdade* a que diga *sim*. Venha cá o mais agudo entendimento, e fórme discursos eloquentissimos, a vontade se não quer, diz: Seja tudo isso muito embora como lá quizerem, eu digo que *não*. Venhão *rogos*, e preces importunas, *não*; venhão premios, interesses, favores, digo que *não*: se se atrevem a fazer ameaços, castigos,

trabalhos, ainda he peior; ora digo que *não.* Empenhem-se os Soberanos, os inimigos, os barbaros, digo que *não*, *não*, *não.* Ronquem as Nuvens com trovões, abrão-se os Ceos com relampagos, pareça que em pedaços cahem sobre a vontade as abobadas do Firmamento, disse que *não*; e dizendo *não*, ha-de espirar nas ruinas: o seu *não* será o ultimo suspiro; podem queimalla, e reduzilla a cinzas, ou ao nada; mas vencella, e dominalla, isso não. Ora já ninguem lhe falla no ponto, de repente diz que *sim*, sem que ninguem lho peça: e porque? *porque quero*; e tem dito tudo, *quiz*, porque *quiz*: não me perguntem mais porque: *quero*, porque *quero*.

*Commend.* Ninguem pinta mais ao vivo huma Senhora teimosa.

*Baron.* Teimosa sim; porém *Senhora*. Esse defeito moral, que eu não louvo, he perfeição fysica, e real, porque prova hum *Dominio*, hum absoluto *Despotismo* da vontade humana sobre as suas deliberações; e deste Despotismo absoluto, confesso a verdade, nós as Senhoras mulheres somos mais caprichosas.

*Theod.* Vós, Baroneza, com essa ultima reflexão poupastes o que eu tinha que dizer;

zer: porque a teima ſim he imperfeição *moral*; mas he perfeição *metafyſica*. O ter faculdade para poder teimar, ſem que força eſtranha poſſa diſputar-lhe o direito de *querer*, ou *não querer*, he huma couſa Divina: de fórma, que eſte *livre Alvedrio* he huma perfeição, que ſómente a achareis na *alma*, e *em Deos*.

*Commend.* Confeſſo que he joia precioſiſſima; e nunca lhe tinha avaliado tanto a ſua precioſidade paſmoſa.

*Theod.* E quem nos fez, meu amigo, eſte tão grande preſente? Quem ſenão o Creador? Que agradecimento lhe não devemos dar por hum tão grande beneficio? Dar-nos olhos, e ouvidos, e os mais ſentidos do corpo, quem duvída que he beneficio grande, vendo nós tantos cegos, ſurdos, coxos, &c. Dar-nos entendimento, he graça muito maior, vendo tantos tontinhos, e mentecatos; porém dar-nos *vontade inteiramente livre*, e ſenhora tal, que ninguem lhe póde diſputar o ſeu alto dominio ſobre o *querer*, ou *não querer*, he couſa mais alta; e por conſeguinte que pede maior reconhecimento, e gratidão maior.

*Baron.* Pede; mas o peior he que Deos o não conſegue da maior parte dos homens,

mens, pelo que eu vejo. Tende paciencia, meu Primo, que não pude reprimir esta reflexão, posto que não tenha o caracter de Prégador.

*Commend.* He bem justa.

*Theod.* Mas agora faço eu outra reflexão sobre esta da Baroneza. Attendei-me. Deos quando deo ao homem a *Liberdade* de que temos fallado, tambem lhe deo a *Luz da Razão*, que lhe infundio no entendimento, para que a dirigisse em todas as acções. Disto não se duvída.

*Commend.* Não por certo.

*Theod.* Ora bem. Vede agora a acção de Deos, a mais generosa que jámais lembrou a ninguem: „ Eu te dou (diz Deos) „ eu te dou essa *Luz da Razão*, que „ he hum pequeno raio da minha *Razão Eterna*, em ordem a que acertes nos teus passos: e tambem te dou „ o *Dominio absoluto* sobre as tuas acções: faze o que quizeres; não te prendo, e dou-te o soccorro dos teus membros do corpo, e dos teus sentidos, „ para executares o que quizeres; e ainda consentirei que desprezes a minha „ *Luz da Razão*, e os *meus preceitos que nella te dou*: tens liberdade „ para os *respeitar*, ou para os *desprezar*,

„ *zar*, não obstante que sejão meus. Fa-
„ ze o que quizeres, que para isso te
„ faço *senhor*. Agora quero ver o uso
„ que fazes dessa liberdade que te dou,
„ porque depois eu farei o que for jus-
„ to: vai. „ Não vos parece que isto
he o que se passa entre Deos, e o homem, quando o manda a este mundo? Não vos parece esta falla digna da grandeza de Deos?

*Commend.* Eu quizera resistir a esse discurso, para mim inteiramente novo; mas não posso.

*Theod.* Dar Deos ao homem *plena liberdade* até para não fazer caso do que Elle lhe manda, he huma cousa absolutamente pasmosa.

*Baron.* Que generosidade! Mas que agradecimento pede isto, meu Primo?

*Commend.* Pede huma pontualissima obediencia á *Lei suprema*, que o Creador nos deo.

*Theod.* Esta he a consequencia que eu queria tirar do que temos dito, meus amigos. Por isso mesmo que Deos he tão bizarro, e guapo, e generoso, que não quiz nem beliscar nesse Dom da *liberdade* que nos dava, nem exceptuar as acções que elle prohibia, obriga o homem

ra-

racionavel a ser summamente delicado na inteira obcdiencia á sua *Lei da Razão*, que he Lei suprema.

*Commend.* Estou convencido ; e tenho por absurdo o que muitos dos meus livros querem persuadir do contrario; e que Deos se não embaraça cá com as nossas acções.

*Baron.* Meu Primo, vós discorreis agora em paz, e sem esse espirito de libertinagem, e ligeireza, que brilha em todos esses vossos Filosofos ; e o que vos succede nisto, vos acontecerá em tudo o mais, porque a verdade tem muita força sobre hum animo candido, e entendimento sem prevenções sinistras. Vós bem vedes como Theodosio discorre; não faz senão mostrar principios certos, e deduzir consequencias naturaes.

*Commend.* Mas tem huma tal arte, que prende, e quer hum homem queira, quer não queira, fica convencido. Vamos, Theodosio, continuando; e se vos parece, Baroneza, como poderão vir visitas a vossa Mãi, vamos passear ao Bosque, em quanto Theodosio não acabar, e depois voltaremos.

*Baron.* Approvo, e já vejo que gostais da conversação comnosco, mais do que das sem saborias de visitas. Vamos, Theodosio.

§. VII.

## §. VII.

### *Que todo o homem deve ter Religião.*

*Theod.* SEntemo-nos aqui, que he sitio abrigado, e ao mesmo tempo ameno; recreão-se os olhos, e o entendimento socegado discorre muito melhor.

*Baron.* Esta pasmosa harmonia entre o corpo, e a alma, faz que estando huma destas substancias em socego, a outra trabalha melhor. Que mais tendes, Theodosio, que dizer neste ponto?

*Theod.* Supposto o que está dito, tiro huma consequencia importante, e he, que *todo o homem deve ter Religião.* Parece escusada esta consequencia depois do que temos tratado; mas convem tratar este ponto mais radicalmente, porque o Senhor Commendador ha-de encontrar muitos dos seus Filosofos, que não concordaráõ com o que aqui está assentado.

*Commend.* Gostarei de levar armas para me defender. Mas haveis de dar licença para eu dizer francamente o que os meus livros dizem. Eu não digo que os siga em tudo; mas fallando agora aqui como elles fallão, verei o que vós respondereis,

e

e fico instruido ; e vós , Baroneza , não vos espanteis , que eu não sou tão máo , como talvez vos pareça , digo o que os meus livros dizem.

*Baron.* Sem se descubrir huma chaga , não se póde curar , dizei o que quizerdes , que Theodosio vos attende.

*Commend.* Os meus livros dizem , que assim he que todo o homem deve ter *Religião* ; mas que esta Religião he reconhecer hum *Ente supremo* , *Creador de tudo isto que vemos* ; o qual imprimio , como Theodosio disse , na nossa alma a *Lei natural* , *que todos devemos seguir* , e que nisso o devemos respeitar , e adorar ; e nada mais querem.

*Baron.* Bem barato vos fazem o caminho do Ceo.

*Commend.* Isso lá do Ceo , minha Prima , he cousa entre elles de riso ; porque não querem que a alma dure depois que o corpo morre ; posto que disso já eu estou desenganado ; mas agora só fallo pela boca delles.

*Baron.* Mas essa adoração do Ente supremo , Creador de tudo o que se vê , que casta de culto pede , e que ceremonias ?

*Commend.* Nada , nada : devemos adorar a esse Ser supremo no nosso coração ,

ado-

adorallo em *Eſpirito*, e *Verdade*. Lá as çeremonias externas não valem nada; porquanto adorallo como o Judeo na Synagoga, ou como o Mouro na Meſquita, ou como o Gentio no Pagode, ou como o Chriſtão na Igreja, tudo he o meſmo. Aſſim como no dia de Beija-mão, tanto vale levar hum veſtido verde, ou azul, ou encarnado, com tanto que ſeja rico, e de gala, he o meſmo obſequio ao Soberano.

*Baron.* O que ahi vai!

*Theod.* Meu amigo, convem ir diſcutindo eſſas couſas pouco a pouco; e para não eſquecer eſſa comparação do veſtido, reſpondo: que a côr não faz nada ao obſequio do Soberano, o qual ſómente quer eſſa demonſtração de alegria no dia dos ſeus annos, ou couſa ſemelhante. Mas ſe hum neſſe dia de Beija-mão ora obſequiaſſe o Soberano, ora fizeſſe a Corte a hum Camariſta, ora a hum lacaio, ora a hum ladrão que ahi eſtiveſſe, o Soberano porventura goſtaria? ou ſer-lhe-hia o meſmo que ſe os obſequios foſſem feitos a elle, ou a qualquer outro?

*Commend.* Certamente não: os obſequios a qualquer outro lhe ſerião huma grande offenſa.

*Baron.* Licença para rir, meu Primo! eſta-

tais apanhado miseravelmente. Ora concluí, Theodosio.

*Theod.* O Judeo abomina a Jesu Christo, que o Christão adora. O Gentio venera hum bode, quando o Christão adora o Deos, que creou os Ceos, e a Terra. O Mouro adora o seu Profeta, inimigo de Jesu Christo, &c. Logo como póde ser indifferente para esse *Ser supremo*, o adorallo a Elle, ou a hum *bode*, ou *cabra*, ou ao *Sol*, ou ás obras de suas mãos, ou a seus inimigos, sendo-lhe devida a Elle toda a adoração! Com que vamos ao mais que vós dizieis, que á comparação do vestido está respondido plenamente.

*Baron.* Com licença, meu Theodosio; e como respondeis vós, meu Primo, a pôrem os vossos amigos sobre o throno da Cathedral em París huma mulher de carne, viva como qualquer outra, e dizerem publicamente, *vós sois Deosa*; e poucos tempos depois cortarem-lhe a cabeça? Tambem isto he indifferente para o Ser supremo? E valem o mesmo essas sacrilegas adorações a essa infame mulher; ou as que ahi se davão antes ao Deos verdadeiro? Consultai os vossos Filosofos, e vede o que respondem.

*Com-*

*Commend.* Não nos lembremos disso : foi huma loucura , e frenezi. Vamos nós, Theodosio, ao que querieis dizer.

*Baron.* Peço licença. Antes de tudo quero que vós , Theodosio , me expliqueis claramente que entendeis vós por isto que chamais *Religião* ?

*Theod.* Entendo o *culto , e adoração ao Ser supremo.* Ora este culto nasce de *hum conhecimento da sua suprema superioridade , e de hum reconhecimento da nossa obrigação.* Vamos por partes. Primeiramente para nós darmos culto a alguma cousa , he preciso crer que ella he superiora a nós ; por conseguinte só crendo na infinita superioridade de Deos , he que lhe podemos dar este culto. Além disso , he preciso reconhecer em nós obrigação a este Ser supremo para lhe *darmos culto* ; porquanto se houvessem por impossivel dous Deoses , e nós pertencessemos a hum delles , haviamos de ter estimação do outro pela sua Divina perfeição ; mas como não tinhamos nada com elle , não tinhamos obrigação de lhe dar *culto , nem adoração* ; logo , meus amigos , isto de *Religião* pede duas cousas : huma he *crer em Deos huma superioridade , e perfeição summa* ; outra he *reco-*

*conhecer em nós o agradecimento, e obrigação que lhe devemos.* Quanto ao crer superioridade em Deos que nos creou, he escusado persuadillo, porque a nossa mesma existencia o persuade; porquanto o homem não se podia fazer a si mesmo. Ora quanto á obrigação de agradecer esta mesma existencia que Elle nos deo, he bem notorio á *Luz da Razão*, por pequena que ella seja.

*Commend.* He injuria do homem, e da sua razão o querer provar-lhe isso; porque he suppôr que ou o nega, ou o ignora.

*Theod.* Vamos agora ao *Culto* que se lhe deve dar em testemunho da nossa estimação, e agradecimento, e inferioridade, que a Luz da Razão prova.

*Commend.* Ahi he o caso; porque os meus Filosofos dizem que a Deos nada disso importa, por ser Elle infinitamente feliz, e serem as nossas adorações ridiculas por ordem á sua Grandeza infinita.

*Theod.* Vou a responder a isso. Deos não quer os nossos cultos, porque tenha precisão disso. He feliz por si mesmo, com felicidade infinita, e assim as nossas adorações não lhe servem a elle para lhe augmentar a sua gloria. Isso era ser Elle pobrissimo, se com os nossos cultos

(que

( que nada valem ) elle creſceſſe em gloria. Mas Deos quer os noſſos cultos, porque quer tudo o que he razão. Nem póde deixar de o querer.

*Commend.* E por que não póde Deos deixar de querer tudo o que he razão? Tambem ſou eſpeculativo: quero a razão de tudo.

*Theod.* Porque a noſſa *Luz da Razão* poſta por Deos no noſſo entendimento he hum raio da *Razão Eterna de Deos*. O Creador não póde pôr no noſſo entendimento huma *Luz*, ou huma *Voz* contraria ao que Elle quer, e approva. Era iſto huma grande imperfeição em Deos. A ſua *Razão Eterna* dizer huma couſa, e pôr-nos em nós huma outra razão, que diſſeſſe o contrario, não póde ſer. Por iſſo digo, que a noſſa *Luz da Razão* he hum pequeno raio da *Razão Eterna de Deos*, a qual he ſummamente recta. Duvidais diſto?

*Commend.* Não duvido; mas quiz levar o ponto com todo o rigor. Continuai.

*Theod.* Bem eſtamos. Ora Deos nas obras maravilhoſas que fez, nunca obrou como tonto, ſempre obrou com ſeu fim; e por iſſo em tudo proporcionou os meios com os fins que intentava. Fez os olhos para a

luz,

luz, e cores, e objectos visiveis: fez os ouvidos para a voz, a harmonia, e a Musica, &c. E para que faria o homem com tanto apparato, como temos tratado, apparato nos Ceos, apparato no Globo da terra, apparato no corpo organico, e maravilhoso, e sobre tudo para que fim lhe deo o *Entendimento* que conhecesse, e reflectisse nas cousas, e *Vontade* capaz de obrar livremente? Para que fim seria tudo isto? Notai, que este fim havia de ser racionavel, e fim digno do Juizo de Deos. Ainda mais. Para que fim lhe deo no entendimento huma propensão para a *Verdade*; e na vontade huma inclinação para o *Bem*, quer seja o *Bem absoluto*, quer seja o *Bem de utilidade*? Tudo isto poz o Creador na alma do homem. Dizei agora, amigos, com que fim fez o Creador tudo isto? Em todas as obras de Deos se acha huma bellissima harmonia entre os meios, e os fins a que elles se dirigião: tudo o que Deos fez he huma especie de Relogio, em que a mutua harmonia de peças com peças faz a formosura da obra toda, e o louvor do Artifice: logo o mesmo ha-de haver nesta famosa obra da creação do *Homem*; para o qual (já vos mos-

mostrei isto) para o qual Deos tanto tem feito na Fabrica dos Ceos, e na redondeza da Terra, e na construcção maravilhosa do nosso corpo, e dotes da alma. Acaso obrou Deos sem fim n'uma obra de tanto estudo? (permitta-se esta expressão.) Seria acaso este fim, para que o homem comesse, bebesse, passeasse, e fizesse de si o que quizesse? Sem mais lei, nem ordem? E para que foi o dar-lhe juizo para o conhecer a Elle, e saber que da sua Mão he que lhe veio tudo? E para que foi dar-lhe propensão na vontade para gostar do *Bem*, e conhecimento da sua *Grandeza*, e *Perfeição*, e sua *Amabilidade*, *Generosidade*? &c. Sem dúvida que foi para que Elle adorasse a sua *Grandeza*, estimasse as suas *Perfeições*, amasse a sua *Bondade*, merecesse a sua *Generosidade*, &c. Não he este o fim unico que faz harmonia com os meios que Deos poz nesta sua obra? Não he este fim summamente conforme á sua *Razão Eterna*? Não he bem digno de Deos?

*Commend.* Não o posso negar; porque ou havemos de dizer que Deos fez esta grande obra sem fim; e isso he hum absurdo inadmissivel; ou que Deos o fez com este fim.

*Theod.*

*Theod.* Logo o homem foi creado para adorar a Deos, obedecer a Deos, amar a Deos, e servir a Deos. Ora isto he que se chama *Religião.*

*Baron.* Vedes, meu Primo, como as cousas de que os vossos Filosofos zombão, são as mais bem fundadas na *Boa Razão!* Se os vossos *Filosofos* fossem verdadeiramente Filosofos, não serião incredulos, nem ímpios, como elles são. Mas eu vejo que não se levão senão de huns falsos brilhantes da primeira apparencia; e sem mais reflexão partem, porque lhes faz conta isso que abração; mas se reflectem com sinceridade, vem que *nem tudo o que luz he ouro*; e que em lugar de hum diamante precioso, se achão com hum pedaço de vidro quebrado, que dando-lhe hum certo geito luzia, mas que em si não vale nada.

*Commend.* Vós tendes especial geito para Prégador, minha Prima; se tomasseis esse emprego, muita gente converterieis. Eu era o primeiro que me não tirava dos vossos pés, e ficava logo convertido.

§. VIII.

## §. VIII.

### *Que a Religião do Homem deve ser culto de Estimação, Rendimento, e Obediencia.*

*Theod.* SUpposto, amigos, que Deos tem obrado em nós, e para nós o que temos dito, e com o fim de que lhe demos culto, convem entrar na individuação deste *Culto*, e saber em que consiste. As perfeições que Deos nos tem mostrado, que acompanhão a sua Divina Natureza, nos obrigão o nosso entendimento a huma Estimação summa. (Reparai, Baroneza, se este discurso vai pelo tom filosofico, de que vós gostais.) Deos deo ao nosso entendimento huma propensão para gostar da *Verdade*, e approvar o *Bem*: deo-nos na vontade huma propensão para gostar do *Bem*; e á nossa alma huma força para amar tudo o que he *perfeição*. Isto supposto, Deos faz ao nosso entendimento hum maravilhoso apparato, e ostentação das suas perfeições summamente grandes, e pasmosas. Ora para que he isto? senão para que *estimemos nelle huma perfeição summa*.

*Baron.* Que cousa mais evidente, meu Theodosio! Creou Deos a luz, pintou as cores, formou os nossos olhos; e se nós perguntarmos, para que fez isto? Quem haverá que duvide que fez isto, para que os olhos vissem a luz, e as cores; o mesmo dizeis vós no nosso caso.

*Commend.* Não vos canceis mais nisto que he patente.

*Theod.* Logo o *Culto* que devemos a Deos he de *summa estimação.*

*Commend.* Concordo.

*Theod.* Vou continuando. A Grandeza de Deos, o seu Poder, e Magnificencia sem limite, patenteando-se á nossa alma, para que he, senão para lhe inspirar *submissão*, e *respeito.* Esta grandeza de Deos e Poder não he para nós cousa indifferente, e que não nos obrigue a nada, como seria a hum Portuguez, v. g. n'um canto da Europa, a magnificencia e poder do Imperador da Russia na outra extremidade della; mas he *Poder*, e *Magnificencia*, e *Grandeza* de quem nos creou, e do Senhor de quem depende a nossa conservação, e vida, &c. He impossivel que a alma conheça isto, e a *Razão Eterna de Deos* lhe não diga que de-

deve *Rendimento*, *sujeição*, e *obediencia* a quem lhe fez tanto bem, e de quem depende para tudo.

*Conimend.* Vós levais o vosso discurso com tanta especulação, e metafysica, que eu me atrevo a fazer-vos réplicas, ainda que eu não duvide. Isso da obediencia a Deos suppõe que Deos põe preceitos ao homem; e como provais vós isso?

*Theod.* Esta voz interna, que todo o homem sente em si; que ora o louva, approvando o que fez, ora o reprehende, condemnando o que tem feito, de quem he? Dos outros homens, não; da nossa vontade, não; porque nos condemna, reprehende, e não cessa de reprehender, por mais que nós nos cancemos em a fazer calar; grita, clama, condemna, e a pezar de mil discursos que fazemos para a convencer, he escusado. Logo he de Deos, ou da *Razão Eterna* de Deos, cujo raio formou em nós o que chamamos *Luz da Razão*, (segundo o que já tenho dito.) Logo se esta Luz da razão he a *voz de Deos*; e esta *Luz da Razão* nos manda fazer, ou não fazer tal e tal acção, que dúvida póde haver que o nosso Creador nos tem dado *Preceitos*; e que por conseguinte o respeito, e submissão que

devemos ao noſſo Creador he *culto de Reſpeito*, *e de obediencia.*

*Baron.* Meu Theodoſio; crede que meu Primo eſtá convencido; e ſó para vos obrigar a diſcorrer, he que quiz replicar.

*Commend.* O que eu tomára que vós me provaſſeis he ſe eſſe *Culto* a Deos (ſeja, ou não ſeja de *ſujeição*, e *obediencia*) ha-de ſer tambem *Externo*; porquanto como Deos he Eſpirito puro, parece que ſómente deſeja *adoração*, *culto*, *e obediencia* na noſſa alma, que tambem he eſpirito. Aſſim como dos Anjos não quer ſenão adoração em *eſpirito*, *e verdade.*

## §. IX.

### *Que a Religião do Homem pede culto externo a reſpeito de Deos.*

*Theod.* CONcordaria comvoſco de boa vontade, ſe o homem foſſe (como os Anjos) eſpirito puro; mas como no homem ha huma alma, que he eſpirito, e tambem hum corpo ſenſivel, governado pela alma, deve o homem render vaſſallagem a Deos com tudo quanto tem, porquanto tudo recebeo da Mão de Deos. Vamos por partes.

Eſſe texto que vós tocais da noſſa Eſ-

Escritura, em que Deos (1) diz, que *aquelles que o adorão, convem que o adorem em espirito, e verdade*, quer dizer que o Creador não se contenta com *adoração sem espirito*, *nem com adoração mentirosa*, como seria se adorassemos a Deos do modo que saudamos os homens; isto he, por mero cumprimento, inclinando diante delles o corpo, quando os desprezamos no nosso animo; ou *beijando talvez a mão, que desejariamos ver cortada*; *e abaixando a cabeça a quem desejariamos ver por terra.* Isto he adoração mentirosa, e sem espirito: estas adorações não quer o Senhor: com que Elle diz que as quer *com espirito*; mas não diz que as quer *só com o Espirito.* Fique pois isto explicado. Agora vamos ao ponto da Questão.

*Commend.* Esse he que eu desejo ver tratado solidamente.

*Theod.* O homem tem alma, e tem corpo: ambas estas cousas são creaturas de Deos, dadas ao homem para seu serviço, em quanto vive. Ora recebendo o homem de Deos estas duas cousas, cada huma dellas summamente estimavel, como já vos mos-

(1) Joan. 4. 24.

moſtrei, não vedes que he bem conforme á razão que com ambas ellas o adore, e reverencee, e lhe dê culto?

O Sol, a Lua, os Aſtros, as Arvores, &c. devem obedecer ao Creador, ſervindo-o nos miniſterios para que Elle os creou, e poz no Univerſo; mas eſta obediencia não he adoração, nem culto, porque são couſas inanimadas, e não tem intelligencia, nem vontade; o meſmo ſeria o noſſo corpo, ſe elle foſſe ſó, e não foſſe governado pela alma, que he intelligente, e tem vontade; mas a alma como recebeo o corpo para ſeu ſerviço, e o recebeo de Deos, deve dar a Deos culto, vaſſallagem, e agradecimento com as ſuas potencias, com o entendimento, vontade, &c. e tambem com o corpo que ella governa, e dirige, e do qual ſe ſerve, bem como o cavalleiro que recebe hum cavallo de preſente que lhe fazem, deve agradecello, ſervindo-ſe delle em obſequio do bemfeitor.

*Baron.* Meu Primo, vós eſtais forçando o voſſo entendimento para reſiſtir a huma razão mui clara. Vós não admittis differença do corpo do homem regido por huma alma intelligente ás pedras e páos, e mais corpos inanimados? Os corpos

in-

inanimados, que nem tem juizo, nem são governados por quem o tenha, não conhecem a Deos, nem o adorão, ſenão em certo modo, fazendo o que Elle lhes mandou, ſegundo as leis do Univerſo; mas o corpo do homem, governado pela alma, deve obedecer á alma, e a alma á *Razão Eterna de Deos*, ou á *Razão humana*, raio, ou eſpelho deſta Razão Divina, e render a Deos a devida vaſſallagem.

*Commend.* Nunca vi Senhora tão eſpeculativa como vós.

*Theod.* Além diſſo, meu amigo: O homem vive em ſociedade, e deve dar a Deos hum culto, que ſeja viſivel aos demais homens. Vós não podeis ignorar que em toda a ſociedade para bem della, ha-de haver huma certa uniformidade nas leis, e nos coſtumes. Ora eſta obrigação que cada hum dos homens tem de honrar a Deos, hé geral para todos; e ſendo geral para todos, he razão que o culto ſeja viſivel a todos; o que não póde ſer ſem ſer externo.

*Baron.* Perdoai-me, Theodoſio, que não poſſo ter mão no meu entendimento, que me eſtá pulando para convencer meu Primo. Ora dizei-me, Primo: Voſſo Irmão,

que

que he o Governador de *** se passando pela praça d'armas, visse que todo o povo, e soldados, e cavalheiros ficavão immoveis: huns com o chapeo na cabeça, outros de costas, conversando com os seus amigos: outros passeando com muito desembaraço, sem que ninguem paraisse a seu respeito, nem se descubrisse, nem lhe presentasse as armas, nem fizesse alguma mudança na sua postura, vosso Irmão ficaria contente, se lhe dissessem ao ouvido que todos no seu coração erão seus amigos? Ficaria contente com este obsequio puramente interno? Vós rides!

*Commend.* Rio-me dos argumentos que a vossa viveza me faz. Mas respondo que certamente não ficaria mui contente.

*Baron.* Pois o mesmo digo no nosso caso; nós vivemos em sociedade; convem que Deos receba do commum, e de todos a vassallagem, e obediencia, e respeito, que todos conhecem que se lhe deve. Continuai agora, Theodosio, e perdoai-me.

*Theod.* As leis communs de huma sociedade, meu amigo, devem ser observadas publicamente; porque sendo a obrigação notoria a todos, deve tambem sello á satisfação dessa obrigação, para que a *Lei*

*da Razão* não grite escandalizada. Que seria de qualquer sociedade, se cada qual no seu interior guardasse ás escondidas huma lei, mas no exterior ninguem o visse? Poderia haver uniformidade nos costumes, ou harmonia nos membros della? Sendo os homens cousa visivel, sendo as leis geraes para todos elles, he de necessidade que todos as observem visivelmente, aliàs indo cada qual para sua parte, que concerto, e que harmonia poderia haver no todo, quando nada houvesse de commum na observancia da lei geral? Ainda mais. He preciso estudar sobre a constituição do homem, para regular as suas obrigações para com Deos. As acções externas do corpo são uteis e convenientes para excitar no nosso animo os affectos internos, e invisiveis.

*Baron.* Dai-me licença, meu Mestre, que eu já percebo o vosso argumento, e quero-me divertir com meu Primo. Vós, Commendador, quando tomais nas mãos o Retrato de vossa Irmã valída, ou das pessoas que ternamente amais, com que ternura o vedes, com que affecto o chegais ao peito, com que carinho vos estais regozijando na belleza do seu rosto, na galantaria dos seus olhos, na gracio-

fi-

sidade da sua boca, na sua encantadora formosura, &c. Que differença sentis no vosso peito, que alvoroço na palpitação do vosso coração, que fogo no vosso amor? E quem fez isto, senão o tomar na mão o seu retrato? Muitas vezes basta o pegar n'uma fitta, que servio no cabello da vossa amada, ou em huma carta mal escrita, mas do seu punho, &c. já estais mudado. Accrescento, que se vós lhe fallais, se pronunciais o seu querido nome, se lhe chamais a vossa bella, &c. já todo o vosso interior está inflammado: e porque? senão pela harmonia que ha entre os affectos internos, e as acções exteriores.

Se vós pegais na penna nos dias de correio, e acabados os negocios, escreveis á vossa amada, e vos entretendes com finezas, e expressões carinhosas, por ventura o bico da penna bolio no vosso coração? Nada disso; mas he que estes movimentos externos excitão os affectos da alma. Logo se isto he na creatura para outra creatura, não será a mesma filosofia no culto dellas para com Deos? A prostração no Templo, a elevação dos olhos para o Ceo, o bater no peito quando se pede perdão, o pronunciar pala-

vras

vias de respeito, de amor, de obediencia, que ternos affectos não excitão no coração interno? Logo esse culto exterior he mui preciso, e muito util para o interior que todos confessão que devemos a Deos.

*Commend.* Oh minha Prima, parece-me que por alguma fresta observastes o meu coração; pois que tão propriamente pintasstes o que nelle se passa a respeito da minha Irmã, que tambem vos deve paixão!

*Theod.* Meu amigo, eu nada sei do que diz a Baroneza, fallei em geral; não me condemneis de malicioso. Mas eu como Filosofo quiz fazer reflexão sobre a mutua dependencia que tem a nossa alma, e o corpo, para mutuamente se ajudarem hum ao outro nos affectos, e movimentos; tanto assim, que até a fisionomia do rosto indica os affectos do coração; e pelo semblante de cada qual estamos vendo os affectos internos, que reinão no seu animo. Quem ha que vendo de longe hum homem com a côr do rosto mudada, os olhos accezos, os passos inquietos, os labios tremulos, as acções violentas, a boca espumando, não diga que tem huma grande cólera? Quem ha que en-

encontrando hum homem com os olhos eſpantados, côr pálida, ſemblante paſmado, palavras mal pronunciadas, paſſos inconſtantes, que ora vai depreſſa, ora pára, ora obſerva os ares, ora medita na terra, não diga que eſſe homem eſtá perto de enlouquecer? Do meſmo modo diſcorremos em outros caſos.

*Baron.* Ha peſſoas feliciſſimas em tirar pela fiſionomia do roſto o caracter da alma de cada hum; neſte conhecem o juizo, n'outro a patetice, neſte a malicia refinada, naquelle a candura do coração: já faliando entre nós as Senhoras, logo conhecemos quaes são os cuidados de cada huma, v. g. ſe tem paixão de amor, ſe padece a queixa de ciumes, ſe tem ſaudades, ſe tem coração frio; tudo conhecemos muito bem, e não ſe podem encubrir os affectos da alma a olhos femininos.

*Theod.* Ora iſto faz hum argumento evidentiſſimo; porque ſe tão ligados eſtão os affectos da alma, e ſentimentos do coração com as mudanças do corpo; tambem para nós darmos ao Creador aquelle culto interno que pede a ſua eſſencial Grandeza, e beneficios que lhe devemos, he razão ajudar-nos dos movimentos, e acções do

cor-

corpo no culto externo que para o interno concorre.

*Commend.* Acho-vos muita razão ; mas a mim fazia-me força para duvidar, antes que vos ouvisse o que lia da Grandeza de Deos a respeito da nossa vilissima miseria. Casualmente hontem á noite me emprestárão hum pequeno caderno, (1) em que se combatia esse culto externo por hum modo que me fez grande impressão. Farei por me lembrar das suas razões:

„ Deos he infinitamente superior ao
„ homem, nem tem necessidade do nos-
„ so culto; porquanto a adoração e cul-
„ to desta ridicula creatura, qual he o
„ homem, que lhe póde lá fazer á sua
„ gloria infinita? Quem somos nós *Ato-*
„ *mos* vís a respeito de sua ineffavel Gran-
„ deza, para que Elle do seu Altissimo
„ Throno se digne de olhar para nós,
„ e para se interessar nos nossos abse-
„ quios, e adorações? Que necessidade
„ tem lá dos nossos cultos, ou que lhe
„ importão as nossas palavras, os nos-
„ sos costumes, as nossas obras? Porven-
„ tura podem ellas alterar a sua paz,
„ diminuir a sua gloria, ou fazer a mi-
„ nima mudança na sua felicidade essen-
„ ci-

(1) *Histoire abregée des Religions du Monde.*

„ cial, &c. „ e outras cousas desse genero? Confesso que este discurso me fez impressão grande; e fiquei assentando que este commercio de adoração e culto entre Deos e os homens, era fruto da preoccupação que tinhamos desde a meninice, causada pelas mãis, e amas. Perdoai, minha Prima, mas he fallar com lizura.

*Theod.* Mal sabeis, amigo, quanto vos he util essa lizura; porque descuberta bem a chaga, se póde curar facilmente. Vós sois homem de juizo: ora pegai bem na balança, e ouvi a resposta; posto que não seja com esse ar enfatico de perguntas, e admirações, que não he o mais solido, sendo o mais plausivel.

*Baron.* Meu Theodosio, quero a resposta solida, deixemo-nos de bellezas falsas.

*Theod.* Todo esse discurso, meu Amigo, se funda n'um principio falso, e que ninguem teve jámais por verdadeiro.

*Commend.* E qual he? eu não o vejo.

*Theod.* Vejo-o eu, e logo vo-lo mostrarei, ainda sem precisarmos de oculos, nem de Microscopio. Funda-se em que o nosso culto he preciso para augmentar a gloria de Deos; e tal não ha. Bem louco seria quem quizesse lançar as suas lagrimas no mar, para que crescessem as suas

immensas aguas ; pois ainda seria mais louco quem cuidasse que os nossos cultos erão precisos, ou uteis a Deos, para lhe augmentar a sua Infinita gloria. Digo que seria mais louco, porque as lagrimas, e o mar tem proporção de cousa limitada com cousa limitada, que sempre he alguma proporção; mas o nosso culto, e a gloria de Deos não tem proporção alguma, porque he entre o *Finito*, e *Infinito*. Vós, Baroneza, já na Geometria estudastes as leis de Proporção; e o Senhor Commendador supponho que tambem as sabe.

*Commend.* Até ahi chegárão os meus estudos.

*Theod.* Continúo pois. Deos não quer, nem manda estes cultos por ter necessidade delles, isso fazem os homens que andão mendigando louvores, e se contentão (ainda que sejão falsos) dos meros cumprimentos. Elles morrem á sede de louvores, porque de si não tem gloria essencial, e tudo o que ha de bem nelles he limitado, tudo póde crescer, ou diminuir; porém Deos tem de si huma gloria infinita, e esta a tem na sua mesma Essencia, não lhe vem de fóra; porque fóra delle tudo he hum *Atomo* invisivel, ou hum *Nada*.

A razão pois por que Deos quer os nossos cultos, he porque a sua *Eterna Razão* quer tudo o que he ordem, tudo o que he *Razão*. Eu já vos disse que a nossa *Boa Razão* era hum reflexo, que dimanava da *Eterna Razão* de Deos, e por conseguinte tudo o que a nossa *Razão* claramente diz, tambem o diz a *Eterna Razão* de Deos. Ora pelo que tenho dito, meus amigos, que cousa mais racionavel que louvar a creatura o seu Creador, que a formou, e que lhe deo todo o ser, e todas as perfeições que ella tem? Que cousa mais racionavel, que o homem tendo recebido de Deos o *Entendimento*, e tendo conhecido tudo quanto Deos faz para seu Bem nos *Ceos*, na *terra*, no *seu corpo organico*, e na *sua alma*, sem que elle lho pedisse, ou merecesse, ou esperasse, tendo recebido além disso a sua *liberdade* capaz de amar, o *louvasse*, o *amasse*, e o *servisse*, *obedecendo* a hum Ser *Infinito em perfeição propria*; e além disso summamente *benevolo para com o homem*. Póde porventura haver cousa mais *racionavel* do que esta?

*Commend.* Não, não, não. Isso he de summa evidencia.

*Theod.*

*Theod.* Logo he impossivel que Deos não *approve*, e *queira*, e *mande* este *amor* do homem para com Deos, este *louvor* dos homens para com Deos, esta *obediencia* dos homens para com Deos.

*Commend.* Concordo, e estou contente, e bem satisfeito.

*Baron.* Ora graças a Deos, que vos vejo concordes.

*Theod.* Pois eu ainda não estou satisfeito, porque ainda tenho que dizer: ainda ha outra razão convincente, á qual tomára que os vossos Filosofos respondessem.

*Baron.* Dizei-a por quem sois, que a altivez com que meu Primo fallou, merece que deixeis bem por terra os seus systemas.

*Theod.* Assim como Deos não fez os olhos senão para ver, nem os ouvidos senão para ouvir, e a isso se dirige a pasmosa fabrica de cada hum destes sentidos; nem haverá quem diga em todo o mundo, que Deos pondo tanto estudo nestes orgãos, não fosse o seu intento que o homem visse, e que ouvisse; assim tambem pondo Deos no entendimento do homem huma propensão para a verdade, na sua alma huma propensão para querer o bem, huma propensão para amar o util, tendo

Deos em si a perfeição summa, a bondade summa, a conveniencia do homem summa, he impossivel que quando formou o homem não intentasse o seu amor, louvor, e obediencia; porque tanta proporção tem os olhos para gozar da luz, cores, &c. os ouvidos para gostar da harmonia, ouvir as vozes, &c. como tem a nossa alma para amar a perfeição, gostar do que nos he util, louvar o que he perfeito; e por conseguinte amar, e louvar, e obedecer a Deos, que he a summa Bondade, Perfeição, e Conveniencia. Ora respondei-me, se podeis.

*Baron.* Que he isso, vós rides! O rir não he responder; ha pouco dizieis, que as razões dos vossos Filosofos vos convencião; e agora que dizeis?

*Commend.* Theodosio leva as cousas com hum methodo tão especulativo, pausado, e solido, que não se lhe póde responder.

*Baron.* Esqueceo-vos huma palavra, *verdadeiro*; posto que se involve no *solido*, &c. Meu Primo, não ha cousa mais facil que he dar á falsidade huma côr bonita, viva, agradavel, usando de certas admirações, perguntas, e invectivas gostosas, que põe a imaginação em movimen-

mento, mas nada concluem. Quem quer conhecer a verdade, discorre sobre principios certos; e tira consequencias seguras.

*Commend.* Mas quem tem cá paciencia para levar as cousas com o rigor logico, como Theodosio faz?

*Baron.* Respondo: Quem quer acertar, e pôr o pé firme em pedra solida, e não quer saltar, como dançador de corda, com perigo de quebrar pernas, e cabeça.

*Theod.* Amigo, quando o ponto sobre que se discorre he serio, e de importancia, não se olha a que o discurso seja brilhante, vivo, energico, encantador, &c. sómente se deve olhar a ver se he verdadeiro, se he certo, ou perigoso, &c. E assim discorre todo o homem sesudo no arranjamento das suas possessões, no estabelecimento da sua familia, na acquisição dos seus lugares honrosos, e na renda da sua casa: então não se querem versos, enfazes, admirações, perguntas enfaticas; mas contas serias, justas, e claras, como quatro e tres fazem sete. Ora deste modo nunca discorrem os vossos Filosofos. Eu discorro como vedes, vós bem o conheceis; julgai agora quem acertará.

*Baron.* Ah meu Primo, que imprudente, e que louco he o modo com que eu vejo que os vossos partidarios tratão estas materias do culto que se deve a Deos, e outras semelhantes; ás vezes he na meza entre prato e prato, copo e copo; mas se nesse tempo vem algum de seus rendeiros a dar-lhes contas, ou se elles são chamados para negocios de importancia, mandão que venhão buscar a resposta em outra occasião. Quem quer pensar seriamente, busca lugar e tempo opportuno, e deixa que o estomago não trabalhe na digestão, socega a familia, retira-se ao seu quarto, evita os estrondos, não admitte recados, nem perguntas importunas: encosta na mão a cabeça, fecha os olhos, e com socego está pezando na Imaginação as conveniencias, e os perigos, os descontos, e as utilidades; e sómente assim obra com prudencia: então toda a Logica he pouca, toda a especulação util. Mas os vossos doutores fallando deste ponto, que joga immediatamente com o Todo-poderoso, e com a nossa felicidade, ou desgraça eterna, sahem com quatro versos, quatro palavrinhas galantes, hum rizo de zombaria, duas finezas a huma Madama, e huma jocosi-

sidade nova, e estes são os meios de acertar com a verdade. O' meu Primo, confessai que os vossos Filosofos são loucos. Não lho posso fazer por menos. Vamos adiante, Theodosio.

*Commend.* Vamos, que já vou mui bem castigado por minha Prima.

*Baron.* Não digais *castigado*, dizei *ensinado.*

*Commend.* Tudo he, ensinais o entendimento, e castigais a vontade. Passemos, Theodosio, a outro ponto.

## §. X.

### *Sobre as Demonstrações do culto externo.*

*Theod.* Estabelecido este ponto essencial, que o homem deve a seu Deos não só o *culto*, e veneração interna; mas *culto, e veneração externa*, he razão que fallemos das Demonstrações, ou ceremonias deste culto.

*Commend.* Isso quanto a mim he arbitrario, e depende dos climas, dos tempos, dos costumes, &c.

*Theod.* Concordo comvosco; porque até na Lei antiga, dada por Deos ao seu povo, vemos que o culto externo do Senhor con-

consistia em sacrificios de ovelhas, &c. em fumos de incensos, em outras ceremonias determinadas. Agora porém na Lei da Graça usamos de outras ceremonias, que são a genuflexão, o uso do Thuribulo, as prostrações, &c.

*Baron.* Eu creio que essas ceremonias devem ser accommodadas aos tempos, e climas, e outras circunstancias, como são as ceremonias de civilidade entre nós, que são mui diversas conforme as pessoas. Huma Senhora entre nós faz a sua cortezia, fazendo mui direita a sua mesura; e o Cavalheiro lhe responde com huma inclinação de meio corpo, e pé rapado como dizem.

*Commend.* Se trocassem, seria objecto bem ridiculo, ver huma Senhora inclinada profundamente, rapando o pé; e o Cavalheiro curvando os joelhos á moda de mesura, sem dobrar a cabeça.

*Baron.* Os soldados fazem cortezia aos Officiaes, ficando com o chapeo na cabeça, e presentando a arma: ora se alguma mulher que me quizesse obsequiar, quando eu passasse, ficando mui direita, me presentasse o seu leque em fórma de espingarda; quem não riria: os Chinas fazem as suas cortezias a seu modo. Os

Ton-

Tonquinezes cruzão os braços, e atirão comsigo ao chão. Outros fazem as cortezias tirando os çapatos; emfim cada Paiz tem o seu uso, e a sua particular ceremonia para demonstrar a veneração que tem á pessoa a quem querem obsequiar.

*Theod.* Pois o mesmo succede no culto que damos a Deos, e o que n'um Paiz he uso, n'outro não he. Se he licito filosofar neste ponto, que he tão diverso como tendes visto, eu lhe acho tal, ou qual principio a que se devem alligar essas ceremonias; e vem a ser, mostrar a Alteza do objecto a quem obsequiamos; e para fazer ver que o reputamos grande, nos fazemos pequenos a seu respeito: as Senhoras com a mesura profunda se fazem mais pequenas; os homens inclinando o corpo e cabeça, tambem ficão abaixo do sujeito a quem querem honrar: o dobrar o joelho tambem nos faz mais inferiores ao soberano a quem fazemos esse obsequio. Do mesmo modo o tirar o chapeo já faz menor o sujeito que por isso fica descuberto: o prostrar-se por terra muito mais; e apeiar-se do cavallo, o sahir da carruagem, e ceremonias semelhantes. Essas ceremonias tanto nos faz

a nós pequenos, como fazem grandes a nosso respeito esses sujeitos a quem queremos obsequiar.

*Commend.* He a primeira vez que vejo filosofar em cumprimentos de civilidade, cousa que he arbitraria, e de mero costume.

*Theod.* Ora deste mesmo modo deve o homem, que adora a Deos, usar daquellas ceremonias, de que no uso e costume do seu Paiz significão humildade da nossa parte, e Alteza da parte de Deos; o ajoelhar, o prostrar-se por terra, as inclinações profundas, &c.

*Baron.* Dai-me licença, Theodosio, para vos contar huma cousa que me succedeo estando eu em Baiona em casa de Mr. **** tinha-me esquecido o meu leque sobre huma meza do jogo, e pedi a huma criada grave de Madama, que mo fosse buscar, e ella polidamente mo trouxe, e se poz de joelhos com ambos elles em terra, para que eu lhe pegasse. Era Portugueza, vinda de pouco para o serviço da Madama, e todos se rirão da ceremonia; eu perguntei-lhe: *Se me ajoelhais a mim; que guardais para Deos?* Ella percebeo o meu reparo, porque vio que todos se rião, e respondeo

mui

mui desembaraçada: *Reservo o bater nos peitos.* Todos celebrárão com riso a resposta, e ficárão desculpando a criada, por ser esse o costume do Paiz.

*Theod.* Tanto querem os homens refinar os obsequios humanos, que pouco lhes falta para os equivocar com os Divinos. E nos obsequios a Deos, e dos Santos, tambem os abusos, e ignorancia dos povos tem introduzido ridicularias. Antigamente o modo de obsequiar a Deos era fazer sacrificio de varias cousas, de cujo uso nos privamos em obsequio do Senhor, e aqui se reduzião os sacrificios das rezes que se degollavão, os holocaustos das rezes que se queimavão, os Thimiamos dos perfumes que se evaporavão, e cousas semelhantes, privando-nos em obsequio do Senhor dessas cousas que se destruião na sua presença; e destas ceremonias então sagradas passárão algumas para os Idólatras a respeito dos seu Idolos, e dos falsos Deoses; porque quasi todos tiverão origem no culto de Deos na Lei antiga.

*Commend.* Póde logo cada qual dar a Deos o culto externo como quizer; e poderei eu fazer para isso o meu Ritual?

*Theod.* Não he boa consequencia; e respon-

pondei-me: nos vossos criados, nos vossos patricios, nos vossos amigos poderá cada qual cortejar-vos em público como lá quizer? E poderá cada qual fazer a vosso respeito o seu ceremonial?

*Commend.* Não; porque se lhe parecesse dar-me huma bofetada por demonstração de amizade, como se fosse dar-me hum abraço, ou dar-me hum osculo, seria bem galante essa civilidade em público.

*Theod.* Pois ahi tendes a resposta do que me dissestes a respeito das ceremonias do culto de Deos. Não he licito a cada hum inventar novas ceremonias de obsequio, quando não estão approvadas pelo uso commum do Paiz, ou da corporação em que vive. E sempre se devem preferir as que estão legitimamente adoptadas, aliàs zombarião de nós a seu salvo, dizendo, que no seu *Ritual* o fazer esta, ou aquella acção, ainda a mais ridicula, e injuriosa, era o mesmo que abraçar-nos, ou dar-nos osculos, ou cousa semelhante.

*Commend.* Estou bem persuadido.

*Theod.* Ora nesta parte da Filosofia Moral, que trata dos *Deveres* do homem para com Deos, temos fallado assás; convem agora entrarmos na parte que trata dos *Deveres* do homem para comsigo mesmo.

Com-

*Commend.* Isso ha-de ser materia mais larga; e he tempo de vós, Senhora, dar attenção ás visitas, que eu estou sentindo no quarto de vossa Mãi. A' manhã com gosto eu viria á Conferencia, de que já gósto; porém persuado-me que não virei.

*Baron.* Bem sei que para vós he dia assás occupado; não queremos a vossa visita com incommodo vosso, nem he razão.

# PARTE II.
## DA FILOSOFIA MORAL.

---

## TARDE XVIII.

*Das obrigações do Homem para comsigo mesmo.*

### §. I.

*Do Amor justo que todo o homem se deve ter a si.*

*Theod.* HOje, Baroneza, havemos de tratar das obrigações que tem o homem para comsigo mesmo; e emquanto não temos companhia para a Conferencia, convidai vossa Mãi, para que nos queira honrar com a sua assistencia; porquanto no que for justo, se concordar comigo a doutrina, fará no vosso animo maior impressão; e se não concordar, a disputa pacifica fará que brilhe mais a verdade.

*Baron.* Eu vou convidalla, porque não sinto

to visitas; e com gosto nos ha-de acompanhar, e com o seu grande juizo nos ha-de entreter.

*Madam.* Aqui estou, Theodosio, que me quereis?

*Theod.* Eu tinha determinado continuar a Instrucção da vossa filha, ponderando as obrigações que todo o homem tem a respeito de si mesmo; e como nos falta a companhia dos dias precedentes, a Baroneza quiz que vós nos ajudasseis a ponderar as verdades uteis que nisso ha.

*Madam.* De mim nada podeis esperar senão algumas reflexões sobre o que vós disserdes, se for cousa que não passe fóra da minha curta esfera. Começai, Theodosio.

*Theod.* Não ha cousa mais decente a huma creatura discursiva, do que desejar conhecer os principios sobre que deve estribar o Regulamento das suas acções. O vulgo, e a gente que não pensa, costuma querer o que commummente os outros querem, e aborrecer o que vê que os mais aborrecem; mas o homem discursivo deve sempre buscar os principios solidos para regular o seu querer, e o seu aborrecer, especialmente nas acções que pertencem a si mesmo. Ora como temos huma

ma propensão innata para nos amarmos a nós mesmos: *Toda a creatura discursiva deve examinar bem onde está o seu solido interesse, e verdadeiro bem para o buscar.*

*Baron.* Pois como, Theodosio! Não he esse hum principio da Filosofia maldita, dos Filosofos da moda, que dão por licito (segundo tenho ouvido) tudo o que nos faz conta?

*Theod.* Dizeis bem; e quando houvermos de tratar das obrigações do homem para com os outros homens, se disputará esse ponto. Se tomardes esse principio como elles o tomão, he pessimo, e causa o maior escandalo á Razão, á Religião, e á Humanidade; mas no sentido em que eu o tómo, e como eu o explico, he summamente decente, além de ser verdadeiro. Vós haveis de reparar, que eu disse o *seu solido interesse*, e não interesse apparente.

*Madam.* Agora cessou o meu escandalo, Theodosio; porque eu tambem sempre vi declamar contra o *Amor proprio*, e que o reputavão como a peste da sociedade, e ruina dos costumes.

*Theod.* E o caso he que declamão bem, e eu sou desse mesmo sentimento; mas,

Se-

Senhora, ha hum *Amor proprio legitimo*, com o qual nós procuramos o noſſo Bem verdadeiro, ſolido, e duravel; e ha outro *Amor proprio baſtardo*, que não olha para o Bem ſolido, e verdadeiro, mas ſó para o bem apparente, falſo, e paſſageiro. Quando hum *Bem preſente* me procura hum *mal futuro*, ou me arriſca a elle, não he hum *Bem ſolido, e verdadeiro*, como ſuccede ao ladrão que furta, levado da cubiça do ouro a que lança a mão; porque eſſe *bem* apparente lhe traz o crime, a forca, e a perda da honra, e da vida, &c. Hum bem que lhe acarreta tantos males, não he hum *Bem verdadeiro*, nem ſolido, nem conſtante.

*Madam.* Neſſe ſentido vejo que o voſſo principio he racionavel, e bom.

*Theod.* Eſte *Amor legitimo* foi plantado pelo Creador na alma de todos os homens; e por iſſo todos ſentem no ſeu coração eſte deſejo do proprio *Bem*; poſto que muitos ſe enganem no conhecimento delle, tendo por hum *Bem*, o que verdadeiramente he hum *mal*. Para iſſo he que o Senhor nos deo o entendimento para comparar as utilidades do chamado *Bem* com os deſcontos que encontramos

mos nelle, em ordem a conhecermos se he *Bem* na realidade, ou vem a ser hum grande *Mal.*

*Baron.* Entendo bem; mas não vejo porque esse *amor de nós mesmos* seja plantado pela Mão do Creador na nossa alma.

*Theod.* Se não o vedes, agora o vereis. Quando nós achamos em todas as cousas materiaes huma geral propensão para ir para baixo, dizemos que a *gravidade* foi impressa pela Mão do Creador em tudo o que he materia; porquanto aquellas propensões, que são absolutamente geraes, da Natureza he que vem, ou fallando com mais clareza, vem da Mão do Creador. Ora este *Amor*, que cada qual se tem a si proprio, he generalissimo, e duvido que haja homem que estando em seu juizo deixe de desejar o seu *Bem*; por conseguinte, de Deos nos vem essa propensão. Ora fingi que havia huns homens de tão froxa natureza, que nenhum desejo tivessem do seu proprio bem; dizei que farião elles, não tendo estimulo para acção alguma?

*Madam.* Esse pensamento he quimerico, porque ninguem obra sem fim; e o fim das nossas acções sempre he hum *Bem*, ou verdadeiro, ou apparente.

*Theod.*

*Theod.* Logo o desejo desse bem he que move todo o homem a obrar; ora obrar para se adquirir algum bem, he obrar por *Amor de si mesmo*, ou por amor proprio. Se o *Bem he verdadeiro*, o amor proprio he justo e louvavel; mas se o *Bem* he falso, ou mui contrapezado com descontos, fica hum *Mal*; então *o Amor proprio he bastardo*, e reprehensivel.

*Baron.* Estou persuadida; mas qual he a obrigação do homem para comsigo?

*Theod.* Reflectir seriamente no que he hum *solido bem* para elle, e procurallo; porquanto só assim he que elle se ama a si, conforme a lei da Natureza. Os que não crem na Immortalidade da alma, se podem facilmente enganar, buscando para a sua felicidade algum *Bem* falso, que seja *Mal* verdadeiro; isto he, hum bem transeunte, que quando menos o homem o espera, lhe desapparece, e lhe deixa a alma em vão, e saudosa do bem que lhe faltou; ora com estas más circunstancias já esse bem, que parecia que o era, se converte em mal.

*Madam.* Desse modo deixais o homem desejoso de hum bem solido por lei e preceito da Natureza; mas de tal fórma discorreis que o pobre homem desejoso da sua

felicidade, a não póde conseguir nesta vida. Deixai-me explicar assim: Deixais o homem jogando (como minha filha quando era pequena) a cabra céga, andando por toda a parte com os braços abertos para topar com a sua felicidade, sem jámais a poder encontrar.

*Theod.* Senhora, ainda me não declarei de todo. O bem que o homem deve buscar para si em observancia da lei do *Amor proprio legitimo*, he o bem verdadeiro, isto he, a *virtude*, ou a perfeita harmonia das suas obras com a sua lei da Razão. Eis-aqui hum *Bem solido*, que nunca lhe ha-de fugir, se o homem o buscar; nunca lhe ha-de faltar, se elle seriamente o quizer possuir. Esta *consonancia* entre a nossa *Luz da Razão*, e as nossas *obras* he hum *Bem* summamente solido, e que traz huma indizivel satisfação á alma. Porquanto sabe que agrada ao Supremo Senhor, que creou o Universo, e que lhe insculpio na sua mente a *Luz da Razão*. „ Esta Luz da Razão „ (diz a alma) he huma voz do meu „ Creador, pela qual me ordena que faça esta acção, e que evite aquella. Se „ eu obedeço a isto, necessariamente ha- „ de gostar de mim. Ora que maior con-
„ so-

„ ſolação que agradar eu ao *Todo-po-*
„ *deroſo*, de quem tudo depende. „ Póde haver maior gozo, e ſatisfação?

*Madam.* Tendes bem razão; como pelo contrario huma alma bem formada, quando depois de muitos crimes cahe em ſi, e vê que a ſua *Luz da Razão* lhe condemna *as ſuas acções*, e que não póde negar que obrou mal, ſente huma tal diſplicencia de ſi, hum aborrecimento a ſi meſma, huma raiva contra a deſordem de ſua liberdade, hum aguilhão de pena de aſſim ter obrado, que intimamente ſe afflige, e não póde conſolar-ſe; e como vê que a *Voz da Razão* a eſtá ſempre reprehendendo, e que por mais que forceje, não ſe póde deſculpar, e que ſe vê obrigada a dizer continuamente *fiz mal*, como que ſe eſtá mordendo na ſua impaciente deſeſperação; de fórma, que ainda que neſſa acção reprehendida tiveſſe, quando cegamente a fez, alguma conſolação, depois he grande o remorſo, quando vê que eſſe enganoſo bem que buſcára, foi hum verdadeiro mal que a atormenta. Eu, Theodoſio, confeſſo-vos que ás vezes he tal a afflicção de me ter deixado levar da paixão na primeira apparencia, que adoeço. Donde infiro, que

toda a pessoa que quizer obrar como deve, ha-de procurar em todas as suas acções esta harmonia com a sua *Boa Razão.* Tu, minha filha, es ainda mui rapariga, não podes sentir, como eu, a crueldade desta contínua reprehensão da Luz da Razão, quando obramos mal.

*Baron.* Eu confesso, minha Mãi, que isso he assim, e que regulando huma pessoa as suas acções por esse principio de procurar o seu *solido bem*, não póde deixar de obrar muito louvavelmente. Porém em quanto somos raparigas, parece que alguma desculpa temos de nos contentar com o *Bem apparente* que se nos mostra. Deixai-me, minha Mãi, advogar por hum pouco a causa da gente moça, que eu vejo que vai condemnada á revelia: ainda que eu não o farei devéras.

*Madam.* Gabo-te, minha filha, o gosto de advogares huma cousa tão má. Deos te livre que o faças bem.

*Baron.* Ora, minha Mãi, como ainda sou moça, não he estranhavel que eu advogue a causa das minhas amigas. Com que, vós quereis que todas as raparigas deixem os seus divertimentos, e passatempos, e gostosas amizades, e intrigas de galanteria que tem como na mão! e isso

ſo ſó pela eſperança deſſa ſatisfação melancolica que lhes virá na decrepita velhice, ou ao menos na idade madura, e reflexão filoſofica? Oh não, minha Mãi, não ſejais para comnoſco tão auſtera na filoſofia; deixai que demos tempo ao tempo, e á primavera da noſſa idade as flores que nella nos liſongeão. Lá virá o maduro outono, em que penſaremos como Theodoſio, e como vós. Dai licença, que em quanto o mundo eſtá rizonho para nós, tambem nós nos riamos para elle; conſenti que em quanto a natureza he viva, e eſtá inquieta, e buliçoſa, tenha o ſeu deſafogo; e que não larguem as raparigas eſſe bem que tem na mão ſó pela eſperança deſſe outro bem, que pelo tempo adiante eſperão.

*Madam.* Ah, tu riz-te? Não fizeſte tão mal o teu papel.

*Theod.* Agora devo eu acudir, Senhoras, a eſſa voſſa pendencia; porque não ſucceda que alguem que ouvio a filha, lhe tóme a ſua doutrina.

*Madam.* Parece-me bem.

*Theod.* A voſſa razão, Baroneza, he eſta, que parece arduo largar huma peſſoa eſſe bem que poſſue, e tem na mão, pela eſperança de outro bem futuro, que ainda

da não vê. Ora dizei-me: Quando vós ſemeais as voſſas herdades, não largais da mão o bem que tendes nos voſſos celleiros, para lucrar hum bem que ainda não vedes? e que vos arriſcais a talvez a nunca o ver; como v. g. quando ſe mallogrão as novidades? Quando mandaſtes concertar os telhados do voſſo Palacio, não largaſtes boa ſomma de dinheiro, que na voſſa mão tinheis, ſó porque eſperaveis hum bem futuro? Não o podeis negar. Logo he couſa frequentiſſima largar hum homem o bem que vê, e que poſſue, para adquirir hum bem que nem poſſue, nem vê, nem tem a certeza total de o vir a alcançar. O meſmo digo da *Virtude*; porquanto a Luz da Razão nos manda trabalhar para conſeguir eſta paz, eſte ſocego, eſta ſatisfação da alma. Ora vós não podeis negar que iſto he hum grande *Bem*; e *Bem* ſolido, *Bem* conſtante, *Bem* que ſempre acompanha a alma em quanto ella dura; *Bem* que não depende dos outros bens, não eſtá ſujeito á variedade, e capricho dos homens. *Bem* evidentemente ſuperior a todos os outros bens, com que a idade, e as paixões nos coſtumão liſongear na mocidade.

Ba-

*Baron.* Eſtou por iſſo; e vós bem vieis que eu eſtava brincando; e que o fiz porque a converſação entre tres, concordando todos no meſmo, perdia todo o ſal que coſtuma fazella goſtoſa.

*Theod.* Concluindo logo eſte ponto, temos que todo o homem pela lei innata da Natureza deve procurar o ſeu bem ſolido, o que he hum verdadeiro, e legitimo *Amor proprio.*

*Madam.* Tomai ſentido, minha filha, que ha-de ſer hum *Bem ſolido*, e não ſómente na apparencia, como dizem os Filoſofos da moda.

*Theod.* Quando nós tratarmos das obrigações do homem para com os outros homens, trataremos com algum dos noſſos Filoſofos eſſe ponto de buſcar cada qual o ſeu intereſſe, a torto e a direito, (como ſe diz) que he origem de deſordens immenſas; mas do modo que eu digo, já vedes que não ha couſa mais ſanta, nem mais conforme á Boa Razão.

*Madam.* Eſſe deſejo do bem da *Virtude*, ou da *harmonia entre a noſſa Boa Razão, e as noſſas obras*, he a prova de nos amarmos devéras a nós meſmos; como pelo contrario o ſyſtema dos Filoſofos da moda, de buſcarem o ſeu intereſ-

ſe

se na satisfação das paixões, he hum refinado odio a si mesmos, porque lhes acarréta afflicções indiziveis. Basta, Theodosio, olhar para a geral experiencia de todo o mundo; porquanto sempre a satisfação das paixões que ao principio consola, traz pelo decurso do tempo trabalhos, e desgostos. Podemos passar a outro ponto, que este está tratado o que basta.

*Theod.* Vamos a tirar consequencias deste Principio que temos estabelecido do legitimo Amor proprio.

*Baron.* Isso he que eu estimo, Theodosio, porque dessa maneira ficão de modo encadeadas as verdades, que humas me conduzem ás outras, e não he facil que me esqueção.

*Madam.* Com que vós, Theodosio, honrais tanto o Amor proprio, que o fazeis base dos dictames sobre as obrigações do homem a respeito de si mesmo!

*Theod.* Já vedes, Senhora, que do modo com que eu o explico, esse Amor vem a ser obrigação do homem, e preceito do Creador; tanto assim, que quando Elle nos manda amar os outros como a nós mesmos, nisso nos mostra a obrigação de nos amarmos a nós.

*Madam.* Bem entendo, vamos adiante.

§. II.

## §. II.

### *Da Regra que deve o Homem ter no amor a si mesmo.*

*Theod.* ESte Amor, Baroneza, que o homem deve ter a si mesmo, deve ter suas regras para ser justo, e Principio de acções louvaveis; porquanto se elle for desordenado, e excessivo, em vez de ser *Amor*, será *odio*; porque em vez de nos fazer bem, nos precipitará em muitos males.

*Baron.* E qual será essa Regra? porque he de summa importancia saber isso.

*Theod.* Eu me quero explicar de modo que me entendais bem, e me servirei de huma comparação sensivel.

Este Relogio de parede, que tem sido testemunha das nossas Conferencias, agora ha-de servir para nos illustrar nellas. Nelle, como em todas as máquinas deste genero, ha hum *Principio que move*, e ha outra peça, que modera esse movimento; porquanto se não hovesse esse *Moderador*, o Principio que move, que he o pezo, cahindo com liberdade, de cada vez se havia de accelerar, e todos os movi-

men-

mentos acabariáo em ruina; porque o pezo cahindo, cada vez iria mais veloz, e tudo ſeria precipitação. O meſmo digo nos relogios de molla; porque ſeja qual for a cauſa que move, he irregular na força com que ſe move.

Para iſto o Relogoeiro ajunta a Pendula, que balanceando com regularidade, em cada movimento alterno deixa paſſar hum ſó dente; e deſſe modo o movimento he regular, e conſtante; creio que me entendeis.

*Baron.* E com facilidade.

*Theod.* Ora no homem diſpoz o Creador o meſmo que acabo de dizer. Poz-lhe hum pezo, ou cauſa que move, que he o *Amor a ſi meſmo*, pezo que he capaz de dar movimento a toda a Máquina moral; porquanto eſta paixão que o Creador imprimio na noſſa alma, he de ordinario o principio natural das noſſas acções, pela qual o commum dos homens ſempre ſe move: porém eſta paixão ſe não tiveſſe couſa que a regeſſe, e moderaſſe, iria ſem freio, ſem modo, ſem regra, e tudo ſeria no homem deſordem, e ultimamente ruina.

Por eſta razão lhe poz hum *Moderador*, ou cauſa que regule os ſeus movi-

men-

mentos, e he a *Boa Razão*, e as Leis ſagradas que ella dicta. Em quanto o Amor a ſi meſmo ſe governa por eſtas Leis da *Boa Razão*, he o Amor de ſi meſmo juſto, e louvavel, e principio de acções boas; mas tanto que o Amor he tão forte, que deſpreza as regras, e ſalta por ſima dos limites que a *Boa Razão* lhe preſcreve, tudo he máo, he vicio, he crime.

*Madam.* Então he, meu Theodoſio, que em vez de obrar a *Razão*, obrão as *paixões*.

*Theod.* Senhora, eu concordo comvoſco em parte; mas deixai-me levar as couſas mais radicalmente.

*Baron.* Não deixeis nada que poſſa contribuir á clareza da Doutrina, nem á minha completa inſtrucção.

*Theod. Eu chamo paixão todo o movimento que em nós ſentimos, independente do diſcurſo*; e por iſſo ha humas paixões boas, que depois a *Razão* approva; e ha outras paixões más, que depois a *Razão* condemna. Ha humas paixões inatas, innocentes, e impreſſas pelo Creador no noſſo animo, (aſſim como o he a *Gravidade* impreſſa nas couſas materiaes, e corporeas), e cauſa dos mo-

movimentos sensiveis. Estas paixões que sentimos em nós antes que consultemos a Razão, ás vezes são boas e justas, se a Boa Razão, e as *Leis da Razão* as não condemnão; tanto porém que esses sentimentos, e impetos passão por sima dos limites que as leis da Razão lhes sinalão, já as *Paixões* são más e criminosas: assim como no relogio, em quanto o pezo, ou a molla real não sacodem o governo, e *moderação* da Pendula, vão os movimentos compostos e rectos; porém se lhe tirarem a Pendula, ou for a força tão extraordinaria, que zombe do moderador, tudo he disparate, desordem, ruina. Eis-aqui a idéa das *Paixões inatas*, e innocentes, porque forão plantadas pela Mão do Creador; e tambem das *Paixões desordenadas*, que por excessivas, e fóra das leis da Razão, são nocivas; e nellas somos culpaveis, porque, segundo nos ensina a Razão, deviamos reprimillas.

*Baron.* Essa comparação do relogio me faz a doutrina mais clara, e me segura a memoria.

*Theod.* He logo obrigação essencial do homem o governar pelas leis da Razão esse impeto natural, e de si innocente de

se

se amar a si mesmo, em ordem a que não degenere essa paixão inata do *Amor legitimo*, que em si he innocente, em *Amor proprio bastardo, e falso*, o qual parecendo que nos procura hum bem, nos traz muitos males; e fica convertido o *Amor* a nós mesmos em verdadeiro *odio*, que nos arruina e perde. E já que as comparações vos agradão, e são uteis, eu tambem me sirvo desta.

Entregão ao cavalleiro hum cavallo são, e vigoroso, com fogo, e ensino, capaz de caminhar direito; mas com tudo deve o cavalleiro usar do freio, redeas, cabeções, e do mais que serve para moderar alguns excessos do bruto: a estrada tem seus barrancos, e precipicios pelos lados, que são fóra dos limites da estrada. Em quanto o cavalleiro usando do freio, redeas, e cabeções, modera o fogo do bruto, e reprime os seus movimentos desordenados, e não passa dos limites da estrada, vai bem, tem louvor, e tem utilidade; porém se o cavallo ou espantado salta, ou furioso corre, ou manhoso se empina, e faz corcovas, ou desesperado sacóde de si o cavalleiro, em fim, se toma o freio nos dentes, que póde elle esperar senão ruina? Assim são

em

em nós as paixões; se as leis da Razão as subjugão, e fazem que não passem dos limites justos, o homem he justo, e merece louvor, e tem muitas utilidades; mas se froxo consente que as paixões saltem por sima dos limites que as leis da Razão prescrevem, tem crime, e se faz a si hum mal verdadeiro, talvez com a apparencia de procurar para si hum *Bem falso.*

*Baron.* Do que me dizeis, Theodosio, venho a inferir, que quando a *Boa Razão* governa o *Amor proprio*, he virtude, e bom, e racionavel; e pelo contrario, quando o *Amor proprio* governa, ou vence, e despreza a *Boa Razão*, he muito máo, e mui nocivo.

*Madam.* He, minha filha, como quando o cavalleiro domina, subjuga, e governa o cavallo, tudo he bom; e quando o cavallo deita abaixo o cavalleiro, e o piza, e traz debaixo dos pés, elle fica perdido.

*Theod.* Agora, Senhora, déstes á comparação o ultimo toque.

*Baron.* Porém a mim parece-me mui difficil, que hum homem dotado de bom entendimento, e Luz da Razão clara, consinta que as Paixões, e Amor proprio des-

desordenado metta debaixo dos pés a *Boa Razão.* Parece-me isto mui difficil.

*Theod.* Ah Baroneza, os vossos poucos annos vos desculpão esse dito. Haveis de saber que a *Boa Razão* tem o seu throno no *Entendimento*; mas o Amor proprio, e as paixões que delle nascem, residem na *Vontade*; e por isso muitas vezes pugnão entre si; e nesta lucta, ou peleija a mais forte, mette debaixo dos pés a mais fraca. Quando as paixões são debeis, e a alma está de sangue frio, como dizem, péga na balança da razão, e examina os motivos para abraçar o objecto da contenda, e os motivos para o desprezar; e dá a preferencia aos que mais pézão; e resolve prudentemente, segundo lhe ensina a Boa Razão; porém quando as paixões crescem, e accendem o fogo no coração, quer sejão de amor, quer de odio, quer da ambição, começão a impellir a vontade para o seu empenho, ainda que seja contrario ao da Boa Razão: esta clama pelo seu direito, e mostra á alma que não convem; mas as paixões gritão de modo, que aturdem os ouvidos da alma, e já não ouve bem as vozes da Razão: inventão, e acarretão motivos e mais motivos a favor do

seu

ſeu empenho, a fim de que na Balança do entendimento preponderem eſſes motivos aos que a Razão primeiramente allegava a favor do contrario empenho. A paixão dá muitos encontrões á alma, que quer examinar na ſua balança o pezo das razões de huma, e de outra parte; mas a balança lhe treme na mão, e nada moſtra com ſegurança. Além diſſo, quando a paixão he forte, accende no coração hum fogo, que faz ferver o ſangue, que com febre ardente accommette o cérebro, que já não ſe acha muito ſenhor de ſi, a cabeça anda á roda; o fumo do fogo interno nada deixa ver como em ſi he; huma vertigem interna tudo perturba, nem a alma póde dar paſſo direito, e de ordinario dá quédas ſobre quédas. Se olha para as couſas, tudo vê mui differente do que he, tem huma tericia moral, que a tudo dá côr eſtranha, e as acções mais feias repreſenta como formoſas, e os maiores diſparates como acções louvaveis. Deos vos livre, Senhora, de que as paixões ſe apoderem do voſſo coração, porque a Luz da Razão de ordinario não póde com ellas.

*Madam.* Se tu, minha filha, tiveſſes viſto no mundo o que eu ſei, e o que as hiſto-

torias contão, não havias de fallar do modo que fallaste.

*Baron.* Agora já estou com medo do que até aqui não receava tanto. Porém he preciso, minha Mãi, que vós, e tambem Theodosio me deis alguns sinaes, para eu poder conhecer em mim o que he *Paixão*, e o que he *Boa Razão.*

*Madam.* Minha filha, a quem reflecte com madureza, lhe facil distinguir o que he *Boa Razão*, do que he *paixão desordenada*; porque regularmente a fisionomia, os olhos, o gesto, a falla, os movimentos, o corpo todo dão sinaes da *Paixão* interna, quando he fóra da Razão. Pelo contrario a *Boa Razão* tem huma voz mansa, em tudo mostra a paz, o socego do animo, o pezo, a moderação, o justo equilibrio das cousas; e então a pausa do animo annuncia a quietação da alma, e reflexão do entendimento. Porém Theodosio te ha-de dar sinaes mais seguros para distinguires o que he *Razão*, do que he *Paixão.*

*Theod.* Não he isso, minha Senhora, tão facil como parece; porque todos os que estão cegos da paixão, estão capazes de jurar, que o que fazem he muito *Boa Razão*, que tanta he a astucia do Amor

proprio: faz que a alma não olhe por modo nenhum para as razões contra, e que sómente olhe para as que são a favor. Ora olhando a alma só para huma parte, e por modo nenhum para a outra, como ha-de dar sentença *Recta*? Eisaqui a origem da cegueira que as paixões causão, ainda em pessoas de juizo.

*Madam.* Juiz, que só vê nos autos as razões de huma parte, e não as do contrario, não póde julgar com rectidão.

*Theod.* Contudo, eu vos darei, Baroneza, alguns sinaes para distinguir a *Razão* da *Paixão*.

*Baron.* E quaes são?

*Theod.* A *Luz da Razão* foi plantada na alma pela Mão do Creador, e não respeita nação, nem clima, nem familia; e por isso diz o mesmo em qualquer parte que seja. Quando nós virmos que o nosso parecer he geralmente conforme a muitos de diverso genio, idade, condição, &c. temos grande fundamento para crer que he dictado pela *Recta Razão*, que em todos he o mesmo. Pelo contrario succede nas paixões, que nunca são uniformes em pessoas de condições diversas; porquanto cada qual olha aos seus particulares interesses, ou preoccu-

cupações, que se diversificão conforme os sujeitos. E accresce que se a voz interna, que me está fallando, he conforme aos meus interesses, devo duvidar, pois que já sei que o Amor proprio, que he grande letrado, e sempre a meu favor, ha-de advogar a sua causa no tribunal da Razão. Agora se essa voz, que no centro da alma ouço, he contraria aos meus interesses, bem posso crer firmemente que he voz da boa Razão.

*Madam.* Seguramente; pois que he contraria ás paixões, que todas nascem do Amor proprio.

*Theod.* Outro sinal temos, bastantemente seguro, e he, quando a voz interna, que persuade huma acção, he voz mansa, constante, socegada: porquanto na paixão todos os movimentos, e vozes costumão trazer gritaria interna, perturbação, fogo, inquietação, e movimentos misturados, que trazem o entendimento a tombos. A voz da *Recta Razão* he mui diversa, porque não admitte bulhas, gritarias, e enfados.

*Madam.* Vós fallais sobre o que vos dicta a experiencia; e ella he que vos deo essa regra que he admiravel.

*Theod.* Ainda vos darei outra prova bas-

tantemente segura do que he voz da Recta Razão, essa que ouvimos no nosso interior, e vem a ser esta: *Pôr-me eu no lugar de outro, e olhar para o que eu digo, como se eu fosse hum estranho*; porque desse modo facilmente conheço a deformidade do meu sentimento, se elle era aconselhado pela paixão. Ponho-vos, Baroneza, hum exemplo. Os nossos olhos estão bem perto das feições do nosso rosto, e contudo não as vemos tão bem como os outros que estão de fóra. Isto posto, quando nós queremos ver algum defeito na nossa cara, tomamos na mão hum espelho, e esse vidro faz que nós nos vejamos como hum objecto mui distincto de nós; e desse modo he que nos conhecemos como na verdade somos. He logo preciso para nos não enganarmos com o sentimento da nossa *Razão*, que nós consideremos que esse voto não he nosso, mas que o ouvimos da boca de outro homem desconhecido; e se puder ser, da boca de outro homem, de quem nós não gostemos. Se feito este astucioso engano, ainda assim nos parece bem aquelle sentimento, e esse voto, podemos descançar que he dictado pela boa Razão; porquanto só sendo evidente a sua verda-

de,

de, he que nos podia agradar, ſahindo de boca eſtranha, e talvez deſagradavel.

*Madam.* Eſſe methodo, Theodoſio, he admiravel, e não ſerá facil que o ſentimento da paixão deſordenada deixe de dar a conhecer o ſeu horror.

*Theod.* Ora ahi tendes, Senhoras, a regra para que ſeja juſto, e racionavel o noſſo *Amor proprio.* Por modo nenhum o deixemos governar pelas paixões, ſó ſendo mui provadas, e approvadas pela Luz da Razão bem purificada.

*Baron.* Eſtou bem inſtruida, Theodoſio; paſſemos a outra materia.

*Theod.* Paſſemos.

## §. III.

### *Da obrigação que o Homem tem de conſervar a ſua vida, e ſaude.*

*Theod.* A Primeira conſequencia, Baroneza, que devemos tirar do que fica dito, he que todo o homem tem obrigação de conſervar a ſua vida, e por conſeguinte a ſua ſaude, que joga com a vida.

*Baron.* Que a conſerve he conveniencia; mas que tenha diſſo obrigação, não ſei o porque; porquanto ſendo a vida ſua, ſendo ſua a ſaude, me parecia que não

pec-

peccava contra a boa Filosofia, se expuzesse ao perigo huma dessas cousas, ou outra.

*Madam.* Não repareis, Theodosio, no que a Baroneza vos diz; porque he teima sua, que me tem custado muito a tirar-lha da cabêça: porquanto haveis de saber, que he paixão dominante dos Bascos o exercicio da Dança; tanto assim, que raparigas bem saudaveis, e de constituição robusta se estragão com a Dança; e noite ha em que dançáo dezoito e vinte contradanças, e ficão perdidas com a violencia deste excesso. Bom trabalho tive com minha filha, até que se moderou; mas agora estimarei que lhe façais ver a loucura de que algum dia se regozijava.

*Baron.* Ora para que nos deo o Creador a saude, o vigor, as forças, senão para nos gozarmos dellas em quanto a idade o permitte?

*Madam.* Tornas, minha filha, á tua teima. Mas respondo que o Creador nos dá a vida, a saude, e as forças, para usarmos destes seus dons com juizo. Mas agora bem te entendo, minha filha, queres que Theodosio te responda scientificamente.

*Theod.* O surrizo da Baroneza nos dá a conhe-

nhecer que vós, Senhora, lhe adivinhasſtes o penſamento. Ora, Baroneza, haveis de ſaber que ha dadivas que ſe dão abſolutamente, de fórma, que quem as recebe póde dellas fazer o que muito lhe agradar; e ha dadivas, que ſómente ſe dão para o uſo licito, o que nas Leis Civís ſe chama ſer *uſo-fructuario*, mas não *ſenhor* abſoluto da couſa doáda. Aſſim faz Deos comnoſco: couſas ha que Elle nos dá, de modo que nós as podemos dar de todo a quem muito nos parecer, fazendo-nos ſenhores diſſo, como he o dinheiro, os frutos da terra, &c. Outras couſas porém ſómente as concede Deos, fazendo-nos *uſo-fructuarios* diſſo que nos concede; como v. g. são o corpo, os ſentidos que nelle nos poz, a vida, a ſaude, e tudo o que eſtá annexo á vida, &c. Deſtas couſas não podemos nós diſpôr; mas ſim uſar, e por nenhum modo diſpôr, nem deſtruir, nem privar-nos diſſo. Que dirieis vós, Baroneza, de hum homem, que ſe vaſaſſe os olhos, ou ſe cortaſſe huma perna, ou ſe mutilaſſe de outro qualquer modo?

*Baron.* Diria que era louco.

*Theod.* E contudo, elle podia allegar que eſſes membros erão ſeus, e que elle era

senhor de se privar delles, assim como se podia privar da sua bolsa, e dalla a quem muito lhe agradasse. Mas vós bem vedes que discorria mal, e que obrava contra o Creador, que dando-lhe esses membros para seu uso licito, elle os destruia; quando verdadeiramente não era dono delles, mas sómente *uso-fructuario.*

*Baron.* Agora entendo o que nunca entendi tão claramente.

*Theod.* Pois o mesmo digo da saude, e da vida, com a qual a saude está connexa. Que cousa mais desordenada do que estragar huma Senhora, ou hum Cavalheiro a sua saude em excessos de divertimentos, caçadas, e o que chamão funções de grande regozijo; e depois gastarem sommas consideraveis em remedios, e padecerem dores, não só pela enfermidade, mas tambem dores pelos remedios dellas; e levarem os restos da vida n'uma cama, ou n'uma tal situação, que a vida lhes seja penosa!

*Madam.* Seria o mesmo que se hum homem são e robusto cortasse por divertimento huma sua perna, para depois se servir de huma perna de páo. Não haveria quem não condemnasse por loucura rematada essa acção barbara. Pois o mes-

mesmo disparate considero naquelle, ou naquella que por divertimentos estraga a sua saude bella e vigorosa, para depois comprar com muito dinheiro, e dores, e desgostos huma saude que não presta; emfim tal que a deve estimar só por ser melhor do que a morte. Tu, minha filha, vês em algumas das tuas amigas bem verificado o que acabo de dizer-te. Inda bem, que não te deixaste cahir neste precipicio, e te emendaste a tempo.

*Baron.* Nunca vi tão claramente como agora o horror dessa desordem.

*Theod.* Mas ainda vos não disse o que radicalmente convence, que nós não somos senhores desses bens, de que o Creador nos deo sómente o *uso-fruto*. O homem não póde prolongar os dias da sua vida por mais diligencia que faça, ou despezas que prepare. Isso he diligencia tão inutil, como só quizesse augmentar a sua estatura huma só pollegada, ou aperfeiçoar os seus sentidos. Nem ainda he senhor de ter huma boa saude; só sim indirectamente, privando-se das desordens que a estragão; mas nem ainda assim a tem na sua mão, porque enfermidades ha que por modo nenhum podemos prever, nem evitar. Logo se nós não podemos

mos nem adquirir, nem augmentar, nem conservar essas dadivas do Creador, segue-se que dellas não somos senhores para as destruir; mas sómente *uso-fructuarios*, em quanto nos consentem na posse dellas; e por conseguinte he crime contra a Natureza, crime contra a Boa Razão, crime contra o Creador estragar esses bens que para o uso licito o Creador nos concedêra.

*Baron.* Estou convencida, continuai.

*Madam.* Já que estamos neste ponto bem importante, quero, Theodosio, que discorrais sobre o uso licito desses bens que o Creador nos concedeo; porque eu não só acho que he crime destruir, ou estragar as dadivas de Deos, como tambem o servirmo-nos dellas para uso differente daquelle que intentou quem no-las concedeo.

*Theod.* Vós me obrigais, Senhora, a levar a minha doutrina a hum ponto mais apertado, do que talvez gostasse a Baroneza.

*Madam.* A Filosofia moral, meu Theodosio, he a que regula os costumes pela Luz da Boa Razão; qual he logo o motivo para mutilar esta importantissima sciencia, cortando-lhe este bello ramo, só porque esta rapariga não gosta: fiai mais do seu juizo, e da rectidão da sua alma.

*Ba-*

*Baron.* Se me amais, meu Meſtre, não me defraudeis de couſa alguma que poſſa regular os meus coſtumes.

*Theod.* Digo pois que nós devemos olhar ſempre para os fins que Deos teve quando nos concedeo eſſes bem da Natureza, vida, ſaude, forças, talento, &c. e eis-aqui a minha razão. Supponde que hum Soberano mandava á Corte eſtranha hum ſeu Embaixador para negociação importante aos ſeus Eſtados, e que para iſſo lhe apromptava a renda do coſtume; e que o condecorava com o titulo, ou caracter proporcionado; e que paſſados tres annos era mandado recolher. Se o Soberano lhe pediſſe conta da ſua Embaixada, e elle lhe diſſeſſe: „ Senhor, he verdade que eu eſtive neſſa Corte todo o „ tempo da minha embaixada, e que me „ tratei com todo o fauſto, e eſplendor „ proporcionado á renda que V. Mageſ„ tade me conſignava: fiz muito luſtro„ ſa figura; porquanto a minha meza „ era a mais polida, as minhas carrua„ gens excedião ás dos meus companhei„ ros; e nas minhas Aſſembleas era o „ concurſo numeroſiſſimo, eſpecialmente „ nos dias de annos, em que todos paſ„ mavão dos feſtejos com que eu cele„ bra-

„ brava o dia do Naſcimento de V. Ma-
„ geſtade. Goſtei infinito do Paiz, e di-
„ verti-me muito bem. Mas no que to-
„ ca á negociação de que V. Mageſtade
„ me encarregou, confeſſo que não achei
„ occaſião commoda para introduzir eſſa
„ prática; porque os convites, os feſtins,
„ as obrigações da Corte me levavão to-
„ do o tempo. „ Ora que acceitação
vos parece que acharia eſte Embaixador
no animo do ſeu Soberano?

*Baron.* Se lhe mandaſſe cortar a cabeça lhe dava o juſto premio.

*Madam.* Olha, minha filha, que te condemnas.

*Theod.* Outro tanto deve fazer o Creador, quando vir que dando-nos elle a vida, a ſaude, as forças, &c. para os fins licitos, e uteis á Républica, e a nós meſmos, nós trocamos os fins do Creador pelos noſſos fins; e que ſómente empregamos as dadivas do Author da Natureza nos divertimentos frivolos da mocidade.

*Madam.* Não dizia eu, minha filha, que te condemnavas? Ora reſponde á eſſe argumento do teu Meſtre, ſe pódes.

*Baron.* Não me ha-de eſquecer a doutrina; e fico perſuadida que a obrigação de hum

ho-

homem racional he empregar as dadivas de Deos nos fins de Deos.

*Theod.* Agora convem paſſar a outro ponto.

*Madam.* Ora eu ouço que tendes o Coronel lá em baixo, não he máo para as voſſas Conferencias; mas eu não góſto dos ſeus cumprimentos, nem dos ſeus ſyſtemas: retiro-me. Adeos.

## §. IV.

### *Do ſyſtema do* Egoiſmo, *iſto he, de cuidar cada hum ſómente em ſi.*

*Theod.* AGora, Senhora, convem tratar de hum ſyſtema, que parece filho do que temos dito, e na verdade he ſeu inimigo, e contrario. Nós temos obrigação de nos amarmos a nós meſmos; porém não deve ſer de ſorte, que ſó a nós meſmos amemos, o que chamão ſyſtema do *Egoiſmo*, iſto he, de cuidar cada qual ſómente em ſi, ſem que mais nada lhe dê cuidado algum. Muita gente ſegue praticamente eſte ſyſtema; e eu achei os dias paſſados em hum livro a Deſcripção deſſe ſyſtema, de modo que me fez rir, e tomei de memoria huns verſos que o pintavão bem ao natural.

Cre-

Creio que ainda me lembraráõ, porque fiz reflexão nelles. Mas o Coronel entra.

*Coron.* Que segredos são esses, Senhora, com o vosso Mestre? Nunca haveis de admittir conversação amena com quem vos estima, e se regozija das bellas prendas com que recreais a sociedade! Vossa Mãi concede mais tempo do que vós aos direitos da urbanidade, e polidez graciosa; e mais não tem os floridos annos que a vossa mimosa idade vos concede. Vós já devieis estar livre da severa escravidão em que vos tem posto a penosa educação dos vossos Mestres, que tratando de cultivar o entendimento, deixão defecar os corações mimosos, quando a natureza se preparava para fazer brotar nelles os ternos affectos do amor; affectos que são como a vida daquellas almas bellas, que de quando em quando apparecem na sociedade como fenomenos raros da Natureza.

*Baron.* Basta, basta, meu Coronel, que me faz mal o fumo do incenso. Vós estais bem instruido, e exercitado na linguágem da ociosa galanteria; mas eu prefiro a essa outra linguagem mais importante; e em quanto não tenho ornada co-

mo

mo convem a minha alma, não me importa isso que vós dizeis de bellezas, e lisonjas, e louvores do que pertence ao corpo. Meu Coronel, primeiro estou eu do que os outros; e quero mais consolar-me com ver a minha alma ornada com sciencias, e bellas qualidades do espirito, do que contentar os outros com essa que dizem formosura do meu rosto, ou com fittas, e ridicularias da moda, &c.

*Coron.* Ah Senhora, que vós estais no bello systema do *Egoismo*; porquanto vejo que cuidais só em vós, e nada mais vos importa. Agrada-me esse vosso systema; até nisso vos acho hum juizo *que não he feminino.*

*Theod.* Agora quando vós entrastes, principiavamos nós a fallar desse systema; e a Baroneza me pedio que lho explicasse; e eu começava a referir-lhe huma Descripção jocosa, que delle tinha achado n'um livro.

*Coron.* Pois eu, Senhora, não quero retardar, nem impedir a vossa judiciosa instrucção.

*Theod.* Dizia pois, Baroneza, o Poeta que descrevia o *Egoismo* deste modo: queira Deos que me lembre.

*Eu*

*Eu na molle Poltrona da Preguiça*
*minha vida ociosa e regalada*
*vou passando; e jámais tenho cubiça*
*senão só do meu Bem, e de mais nada.*
*Que arda o Mundo no fogo que se atiça*
*nas Campanhas de Marte; e que abrazada*
*veja a Terra, se as chammas me não tocão,*
*eu rirei vendo que outros se suffocão.*

*Coron.* Não se póde pintar com mais propriedade; e na verdade, Senhora, que esse systema he o mais racionavel, e acertado de quantos se podem imaginar. Elle he fundado no nosso *Amor proprio*, paixão inata, e gravada pelo Creador no centro do nosso coração; e tudo o que he embaraçar-nos com successos alheios, vai a perturbar a serena paz que tem o coração humano, quando só lhe importa o que he seu. Para que me quero eu affligir com males alheios? Para meu tormento bastão-me os meus. Se eu me interessar com os bens e males alheios, estou, Senhora, bem aviado, porque nunca me faltará que sentir.

*Baron.* E assentais vós, meu Coronel, que esse systema he conforme á Boa Razão?

*Coron.* Sem dúvida.

*Ba-*

*Baron.* Logo he razão que eu o siga, e Theodosio, e todos os homens o abracem.

*Coron.* Digo que sim, e sou constante.

*Baron.* Que bella figura farieis vós, meu Coronel, neste mundo, se todos os homens seguissem esse systema! Só, e desamparado vos verieis no meio da gente, sem que viva alma se magoasse dos vossos males, e infortunios, se os tivesseis. Que me importa cá o Coronel? (dirião todos os vossos conhecidos) chore elle os seus males, que eu chorarei os meus; que debaixo do seu cavallo gema, que grite, que arrebente, que eu cá estou tomando o meu café mui descançado. Nem os criados vos valeráõ; porque tambem são homens como vós; e tambem como vós devem seguir a mesma lei: elles tambem são obrigados a conformar-se com a Boa Razão, e esta (como vós dizeis) approva o vosso systema de nos não importar nada dos outros. Que me dizeis?

*Coron.* Vós, Senhora, tirais humas consequencias bem funestas.

*Baron.* Mas mui justas. Nem eu sei como vós podereis desembaraçar-vos deste argumento. Os que vos servem, pelo seu commodo he que vos servem; e por is-

so tanto que a roda da fortuna der volta, de maneira que vós dependais dos outros como elles agora dependem de vós, já vós achareis no meio das Cidades populosas, como se fosse n'um ermo, solitario, e sem o minimo soccorro nas vossas afflicções. Que bella situação, meu Coronel! Tendes-lhe inveja? Considerai huma povoação de dez mil pessoas; mas todas seguindo esse vosso systema, e sentados *nessa molle poltrona da Preguiça*; que nada cuidassem em vos acudir, ainda que estivesseis na maior afflicção, e aperto; quererieis viver ahi?

*Coron.* Deos me livre.

*Baron.* Pois como condemnais nos outros o que em vós approvais? Mas fallai vós, Theodosio, que na vossa presença tenho feito muito mal em querer disputar.

*Theod.* Quando vós disputais tão bem, he favor que me fazeis, e não atrevimento. Sabei que as settas do argumento, sendo despedidas por mãos femininas, penetrão mais que se fossem sahidas de arcos mais vigorosos nas mãos dos homens.

*Coron.* Assim o mostra a experiencia; mas eu quero-vos ouvir a vós, meu Theodosio.

*Theod.*

*Theod.* Meu amigo, *O homem tem em si mesmo pela sua natureza principios de muitas afflicções, miserias, e dependencias dos outros homens.* Reparai bem no que vos digo; porque he Principio certissimo que cada qual experimenta em si mesmo, e ninguem o póde negar.

*Coron.* Nem eu o nego.

*Theod.* Logo na nossa propria natureza temos, Principio que nos obriga a valer-nos dos outros homens; pois que nós estando sós, e desamparados dos outros, não nos podemos valer nas afflicções, e trabalhos.

*Coron.* Quizera negar, mas não posso.

*Theod.* Logo se o Creador fez todo o homem dependente dos outros homens, como póde cada qual tomar o systema de se não embaraçar com os males alheios? Isso era privar-se a si de todo o soccorro que os outros lhe pudessem dar, porque a lei deve ser geral. Se he justo que vós façais o vosso coração de pedra, insensivel a tudo o que he dos outros, tambem approvais nos outros semelhante dureza, e estranheza. Vedes que discorreis contra os vossos commodos, e que estabeleceis maximas oppostas ao vosso Amor proprio, o qual, como dissestes,

Deos gravou no centro do vosso coração!

*Baron.* Eis-aqui, meu Coronel, de que me servem as conversações com Theodosio, que vós tanto criticais. Servem-me de me não deixar enganar com os bellos discursos, como vós-outros me vindes persuadir os vossos erros. Ora dizei-me: Não vale mais a Baroneza com o seu entendimento illustrado, concertado, direito, do que a Baroneza com erros por dentro, e fittas, e joias na cabeça por fóra?

*Coron.* Eu não condemno a vossa applicação, mas sómente a austeridade com que o vosso Mestre vos faz perder o gosto de recrear nas assembleas a sociedade que tanto se interessa na vossa companhia.

*Baron.* Meu Coronel, vós sois mui inconstante nos vossos sentimentos.

*Coron.* Não me tinha nessa conta.

*Baron.* Pois vós ao principio prégaveis o amor que cada qual deve ter a si mesmo; confessais depois disso que eu valho mais, tendo o meu entendimento instruido com boas maximas, e livre de erros vulgares, do que o rosto ornado, e enfeitado, e agora quereis que eu me prive a mim, da minha propria utilidade, e do que he proprio para me fazer mais esti-

eſtimavel, e perfeita, e iſto para conſolar quatro Cavalheiros ocioſos, que aqui vem paſſar algumas horas! Quereis que eu para lhes dar eſſa frivola conſolação, me prive do meu bem ſolido, e do que certamente me faz mais perfeita, e mais eſtimavel! Ora concordai huma couſa com outra, ſe podeis; e ſe não podeis, confeſſai que ſois inconſtante no voſſo modo de penſar, ou de fallar. Vamos, Theodoſio, a outro ponto.

## §. V.

### *Da obrigação que todo o homem tem de conſervar a ſua honra, onde ſe trata dos Duéllos.*

*Theod.* VAmos, Baroneza, tirando mais conſequencias juſtas dos Principios que temos eſtabelecido ſobre o *Amor licito* de nós meſmos.

*Baron.* Quando os diverſos artigos da minha Inſtrucção vão ligados entre ſi por eſſe modo, fico mais perſuadida, e fico tambem mais livre de que me hajão de eſquecer.

*Theod.* A obrigação que nós temos de conſervar a noſſa vida, e ſaude, tambem ſe eſtende á noſſa honra, e bom nome.

*Co-*

*Coron.* A reputação boa he ainda mais preciosa que a vida; porquanto muitas vezes se perde, e muito mais se arrisca por causa da fama, e reputação, como se pratíca nos Duéllos.

*Baron.* Inda mal, que vós os Senhores Militares tendes systemas barbaros nessa materia.

*Coron.* Barbaros lhe chamais vós! quando todo o mundo põe nesses pontinhos delicados a maior honra de hum Cavalheiro.

*Baron.* Chamo barbaro todo o systema, que he contra a *Boa Razão*; pois que esta he a unica differença que ha entre gente *barbara*, e gente *civilizada*; que esta, e não aquella o conhece, e se serve da Boa Razão. Ora vós a pezar de serdes Militar, não podeis livrar de barbaridade esse modo de punir pela honra.

*Coron.* Minha Baroneza, vós não podeis negar que hum homem honrado, se vê, que he offendido, deve punir pela sua honra, ou desafiando quem o insultou, ou acceitando o Duéllo, se he desafiado; e bem claro he que n'um Duéllo sempre a vida se arrisca, e muitas vezes se perde. E nesta maxima está toda a Nação civilizada; e não posso soffrer que condemneis de barbaridade esta maxima tão estabelecida.

*Ba-*

*Baron.* Ainda eſtou pelo meſmo, em quanto me não reſponderdes ao que vós meſmo haveis de confeſſar que he tirado da *Boa Razão*; que eu para iſſo não preciſo de outro argumento. Mas não, não quero, Theodoſio, tomar o voſſo lugar: vós manejareis o argumento, que já muitas vezes vos tenho ouvido, com mais deſtreza, e mais vigor do que mão feminina. Eu me calo por ora.

*Theod.* Eu vos direi, meu amigo, ſómente as razões que a Baroneza queria allegar. Vós ſois homem de razão, haveis de entender a linguagem da *Razão*; e pezar todo eſte argumento na balança da Boa Razão, e na balança da *Razão Eterna de Deos*.

*Coron.* Iſſo lá da *Balança da Razão Eterna de Deos* fica muito alta; nós de cá não podemos examinar o movimento della, nem do ſeu *Fiel*.

*Theod.* Pois vós não concordais comnoſco que a noſſa Luz da Razão nos foi dada por Deos!

*Coron.* Quem o duvída?

*Theod.* Logo iſſo que a noſſa Boa Razão nos dictar, he dito por Deos, e he o que diz a *Razão Eterna de Deos*. Olhai. Deos não nos póde dizer a nós pela voz da

da Razão que plantou na nossa alma o contrario daquillo que lhe diz a sua Eterna Razão. Isso seria mentir o Ente summamente perfeito; entender que huma cousa he má, e pôr-nos no nosso entendimento huma voz, que diga que ella he boa, ou ás avéssas. Assim, meu amigo, quer queirais, quer não, haveis de dizer que o que a nossa *Boa Razão* condemna, Deos tambem condemna na sua *Eterna Razão.*

*Coron.* Seja; mas a nossa Boa Razão está dictando que hum homem honrado deve punir pela sua honra a todo o custo.

*Theod.* Concordaria se isso fosse punir pela honra, de sorte que a honra ficasse salva, ou manifesta. Concordarei nisso. Ora para isso nada faz o Duéllo; porque nem dá, nem tira honra.

*Coron.* Ah! não: he o unico modo com que hum homem de bem, se he affrontado, despica a sua honra. He o unico meio.

*Theod.* Ora, amigo, vós bem sabeis que o successo dos Duéllos depende de huma de tres cousas, da *Força*, da *Destreza*, e da *Casualidade*, concordais nisto?

*Coron.* Concordo.

*Theod.* Ora qual destas cousas prova que

vós

vós ſois honrado? Qual prova que eſtais injuſtamente offendido? Qual prova que o voſſo contrario he criminoſo a voſſo reſpeito? Se acaſo quando vós tendes razão, e ſois verdadeiramente honrado, ſempre ficaſſeis victorioſo, tinheis tal, ou qual deſculpa; porém todos confeſsão, que a ponta do florete he cega, e não decide da juſtiça, ou injuſtiça dos combatentes. Muitas vezes o que mais razão tinha, fica no campo, e o criminoſo vence; como he logo meio de averiguar a voſſa juſtiça, e provar a ſem-razão do contrario, provocallo para hum Duéllo? Pergunto mais: E o deſafiado acceitando o deſafio, fica honrado, ou não?

*Coron.* Se não acceitar o deſafio, fica vil, e não póde apparecer entre nós. Se quer moſtrar que he honrado, deve acceitar o Duéllo promptamente.

*Theod.* Eſtá bem. Logo o Duéllo igualmente prova a honra do que deſafia, e do que acceita o deſafio.

*Coron.* Sem dúvida.

*Theod.* Logo o Duéllo não prova nada em materia de honra; porque tanto ma dá a mim, como ao meu contrario. Que reſpondeis?

*Baron.* Vós eſtais apertado, meu Coronel.

*Co-*

*Coron.* Senhora, os Militares tem lá suas leis, de que não se podem escusar. Entre elles não ha filosofias de animo pacato, nem os discursos frios da *Boa Razão*; tudo he fogo, fogo; e mão logo ao florete. Não conhecemos lá essas leis da Razão.

*Baron.* Visto isso a farda dá-lhes privilegio para obrarem como animaes, que não conhecem *Luz da Razão.*

*Coron.* Cousas dizeis, Baroneza!

*Baron.* Eu não digo senão o que vós acabais de dizer. Dizeis que os Militares não estão lá para ouvir a voz da Razão, e que no seu fogo não escutão os discursos frios do animo pacato: com que eu não adiantei o discurso: repeti o que vós dissestes.

*Coron.* Senhora, quando hum Militar se vê offendido, todo o sangue de repente lhe sobe á cabeça, e lhe ferve no cérebro, o fogo se lhe atêa no animo, a imaginação fumega, a honra grita, o coração salta, os olhos do entendimento nada vem, o discurso emmudece, a razão não he ouvida, nem a Filosofia, porque o furor arrebata a alma, e só lembra o despique, a vingança, e o desafio.

*Baron.* Torno a dizer, meu Coronel, lo-

go

go as leis militares põem os ſeus alumnos na claſſe de brutos, que não ouvem, nem entendem razão.

*Coron.* Deos me livre, Theodoſio, de ter Duéllos literarios femininos; porque a eſpada de huma Senhora he mui ſagrada, não quero brigar com a Baroneza, quero-me antes comvoſco.

*Theod.* Havemos, amigo, de eſtabelecer hum Principio fixo para diſcorrer ſobre elle. Vós haveis de concordar em que a *Luz da Razão* he *innata*, iſto he, poſta pela Mão do Creador na noſſa alma, e por conſeguinte he incontraſtavel, de ſorte que ainda que todos os homens ſe ajuſtaſſem a dizer o contrario do que diz a *Voz da Razão*, não a poderião emmudecer, nem fazer que diſſeſſe o contrario. Bem como ſe todos os homens ſe ajuſtaſſem a determinar que dalli por diante todos naſceſſem ſó com hum braço, ou com dous narizes, eſte louco e geral ajuſte nada mudaria na natureza humana. Ora deſſe meſmo modo, digo, que todos os ajuſtes, e convenções dos homens nada podem mudar na *Luz da Razão*, que Deos imprimio na noſſa alma; aſſim como nada podem mudar na organização do corpo.

Co-

*Coron.* Concordo, e rio; porque vejo ao longe a ſagacidade com que me quereis levar. Mas eſſa Luz da Razão manda, que todo o crime ſeja caſtigado. Vede que me dais armas contra vós.

*Theod.* Concordo que a Luz da Razão manda que quem vos offendeo ſeja punido, iſto he, ſem dúvida; ſó falta ſaber *por quem*, e *quando*, e *de que modo*.

*Coron.* Pela minha mão, ſe eu for offendido.

*Theod.* Iſſo he ſuppondo que o ſucceſſo da pendencia ha-de ſempre ſer a favor da Razão, e contra o voſſo offenſor. Porém todos vem que o ſucceſſo do Duéllo he mui vario, e ora fica morto o offendido, e bem innocente, ora o offenſor, que he o culpado. Com que, meu amigo, ſe o Duéllo he com o fim de caſtigar o voſſo contendor, e culpado, vos arriſcais em *caſtigar em vós meſmo o crime do voſſo adverſario*. E achais iſſo lá na voſſa *Boa Razão*? Bem vedes, amigo, que não ha ſyſtema mais irracional, nem mais inutil, do que eſſa voſſa lei dos Militares; digo que he irracional, porque expõe á pena ultima igualmente o *innocente*, e o *culpado*; digo, que he *inutil*, porque não ſerve de nada, pois

não

não declara quem teve razão, ou quem teve crime; não declara quem foi honrado, ou quem he falto de honra; pois que já confessastes que igualmente fica coroado com os louros da honra o que desafia, e o desafiado; igualmente o *morto*, e o *matador*. Ora se isto he assim, então que fez cá o Duéllo, para mostrar que hum Militar era honrado? Explicai-me bem isto. Só se póde ser Juiz da honra o *mero Acaso*?

*Coron.* Nesses lances já vos disse não se olha a nada.

*Theod.* Nesses lances assim he, não se olha a nada; mas agora estamos aqui todos tres de sangue frio, e entre nós tres se ha-de decidir, se isto he hum *despropósito*, ou se he cousa racionavel. Agora todos temos o juizo em seu lugar, agora se ha-de sentencear esta causa.

*Coron.* Pontos delicados de honra entre Militares nunca forão sentenceados nem por Senhoras, nem por Filosofos.

*Baron.* Quereis dizer que nunca forão sentenceados no Tribunal da *Boa Razão*.

*Coron.* Estes pontos, Senhora, sómente se sentenceão no Tribunal da Honra.

*Theod.* Pois, amigo, os Filosofos tambem se prézão de ser honrados: appéllo para

ra esse Tribunal, que entendeis vós por *Honra?*

*Coron.* Eu entendo por Honra a *pública estimação merecida.*

*Theod.* Approvo a definição que he justissima; porque a estimação se he só de duas, ou quatro pessoas, não he honra, he principio della; e tambem se essa estimação pública não for merecida, não he honra. Agora dizei-me: Como merece hum homem offendido essa pública estimação por meio de hum Duéllo? Se he porque matou na força da raiva, cégo da colera, isso faz hum Touro picado pelo Cavalleiro; isso faz hum Urso, hum Tigre, hum doudo, hum bebado: todos terão pela morte que fazem, igual titulo á estimação pública: se he porque morreo, então os dous contendores no Duéllo ficão igualmente estimados publicamente; e não vem o desafio a servir de despique, porque ficão os dous Contendores, seja qual for a sorte, igualmente honrados. He galante mysterio da Politica Militar.

*Baron.* Vós, Coronel, rides! Tomára que respondesseis com razões, e não com rizos urbanos, e frios.

*Theod.* Ainda não disse tudo. O successo do

do Duéllo já ſabeis que he incerto; mas os máos effeitos são certos. He incerto o vós matardes, ou o ſerdes morto; aſſim he; mas he certo que voſſa mulher, voſſos filhos, a voſſa caſa ficão perdidos. Se morreis, bem ſe vê o perjuizo que faz a voſſa morte a toda a voſſa familia; e ſe matais, he preciſo auſentar-vos com huma fuga precipitada, que tambem por outro modo vos priva da voſſa caſa, e familia. Eſtas conſequencias são certas. Ora em que razão cabe caſtigar hum homem em ſua mulher, em ſeus filhos, e na ſua familia que ama; caſtigar, digo, até em ſi meſmo o crime alheio? Dizeime, em que razão cabe iſto?

*Baron.* Reparai bem, meu Coronel, naquelle argumento.

*Theod.* Continúo: Quem vos deſattendeo, foi criminoſo, e ninguem mais. Ora acabado o Duéllo, ſeja qual for o ſeu exito, vós ficais perdido, voſſa mulher, filhos, familia, caſa: não he iſto ficarem todos eſſes innocentes caſtigados, e iſſo ſómente pelo crime alheio, e ficarem caſtigados pela voſſa mão, e pela voſſa propria vontade?

*Coron.* Não poſſo negar que iſſo aſſim he; mas que quereis?

*Theod.*

*Theod.* Quero que me digais se isto *merece estimação pública*; porque se verdadeiramente a não merece, então não ha aqui *Honra.*

*Baron.* Confessai, Coronel, que essa maxima dos Militares não tem nada de Honra, porque he hum disparate contra toda a Boa razão; disparate que merece o público horror da Boa Razão. Mas o Coronel, meu Theodosio, está cançado de brigar comnosco; passemos adiante, demos-lhe descanço.

*Coron.* Sempre he brigar com duas pessoas no que não ha partido igual. Vamos a outra materia.

*Theod.* Vamos a outro ponto, em que vós, Coronel, nos haveis de achar muita razão.

## §. VI.

### *Do desejo que todo o Homem tem de conservar a sua boa reputação.*

*Theod.* NO'S, meu Coronel, já temos provado que todo o homem tem a propensão inata impressa na alma pelo Creador de se amar a si mesmo, com os limites justos da Boa Razão, que Deos tambem lhe imprimio para reger,

e

e moderar o impeto do Amor proprio. E tambem em virtude deste *justo Amor a si mesmo*, temos provado que deve conservar a sua vida, a saude, os membros, &c. Agora segue-se fallar do desejo que elle tem de conservar (já se sabe que por meios justos) a sua boa reputação.

*Coron.* Concordo; e de boa vontade: e porque motivo tenho eu disputado até agora justificando os Duéllos?

*Theod.* E porque motivo accrescentei eu agora aquella clausula *já se sabe que por meios justos*? Eu de industria a accrescentei á minha proposição.

*Coron.* Não disputemos sobre o que está mui disputado. Continuai.

*Baron.* Este cuidado de ter bom nome sempre o ouvi a minha Mãi nos conselhos maternaes que me dava; persuadindo-me que era conselho do Espirito Santo. Agora quero, Theodosio, que me expliqueis isto filosóficamente.

*Theod.* Muitas intelligencias erradas dão alguns a esse conselho que dissestes, que convem acautelar.

*Coron.* A que eu dava no meu ritual Militar, já vós reprovastes; quero agora ouvir a interpretação de Theodosio.

*Theod.* Antes que eu vos declare a verdadeira, e louvavel Intelligencia deste conselho, ou os meios solidos de ter hum homem boa reputação, quero ponderar os meios errados de que muitos infelizmente se valem. Hum mui ordinario he quando muitos levados de hum enthusiasmo de adquirir grande nome, emprehendem acções heroicas, e querem voar sem ter azas, feitos Icaros desgraçados. Ora o *Amor proprio*, que sendo racionavel, e justo he causa de muitas acções boas, sendo demaziado, e fóra da regra, nos acarreta muitas desgraças; e quantos passos nos obriga a dar, tantas quédas nos prepara, e tantas infelicidades nos chama.

*Coron.* Na Tactica, e Arte da Guerra o vemos a cada passo, porque muitos Generaes (sem tomar bem as medidas necessarias nas suas emprezas) pertendendo subir ao cume da Gloria no Templo da Fama, se precipitárão nos abysmos do desprezo; ainda depois de pagarem com a morte a sua temeridade. A ninguem he tão necessaria a moderação, e prudencia neste desejo da boa reputação, como aos Militares, porque a cada passo se precipitão por imprudencia.

*Ba-*

*Baron.* Neſtes noſſos tempos vimos a quéda paſmoſa, e total ruina de B. ****, que quando ſe reputava quaſi Divindade, acclamado pelo clarim da Fama; depois por emprehender acção nunca intentada, tem ſido o rizo de todos, e a móſa até de gente vil. Mas deixemo-lo gemer.

*Theod.* Outro ſyſtema tem alguns, levados deſſe deſejo da grande reputação, que he deſvanecerem-ſe, e gabarem muito as proprias acções.

*Baron.* Quando vem que ninguem os gaba, nem celebra, que remedio tem elles ſenão elogiarem-ſe a ſi meſmos.

*Theod.* Mas o effeito nunca he como ſe deſejava; porque nada ha que geralmente ſeja mais aborrecido, como hum metaforico Narciſo, que ſe deſvanece da ſua talvez falſa formoſura que reverbera nas aguas. Iſto provoca os outros a que celebrem os ſeus defeitos, e os critiquem, e os ponhão em contra-balanço dos elogios que eſſe vaidoſo ſe faz a ſi meſmo.

*Baron.* Deſſa gente ha muita, e toda fica bem caſtigada nas noſſas aſſembleas, porque nos dão aſſumpto para rir.

*Theod.* Outros tomão caminho differente para terem boa reputação, e tambem errão. São como os que vivem em caſas

rasteiras, e morrem por ficarem sobranceiros aos demais; e não tendo forças para levantar o proprio edificio, querem abater tudo em redondo; e como que rebaixão no terreno alheio em vez levantar o proprio; e assim todo o seu empenho he criticar, e desfazer nas obras alheias, em lugar de aperfeiçoar as suas; como se os defeitos alheios fossem perfeições proprias. Disto ha muito; e cuidando elles de adquirir para si boa reputação, porque desfazem em todos os demais, dão a conhecer a sua pobreza, e louca vaidade.

*Baron.* Pois então qual he a verdadeira intelligencia daquelle conselho: *Tem cuidado do bom nome?*

*Theod.* He: *não querer denegrir o nosso nome com más acções.* A razão disto he, porque com o máo nome na materia de costumes, fazemos hum grande mal a nós mesmos; e fazemos hum grande mal á sociedade em que vivemos. Nós assim como não podemos licitamente fazer-nos hum *mal fysico*, cortando v. g. hum membro, assim não podemos fazer-nos hum *mal moral*; ora dando occasião a que a nossa reputação seja má, verdadeiramente nos fazemos hum grande mal: o que he

cri-

crime grande contra a propensão que Deos poz na noſſa alma de nos procurar o noſſo bem : bem ſolido , e por meios juſtos. Vós , Coronel , vos ſurrides ! Eu vos percebo o penſamento : ſei que as maximas dos voſſos Filoſofos parecem ſer as meſmas que eu aqui eſtabeleço ; porém quando nós tratarmos dos Deveres do homem para com os outros homens , vereis que as minhas maximas são inteiramente diverſas das ſuas ; porém agora he fóra de tempo averiguar eſſa materia.

*Coron.* Aſſim he que me parecia que vós abraçaveis os ſyſtemas que eu abraço , e os Filoſofos que agora geralmente ſe eſtimão ; mas a ſeu tempo fallaremos. Continuai.

*Theod.* Eſta he a verdadeira intelligencia , Senhora , deſte conſelho prudente ; he cuidar em ter bom nome quanto aos coſtumes. Agora quanto ás ſciencias , tambem eſſe conſelho tem huma boa intelligencia , que he util , e he differente , conforme as idades.

*Baron.* Explicai-me iſſo.

*Theod.* Quando vós ereis de menor idade , e com voſſos irmãos começaveis o eſtudo da Geometria , Fyſica , &c. não ſei ſe vos lembra , que eu vos excitava , e eſ-

estimulava para o estudo, com os motivos da vaidade, ponderando varias circunstancias que excitavão os desejos de louvor; agora porém nesta instrucção que me pedis, nunca vos fallo nos vossos louvores, nem na boa reputação que ides tendo. Devo dar a razão desta diversidade, e vem a ser esta. Na idade menor este orgão da nossa alma só tem os canudos de vozes finas, e mais altas; e ainda não soão os canudos das vozes graves, e mais fundamentaes. O deleite, e sensações agradaveis he o que faz impressão nos poucos annos; porém quando a idade amadurece, as razões solidas que o entendimento propõe, movem mais a vontade do que o deleite dos sentidos na idade tenra. Isto supposto, quando a *Razão* he fraca, e os sentidos vigorosos, convem estimular a vontade pelos louvores, estimação, e vaidade; e quando a *Razão* já he vigorosa, convem estimular a vontade pelas razões solidas, como eu vos faço agora; e não olhar tanto para ter os louvores, como para os merecer. E deste modo o meio de adquirir o bom nome, e boa reputação, ainda nas artes, e nas sciencias, não he *procurar* os louvores, mas he só o *merecellos*.

Co-

*Coron.* He mui auſtera a voſſa filoſofia, meu Theodoſio.

*Theod.* O caſo eſtá ſe he verdadeira. Aſſim, minha Baroneza, cuidai em ter, ou em conſervar a voſſa boa reputação, não por criticar os defeitos das voſſas amigas, ou companheiras; porque defeitos alheios não são prerogativas proprias; nem tambem vos deveis deſvanecer de alguma couſa boa que tenhais; mas ſó deveis cuidar em merecer os louvores, eſpecialmente nos coſtumes. Vamos a outro ponto.

*Coron.* Senhora, o voſſo Meſtre quer-vos pôr n'uma Região ſuperior á noſſa natureza.

*Baron.* E ſe elle o pudeſſe fazer, que mal me hia? Vamos, Theodoſio, a algum artigo differente.

*Theod.* Seja eſſe caſo funeſto que hoje ſe publicou que ſuccedeo a Millord F. *** que ſe matou com huma piſtola ao ouvido.

*Coron.* Tem bem deſculpa; porque ſe a deſgraça o perſeguia por toda a parte, enfadado de viver ſe deo á morte.

## §. VII.

### *Do Suicidio, ou se he licito matar-se hum a si mesmo; ou tambem expôr-se á morte com algum motivo.*

*Theod.* ORa dizei, Coronel, o que pensais neste ponto.

*Coron.* Eu temo escandalizar os delicados ouvidos da Baroneza.

*Baron.* Como na presença de Theodosio não temo que me deixe enganar pelos vossos argumentos, disfarçarei todo o horror dos vossos systemas.

*Coron.* Direi pois francamente o que penso. O homem deve buscar a sua felicidade: isto he hum principio certo; onde quer que elle a veja, deve ir buscalla: supponho que concordais ambos vós nisto que digo. Ora de ordinario nós buscamos, e esperamos a nossa felicidade no *Bem da vida*; mas quando a larga experiencia tem mostrado a hum homem, que na vida sómente acha a *Desgraça*, e que esta maldita furia o persegue em todos os passos da sua cançada vida, deve buscar a sua felicidade na morte; porquanto sendo a morte o estado opposto á vida, estando esta cheia de desgra-

graças, he natural que a felicidade se encontre só na morte; e por isso louvavelmente hum se dá a morte a si mesmo.

Demais, que cada qual he senhor dos seus bens; e se elle voluntariamente ceder delles, não faz offensa a ninguem. Ora que bem he mais proprio de cada qual, do que a sua propria vida? Se eu cedo della, se eu sou o que me privo della, e isso porque quero, quem se póde queixar de mim? Não poderei eu procurar o meu descanço depois de muitos annos de trabalho inutil? Atrás da *Felicidade* (diz hum destes infelices) tenho corrido desde a infancia, continuei na puericia, não descancei na adolescencia, forcejei com todo o empenho na idade de varão; o juizo, as forças, a paciencia, a constancia tenho empregado a ver se a consigo; mas tem sido em vão, e trabalho sempre inutil. Ora quero ao menos descançar de tanta fadiga inutil; porque caso que na morte não encontre a felicidade que me tem sempre fugido, ao menos cessando a minha fadiga, acharei o Bem do Descanço. Isto he o que dizem os que se resolvem a tirar-se a vida.

*Baron.* O caso he que tendes bellamente advogado huma causa bem feia.

*Co-*

*Coron.* Eu não sei que seja causa má o desculpar hum prezo ferrolhado n'uma escura masmorra por muitos annos, annos em que continuamente he atormentado; desculpar, digo, o abrir a porta do seu carcere para sahir aos Campos Elisios da sua liberdade. E que mais tenebrosa masmorra (diz o infeliz) do que o meu corpo doente, fraco, tyrannizado, afflicto, atormentado pela maldita furia da *Desgraça*, e teimosa sorte, que me tomou entre dentes, como dizem: a masmorra, digo, mais tenebrosa que ha, para a minha alma, nobre, generosa, livre, e fidalga? Soltem-se pois as malditas prizões do corpo, e voe a minha alma para superior esfera, em que respire.

*Baron.* Se assim fosse! Se ella voasse á superior esfera! Mas se... Acudi, Theodosio, que este ponto não he para discurso feminino. Porém não; não, que até aqui chego eu. Esse vosso discurso, meu Coronel, me agrada, me convence, e me parece de huma evidencia notoria, e tiro delle huma consequencia, e he, que eu em vendo que a roda da fortuna desanda a vosso respeito; e que assim como as honras até aqui vos tem buscado, voltão sobre vós os infortunios e desgraças,

o

o que não he de admirar na vida de hum Militar, em vendo, digo, que sois perseguido da desgraça, vos mando dar hum tiro por algum de meus Irmãos; e isto levado da compaixão, para por esse modo vos soltar do maldito carcere que tinha ferrolhado a vossa bella alma nessa triste, escura, e penosa masmorra do corpo. E com que gosto sahiria o vosso espirito para essa bella, e encantadora Região dos vossos Campos Elisios! Os vossos distinctos merecimentos, que aqui são mordidos pelas malditas serpentes da inveja, lá serão coroados com os louros immortaes da merecida gloria; e em lugar das calumnias com que de vez em quando a inveja talvez vos perseguirá, ouvireis com gosto que o clarim da Fama faz retumbar pelos orbes celestes o louvor do vosso nome. Ah meu Coronel, vede que grande serviço vos faz a minha attenção, em vos tirar a vida, para não serdes desgraçado.

*Coron.* Vós, Baroneza, parece-me que vos estais ensaiando para o meu elogio funebre. Agradeço, e cedo de tamanha commiseração.

*Baron.* E como! Pois o vosso espirito, abrindo-lhe eu a porta, não quererá sahir

da

da masmorra em que geme quotidianamente! Não, não, meu Coronel; vós haveis de dar-me licença para este obsequio devido á natural compaixão dos nossos semelhantes. Tendes orado tanto a favor dos que se tirão a si mesmos a vida, para não serem aqui infelices, que eu persuadida do vosso discurso vos desejo fazer esse obsequio de vos matar; cousa que tanto louvais.

*Coron.* Senhora, dispenso o vosso favor.

*Baron.* Logo vós louvais huma cousa n'um momento, e hum minuto depois a reprovais, como summamente má! Ah Coronel, que aleijado he o vosso espirito, coxeando alternativamente para *sim*, e para *não*! dizendo, e desdizendo; approvando, e reprovando isso mesmo que acabais de approvar. Mas já isto he muito para rapariga; perdoai, Theodosio, a minha viveza.

*Theod.* Não perdoarei por certo; só promettendo vós que nunca vos haveis de emendar deste, e semelhantes crimes. Neste combate literario, quando o adversario accommette qual bravo touro com arrogancia, e ar d'ante-mão victorioso, vós tendes destreza para lhe cravar o rojão tão felizmente, que do primeiro golpe

pe o proſtrais a voſſos pés. A mão da Senhora tem mais delicadeza e geito, ainda quando não tenha tanta força.

*Baron.* Não percamos tanto tempo: reſpondei vós no voſſo tom, que eu já reſpondi no meu.

*Theod.* Sempre aſſentei, Baroneza, que matar-ſe hum homem a ſi meſmo, por não poder ſupportar os trabalhos da vida, era prova de huma alma bem fraca, pois que voluntariamente ſe deixava cahir debaixo do pezo dos trabalhos; que he acção feiſſima, que ſó póde acontecer na força da deſeſperação, quando hum homem fechando inteiramente os olhos á Luz da Razão obra como bruto.

*Baron.* Dai-me licença, Theodoſio, não concordo. Pois já viſtes algum bruto matar-ſe a ſi meſmo?

*Theod.* Dou-me por convencido; venceſtes, Senhora, e digo que iſſo he obrar muito peior do que os brutos; e o horror deſta acção vem de que a *Vida* he o maior bem que ha na ordem da Natureza; e a *Morte* violenta o maior mal. Ora tendonos o Creador dado a vida, e dado a propensão natural para a noſſa conſervação, e para nós deſejarmos o bem licito, e racionavel, fazer-ſe hum homem a ſi o maior

mal

mal he huma summa desordem, e descortezia a respeito do Creador.

Quem me havia de desculpar, Senhora, se eu me cortasse hum braço, ou decepasse huma mão, &c. todos me condemnarião de barbaro; e não he muito peior tirar-me a vida, que he privar-me não de huma cousa que Deos me dera, mas de tudo?

Demais, que a vida não he dadiva de Deos simplesmente como he entre os homens a dadiva de hum relogio, que huma vez dado está dado, e temos nós dominio nelle, e he inteiramente nosso, e podemos dispôr delle como nos agradar; mas a vida não he assim. Deos ma dá cada dia, e a cada momento; e não he huma dadiva só, mas he huma continuação de dadivas successivas, independentes humas das outras; tanto assim, que eu não me posso segurar nem hum dia de vida, nem prolongalla mais, nem huma hora. O Creador pela sua mão ma vai dando em quanto quer, momento por momento; e faz isto para que eu veja que esta dadiva depende unicamente da sua mão; e para que eu nunca seja senhor disso que só por momentos me dá, e que eu não posso guardar de huma hora

ra

ra para a outra. E daqui se segue, que a acção de matar-se hum homem a si mesmo, bem considerada, he querer Deos dar-lhe esta dadiva da vida, que sómente está na sua mão, e o homem atirar-lhe á cara com esse bem que lhe queria dar.

Empenhem-se todos os Soberanos da terra, convoquem todos os sabios do mundo, fação as mais extraordinarias despezas para que eu viva hum dia mais da conta que me está taxada lá em sima, he cousa inutil: donde se vê que he huma dadiva, da qual só o Todo poderoso tem a regalia de a poder dar a quem quizer, e como muito quizer. Que horror será logo fazer dessa dadiva preciosa, e que os Soberanos todos não podem supprir, nem huma pequena parte, fazer, digo, hum tal desprezo que a destruamos?

*Baron.* E assentando o homem na Immortalidade de sua alma, então he loucura maxima; e sem a menor apparencia de desculpa.

*Coron.* Senhora, os que se matão nem attendem á Religião, nem cuidão na alma, nem em cousa alguma mais que na sua desesperação; e nunca discorrem sizudamente como nós agora fazemos. Passemos a outra materia.

*Theod.*

*Theod.* Ainda ha que tratar neste ponto, por ser materia analoga. Convem saber se he licito a hum homem expôr-se voluntariamente a perder a vida.

*Baron.* Oh, isso certamente não; porque o mesmo he isso, que matar-se.

*Theod.* Não sejais, Senhora, tão prompta em decidir, porque mais ha do que isso. Quando hum se offerece para ir defender na guerra ou a sua Patria, ou o seu Soberano, certamente se expõe voluntariamente á morte, e vós não haveis de condemnar a vossos irmãos que o fazem, e a todos os vossos honrados Avós, que tingírão do seu glorioso sangue os escudos da sua Nobreza, e fidalguia.

*Baron.* Confesso que não me lembrava isso. Discorrei vós, que eu quero saber nisso o que ha de verdade, e decencia.

*Theod.* Que a guerra póde ser cousa licita, sabemos nós, porque nos tempos antigos Deos a approvava; o caso está em que os motivos sejão justos. Supposndo pois que o Soberano tem motivos justos para a fazer, o vassallo póde, e deve expôr a sua vida pelo bem da Patria, porque na balança da Boa Razão prevalece o Bem de todos ao proprio *Bem*: se os soldados não se tiverem firmes ás portas

tas

tas da Cidade a impedir a invasão injusta dos inimigos, no que certamente se expõe a serem mortos, elles entrarão, e defraudarão os Cidadãos dos bens, das mulheres, dos filhos, da honra, e das vidas; no que todos perdem. Ora pondo hum homem na balança da *Boa Razão* (Razão, que Deos lhe imprimio na alma para seu governo) pondo nesta balança, de huma parte perder a sua propria vida, da outra todos os horrores que de invasão injusta dos inimigos se seguem, como isto tem hum pezo indizivelmente maior, deve expôr-se ao perigo de morrer; pois que elle deve amor e serviço á sua Patria, á mulher, aos filhos, e concidadãos; porquanto de todos elles recebe favor, auxilio, e soccorro no tempo da paz; e he de toda a equidade e justiça, que quem vale ao militar em todo o tempo da paz, seja soccorrido por elle no aperto, e angustias da guerra.

*Baron.* Pois não he isso perder hum homem o bem maximo da ordem da Natureza, quando elle se deve amar a si por preceito do Creador?

*Theod.* Sim, he perder o bem maximo da ordem da Natureza; mas he para não

perder outro bem maior, de classe muito mais alta.

*Baron.* Não entendo.

*Theod.* Eu me declaro. O Creador pondo na nossa alma a *Luz da Razão* para nosso governo, quer, e manda por esta sua voz que nos governa, que obremos como o Creador nos diz pela *Voz da Razão*, que he voz sua; se o fazemos, forçosamente lhe agradamos, porque obedecemos á sua Lei; pelo contrario quando nós obramos contra esta *Voz Divina*, que nos está dizendo o que devemos fazer, necessariamente lhe desagradamos; e já isto he hum *Bem*, e he hum *Mal* de ordem muito superior aos *bens da Natureza*. Ora se hum homem perde a vida por fazer o que deve, e o que Deos lhe manda, ganha o seu *Agrado* e *Benevolencia*, que he hum *Bem* summo, e evita o *Desagrado* do Todo poderoso, que he hum *Mal* summo, peior que a morte. Eis-aqui, Baroneza, porque esse perigo da morte não he contra a propensão licita *do Amor a si mesmo.*

*Baron.* Agora já entendo; mas vós levais as cousas com huma metafysica tão subtil, que não sei que vos diga; pois confesso-vos que estava neste erro, posto que não ousava a dizello.

*Theod.*

*Theod.* O mesmo vos digo daquelles; que levados de hum amor heroico de seus irmãos, se dedicão em tempo de peste a cuidar dos enfermos, ou seja por obrigação da Medicina, ou por assistencia de humanidade. Todas estas acções são summamente louvaveis; porque sendo o homem creado pelo Ser supremo para viver em sociedade, tem obrigação de acudir não só a si, mas tambem aos outros. Assim se prefere a vida de muitos á sua, obra com summa heroicidade, e merece muito louvor; porque tambem na balança da Razão Eterna de Deos péza mais a vida de muitos que perigão, do que a vida de hum, que póde salvar a muitos; e deste modo não procura o seu mal, ainda que morra, porque essa morte heroica agrada summamente ao seu Creador; e neste agrado e complacencia do Summo Bem ganha mais do que perde na vida corporal que arrisca, e que offerece ás Leis Divinas da Humanidade.

*Baron.* Vedes, Coronel, como Theodosio vai coherente na applicação dos seus Principios! Devemos conservar a nossa vida, porque he o nosso maior bem natural que Deos nos deo; e pelo amor que nós devemos a nós mesmos, o devemos conser-

var. Mas quando na perda deste *Bem* ha outro *Bem* de ordem superior, qual he concordar com a vontade e approvação do Creador, esse mesmo Amor, que nós devemos a nós mesmos, nos conduz á perda da vida, por ser isso meio de conseguir os agrados do Omnipotente. Agora passemos a outro ponto, como o Coronel ha tempo desejava.

*Theod.* Passemos.

## §. VIII.

### *Da obrigação que todo o Homem tem de ganhar o seu pão pelo trabalho, ou pela industria.*

*Theod.* QUero agora adiantar a Filosofia moral a hum ponto que convem igualmente ao bem de cada hum, e ao Bem do Público.

*Baron.* E qual he?

*Theod.* He que nós devemos cuidar em conservar a nossa vida, não por qualquer modo, mas pelo trabalho, ou pela industria; cada qual conforme a sua esfera.

*Coron.* Não admitto essa regra tão geral como vós o dizeis; porquanto aquelles, a quem a Natureza deo bens hereditarios

com que poſsão paſſar a ſua vida com decencia, não tem alguma obrigação, nem do trabalho, porque iſſo he proprio de outra gente; nem tambem da induſtria. Tomára eu que os empregos militares em que me tem poſto, me não deſſem tanta lida, que eu goſtoſo paſſaria a minha vida em gozar delicioſamente dos bens da fortuna, ou da Natureza, como vós, Baroneza, tendes na voſſa caſa de *Santo Eſtevão*, ou na de voſſos Pais. Eu acho razão a muitos, que dizem com grande ſatisfação da ſua alma: *Oh que bella couſa he não fazer couſa alguma*!

*Baron.* E vós ſeguis iſſo?

*Coron.* Não o ſigo, porque me não deixão, com bem pena minha.

*Baron.* Eu vos deixo a Theodoſio o impugnar eſte ſyſtema como Filoſofo; mas eu como Politica vos proteſto que o não poſſo ſoffrer, ſegundo o que tenho ouvido a minha Mãi (que já conheceis que ſabe o que diz.) Diz que eſſa gente he a peſte da Republica, e ſummamente damnoſa a todos os que vivem em ſociedade. Nada bom (me diz ella, e bem inflammada) nada bom tu verás ſahir de hum homem ocioſo, no qual o *jogo*, a *converſação*, o *paſſeio* são o ſeu *tudo*.

Pri-

Primeiramente os ociosos são o verdugo de si mesmos; porque em lhes faltando a companhia, se moem, se consomem, se entristecem, se matão. O ocioso traz o corpo molle, os membros affeminados, o juizo estupido, o animo froxo, o coração inquieto. Na conversação a sua lingua he inconsiderada, o discurso leve, o espirito enredador. O ocioso (dizia) quasi sempre anda melancolico, porque em si mesmo nada tem com que se possa entreter e divertir. O tempo lhe sobeja, faminto de companhia, o dia lhe dura muito, as horas são compridas, e estuda em como se ha-de livrar do enfado que lhe dá o tempo; anda buscando como o ha-de passar, ao que elle mesmo chama *Passa-tempo.* Tem a sua alma, deixai-me explicar assim, como ferrugenta, porque ella não trabalha. Se nada estuda, de nada póde fallar com fundamento, só a memoria he que tem uso; mas he de hum modo nada util; porque he só para dizer aqui o que ouve alli, relatando a torto e a direito tudo quanto lhe dizem. Como não tem crítica, nem discrição para separar o bom do máo, o verdadeiro do falso, o que convem do que he nocivo, tem fortissimas in-

indigestões no entendimento, e tudo lança fóra em bem feios disparates. Não só he verdugo de si mesmo, mas tambem inimigo de quasi todos com quem trata, porque os desgosta fallando muito, e considerando pouco; não considera no que diz, e menos ainda nas consequencias do que falla. He curioso de profissão, fallador por officio, noveleiro por costume, inimigo do segredo, satyrico por moda, mentiroso por devoção. Ora vede se estes homens não são a peste da Sociedade.

*Coron.* Vós fallais com hum fogo, que eu nunca vi em Senhora alguma da vossa idade.

*Baron.* He effeito da boa educação que me deo minha Mãi; e que eu tenho aperfeiçoado com a lição pelo livro mestre do *Grande mundo*; pois cada dia estou vendo que he verdade tudo quanto minha Mãi me dizia contra esta maldita peste de que muitos gostão. Mas vós, Theodosio, deveis como Filosofo mostrar os horrores deste vicio tão repugnante á Filosofia Moral.

*Theod.* Esta he a minha profissão, mostrar os defeitos desse vicio pela dissonancia com a Lei da Natureza.

*Coron.* Dizei, Theodosio, o que nisso tendes discorrido. *Theod.*

*Theod.* He preciso reparar na diversa disposição, com que o Creador sustenta os animaes, e com que sustenta o homem; porquanto aos animaes, que não tem discurso para inventar nada de novo, lhes tem sempre a meza posta, ou nas hervas do campo, ou nos frutos que a Natureza espontaneamente produz; mas não he assim a Providencia a respeito do homem, porque não lhe dá sómente os frutos espontaneos, mas lhe dá no entendimento a faculdade de inventar novos meios que a sua industria acha para procurar o alimento. Elle cava, semeia, cultiva e colhe; e desfrutando o seu trabalho diversificado por varios modos, se vale para o seu sustento, regalo, medicina, serviço, &c. E por isso o bruto sustenta a sua vida, obedecendo ao cego instincto, e propensão inata que o Creador lhe poz para esta, ou aquella herva, estes ou aquelles frutos que mais lhe convem; mas o homem não, fiado no entendimento que Deos lhe deo, capaz de discorrer, inventar, variar, e multiplicar os modos do seu sustento. Bem vedes que ha aqui grande differença.

*Baron.* Essa faculdade de inventar que nós temos, e não os brutos, he que nos obriga á industria.

*Theod.*

*Theod.* Ora vamos a ver a obrigação que todo o homem tem de ſe valer deſſa induſtria, ſe tem entendimento agil; ou das ſuas mãos, ſe tem ſaude, e forças para ſuſtentar a ſua vida.

*Coron.* Iſſo he que queremos ſaber.

*Theod.* Para que deo o Creador ao homem os membros, e ſentidos do ſeu corpo? Seria acaſo para mero ornato ſeu, como deo as pennas aos paſſaros, ou ſeria ſem fim? Por certo que não. O fim com que o Creador formou com tão delicada eſtructura os noſſos membros, e ſentidos, não foi ſenão para os empregar no juſto e moderado trabalho. E do meſmo modo fallo da induſtria, e faculdade de inventar, que a alguns o Senhor concedeo. Aſſim, ſe hum homem, tendo os membros sãos, os tiver inuteis, ſem os applicar ao juſto, e moderado trabalho, obra diametralmente contra a intenção do ſeu Creador; e niſſo faz mal, e tem crime. Dizei-me: Não ſeria crime contra o Creador, ſe hum homem ſe cortaſſe a ſi as mãos, ou os braços? Pois porque, ſenão porque ſe privava dos membros que para ſeu bem o Creador lhe concedêra. Ora que differença tem hum homem, que não tem mãos, de outro que não uſa dellas

pa-

para o que Deos lhas concedeo? Cousa ridicula, e irracionavel, ter o ocioso os seus braços cruzados em vão, hum sobre o outro, e viver contente; e se lhe deo huma paralysia nelles, gastar muito dinheiro em diligencias, e Medicos, e remedios, só para recuperar nelles o vigor, que elle sempre costumava ter sem uso algum.

Do mesmo modo acho criminosos diante do Creador todos aquelles, a quem as enfermidades fizerão inuteis para o trabalho ordinario, se não se valem da industria, procurando modos de aproveitar esse tal, ou qual vigor, que ainda lhes resta. Observareis que em toda a vasta redondeza da terra não tem Deos hum palmo de terreno, que não tenha sua tal, ou qual producção de herva, ou musgo, ou vegetal de alguma especie. Lá estão os telhados em que nada se semeia; lá estão os muros escondidos e retirados, e inhabitaveis, de que todos se esquecem, e os vereis ornados e vestidos com o verde musgo, e ás vezes com florinhas bem engraçadas; nada fez o Creador inutil: e soffrerá ver no homem os seus membros ociosos, e engenhos bem inuteis? Soffrerá ver o entendimento sem cultura, sem

fru-

fruto, ſem ter o menor uſo? Não, minha Baroneza, Deos não póde deixar de ſe deſgoſtar de ſemelhante deſordem.

*Coron.* Agora já vejo que a ocioſidade he mais criminoſa do que eu cuidava. Mas dai-me licença, que eu retiro-me, Baroneza, porque eſtou chamado pelo meu General. Adeos, adeos.

*Baron.* Com pena perdemos a voſſa companhia, que ſempre nos he goſtoſa, e para minha inſtrucção tambem util. Adeos.

*Theod.* Ora como ainda temos algum tempo do que eſtava deſtinado para as noſſas conferencias, façamos aqui hum *Epilogo* deſta Segunda Parte da Filoſofia moral; e ſeja-me licito reflectir aqui manſamente e ſem diſputa, no que temos dito.

*Baron.* Eſtimo, porque nas diſputas de ordinario não ſegue a alma a ordem mais propria para as verdades que aprende. Dizei, Theodoſio, que attenta vos eſcuto.

*Theod.* Supponho que vos lembrais do Principio de que nós nos valemos, para deduzir as obrigações que a Filoſofia Moral impõe a todo o homem, que he o procurar o ſeu Bem ſolido, e licito, e verdadeiro; porque ſe deve amar juſtamente

te

te a si mesmo. Não fallo das obrigações que vos impõe a Religião, que essas pertencem a outros Mestres. Eu só trato agora das Leis que a Boa Razão vos impõe, que he o mesmo que as Leis, e preceitos que Deos vos impõe como *mero Creador*.

*Baron.* Graças a Deos que meus Pais, e os meus Parrocos não se descuidárão disso, nem tambem vós, quando tratastes da Theologia Natural, ou Harmonia da Razão e Religião. (1)

*Theod.* Mas agora fallando como mero Filosofo, do modo que temos fallado até aqui, digo, que todo o homem racional, isto he, que não se governa pelo impeto cego de alguma paixão violenta, deve reflectir, que a origem solida, e segura de tudo o que lhe he felicidade, he agradar ao seu *Creador*, e *Conservador*. Senhora, sejamos filosofos para nosso bem, e discorramos no que nos póde ser util, ainda nestes dias de vida de que gozamos: Vede se me engano no discurso que fórmo. O Grande Senhor do Universo, depois de fazer tudo com muito juizo, harmonia, e proporção neste Uni-

(1) Recreação Filosofica Tom. IX.

Universo, não se tem descuidado na conservação da sua obra. Elle desta grande Carroça em que todas as creaturas caminhão, cada qual ao fim que o Supremo Director lhes intimou, só Elle tem as redeas na mão. Nem força alguma poderá torcer-lhe o braço, nem quebrar por violencia as redeas do seu Governo. Ninguem dirá que perturbado com a multiplicidade das creaturas, ou que cançado com a contrariedade que ellas tenhão entre si nos seus designios, Elle ou ceda dos seus intentos, ou que fraquee no poder de executallos, ou fique vencido das suas creaturas.

*Baron.* Certamente não.

*Theod.* Logo tudo quanto succede desde o mais alto dos Ceos até ao centro da terra, e desde o maior Monarca até ao vil mosquito, que se sustenta da humidade, tudo succede segundo os seus Divinos intentos. Negais isto?

*Baron.* E como posso negallo sem huma blasfemia contra a razão.

*Theod.* Logo tendo o homem a felicidade de agradar a este Senhor Supremo, tem segura a sua solida felicidade. Porquanto se lhe agradar verdadeiramente, ou Deos que he a *Razão summa*, e summo

mo Poder ha-de fazer infeliz huma creatura sua, e creatura de quem gosta; e isto faz horror sómente a pensallo, ou ha-de dispôr tudo para a fazer ditosa. Negais isto?

*Baron.* Por modo nenhum. Mas como lhe ha-de agradar?

*Theod.* Conformando as suas acções com a Luz da Razão, ou com o preceito que lhe poz, e gravou na sua alma quando a creou, e que continuamente lhe intíma pela voz interior que continuamente lhe persuade o Bem, e reprime no mal. Eu agora explico isto pelos termos de puro Filosofo, que por outros termos o explicaria se fallassemos em Theologia.

*Baron.* Tem huma força essa razão tão vehemente, que cativa o entendimento, e o rende; e já se vê, que nesta Segunda Parte da Ethica (como fizestes na Primeira) Deos, que he o Author da verdadeira Filosofia Moral, tomou a si o dar ao homem Luz, e Regra para as suas acções em ordem ao proprio bem do Homem.

*Theod.* Dissestes bem, Baroneza, e talvez sem reparar na força dessa expressão. Deos em todas as suas acções buscou a sua Gloria; mas que Gloria? não *Gloria de re-*

*receber*, que isso he indigno para o Infinito o mendigar das vís creaturinhas migalhinhas de gloria ridicula para ajuntar á sua infinita felicidade; mas *Gloria de dar*, que he proprio do Immenso, que se desafoga em fazer as creaturas felices. Bem como o Sol, que bem longe está de receber augmento de luz com o reflexo que encontra na terra, e nos Planetas. Mas se elle fosse sensitivo, teria grande gosto, regozijo, e gloria em alumiar todos os Planetas, e corpos opacos, que os seus raios encontrão por esses immensos espaços. Assim he Deos, tem gloria em dar felicidade, e não a busca em receber.

*Baron.* Concorda isso muito com o que a cada passo vemos em animos grandes, e generosos; pois que não mendigando migalhas de ninguem, fazem timbre, e tem grande gloria de fazer outros felices. Vamos agora ter com minha Mãi que está só. A' manhã, ou depois entraremos na Terceira Parte.

*Theod.* Vamos; mas convem esperarmos pelo Coronel.

*Baron.* Esperaremos.

PAR-

# PARTE III.

## DA FILOSOFIA MORAL.

---

## TARDE XIX.

### *Dos deveres do Homem para com os outros homens.*

### §. I.

### *Se o Homem foi creado para viver em Sociedade.*

*Baron.* ORa vinde, vinde, meu Coronel, que eu, e Theodosio temos nestes dias sentido a vossa ausencia para as nossas literarias conversações. Eu não sei que tem a vossa presença, que quando vós assistis á minha Instrucção, sinto em mim que fico mais illustrada, e mais solidamente persuadida das verdades sobre que discorremos. E além disso sempre a conversação he mais gostosa, porque vós contribuis para isso com as vossas luzes.

*Coron.* Muito me admiro, Senhora, do que

que me dizeis; porque ſendo as minhas opiniões de ordinario oppoſtas aos voſſos ſentimentos, e de Theodoſio, receava eu que a minha preſença neſſas diſputas vos foſſe pezada, e enfadonha.

*Theod.* A diverſidade de pareceres, amigo, não deixa de fazer a converſação mais amena, bem como o ſal nas comidas, pois excita mais o appetite, e deſejo de averiguar a verdade. E hoje particularmente o deſejavamos mais, pela materia que tinhamos determinado.

*Coron.* Que materia?

*Theod.* Tendo nós tratado das obrigações do homem para com Deos, e das obrigações do homem para comſigo meſmo, faltava tratar das obrigações do homem para com os outros homens.

*Coron.* Materia he bem vaſta, e em que nem vós, nem a Baroneza podereis jámais concordar comigo; porque eu ſigo maximas muito oppoſtas ás voſſas.

*Theod.* Como todos nos prezamos de ter juizo, vós nos direis as voſſas razões, e nós diremos as noſſas; e quem as tiver melhores, vencerá.

*Baron.* Eis-ahi huma couſa bem poſta na razão.

*Theod.* Mas antes que entremos em diſpu-

ta, convem tratar este ponto, se o homem foi creado para viver em Sociedade com os seus semelhantes; porque dahi nascem outros artigos, que se devem examinar.

*Coron.* Não falta quem diga, que essa propensão que nós temos para viver em sociedade, he effeito da mutua convenção, e não effeito da Natureza; porquanto a Natureza nos creou no estado de selvagens, e não poz differença alguma de nós aos outros animaes. Depois os homens por convenção he que quizerão viver em sociedade, por propria eleição. Esta opinião não me desagrada, posto que não a sigo.

*Theod.* Ora eu estou persuadido do contrario, e creio que Deos creou o homem de proposito para viver em sociedade; e nisso com differença mui grande dos brutos.

*Coron.* Não basta dizello: já que sois Filosofo de profissão, convem dar a razão do vosso sentimento.

*Baron.* Eis-ahi o de que eu gósto: fallar por fallar, dizem que he proprio de mulheres; agora isso de não dizer nada sem dar a razão, he proprio de Filosofos. Fallai, meu Mestre.

*Theod.* O homem logo no seu nascimento tem circunstancias em que differe dos brutos,

tos, e com mui grande differença delles; o que prova a grande neceſſidade que tem de viver em ſociedade. Naſce o homem nû, quando os outros animaes naſcem já veſtidos. Nos quadrupedes a pelle que em toda a vida os veſte, naſce logo com elles, e com elles vai creſcendo, ſempre ajuſtada ao ſeu corpo em qualquer idade que tenhão, ou corpulencia; nem de verão lhes he pezada, nem diminuta de inverno. Pelo contrario o homem logo na ſua infancia preciſa que as mantilhas o abriguem, na puericia carece de veſtidos, e cada dia creſcendo no corpo, creſce na dependencia, já do mercador para o panno, já do alfaiate para que lho talhe; e como as ſazões do anno mudão, repete-ſe a dependencia dos outros homens. Pelo contrario as ſerpentes, e mais inſectos naſcem veſtidos, e a Natureza lhes talha veſtidos novos cada anno, tão juſtos e proporcionados ao corpo, que nenhum Monarca o tem mais juſto, ſem que dependa para iſſo de couſa alguma. As aves logo poucos dias depois de naſcidas ſe achão veſtidas e enfeitadas. Só o homem entre todos os animaes depende de alguem para andar cuberto, e defendido das inclemencias do ar.

Esta dependencia do homem não he só para o vestido; he para tudo o mais. As crianças tudo levão á bcca, e he precisio grande cuidado, para lhes impedir que nisso se fação mal, e perjudiquem. Não tenhais medo que os brutos apenas nascidos se deixem morrer á fome; ou se precipitem; quando pelo contrario os homens se não tiverem vigilancia nos seus filhos, elles morrerão á fome, e a cada passo se porão em perigo de vida.

Mais. Os brutos não precisão de Mestres que os ensinem para as operações proprias da sua especie. As andorinhas, que nascêrão na Europa, e não vírão fazer os ninhos em que seus pais as creárão; passão no inverno immediato para a Africa; e como lá não crião, não vem formar ninhos; mas voltão logo no verão seguinte á Europa, e fórmão (sem ver exemplo) os ninhos semelhantes áquelles em que ellas nascêrão. Ora qual he o homem que faria huma boa morada de casas como aquella em que nasceo, se não tiver mestres que o ensinem, ou livros, e estampas que o dirijão? Vedes que não ha animal mais dependente dos outros da sua especie do que o homem: donde infiro que o homem já foi

 for-

formado pelo Creador para viver em ſociedade.

*Baron.* Meu Coronel, Deos não faz nada á tôa, e ſem algum fim. Ponderai bem, que fim podia Deos ter em fazer o homem, ſingularmente entre todos os animaes, em tudo tão *dependente*; tanto aſſim, que não ſe explicaria mal quem quizeſſe definir o homem o *Animal dependente*, pois que o he ſingularmente em tudo.

*Coron.* Seria huma bem nova definição do homem. Continuai, Theodoſio.

*Theod.* Logo ſe Deos creou o homem com tanta eſpecialidade, *dependente dos outros homens*, he certiſſimo que o creou de propoſito para viver em ſociedade. Aliàs havemos de dizer huma de duas couſas bem abſurdas: Primeira: *Que Deos obrou niſſo ſem fim*, abſurdo indigno de Deos. Segunda: Que Deos lembrando-ſe com tanta miudeza das lagartixas, e inſectos, e de todos quantos animaes produzio, de ſorte que lhes não fizeſſe nada falta, ſó do homem ſe eſqueceo em tudo. E notai que o Creador em tudo moſtrou que o homem era creado com eſpecial beneficencia, pois o dotou com dotes precioſiſſimos que não dera aos brutos,

tos, como já ponderámos. Este esquecimento do homem por huma parte, e esta primazia, e especial estimação delle por outra, não concordão em Deos, senão creando-o para viver em sociedade.

*Coron.* Eu não duvidarei concordar comvosco, em que Deos creasse o homem para viver em sociedade. Nem vós, Baroneza, me podeis nisso arguir, porque eu não disse que seguia o que alguns dizem, isto he, que Deos igualmente creára os brutos como habitadores dos matos; e o homem como se houvesse de viver no estado de selvagem. Com que, Senhora, não estou vencido, nem convencido, porque nunca disse o contrario de Theodosio.

*Baron.* Estimo ver-vos concordes.

*Coron.* Não tereis esse gosto em muitos artigos esta tarde, porque he materia em que tenho estudado muito.

*Theod.* Melhor; porque aprenderemos mais, se concordarmos, ou se não houver essa concordia, a disputa fará bem á causa da verdade. Agora resta saber que leis ha-de seguir o homem vivendo em sociedade.

*Coron.* Vamos a esse ponto.

§. II.

## §. II.

### *Das Leis que deve observar o homem que vive em sociedade; e que não são as Leis da Natureza, nem das Paixões.*

*Baron.* SE o homem foi creado por Deos para viver em sociedade, Deos lhe ha-de ter dado algumas leis para isso.

*Coron.* Claro está, as *Leis da Natureza*; e nada mais.

*Theod.* Procedamos, amigo, methodicamente. Eu digo que se o Creador fez o homem para viver em sociedade, lhe havia de dar as *leis mais proprias para o bem da sociedade.* Eis-aqui a minha razão. Vedes, Senhora, que procedo como Filosofo, dando sempre a razão do que digo?

*Baron.* Se todos fizerem assim, grande utilidade se espera da conversação. Vamos.

*Coron.* Muita malicia tendes, Senhora, nos vossos olhos, e nas vossas palavras. Sim, Senhora, tambem eu me prézo de Filosofo, e darei sempre a razão do que disser. Descançai, Senhora, continuai, Theodosio.

*Theod.*

*Theod.* O Creador quando formou este passmoso Universo não sómente cuidou (a nosso modo de fallar) na perfeição com que o formava, mas lhe deo taes leis de movimento, que trabalhando continuamente todas as peças desta grande Máquina, segundo as leis que Elle lhes puzera, se conservassem no continuado movimento para que as destinára. O grande Newton (illustrado sem dúvida por Deos) mostrou quaes erão estas leis dos movimentos celestes; e demonstrou a sua simplicidade na gravidade mutua, e geral, e na força da Projecção, e inercia dos corpos. De modo que creado o Universo, e posto o Orbe em movimento, Deos podia (a nosso modo de dizer) descançar, deixando ir andando este passmoso relogio; pois que em si mesmo tinha a corda para continuar o movimento, e nas leis estabelecidas tinha a causa da sua continuação, e perseverança. (1) Ora do mesmo modo creio eu que fez o Creador neste Universo moral, que chamou *Homem*. Não sómente cuidou na sua perfeição do corpo, e alma, que já expliquei á Baroneza, mas lhe deo taes leis pa-

(1) Recreação Tom. VI.

para a vida moral em *ſociedade*; que eſta continuaſſe com perfeição nos movimentos moraes que lhe ordenava. Porquanto Deos quando faz huma obra, faz que ſe conſerve; e por modo nenhum poderá ninguem perſuadir-ſe, nem que Deos fazendo o homem para viver em ſociedade o deixaſſe ſem leis para iſſo, nem que lhe déſſe leis para ella ſe deſtruir, e anniquilar.

*Coron.* Quanto á mim, tudo vos concederei, com tanto que não me venhais cá com leis que ſejão contra a natureza do homem.

*Theod.* Quando tratarmos dellas com individuação, então podereis impugnallas, ſe vos parecer juſto.

*Baron.* Pois agora em que ficamos?

*Theod.* Em que *as leis para o homem viver em ſociedade, devem ſer proprias para ella ſe conſervar; e que devem ſer uteis á ſociedade.*

*Baron.* Cá vou aſſentando eſſa Propoſição como fundamental, ſe vós, Coronel, concordais.

*Coron.* Suppoſto o diſcurſo de Theodoſio, concordo.

*Theod.* Vamos agora, meu Coronel, a examinar individualmente eſtas leis; e já

que

que vós tendes feito estudo especial neste ponto, fallai primeiro; porque parecendo-nos justo, concordaremos, e se poupa muita questão.

*Coron.* Eu se vos disser tudo o que eu tenho lido, e tudo o que eu sigo, a Baroneza ficará escandalizada.

*Baron.* Como vós vos prezais de Filosofo, haveis de dar a razão do que disserdes; e essa razão me livrará da estranhez. Podeis dizer tudo, que estando na companhia de Theodosio, não temo que me persuadais doutrina nociva.

*Coron.* Eu julgo que não devemos estabelecer leis para vivermos em sociedade, como se vivessemos na Republica de Platão; mas sim para vivermos os homens que actualmente vivemos, isto he, de carne e sangue, e paixões, &c. Ora estas leis acho eu que devem ser tiradas do *seio da Natureza*; porque tendo nós todos a mesma Natureza, cada qual sente em si as mesmas leis que qualquer dos outros homens; e assim viviráõ todos em união, e em paz.

O primeiro em quem achei esta doutrina he o grande Seneca, e por antonomasia o *Filosofo moral.* Trata elle da vida feliz, e diz que a *Natureza* he a

guia

guia que nos ha-de encaminhar para ella; porquanto a *Razão* ſempre eſtá obſervando, e como eſpreitando a *Natureza*. A Razão a conſulta ſempre, de fórma, que viver felizmente he o meſmo que viver conforme a Natureza (1). Daqui creio que tirou hum bom Filoſofo (2) a maxima, que a noſſa *Razão* tem precisão de que lhe demos huma guia, qual he a *Natureza*; de fórma, que não he a Luz da Razão a que nos deve governar, mas ſim a Natureza he que deve conduzir a Razão, e governalla.

*Baron.* Não ſabeis, meu Coronel, como eſſas doutrinas são para mim novas!

*Theod.* Não interrompais, Senhora, o diſcurſo: depois tudo ſe ha-de examinar na balança do entendimento. Continuai, amigo, e declarai o ſyſtema todo.

*Coron.* Aſſim he melhor, para ſe ver a ſua belleza, e formoſura. Eu vos proteſto, Senhora, que depois de me ouvirdes, todo o voſſo horror ſe vos ha-de voltar em applauſo; porque como tendes juizo claro,

---

(1) *Natura duce utendum eſt: hanc* Ratio *obſervat, hanc conſulit: idem eſt ergo beate vivere, ac ſecundum naturam.* Senec. *de vita beata.* Cap. VIII.

(2) *Diſcourſ. ſur la vie heureuſe.* pag. 148.

ro, necessariamente haveis de approvar o que he notoriamente bom. Hoje todo o homem illustrado diz o mesmo que eu vos digo. Vós, Senhora, fostes creada ao baso feminino das vossas Aias ignorantes, e havieis de beber com o leite a sua nativa ignorancia; porém o juizo sempre tem seu direito salvo para revindicar a sua liberdade opprimida pela educação ignorante. Perdoai, Senhora, a liberdade com que fallo, porque estou certo que me haveis de achar razão.

*Baron.* Veremos. Ide dizendo.

*Coron.* A nossa Natureza veio das mãos do Creador, isto he, do *Summo Bem*: logo he huma optima Mestra das nossas acções. Daqui vem que hum grande Filosofo (1) diz, que *todos os sentimentos que procedem do horror dos trabalhos, e dores, ou do desejo do deleite, são sentimentos legitimos, e conformes ao nosso instincto.*

*Baron.* Dai-me licença, Theodosio, que me está fervendo o sangue. Pelo que ouço, vós, e esse grande Doutor (que pelo titulo da obra vejo que escondeo o seu nome, talvez envergonhado de que se sou-

(1) Les Moeurs. pag. 82.

ſoubeſſe ſer delle ) vós , digo ; e mais elle deſſe modo canonizais todas as paixões dos homens ; pois que todos elles naſcem ou do horror ás dores e trabalhos , ou do amor do deleite. Com que , temos todas as paixões do homem canonizadas como ſantas , pois que naſcem da Natureza , e eſta naſceo de Deos ſummo Bem.

*Theod.* Bellamente argumentais , Senhora.

*Coron.* A voſſa conſequencia , Senhora , he juſta : ſim Senhora , tendes razão , porque as *Paixões* , diz hum grande homem ( 1 ) , *tão longe eſtão de ſerem inimigas da virtude , que pelo contrario são hum fogo , que dá vida a eſte Univerſo moral.* E n'outra parte accreſcenta ( 2 ) ; *que não ha ſenão hum homem bem apaixonado , que poſſa penetrar até ao ſanctuario da virtude.* Vede ſe eu tenho razão para as canonizar.

*Baron.* Pois como ! Eu eſtou aturdida. Por ventura não dizem todos muito mal das paixões ? e não ſe queixão que ellas são a cauſa de todas as deſgraças que ſuccedem ?

*Coron.* Aſſim he , Senhora , aſſim o dizemos

( 1 ) L'Eſprit pag. 319. ( 2 ) pag. 368.

mos como vós; mas isso não obstante, estamos pelo que acabo de dizer. Sabeis vós como hum grande homem concorda huma cousa com a outra? Ora ouvi. Diz elle (1): *A humanidade deve ás paixões os seus vicios, e tambem a maior parte das desgraças que succedem; mas isso não basta para condemnar as paixões, e tratallas como huma especie de loucura; porque basta ver que dessa que chamão loucura sahem duas producções admiraveis, quaes são a Virtude sublime, e a Prudencia illustrada, para que ellas sejão respeitaveis nos olhos do Universo.*

*Theod.* Que me dizeis, Senhora, que mysteriosa doutrina. Eu já li esta passagem no livro que cita; e confesso que ri bem á minha vontade: Com que *ás paixões deve a Humanidade os seus vicios; e tambem a maior parte das desgraças que succedem; mas ellas devem ser respeitadas nos olhos do Universo.* Ha contradicção mais evidente?

*Coron.* Em que está a contradicção! As paixões são huma arvore, que dá frutos máos, como são os *Vicios*, e as *Desgra-*

(1) L'Esprit pag. 320.

*graças*; e tambem frutos bons, que he a *Virtude sublime*. Tudo são frutos da *Natureza*, e a Natureza he filha de Deos.

*Baron.* Muito me custa suster o riso, meu Coronel; mas fallai vós, Theodosio.

*Theod.* Já que tocastes nisso, meu amigo, dai-me attenção. A nossa natureza he filha de Deos, porque Deos formou o homem; mas quem vos diz a vós que a nossa natureza trouxe das mãos de Deos todas as desordens que ella hoje tem? Tendes alguma certidão bem authentica, de que ella sahio das mãos de Deos como ella hoje está? Vós tendes hum filho (o Cadete) que ha dous annos por hum brinco, ou travessura perdeo hum dos olhos, e quebrou huma perna. Ora se alguem vos disser que seus pais o gerárão desse modo; ficareis contente, e crereis o que dizem? O homem sahio das mãos de Deos recto (1); porém com a liberdade de que Deos o dotou, fazendo o homem pessimo uso della, estragou, corrompeo, e arruinou a natureza. E esta natureza assim mais, ou menos corrupta, conforme os nossos crimes,

(1) *Hoc inveni quod Deus fecit hominem rectum, ipse vero se immiscuit infinitis quæstionibus.* Eccles. 7. 30.

mes, contrahio paixões mais, ou menos desordenadas, mais, ou menos violentas. De fórma, que a Natureza he filha de Deos; mas as desordens da Natureza são filhas da nossa liberdade, e do máo exemplo de outros, e da corrupção de nossos pais. Assim como os olhos, e as pernas do vosso Cadete forão nascidas da Madama vossa Esposa; mas a desgraça, e desordens forão nascidas da sua desenvoltura.

*Baron.* Outro exemplo, Theodosio, lhe podeis pôr no relogio de que o Coronel se lamentou, que ha muitos dias anda doudo, havendo-lhe custado trinta luizes.

*Theod.* Assim he: o relogio na sua bella construcção he de Mr. *Le Roi*, famoso Relogeiro de París; mas as loucuras do relogio nascem da quéda que elle deo, dançando vós com *Mademoiselle*, H *** quando vos cahio da algibeira, como nos dissestes. Pois assim he a Natureza: sahio das mãos do Creador perfeita; a nossa liberdade a fez desordenada, e corrupta.

As paixões inatas, isto he, que nascêrão da nossa natureza, como ella sahio das mãos de Deos, são humas paixões innocentes, como são o gosto, e com-

complacencia de achar a *Verdade*, o gosto, e complacencia de achar a *Bondade*. O Amor á *Virtude*, á *Gratidão*, e *fidelidade* a respeito do Amigo; á *Justiça* nas promessas, &c. O horror á *mentira*, o odio á *ingratidão*, o detestar a *zombaria de hum cego*; o aborrecimento do *coração malevolo*, &c. Estas paixões são inatas, e todo o homem as tem, e vierão do Creador. Agora as paixões desordenadas, e contrarias *á Luz da Razão*, nascidas, e alimentadas com os vicios, e maximas erradas do *Amor proprio* bastardo, essas não são da Natureza como Deos a creou, mas sim da Natureza como os homens a desordenárão. Parece-me que tenho respondido, meu Coronel, á vossa Razão.

*Coron.* Seja como for, vós não me haveis de mostrar acção heroica, e virtude sublime em qualquer genero que seja, sem huma Paixão vehemente.

*Theod.* Quando a Paixão he das que Deos poz na nossa alma, e que nascêrão da inclinação que Deos poz em nós todos, como v. g. para appetecer a *Verdade*, e a *Virtude*, &c. se for ajudada pelo genio, pelo discurso, pelo estudo e reflexão, costuma fazer esforços maiores pa-

ra vencer difficuldades grandes; e então se chama *Virtude heroica*, ou *sublime*; porque essa Paixão de genio, de estudo, de diligencia, e meditada deliberação, assenta sobre a paixão inata e innocente da Natureza como sahio das mãos de Deos. Pelo contrario, se a base das acções extraordinarias he alguma paixão desordenada, que depois he ajudada pelo genio, pelo costume, pelas maximas erradas, e conselhos, então he origem de vicios, de desgraças, e de tudo o máo; e deste modo se póde explicar o que dizia o Senhor Coronel, tirado lá do seu livro.

*Baron.* Desse modo bem se evita a contradicção, fazendo distinção de paixões innocentes e inatas ás paixões desordenadas e adquiridas.

*Theod.* Como esta materia he mui importante e mui delicada, convem, Senhora, que eu vos dê instrucção mais profunda.

*Baron.* Não me priveis de nada que me possa dar a conhecer a verdade.

*Theod.* Em nós temos duas substancias essencialmente diversas, *Alma* e *Corpo*; mas de tal fórma unidas e prezas huma á outra, que sempre trabalhão ambas; e isto

isto por hum modo que a experiencia nos faz crer; mas que não sabemos explicar. (1) A alma *entende*, e *quer*, e são estas operações proprias só da alma; mas em quanto estamos vivos, e a alma está unida ao corpo, nada póde ella fazer sem que este tambem trabalhe; de fórma, que tudo que ou facilita, ou impede, ou perturba o trabalho do cérebro, facilita, ou impede, ou perturba as operações da alma. Supponde vós, meu Coronel, hum homem intelligente, e sizudo, dai-lhe hum pouco de opio, ou muito vinho, ou cousa semelhante, começa a dormir, ou a dizer despropositos, e fazer disparates proprios de hum bebado: dizei-lhe agora que falle com proposito, que ajuste hum calculo, que faça humas contas difficeis, que esperais delle? Nada vos fará com acerto. Pergunto agora: A alma bebeo o vinho, ou tomou remedio? Certamente não.

*Baron.* Ainda sem ser nesses casos, basta que hum homem jante com largueza; porque depois de jantar não está com a cabeça prompta para o mesmo que de manhã faria com muito acerto.



(1) Recreação Tom. VIII.

*Theod.* Ora a alma não come, nem bebe: donde vem logo, meu Coronel, que n'uma hora hum homem conhece as cousas bem, governa as suas acções com proposito, e n'outra hora sahe furioso, descompõe a gente, diz mil disparates? Vai de que o vinho, ou a comida larga, lhe occupão, impedem, desordenão os movimentos do cérebro, de fórma que a alma não faz o que quer, nem entende como entendia: creio, meu Coronel, que não duvidais desta Filosofia certissima.

*Coron.* E concorda isso com endoudecer muitas vezes de repente hum homem de juizo, por queixa que lhe veio ao corpo; e sómente ao corpo; e supponho pelo que me dizeis que he porque estando o cérebro desconcertado, não póde a alma fazer o que fazia com elle concertado.

*Baron.* Cahe aqui bem, meu Theodosio, a comparação do Cavalleiro, e seu cavallo, com que me tendes n'outro tempo explicado isso.

*Theod.* Dizeis bem; porque quando o cavallo está manso, e bem sustentado, o Cavalleiro faz nelle o que quer; porém se está doudo, ou he rebelão, ou manhoso, ou o tem desesperado, então não póde o Cavalleiro caminhar sizudo. Pois

o mesmo digo da alma, e do corpo. A alma he o Cavalleiro, o corpo he o seu cavallo: em quanto estão unidos, os movimentos desconcertados de hum se communicão ao outro: se o cavallo he docil, e o Cavalleiro quer saltar, brincar, fazer cabriolas, &c. isso he determinação do Cavalleiro; mas se o cavallo he rebelão, e manhoso, as desordens vem do cavallo, a pezar da sizudeza do Cavalleiro; e se elle não o subjuga, podendo, e vai a terra, a culpa he sua.

Vamos agora ás paixões: Quando a *Luz da Razão* domina, e o genio, o temperamento do corpo, e a vontade se sujeitão, então as *Paixões* podem ajudar a *Razão*, bem como o cavallo docil ajuda o Cavalleiro; e nesse caso tudo vai bem, e póde a alma fazer cousas heroicas. Quando pelo contrario, as *Paixões* estão furiosas, e não obedecem á *Razão*; quando a alma fraquea, e não as subjuga como lhe dicta a Razão, tem crime, e faz mil loucuras. Porquanto (excepto nos casos em que falta a liberdade como nos doudos, ou bebados, ou furiosos, e freneticos) sempre a alma tem força para domar as Paixões, posto que com custo, se são rebeldes; e se

o

o não faz, tem culpa; porque a Razão sempre diz: *Não vou bem.*

*Baron.* Agora sim, agora tenho entendido bem; porém antes que larguemos este ponto, dizei ao Senhor Coronel bem claramente o que devemos entender por esta palavra *Razão*, e por esta palavra *Paixão*; porque como vós dizeis que ha Paixões innocentes, não quero que haja equivocação nesta materia.

*Coron.* Fazeis bem, Senhora, levar as cousas com bem metafysica.

*Theod.* Gósto disso, Senhora. Eu por *Luz da Razão* entendo aquelle *sentimento geral* que os homens sentem em si geralmente, e que quer elles queirão, quer não queirão, lhes approva, ou condemna as suas acções; ou tambem aquella *Voz interna* que nós não podemos fazer calar, por mais que queiramos, e que constantemente nos diz o mesmo: Esta *Voz*, ou esta *Luz* he impressa na nossa alma pelo Creador; porque he superior á jurisdicção dos homens; pois vemos que ou queiramos, ou não queiramos, a Luz diz: *Vás mal*, ou *não faças*, &c. Esta *Luz*, digo eu, que he huma Luz Divina, superior a tudo, e como hum reflexo de *Luz Eterna de Deos* com que

o Creador nos quiz illustrar, e conduzir para o bem; e por isso a gravou na alma de todos.

*Baron.* Entendo. Agora pela palavra *Paixão*, que he o que se deve entender? Já mo dissestes a mim; mas quero que o digais diante do Coronel.

*Theod.* Eu indo coherente ao que já vos disse, chamo *Paixões* a todos os movimentos que sentimos na nossa alma, independentes de consultar a Razão: estes impetos com que ora abraçamos, ora detestamos huma cousa, antes que o discurso nos diga: *deves amar*, ou pelo contrario: *tu deves fugir dessa acção.* Ora destas humas são boas, outras más; e por isso quando a Razão he consultada, ora diz que *sim*, e approva; ora diz que *não*, e reprova; e daqui nasce que ha humas boas, outras más; ha humas furiosas, outras mansas, &c.

*Baron.* Agora já entendo tudo. A *Luz da Razão* he huma Luz posta por Deos em todos; e quando a pezar da infinita variedade de sentimentos dos homens, todos concordão em gostar da *verdade*, amar a *innocencia*, detestar a *mentira*, aborrecer o *furto*, detestar a *ingratidão*, approvar a *fidelidade*, &c. he sinal que isto

to

to he a pura *Luz da Razão.* Pelo contrario, quando nós sem consultar a Razão approvamos, ou detestamos alguma cousa, he Paixão; e succede ser humas vezes inclinação approvada pela Razão, e boa; outras vezes reprovada pela Razão, e má.

*Theod.* Assim he, vamos agora, meu Coronel, a tratar este ponto, de quaes hão de ser as leis para o homem viver em sociedade.

*Coron.* Eu supponho, Senhora, que vós me dais licença, para que eu francamente diga o que penso; e não pelo meu sentimento e discurso, mas sim pelo que tenho lido em bons Authores, dos que hoje geralmente seguimos.

*Baron.* Dizei francamente.

*Coron.* Eu assento que os homems não temos outras leis para nos governarmos senão as Paixões; e a minha razão he esta. As Paixões são filhas legitimas da Natureza, e a Natureza he filha legitima do Creador: vede que nobre he a Genealogia das Paixões; e assim he justissima a minha opinião, que nós nos devemos governar pelas nossas paixões. E demais, vós, Theodosio, bem vedes que geralmente todos as seguem.

*Theod.*

*Theod.* Que geralmente as ſeguem, confeſſo; agora ſe as devem ſeguir he o ponto que tratamos. Mas tornemos a atar o fio do diſcurſo.

*Baron.* Iſſo he o que eu eſtimo, que a voſſa doutrina, meu Theodoſio, forme hum diſcurſo ſeguido, porque eſſe me inſtrue mais, e eſquece menos.

*Theod.* Eſtá dito, meu Coronel, que Deos creou o homem para viver em ſociedade. Tambem eſtá dito que Deos creando o homem para viver em ſociedade, lhe havia de dar leis opportunas para eſſe fim: ora as leis das Paixões são proprias para deſtruir a ſociedade, e a dilacerar; e por modo nenhum para a conſervar, nem lhe procurar o ſeu Bem.

*Coron.* Crede, meu amigo, que vos enganais. A lei para unir os homens n'uma ſociedade, convem que ſeja huma lei de que todos goſtem, que todos admittão. Ora eſta lei das paixões a todos agrada.

*Theod.* Conforme, meu Coronel. A vós agradão as voſſas paixões, mas não agradão as paixões dos outros. Onde viſtes vós contenda, e guerra, e diſſensão, ſenão porque cada hum dos contendores, e litigantes ſeguia a lei das proprias paixões? o que approvão as paixões de hum,

he

he ſempre deſapprovado pelas paixões do contendor ; e quanto mais tenazmente cada qual ſegue as ſuas paixões , tanto mais rija , firme , e teimoſa he a contenda. Ora que bella lei para o Bem da ſociedade , enſinar que cada qual puxe para ſi ! Eſta he a lei maxima para fazer huma deſunião perpetua em todas as ſociedades ; e iſto he lei para as deſtruir ; ou para a fazer ſummamente incommoda, porque he crear ſempre huma guerra civil.

*Baron.* Meu Coronel , ſe no voſſo Regimento vós tiverdes Officiaes , dos quaes cada hum teime bem anſioſamente pela ſua opinião , e que ſeja eſſa a ſua lei , grandes effeitos vereis deſſa ſua lei.

*Coron.* A lei que elles hão-de ſeguir , he ſómente o que eu mandar.

*Baron.* Logo haveis de confeſſar , que a querer ſeguir cada qual a lei das ſuas paixões , toda a ſociedade ſe deſtroe , e fica perdida.

*Coron.* Deos me livre de argumentos de Senhoras : vamos , Theodoſio , a outro ponto.

§. III.

## §. III.

### *Se a Lei do Proprio Intereſſe póde ſer Lei para os que vivem em ſoçiedade.*

*Coron.* ORa já que eſtamos na queſtão, não quero por ſer cobarde perjudicar á minha cauſa. Quero explicar a minha Theorica da *Bondade moral*; e veremos, Senhora, ſe me approvais, ou ſe pelo menos me deſculpais.

*Baron.* Que goſto ſeria o meu, ſe hum dia ſahiſſemos da Conferencia bem concordes.

*Coron.* Theodoſio acaba de dizer, que as paixões inatas são innocentes, porque são filhas da Natureza no eſtado em que Deos a creou. Ora a paixão mais inata, e por conſeguinte a mais innocente, he o *Amor do noſſo Bem.* Eſte he o primeiro preceito da Lei natural, que Deos gravou no intimo da noſſa alma, de procurar cada qual o ſeu Bem. Eſte affecto, deſejo, e propensão he verdadeiramente *natural*; porque não he procedido da perſuasão dos homens. Iſto ſuppoſto, quando eu buſco n'uma Acção (ſeja ella qual for) o meu *intereſſe*, o meu *commodo*, o meu

meu *gosto*, a minha *utilidade*, quer seja de honra, quer da condescendencia com as minhas paixões, &c. observo este grande preceito que Deos poz na minha natureza quando me creou: bem como a pedra cahindo para o centro observa a lei, e preceito fysico que Deos lhe poz quando a creou. Ora obedecendo o homem á lei, e preceito que Deos lhe puzera, bem se vê que obra justa, e louvavelmente. Que me dizeis, Senhora? sou Filosofo, ou não? Parece-me que dou razão do meu dito.

*Baron.* Digo que se isso he assim, então estou louca, e sempre o estive. Mas Theodosio he que ha-de responder á doutrina tão essencial.

*Theod.* Dizei, meu Coronel, tudo o que tendes que dizer, e depois eu responderei a tudo.

*Coron.* Esta doutrina he seguida por boa gente, de fórma, que hum diz (1) em termos expressos: que *a sensibilidade fysica, e o interesse pessoal são os authores de toda a Bondade moral.* Vedes que he o que eu disse? Ainda mais. Este mesmo Author, que he famosissimo, diz

(1) L'Esprit pag. 90. *La sensibilité physique, & L'Interet personel sont les autheurs de toute justice.*

diz que isto que chamão *Probidade de costumes*, não he outra cousa mais que *hum costume constante do homem buscar nas suas acções as cousas uteis.* (1)

*Baron.* Oh meu Coronel, bemaventurados os ladrões que toda a sua vida furtárão! porque são os homens da maior probidade que póde haver; porquanto sempre tiverão o costume de buscar o que lhes era util.

*Theod.* Não interrompais, Senhora, deixai ouvir tudo.

*Coron.* Tenho dito o mais substancial, e parece-me que tenho dado razão do que disse.

*Baron.* Dai-me agora licença, Theodosio, que me ferve o sangue. Com que, meu Coronel, vós credes que toda a acção em que cada hum busca o seu interesse, o seu gôsto, o seu commodo, &c. he acção justa, e louvavel, e boa?

*Coron.* Sem dúvida; assim o dizem bons Authores; e assim o creio, por ser isso mui conforme á razão que vos disse.

*Baron.* Tomára eu que em quanto nós estamos na boa companhia que nos fazeis, algum discipulo da vossa escola vos tirasse os ca-

(1) L'Esprit pag. 73. *La probité n'est que l'habitude de chercer les choses utiles.*

cavallos da vossa carruagem, e que vos deixasse a pé em tão máo tempo; porquanto provando elle que o fizera pelo seu interesse, seu gosto e commodo, tinheis obrigação de o louvar. E a não quererdes louvar essa acção, que no vosso systema he *justissima*, como ha pouco dissestes, estais obrigado a confessar que essa doutrina he huma rematada loucura. Coronel, huma de duas cousas sois obrigado a fazer, ou louvar este roubo, ou condemnar a doutrina: Qual escolheis? que eu quero rir á minha vontade. Que he isso, meu Coronel? Vós tendes convulsões na garganta? Quereis fallar, e não atinais com palavras! Ai, vós rides! então não tendes nada: pois já estava com susto, porque vos via sem falla.

*Theod.* Amigo, já vedes os absurdos que se seguem dessa doutrina. Respondendo agora aos Principios em que ella se funda, digo, que a propensão para desejar o nosso bem, he hum desejo innocente. Se o *Bem* he hum *Bem puro*, e sem mistura alguma de *mal*, essa propensão he louvavel; mas se esse *Bem* he misturado com hum *mal*, esse desejo he nocivo, e criminoso. O *Bem* que he alheio, se eu o tomo para mim, fica esse *Bem* mis-

misturado com hum *mal*, que he o *furto*; que he hum *mal*, e hum crime contra a Lei natural que diz, *o seu a seu dono.* Deixai-me explicar isto mais radicalmente.

Deos Senhor nosso creando o homem, duas cousas poz na sua alma, huma foi a *propensão* para desejar o seu Bem; e outra foi a *Luz da Razão*, que lhe mostra o *Bem justo*, e o *Bem injusto.* Isto são duas cousas essenciaes, huma que puxa para certos movimentos, outra que as modera e regula (como já expliquei á Baroneza na vossa ausencia.) Temos exemplo nos relogios em que sempre ha duas peças essenciaes: huma he o *Pezo*, ou *Mola real*, que obriga as rodas ao movimento; outra he a *Pendula*, que regula esse movimento, e não deixa que vá tudo a precipitar-se. Porquanto a Pendula em cada oscilação deixa passar só hum dente da *Roda catherina.* (1) Tirado este *Moderador*, ou *Pendula*, tudo vai a tombos, e se quebrão as peças. Do mesmo modo no homem, ou Relogio moral, ha hum Principio, que move, e he o *desejo* do *Bem*, do *Commo-*

(1) Cartas Fysicas da Mecanica.

*modo*, do *Interesse*, &c. e ha outro Principio que modera este movimento, e he a *Luz da Razão*: tirado este *Moderador*, o Principio que move, leva tudo com precipitação, e succedem todas as desordens, e desgraças.

*Coron.* Os meus livros não levão isso com tanta metafysica, nem querem lá esse governo da *Luz da Razão*, porque já vos disse a doutrina de Seneca, e de muitos modernos, que a *Luz da Razão* deve consultar, e attender aos impetos da Natureza, servindo esta de guia á Luz da Razão (pag. 267.) como já ponderámos. Com que, sendo o sentido dos nossos Filosofos esse que vós dais, ficavão os homens nessa intoleravel escravidão da *Luz da Razão*, que não faz senão reprimir as paixões, e em certo modo destruir a Natureza.

*Theod.* Amigo, sede Filosofo racionavel, e não povo filosofico. Não digais nunca *he porque o dizem os meus*; dizei, *he por esta razão.* Se vós com os vossos doutores já confessastes que a estas Paixões, que cegamente buscão o seu interesse e commodo, *deve a Humanidade os seus vicios, e a maior parte das desgraças* (pag. 270.) como podeis dar

es-

essa lei do Interesse como lei para a boa sociedade? Quando os vicios, e as desgraças que della resultão, serião hum grande mal para toda a sociedade.

*Baron.* Eu pelo menos, se vós praticardes essa doutrina, pedirei a Deos que vos não agrade peça alguma do meu Gabinete, ou Toucador; porque vos poderá lembrar a regra da *Probidade*, e Lei dos homens honrados, que he buscarem os seus interesses, commodo, ou appetites a todo o custo. Vós para serdes homem de bem, que he o que se chama *Homem de Probidade*, he preciso que vos costumeis sempre a praticar acções uteis, e buscar sempre o vosso interesse. Ora como vós me lisonjeais sempre, gabandome os meus trastes, dizendo que tenho hum gosto raro, delicado, e exquisito em tudo, temo que se vos represente util, e commodo a vós o tirallos, para obedecer a esse preceito, que dizeis que tendes do Creador, de buscar (seja como for) o vosso Bem, ainda que seja tirando o alheio. E Deos me livre que vós em minha casa sejais *Homem de Probidade*. Mas não: eu me retrato, que aqui tudo o meu he vosso, e sem escrupulo podeis servir-vos de tudo.

*Coron.* Não posso deixar de agradecer a vossa cortezania.

*Baron.* Mas (aqui para nós) não quizera que praticasseis a vossa Filosofia em minha casa. Posto que, meu Coronel, não posso persuadir-me que seriamente homem honrado siga o que dizeis.

*Theod.* Eu estava, Senhora, nessa mesma idéa; mas perdi-a em huma occasião, que jantando em casa de Mr. H*** meu discipulo, depois do café, hum amigo seu me quiz persuadir esse Principio da *Bondade moral.* E pondo eu o caso prático sobre hum lenço seu que na sua mão tinha, concedeo que representando-se a mim que elle me convinha, faria huma acção louvavel se lho tirasse; e que elle tambem obraria bem se mo tirasse depois a mim; e que se ambos com força contendessemos sobre quem o havia de levar, sendo o lenço seu, ambos obravamos louvavelmente por seguir cada qual a regra de moralidade, e o Principio da justiça, isto he, de tudo o que he justo. Vós, Senhora, o conheceis; e toda a tarde disputámos sem se dar por convencido. Com que crede, Senhora, que estes Filosofos dizem de coração, o que expressão nos livros.

*Baron.* Oh meu Coronel, que bellos Principios para huma boa Sociedade! eſtar cada qual certo que lhe podem furtar tudo, ſem que elle poſſa queixar-ſe; porque antes deve louvar a *Probidade* deſſes ſenhores ladrões, que moſtrão ſerem homens de bem, por terem eſſe honrado coſtume de tirar tudo o que lhes faz conta.

*Coron.* Eu, minha Senhora, ſó huma couſa eu vos deſejára roubar; e não me envergonho de vo-lo dizer, e he o juizo que Deos vos deo.

*Baron.* Invejai antes o de Theodoſio, que ficareis mais rico. Mas não; pois ſeria iſſo hum crime grande no voſſo moral; porque eſſe juizo vos privaria dos commodos, dos deleites, e da ſatisfação das paixões que deſejais; e iſſo ſeria hum crime. Não queirais ter o noſſo juizo, não. Paſſemos, meu Meſtre, a outro ponto.

*Theod.* Agora já he tempo, meu amigo, de examinar quaes são as Leis fundamentaes para o regimen de huma Sociedade.

*Coron.* Quero-vos ouvir com goſto.

## §. IV.

### *Das primeiras Leis fundamentaes para a boa Sociedade.*

*Baron.* AInda não posso, meu Theodosio, tornar a mim do espanto em que me tem posto as maximas que acaba de nos declarar o nosso Coronel, tiradas dos seus livros. A mim me ferve o sangue quando as ouço; mas não era justo que interrompesse o vosso discurso solido, que me instruia a mim, e o refutava a elle.

*Coron.* Se o discurso solido de Theodosio me refutava, as vossas razões talvez que me convencessem mais do que todos os discursos de outrem; porquanto no meu entendimento, que está ligado ao meu coração, as vossas palavras tem huma entrada mui particular, porque levão adiante de si huma carta de recommendação, tal que aquelles que vos amão não lhe sabem resistir. Huma grande maxima que nós os Filosofos seguimos (1) he, que o *Deleite*, e a *Dor são as unicas causas mo-*

(1) L'Esprit pag. 230. *Le plaisir, & la Douleur sont les seuls moteurs de l'Univers moral.*

*motrices deſte Univerſo moral.* Ora quando huma Senhora com as bellas qualidades que vós tendes, vai primeiro pelo gabinete do peito fallar com as ſuas razões ao entendimento do Filoſofo, já leva muita força de eloquencia occulta para o convencer. Dai-me vós que hum diſcurſo deleite bem, que eu vos ſeguro que convença. Porém não he juſto retardar-vos, Theodoſio, com os meus reſpeitoſos obſequios a Baroneza.

*Theod.* Eſtes amenos intervallos, Amigo, não deixão de fazer a converſação mais ſuave, e pela voſſa meſma razão mais util. A primeira Lei pois que he fundamental, em que ſe eſtriba o bom regimen de toda a Sociedade, creio que he eſta.

*Deve cada membro da Sociedade preferir o Bem do commum ao ſeu proprio Bem.* Já vedes, amigos, que as leis fundamentaes da ſociedade hão-de ſer para bem, e conſervação da meſma ſociedade. Ora ſe cada qual não preferir ao ſeu Intereſſe peſſoal o Bem do commum, tudo eſtá perdido, puxando cada qual ſó para ſi, gema quem gemer. Porquanto o mal do commum ſempre redunda no mal de todos os particulares: aſſim como

mo a doença de todo o corpo pela febre, perjudica a todos os membros; e deste modo o Bem que cada qual nesse caso vê no seu *Interesse pessoal*, traz annexo o mal que lhe redunda a elle mesmo no *perjuizo da sociedade*, em que elle vive. Por onde quem prefere o seu Bem particular ao commum, erra, buscando hum Bem que lhe acarreta hum mal; e mal que de ordinario he muito maior do que o bem que buscava.

*Baron.* Está-me lembrando a loucura de Nero, quando mandou pôr de noite fogo a Roma, para ter o gosto de ver aquelle luminoso espectaculo, e a insolita confusão, e perturbação de todos os habitantes. Preferia aquelle coração damnado o seu appetite ridiculo de ver aquella desgraçada illuminação, ao bem e conservação de toda a sua Corte.

*Theod.* Para que condemnais na face do nosso amigo huma acção que elle deve approvar, e ter por louvavel; porque buscava Nero *o seu deleite*, e o nosso Coronel disse, que *a sensibilidade fysica, e o interesse pessoal, são os authores de toda a justiça* (1), isto he, da *bondade* mo-

(1) L'Esprit pag. 90.

*moral*, e laudabilidade das noſſas acções. He pena, meu Coronel, que eſſe voſſo Author e Meſtre não foſſe deſſe tempo, para fazer o elogio funebre deſſe Imperador, e o juſtificar nas ſuas (mais que brutaes) barbaridades.

*Baron.* Seguindo os guardas da Cidade os principios da nova filoſofia, por hum cartucho de moedas a entregárão aos ſeus inimigos.

*Theod.* Não falleis dos guardas, que iſſo não admira: fallai dos Governadores, fallai dos Commandantes das Tropas, fallai dos Chefes, e vereis na hiſtoria do ſeculo preſente innumeraveis exemplos de quem pelo intereſſe peſſoal tem vendido os povos innocentes, a patria, os Soberanos. E o peior he que ſe não envergonhão, quando ſe podem pôr em ſalvo. Ora quereis vós, meus amigos, prova mais palpavel de ſer preciſa a Lei que acabo de eſtabelecer?

*Coron.* Não vos canceis mais, que he evidente; porque ſendo nós todos membros da ſociedade em que vivemos, redunda em bem proprio tudo o que he bem da ſociedade; e o meu grande Meſtre (1) põe

(1) L'Eſprit pag. 80.

põe esse desejo serio da utilidade pública por Principio de todas as virtudes humanas.

*Theod.* A segunda Lei, que me parece summamente util á sociedade, he esta: *Tu tratarás os outros homens, como tu desejas ser tratado por elles.*

Esta lei he admiravel, porque faz huma pasmosa união entre os seus membros, e causa huma grande utilidade do commum. O amor proprio que cada hum se tem a si, se transforma por este modo no amor a cada hum dos seus concidadãos; porque se elle ha-de servir, e ajudar a cada hum dos outros, como quer ser servido, e ajudado por elles, ha-de amallos a elles, como se ama a si. E que bella sociedade seria essa, na qual todos os membros praticassem esta Lei!

*Baron.* Seria tudo hum Paraiso terreal. Em virtude dessa lei sómente, cada qual que vivesse em sociedade, seria, ainda nos trabalhos, felicissimo; porque acharia por toda a parte tantos amigos verdadeiros, quantos homens encontrasse. Cada qual se apressaria a dar-lhe soccorro nas emprezas, consolação nos desgostos, protecção nos perigos, allivio nos trabalhos. Cada qual para as suas justas emprezas

con-

contaria tantos braços, quantos houvessem no genero humano. Jámais hum homem faria mal a outro homem, nem susto teriamos de que lho fizessem. Que harmonia nas familias! Que paz nas corporações! Que força nas emprezas communs! Haveria summa felicidade na terra, se esta só lei se praticasse.

*Theod.* Pois essa he a Lei que a *Boa razão* nos dicta, gravada no entendimento pela Mão do Creador; e tão fortemente gravada, que nenhum malvado deixa de ouvir essa voz no intimo da sua alma, que o reprehende, quando elle faz a seu irmão o que certamente não quereria que lhe fizessem a elle. Ora sendo esta lei generalissima, não póde deixar de ser posta pela Mão do Creador, quando nos formou a natureza. Como o Creador he o que deo a cada hum de nós a natureza que tem, todos somos igualmente seus filhos; e assim não quer que por modo algum se offendão mutuamente, e por isso lhes inspira esta admiravel lei, de que cada qual trate os outros, como quer ser tratado por elles.

*Coron.* Sabeis vós, meu Theodosio, como os meus livros explicão essa lei? Eu o digo. *Procura o teu bem, ainda que seja*

*ja com o menor mal alheio que te for possivel* (1). E vai concordando com os meus principios, que cada qual tem obrigação de procurar o seu bem, seja como for.

*Baron.* Oh meu Coronel, bello dictame para quem vive em sociedade; porque está certo que vive entre tantos inimigos quantos forem os homens; porque nenhum duvidará de lhe fazer mal, se isso se lhe representar commodo, ou util.

*Theod.* Os dias passados encontrei hum livro, em que se glozava este Principio da moralidade com bastante galanteria (2).
„ Quanto a mim (diz este livro) eu quizera que se gravasse esta maxima em
„ todas as esquinas das encruzilhadas, e
„ em todas as paredes das tavernas, e
„ casas de povo; porque todos aquelles,
„ que costumão frequentar esses lugares
„ honrados, que muitas vezes são gen-
„ tes de saco e corda, poderião á for-
„ ça de ler, e de reflectir, e de se
„ communicarem as suas idéas, achar
„ meio de procurar o seu Bem com o
„ me-

(1) Discours sur l'inegalité des conditions. *Fais ton bien avec le moindre mal d'autrui qu'il te sera possible.*

(2) *Diccionaire des Philosophes* pag. 97.

„ menor mal dos outros que ſeja poſ-
„ ſivel ; no que a ſociedade ſem dúvi-
„ da utilizaria ; porquanto então os aſ-
„ ſaſſinos e ladrões em lugar de matar
„ ſe contentarião com lhes cortar a lin-
„ gua, para que não fallaſſem, e as mãos
„ para que não eſcreveſſem ; e os ladrões
„ ſe contentarião com furtar de modo
„ que deſſem menos damno, e não eſ-
„ truirião iſſo que não levavão. Os que
„ matão com veneno eſtudarião modo
„ de o fazer com menos dores, &c. „
E vós rides, Baroneza! Tambem eu ri.

*Baron.* Ah meu Coronel, muito tenho que rir com as minhas amigas ácerca da voſſa filoſofia moral ; porque em vós apparecendo com alguma caixa de goſto, ainda que ſeja precioſa, alguma de nós vo-la ha-de pilhar, ſem eſcrupulo, porque eu lhes hei-de provar que vós louvais eſte noſſo furto. Com tanto, que em lugar deſſa caixa precioſa vos mettamos na algibeira huma de dez reis com o tabaco preciſo para chegar a caſa ; porque he procurar o noſſo Bem com o voſſo mal, o menor que poſſa ſer.

*Coron.* Não he preciſo iſſo ; porque tudo o que for meu eſtá ao voſſo ſerviço, e deſſas Senhoras, que vós honrardes com

o

o titulo de vossas amigas ; porque sendo-o , merecem os meus obsequios.

*Baron.* Náo queremos dever isso ao obsequio da vossa amizade; porque vos havemos de tirar tudo o que vos virmos de bom gosto ( porque em tudo o tendes singular ) pelo direito que temos ao nosso Bem ; o que faz essas acções mui santas , e louvaveis e justas , de fórma , que não são por modo algum criminosas.

*Coron.* Inda assim , não vos quereria tão filosofas como isso.

*Baron.* Que maior gloria para hum Cavalheiro galante , como vós sois , do que ter tão bellas discipulas como as minhas amigas , pois que eu vos seguro que as escolhi das mais bem prendadas que ha; e agora tomando nós a vossa doutrina , e achando-nos convencidas das vossas bellas razões , toda a nossa convicção céde em vosso louvor; e nós sendo vossas discipulas , contribuimos á vossa gloria. Com que , meu Cavalheiro , vós ficareis com a gloria de nos terdes convencido , e mettido na solida Filosofia ; e nós com o interesse de todas as bellas alfaias de bom gosto , de que estais bem provído. Vós rides ! Mas eu insto , que ou haveis

de

de confeſſar que nós faremos muito bem ſe executarmos iſto ; ou que vós defendeis huma doutrina tão abſurda, que vós meſmo, que a enſinais, a tendes deteſtado. Eſcolhei.

*Coron.* Vós, Theodoſio, tendes huma diſcipula, que póde pôr cadeira de Logica, porque ſabe argumentar com ſubtileza.

*Theod.* Meu amigo, a Baroneza vos convence, não tanto pela clareza do ſeu entendimento, como pela juſtiça da cauſa que ella defende. Se no mundo ſe eſtabelecer a voſſa doutrina ; quem vivirá ſocegado? Porque a voſſa mitigação não nos livra de eſtar certos que todos quantos nos vem, e nos tratão nos deſejão fazer mal; poſto que os melhores ſe contentaráõ com nos fazer o menor mal, com tanto que lhes faça iſſo o ſeu Bem; iſto he, ou o goſto, ou o intereſſe, ou a ſatisfação dos ſeus appetites. Mas eſtamos certos que todos eſtão promptos para nos fazerem mal, ſe iſſo ſe lhes repreſentar como util.

*Coron.* Amigo, vós vedes que praticamente eſſa he a lei do mundo.

*Theod.* He a lei dos máos, e lei que elles pratição, mas que ſempre disfarção por lhes parecer horrenda. Mas que farão elles

les se o systema de *procurar o seu Bem, gema quem gemer*, se approvar publicamente, de fórma, que não seja preciso escondello, ou desculpallo? Então francamente todos os homens serão velhacos sem vergonha. Ponde, amigo, duas terras vizinhas, e iguaes no terreno; mas que n'uma se siga a vossa Filosofia de *cada qual procurar o seu pessoal interesse, ainda que seja com o mal alheio*, e isto licita e louvavelmente; e a outra cuja lei seja, *não fazer aos outros aquillo, que não querem que lhe fação*. Em qual destas duas terras querereis viver, meu Coronel?

*Coron.* Confesso que na segunda.

*Theod.* Logo he melhor para todos os membros de huma sociedade a Lei que Deos nos poz de *tratar os outros como queremos ser tratados por elles*. Confessais que he melhor que esta Lei santa, do que a que a vossa nova Filosofia formou de *procurar cada qual o seu interesse a pezar do mal dos outros*.

*Baron.* Que respondeis, meu Coronel? O surrir não he responder. Queremos *sim*, ou *não*.

*Coron.* Não posso negar que essa vossa lei he muito melhor.

*Ba-*

*Baron.* Pois disso he que tratavamos: das leis melhores para quem vive em sociedade; e como concordais comnosco? Vamos adiante, Theodosio.

*Coron.* Sempre me fica hum grande escrupulo; porque se concordo comvosco (como eu, minha Senhora, quizera) vejo que deito por terra a doutrina, e as maximas estabelecidas por homens do maior juizo que neste seculo se tem conhecido.

*Baron.* E que homens são esses, que maximas, declarai-as?

*Coron.* O meu Mestre (1) diz que assim como o *Universo fysico está sujeito ás leis do movimento, assim o Universo moral não o está menos ás leis do interesse; e que isto he que se devia fazer entender bem aos Legisladores, a necessidade de fundar os Principios da Probidade sobre a base do Interesse pessoal; porquanto que outro motivo poderá determinar hum homem a fazer acções generosas?* Ora isto concorda com o que elle tinha dito n'outra parte (2), *que he tão impossivel que nós amemos o Bem só pelo Bem, como que amemos o mal só pelo mal.* Ora eu tendo sido creado com estes principios, como posso jámais concordar comvosco?



(1) L'Esprit pag. 232. (2) Pag. 73.

*Theod.* Não vos escandalizeis, Baroneza, que ainda o Coronel não diz tudo o que sabe da doutrina dos seus Mestres. Hum delles diz (1), *que não ha vicios, nem virtudes que o sejão em si mesmos; nem ha bem, nem mal moral; que não ha cousa em si justa, nem injusta; porque tudo he arbitrario, e depende dos homens.*

*Coron.* Assim he, tambem tenho lido isso; posto que lá me parece este modo de pensar hum tanto demaziado; e ainda elle accrescenta (2), que *quanto mais nós examinamos de perto a natureza do homem, tanto mais ficamos convencidos, que as virtudes moraes são effeitos da Politica, que a lisonja, e soberba gerárão.* Eu mesmo confesso que não approvo de todo esta doutrina.

*Theod.* Nem podeis; porque o vosso Mestre (3) diz expressamente, que a *utilidade pública he o Principio de todas as virtudes humanas; e que a este Principio se devem sacrificar todos os sentimentos, até os sentimentos da humanidade.*

*Coron.* Assim he; assim o diz, e me con-
fo-

(1) *Discours sur la vie heureuse* pag. 11.
(2) O mesmo pag. 33.
(3) L'Esprit pag. 80.

ſolei, quando ha pouco vos ouvi pôr por primeira lei da ſociedade, que deviamos preferir o bem público ao noſſo bem particular; alegrei-me, vendo que admittieis o meu Principio eſtimado.

*Theod.* Ora agora, Senhora, preparai-vos para rir, vendo huma admiravel contradicção deſte grande Author, Meſtre do noſſo amigo. Acaba de dizer o que ouviſtes na ſua p. 80. na p. 361. (1) Mas diz que o *Homem virtuoſo não he aquelle, que ſacrifica os ſeus coſtumes, e as ſuas fortes paixões ao Intereſſe público, porque hum tal homem he couſa impoſſivel que haja; mas que o virtuoſo he aquelle, cujas paixões fortes são de tal modo conformes ao Intereſſe geral, que he quaſi ſempre neceſſitado a ſer virtuoſo.* Ora pedi ao noſſo Coronel que nos concorde eſtas doutrinas do ſeu Meſtre, e ide rindo entre tanto.

*Baron.* Se eu rir em quanto elle não concordar couſas tão oppoſtas, muito tenho que rir.

*Coron.* Concordo bellamente, dizendo como elle, que *a virtude* (quando a houver) *ha-de ſer de quem ſacrificar ao Bem* pú-



(1) L'Eſprit pag. 361.

*público os seus sentimentos , até os da humanidade* ( *L' Esp.* p. 80.) ; mas que *sacrificar ao Bem público as paixões fortes he impossivel ; e que sómente se acha a virtude , quando as paixões fortes concordão felizmente com o bem público.* ( *L' Esp.* p. 361. )

*Baron.* Ah ! nesse caso a virtude não he merecimento , he fortuna de nascer com hum tal temperamento que as paixões proprias concordem com o Bem público ; e assim nem a virtude traz merecimento , nem por conseguinte o vicio he crime. O' meu Coronel , o vosso Mestre tem garganta bem larga , que engole contradicções bem monstruosas. Se elle fosse senhora , passaria melhor do que sendo homem ; porque então lhe seria escusado usar de pescocinhos , nem garavatas.

*Theod.* Vede , Senhora , que bella Filosofia para se estabelecer nas sociedades. Dizer que a virtude he a felicidade de nascer com tal temperamento , que as proprias paixões concordem com o bem público ; de fórma , que a Virtude só he felicidade , mas não merecimento ; e o Vicio só he desgraça , porém não crime. E como poderão os Magistrados premiar , ou

ou louvar a virtude, se ella he sem merecimento? ou castigar o malvado, se elle o he sem crime? Que bellos frutos, minha Senhora, se esperão na sociedade com esta doutrina!

*Coron.* Esta doutrina será má; mas se lermos as Historias, acharemos que (1) *os deleites dos sentidos nos podem inspirar toda a casta de sentimentos, e de virtudes*; de fórma, que esta satisfação das nossas paixões he (2) *o meio mais proprio para elevar a alma; e he a mais digna recompensa dos Heroes, e dos homens virtuosos.*

*Baron.* O' meu Coronel, eu creio que nos matos, onde os brutos sem freio algum se entregão á satisfação das suas paixões, e appetites, e procurão sem medo algum o deleite dos sentidos, deve haver brutos bem virtuosos, e verdadeiramente heroicos; porque (segundo o vosso Texto) *os deleites dos sentidos lhes podem inspirar toda a casta de sentimentos, e de virtudes.* E além disso tem nesta satisfação das paixões *o meio mais proprio para elevar as suas almas*; e tem *a mais digna recompensa dos brutos vir-*

X ii *tu-*

(1) L'Esprit pag. 365. (2) L'Esprit pag. 361.

*tuosos.* Em fim tem tudo isso que (segundo a vossa doutrina) faz os homens *heroes*, e *virtuosos*. Tambem vós rides, Coronel!

*Coron.* Deos me livre de argumentar com Senhoras.

*Baron.* Ora dizei-me, Coronel: E vós credes nessas doutrinas que ahi tendes referido? Se vós as credes, então he preciso que reduzais os homens solidamente virtuosos, e verdadeiramente heroes á classe de brutos, que sem o freio da razão se entregão cegamente á satisfação das paixões, e deleite dos sentidos. Isto he o que se acaba de dizer. Ora meu Coronel, fingi huma sociedade, cujos membros todos sigão essas doutrinas, que differença teria desses brutos indomitos do centro da Africa, ou America, dos Leões, Elefantes, Urços, Javalis, &c.? Vós não podeis negar isto. Ora dizei-me: E para que deo o Creador ao homem o uso da Razão? No vosso systema não ha cousa mais inutil. Respondei-me, que sois Fisosofo, e eu não peço risos obsequiosos, quero resposta de juizo. Esse grande *juizo*, de que vós tanto vos prezais, por que motivo vos gloriais de o ter, se não ha cousa mais inutil para a *Virtude*, e *He-*

*Heroicidade*? Ah meu Coronel, confessai que os vossos Mestres dizem muita blasfemia contra a *Boa Razão*; e se vos prezais de Filosofo, isto he, de saber a força de huma consequencia bem tirada, ou haveis de desdizer-vos desses Principios que tanto estimais, ou engolir monstros horrendos de consequencias, que ninguem até agora tragou: não ha remedio. Mas passemos, Theodosio, a outro ponto, que neste já vejo que o nosso Coronel se envergonha do que tem dito, e disfarça a força do argumento com cortezias obsequiosas.

## §. V.

*Se entre os Homens que vivem em Sociedade, póde haver huma total* Igualdade.

*Coron.* VO'S, Senhora, deveis á Natureza hum tal vigor no entendimento, que eu nunca encontrei em Senhora alguma. Se vós estivesseis bem instruida nos Principios da nossa Filosofia, farieis admiraveis progressos, e terieis discipulos sem número, porque eu nunca vi ajuntar tanta amabilidade no dizer, com tanta viveza no arguir, e tanta clare-

reza no pensar; e muitas vezes fallando com os Cavalheiros meus camaradas, me lamento de que tendo tantas prendas da Natureza, estejais tão preoccupada com certas velhices do tempo antigo, que he mui difficil o desterrallas do vosso entendimento, aliàs capaz de voar ao conhecimento de verdades sublimes.

*Baron.* Agradeço, meu Coronel, o elogio, e a compaixão; porém como ainda sou rapariga, ainda estou na idade de desaprender o velho, e aprender o novo, com tanto que tudo seja na linguagem da *Boa Razão*. Mas eu reparo que vós até agora com os vossos Mestres só fallais em *Paixões*, *sentimentos da Natureza*, *heroismo de amor*, *inclinação aos deleites*, &c. Nunca vos ouvi elogiar a belleza da *Luz da Razão*, de fórma, que se vós houvesseis de ensinar Filosofia aos brutos, que vivem nos matos, para fazer *Brutos heroicos*, e *bem virtuosos*, não mudarieis nem huma só palavra na vossa frase; e senão, vamos aos vossos textos.

*Coron.* Senhora, isso nos levaria muito além do vosso intento, que he instruir-vos com Theodosio. Vamos adiante. Qual he, amigo, o outro ponto que vós tendes intento de tratar nesta instrucção da Baroneza?

*Theod.*

*Theod.* Eu com gosto vos deixo lá dispu-
tar com a Baroneza, porque vejo que se
mostra bem sciente do que temos dito.
Agora quero tratar hum ponto, que he
muito da vossa estimação; e vem a ser:
*Se na sociedade de homens póde haver
huma total Igualdade*; ou se deve haver
*superior.*

*Coron.* Nada nada de superioridade, meus
amigos: os homens todos nascêrão
iguaes; e o mesmo Deos, que creou huns,
creou tambem os outros, e do mesmo
barro nos formou igualmente a todos.
Que superioridade deo o Creador ás Ar-
vores, ou aos Brutos, ou aos Insectos,
aos Peixes, aos Arbustos, e ás Flores?
Cada huma destas creaturas he sobera-
na no seu genero, e existe sem ter de-
pendencia de outras creaturas, nem tam-
bem superioridade, ou dominio sobre el-
las. Como Deos de todas ellas he Pai,
conserva as suas filhas n'uma total igual-
dade; porquanto desigualdades entre os
filhos do mesmo Pai sempre forão odio-
sas, por serem nocivas aos filhos, e in-
decorosas aos Pais. Para que he emendar-
mos nós os homens as obras de Deos!
E no que faz o Creador com summa igual-
dade (que he perfeição grande) pôrmos
nós

nós odiosas desigualdades? Acaso tem o homem mais juizo do que quem lho deo? Ou poderá descubrir erros nas obras da Sabedoria infinita? Nada, nada, meus amigos, de superioridade entre os homens; tudo, tudo he igual, porque o Creador he Pai de todos, e de tudo. O contrario, Baroneza, he escandalo da Razão, injuria da Natureza, e até offensa da Divindade.

*Baron.* Santa Barbora, que trovoada! Nunca ouvi roncos de trovões tão horrorosos. O' meu Theodosio, nós devemos converter-nos; porque não he razão que daqui em diante obremos *com escandalo da Razão*, com *injuria da Natureza*, e com *offensa do Creador*, como nos sentenceou o nosso Coronel. Mas eu, meu Coronel, para me converter de todo, só tenho huma difficuldade; e he, que ha seis mezes que me lisongeais com as vossas visitas; e vos vejo sempre em coche com bons cavallos, e com lacaios mui asseados. Ora como Deos he *Pai de todos, e de tudo*, não sei como vós não andais ás semanas com os vossos cavallos, e lacaios; porque vós devieis (para não offender essa lei sagrada da *Igualdade*) ora andar na taboa, e na alinofa-

da,

da, e os lacaios dentro como filhos de Deos; e tambem ora puchando pelos pobres cavallos, que são voſſos irmãos por filhos do meſmo Pai, ora como coſtumais, puchando elles por vós. O' meu Coronel, olhai que eſta deſigualdade he emendar a obra de Deos, que fez tudo com ſumma perfeição, e igualdade grande. Nada, nada, meu Coronel, não commettais crime tão horrendo contra o Supremo Senhor, emendando com eſcandalo da Razão, da Natureza, e até da Divindade as obras da Sabedoria infinita.

*Coron.* Baſta, Senhora, baſta. Vós dais mui de rijo.

*Baron.* Mãos de Senhora nunca offendem Cavalheiros galantes. Vós podeis-vos liſongear de que tendes em mim huma diſcipula que tem boa memoria; porque eu ſómente repeti as voſſas razões com fidelidade, ſem accreſcentar nem huma palavra. Fallai vós, Theodoſio, e perdoai a minha viveza, que em materia tão grave devia prudentemente eſperar as voſſas razões.

*Theod.* O cumprimento novo, meu Coronel, que vos fez a Baroneza de pôr os cavallos do voſſo coche no gráo de voſſos irmãos por terem o meſmo Pai, bem

ſabeis que não he tão eſcandaloſo, como parece á primeira viſta; porque nos voſſos livros tendes quem deſde o homem até ás plantas põe a meſma natureza, ſó com a differença de mais, ou menos perfeição; e já tereis lido hum livro, que diz *que o homem he huma Planta* (1). E outro Doutor não acha confins que ſeparem a natureza do homem da dos brutos (2). Com que, podeis perdoar-lhe a viveza. Agora no que toca á deſigualdade entre vós, e os voſſos lacaios, não ſei que poſſais reſponder, porque eſſa he claramente contra o voſſo ſyſtema.

*Coron.* He porque eu lhes pago a elles, e elles não me pagão a mim; porque não tem com que.

*Theod.* Peior, meu Coronel; porque, ſendo vós e elles filhos de Deos, os bens e riquezas ſe devião repartir igualmente; e vós em conſciencia lhes deveis metade das voſſas rendas.

*Coron.* Herdei-as de meus Avós.

*Theod.* Perdoai, amigo, que quero que me inſtruais bem neſta nova Filoſofia: Sendo voſſos Avós, irmãos dos Avós dos voſſos lacaios, já as riquezas que lhes pertenci-

(1) Homo planta.
(2) Interprete de la Nature pag. 35.

ciáo a elles andão furtadas ha annos; e elles não podem ceder do direito natural da Igualdade; e vós, que possuis essas riquezas herdadas em má fé, porque sabeis que tanto erão vossas, como dos lacaios, sois criminoso, e deveis restituillas, servindo-os a elles tanto tempo, como elles vos tem servido a vós. Nada, nada, meu amigo, tudo ha-de ser igual; porque, como dizeis, Deos a todos fez iguaes; e não he licito emendar o que Deos fez.

*Baron.* Theodosio, fallai de manso; porque se os lacaios do Coronel vos ouvirem, quando o Coronel se for metter na carruagem, terão com elle huma bem feia disputa, pedindo-lhe conta das riquezas que elle, e seus Pais e Avós lhes tem furtado ha annos aos seus.

*Coron.* Coutados delles se tivessem o minimo pensamento contra mim; porque tenho á minha ordem todos os soldados do meu Regimento, e saberia vingar a sua insolencia.

*Baron.* O' meu Coronel, vede que vos contradizeis. E que tendes vós, para que o vosso Regimento vos despicasse; se vós sois hum soldado igual a esses que comem e bebem na Taverna. Nada; nada

de

de desigualdade; nem superioridade, todos os homens são iguaes; e assim tanto vós devem obedecer os vossos soldados a vós, como vós aos vossos soldados: tudo he igual, porque assim o fez o Creador.

*Coron.* Eu os farei obedecer por força.

*Baron.* Deixai-me rir. E quem vos deo a força a vós, se vós em tudo sois igual a elles? Creio que não fallais da força dos braços, porque sois bem delicado, e os vossos soldados são membrudos, e forçosos. Creio que fallais da força civil, devida ao vosso cargo. Porém todos esses cargos são abusos da tyrannia.

*Coron.* Torno a dizer, meu Theodosio, que não quero argumentar com a Baroneza; não lhe escapa palavra! Fallemos nós cá, somos homens, temos armas iguaes.

*Baron.* As armas de homens devem ser as *Razões*; estimarei que em vós haja armas iguaes ás de Theodosio. Duvido.

*Theod.* Eu quero fazer-me cargo das razões que vós dissestes, para lhes satisfazer. Já provei que o homem pela sua natureza nasceo para viver em sociedade, o que geralmente se não prova dos brutos; porque no homem ha huma depen-

den-

dencia maxima dos outros homens, e dependencia para tudo; e isto não ha nos animaes, aos quaes a natureza veste, dá domicilio, dá sciencia de edificar os seus ninhos, e casas, e procurar com summa arte o seu sustento, sem que venhão outros ajudallos, ou ensinallos. O uso da palavra que ha no homem, e não nos outros animaes, tambem persuade que a *sociedade lhes he propria.* E mais que tudo, *o Juizo*, *e Arte de discorrer* para inventar cousas novas, he proprio do homem, e só do homem; porquanto de nenhum animal nos consta que tenha inventado cousa alguma, que os primeiros da sua especie não tivessem já feito. O que prova manifestamente que não he a indole, e natureza do homem feita como a dos animaes, que sem mais lei, nem regra, só pelo impeto cego das suas paixões são levados aos fins que a natureza lhes prescreveo.

Meu amigo Coronel, Deos não he tonto, nem faz as cousas sem fim, e sem razão. Sendo o homem, como já disse, tão differente de todos os animaes, Deos o havia de fazer para fim mui diverso do que poz aos brutos; e assim não o formou com o fim de saciar as paixões, e

sa-

satisfazer aos appetites; como se fosse bruto.

*Baron.* Dizei, Coronel: Para que lhe deo o Creador a *Luz da Razão*, senão para conhecer o *Bem*, e o *Mal*? E para que lhe deo a *vontade livre*, senão para escolher livremente o que quizesse? Ora sendo o fim do homem a sociedade, ou os ha-de de deixar ir cada qual para a sua parte para onde lhes der no appetite, e então onde vai o *Bem da Sociedade*? ou os ha-de conter com certas leis, quaes são as da *Razão*; e como superior as ha-de mandar executar; e ahi temos a *desigualdade*.

*Theod.* Amigo, nós não devemos como tontos andar detrás para diante, e de diante para trás. Já concordámos que o *Homem nasceo para viver em sociedade*; nisto assentámos, não tornemos a duvidar disso. Ora vivendo em sociedade, como póde elle passar sem algum superior, que contenha os mais nos deveres, e acções uteis á sociedade? Se cada qual só cuidar no que convem ao seu appetite, quem ha-de cuidar no bem de todos, isto he, na defensa de seus inimigos, ou na defensa dos animos ferozes, como Lobos, Ursos, Leões, &c.? Como se ha-de

de cuidar no ſuſtento dos pequenos, nos remedios dos doentes, no caſtigo dos malvados, na provisão dos viveres de longe, quando o Paiz proprio carecer dos frutos neceſſarios? &c. Para nada diſto baſta hum homem ſó, he preciſo que muitos ſe unão; e quem os ha-de obrigar a unir-ſe para a execução, ſenão alguem que tenha tal, ou qual authoridade para iſſo. A perfeita igualdade dá huma certa independencia dos iguaes, e eſta independencia faz huma divisão, e miſeria ſumma; porquanto tendo cada qual ſó o que tem no ſeu braço, não tem nada para o bem dos que lhe pertencem, por viver em ſociedade, como são filhos, mulher, pais já velhos, &c. Até nas abelhas, que são as que vivem em ſociedade, ha huma ſuperiora, e deſigualdade: como poderá ſem ella haver ſociedade nas outras?

*Baron.* Fingi, meu Coronel, quantos ſyſtemas quizerdes, nunca podereis unir *ſociedade* com *igualdade total*; porque a neceſſidade do commum obriga á deſigualdade, e alguma tal e qual ſuperioridade.

*Theod.* E aqui tendes, amigo, a razão por que Deos poz igualdade nas arvores, e flo-

flores, &c. porque não as fez para viverem em sociedade. Cada arvore, ou flor tem em si tudo quanto precisa; e o homem não.

*Coron.* Já percebo a grande differença.

*Baron.* Com que, meu Coronel, em que ficamos? Vós sois igual aos vossos soldados e lacaios, ou entre vós ha desigualdade: escolhei, *sim*, ou *não*, que eu quero ir cá assentando as proposições em que todos concordamos.

*Coron.* A differença que ha entre mim, e os meus soldados, ou os meus lacaios, não he da Natureza, porque nessa todos somos iguaes; he do meu Posto Militar, porque sou Coronel, e tambem do meu dinheiro, porque pago aos meus lacaios o serviço que me fazem. O meu dinheiro, e o meu Posto Militar são toda a minha differença a respeito delles.

*Baron.* Ora deixai-me rir bem á vontade, meu Coronel, porque vos vejo convertido, e concorde com o que sempre dissemos. Ninguem até aqui disse, que os homens deixassem de ser *iguaes na Natureza*. Todos confessão que *a desigualdade que ha entre elles ou he dos bens da fortuna, ou dos seus postos, e dignidades*. Com que, esses vossos Filosofos não

não vem cá dizer nada que não soubesse até aqui a minha lavandeira. Vedes, meu Theodosio, a famosa quéda que deo o nosso Icaro, que ha pouco se remontava sobre as nuvens com o seu fogo Filosofico, e Enthusiasmo poetico; e agora concorda comnosco.

*Coron.* Não concordo, Senhora, não me façais tão inconstante, que ora diga, ora desdiga. Digo, que assim como todos os homens são iguaes na Natureza, assim o devem ser em tudo o mais; e não admitto superioridade de hum homem a outro homem. Eis-aqui o que disse, e o que digo, e o que dizem homens de grande juizo.

*Baron.* Pois então, meu Coronel, já daqui me convido, e a Theodosio para á manhã, que ha-de haver mostra do vosso Regimento, a que quero assistir; porque convidarei as minhas amigas para huma scena bem nova, e bem galante. Eu terei prevenido hum tambor, para que quando o Regimento estiver na fórma, se chegue a vós, e vos diga: *Amigo, chegou o tempo de conhecermos que todos somos iguaes: vós o sentis; e assim já fostes meu superior até aqui, agora sigo-me eu, e quero commandar o Regimento: abai-*

*xo do cavallo, que quero montar nelle. Camaradas, ajudai-me, que vos chegará o voſſo turno: já baſta de violencia, e de uſurpação do noſſo direito de igualdade. Vamos.* Vós rides! O caſo ſeria bem triſte. Ora paſſemos, Theodoſio, a outro ponto, que baſta de rir.

## §. VI.

### *Que para o Bem da Sociedade he neceſſaria alguma Superioridade.*

*Theod.* O Voſſo riſo, Baroneza, não deixa de ſer hum argumento bem forte contra a Filoſofia da Igualdade. Ora eu accreſcento, meu Coronel, que para o *Bem da Sociedade* he indiſpenſavel alguma Superioridade; porque ſe não a houver, cada qual ſó cuidará em ſi, e ſó poderá valer-ſe de ſi; e que he o que póde fazer hum homem ſó? Digo, *hum homem ſó*; porque não havendo Superioridade, que mais razão ha para que fação os outros o que eu quero, e não faça eu o que querem os outros? Sem Superioridade, cada qual penſa como quer, e faz como penſa. Os rogos, e razões ora são attendidos, ora deſprezados; porque

a linguagem da razão poucos a entendem; e ainda são menos os que se dão por entendidos. O alvedrio humano he mui dispotico nas suas acções; se não ha subordinação legitima, zomba quando quer das melhores razões.

*Coron.* E quem nos ha-de pôr essa subordinação, se Deos a não poz? Respondei a isto, Senhora, já que tanto me arguis.

*Baron.* E quem poz aos vossos soldados a subordinação que elles vos tem?

*Coron.* A convenção dos homens.

*Baron.* Bem, bem: logo os homens podem pôr aos vossos soldados a subordinação que Deos lhes não poz. Respondei, meu Coronel, já que tanto me dessafiais. Isto são armas de mulher, não passão de agulhas.

*Theod.* As agulhas tambem ferem. Mas indo ao ponto, bem vedes, amigo, que no Militar he impossivel não haver superioridade, e subordinação a hum Chefe.

*Coron.* Os meus Filosofos dirão que não haja Militares; e que se deixem viver os homens como quizerem, e onde quizerem; e que o direito da Guerra he hum direito barbaro contra a *humanidade*, e contra a *liberdade*. Este he outro Dogma

do nosso Catecismo, *Igualdade*, e *Liberdade.*

*Theod.* Ora vamos a ver se isso concorda com o bem da Sociedade; porque já temos hum Principio certo estabelecido, que Deos creou o homem para viver em sociedade: ora isto supposto, ouvi-me.

Deos quando creou o homem para viver em sociedade, e necessitado a isso, lhe deo a *Luz da Razão* para buscar os meios conducentes para *conservar a Sociedade*; assim como creando-o para viver na terra, lhe deo o appetite da fome, e da sede, que o obrigassem a aprovcitar-se dos frutos da terra, e conservar a vida. Até aqui, meu amigo, não ha questão. Ora vamos agora a ver se a Sociedade se póde conservar sem alguma subordinação, e Superioridade. Já no Militar vós o confessastes; mas negais que deva haver corpo militar. Ora dizei-me: O Bem da Sociedade não depende da conservação das vidas dos seus membros?

*Coron.* Sem dúvida.

*Theod.* E não depende da conservação dos bens de cada hum, das suas herdades, e lavouras, &c.

*Coron.* Não ha questão.

*Theod.* Ora como póde huma collecção de ho-

homens, que vivem juntos, impedir que venhão os vizinhos rouballos, matallos, e fazer-lhes quantos males se lhes representar agradavel, ou commodo aos seus interesses? Segundo a vossa Filosofia, se algum vizinho vir o vosso pomar bem cultivado, e carregado de frutos, vendo que isso lhe faz conta, e commodo, e gosto, póde, e deve buscar o seu proprio interesse, e vir huma noite apanhar os vossos frutos. Isto he doutrina vossa. E tambem, se lhe parecer, tomar a vossa casa, que lhe he commoda, e bem preparada, e por força lançar-vos fóra della, será licito, porque em fim *busca o proprio Interesse*. Nisto não ha nada que reprehender, segundo as vossas maximas. Isto posto, como haveis vós de impedir estes damnos, senão com a força? Ora a força de hum homem não he nada, he preciso que os mais o ajudem; e como cada qual cuida em si, preciso he que se ajustem a defender-se todos dos inimigos; e ahi tendes hum corpo de defensores dos proprios terrenos, e isto he o que chamamos *Militares*: póde isto dispensar-se? Fallai como homem de honra, que não brinca em cousas serias.

*Coron.* Vejo que isso he preciso.

*Theod.* Ajuntai agora o que tendes dito. O bem da Sociedade precisa de hum corpo de força para se defender dos inimigos; este corpo de força depende de hum Chefe: logo o bem da Sociedade depende de hum chefe, ou pessoa, que governe os outros com authoridade de huma parte, e subordinação da outra.

*Baron.* Que quereis mais do Coronel, meu Theodosio? Elle no seu ameno surrizo mostra estar convencido.

*Theod.* Vamos ao Civil. A liberdade que Deos concedeo a qualquer homem, *Liberdade* que vós adorais como hum presente da Divindade, faz que em duzentos homens haja duzentas acções livres; e humas serão contrarias ás outras; humas uteis ao commum, outras nocivas. O bem da Sociedade depende de que haja modo de impedir as acções nocivas; porque estas são as que destroem a Sociedade. Logo he preciso que haja quem castigue os criminosos, e com o castigo embarace que nos fação mal. Que dizeis a isto?

*Coron.* Que hei-de dizer? Se a Baroneza me está atravessando com os seus olhos, como quem diz: *Vede lá o que dizeis.* Confesso que para a paz, e tran-

qui-

quilidade dos povos he preciſo que haja medo dos caſtigos de quem a perturbar com a maldade, ou de qualquer modo perjudicar a todos os outros. Ou tambem he preciſo quem proponha premios a quem fizer bom ſerviço aos companheiros; porquanto o *premio*, e o *caſtigo* são os dous meios de que as nações geralmente ſe tem ſervido para promover o *Bem*, e para evitar o *mal*, tanto o pûblico, como o dos particulares.

*Theod.* E quem ha-de determinar o caſtigo, ou o premio, ſenão alguem que tenha authoridade, e Superioridade ſobre os outros? Ou eſta ſuperioridade ſeja por convenção mutua, ou por premio de ſerviços grandes, ou por geração, ſendo, v. g. o pai de toda aquella familia. Seja como for, havéndo collecção de homens, que vivão juntos, he indiſpenſavel a Superioridade n'um, e a ſubordinação nos outros.

*Baron.* Vós, Coronel, que certamente ſois inſtruido na hiſtoria antiga, e moderna, não me direis onde viſtes vós collecção de homens ſem eſta ſuperioridade? Para que fazeis á força figura de ignorante do que vós ſabeis melhor do que eu? Vós não ſabeis que deſde o principio do mun-

mundo os Pais erão os que governavão os filhos? e como as idades erão longas, governavão netos, e bisnetos; e tudo obedecia ao velho, como ao cabeça de toda a familia de cincoenta, ou cem descendentes. Sabeis que os que erão pobres se aggregavão ás familias mais possantes, como criados por seu estipendio; sabeis que todos casavão, e se multiplicavão, e por conseguinte fazião povoações mui numerosas. A terra então era franca, e cada qual quanto maior terreno fabricava, maior terreno possuia. Repartia-se entre os filhos, e netos, e terceiros, ou quartos descendentes; e começou o uso do *meu* e *teu*, e do *nosso* e *alheio*. E nas questões todos recorrião ao velho, que ás vezes já titubeava com a idade. Delegava elle então em quem tinha mais capacidade para o governo, e todos se accommodavão: até que crescendo muito as povoações, e as precisões dellas, elegêrão chefes a quem sempre derão obediencia. Ora se esta foi sempre a praxe de todo o mundo; se a *Luz da Razão* (que vos não falta) reconhece a precisão desta praxe, para que estais regateando hum *sim*, em materia que todo o genero humano civilizado tem

concordado, por quatro, ou cinco mil annos?

*Coron.* Seja embora, Senhora, *ſim*, *ſim*, *ſim*.

*Theod.* Viſto que o Senhor Coronel concorda, ide eſcrevendo no voſſo memorial eſſa Propoſição, para ſobre ella irmos diſcorrendo, caminhando para diante.

*Baron.* Cá eſcrevo: *Em toda a Sociedade de homens he indiſpenſavel para o bem della, que haja Superioridade, e ſubordinação*; por conſeguinte, meu Coronel, eſſa voſſa famoſa igualdade he ſonho, quimera, e couſa impoſſivel.

*Coron.* Outro argumento podieis fazer contra mim, a que eu nem poderia, nem certamente quereria reſponder.

*Baron.* E qual he?

*Coron.* He a ſuperioridade que o voſſo entendimento tem ſobre os outros, que ou queirão, ou não queirão, vos ficão ſujeitos, e ſubordinados.

*Baron.* Meu Coronel, guardai para outras occaſiões de civilidade, e galanteria eſſes cumprimentos de *aluguel*, que ahi ſe achão promptos a cada canto, para quando são preciſos. Continuemos, Theodoſio.

§. VII.

## §. VII.

### *Da Superioridade natural que he a dos Pais a respeito dos filhos, e do amor mutuo que se lhes devem.*

*Theod.* HAvendo pois necessidade de alguma superioridade em toda a *humana sociedade*, vamos a ver a primeira, e mais antiga origem desta superioridade. Já vós, Baroneza, o dissestes que era a que dava a Natureza pela geração aos pais que nos derão a vida. Mas se o nosso amigo quizer dizer o que dizem os seus livros, vós, Baroneza, ouvireis cousas bem estranhas.

*Coron.* Como me desafiais, e puchais pela lingua, direi o que tenho lido em bons livros; que nunca os escolho máos.

*Baron.* Isso se podia esperar do vosso bom discernimento. Ora dizei, meu Coronel, e pela doutrina desses senhores veremos se os seus livros são bons, ou se são máos; que a estas censuras se expõe todo o homem que imprime. Dizei, meu Coronel.

*Coron.* Hum dos maiores homens, que tem escrito nestes tempos, diz: *Que o filho de-*

*deve reputar ſeu pai como hum reſpeitavel inimigo* (1). Diz que he inimigo, porque em tudo o eſta corrigindo, opprimindo, e violentando, ſem lhe conſentir que ſatisfaça as ſuas paixões nativas; mas como por outra parte elle he quem lhe deo a vida, lhe deve reſpeito. E o peior he que o meu Cadete ſegue bem eſta doutrina.

*Baron.* Eu vos tenho lamentado muitas vezes; porque fallando particularmente com elle, o acho ſummamente duro de cabeça, e de coração indomito. Elle proteſta que não tem maior inimigo do que vós; porque em pequeno lhe déſtes toda a liberdade que elle queria, e agora o opprimis. *As minhas paixões* (diz elle) *rebentárão com os annos, creſcêrão com a liberdade, tomárão força com o tempo, e depois quer meu pai reprimir-me, quando já he tarde! não o poſſo ſoffrer: reſpeito-o civilmente; mas não poſſo amallo, pois o tenho por meu inimigo.* Muito vos tenho lamentado pelos deſgoſtos que vos dá.

*Coron.* E mais, vós não ſabeis tudo.

*Baron.* Se lhe fallo do amor que vos deve

por

(1) Les Moeurs pag. 459.

por ferdes feu pai, refponde que nós devemos amar a todo o homem; e que como vós fois homem, fendo feu pai, entrais neffa regra (1), e he o que bafta. Vede o trifte fruto da voffa Filofofia.

*Theod.* O peior he que não o podeis reprehender, nem criticar; porque vós approvais os livros por onde elle aprendeo effa infeliz doutrina.

*Coron.* Não quizera que a puzeffe tanto em praxe: e não ouve effe doudo os gritos da Natureza, que nos manda amar a quem nos deo o fer!

*Baron.* Logo confeffais, meu Coronel, que a Natureza impelle a todos, e que a Razão a todos perfuade, que amemos os noffos pais.

*Coron.* Seja como for, fei que o amor a noffos pais he huma coufa tão natural, que quando alguem offende a feu pai, a Razão fe horroriza, e a Natureza clama contra o filho defattento.

*Theod.* Eu tenho hum certo modo de obfervar os movimentos da Natureza; que he obfervar o que fazem as crianças geralmente antes que lhes venha o ufo da Razão, e o que fazem geralmente todos

os

(1) Les Moeurs pag. 459.

os animaes que a não tem. O que nós virmos geralmente em todos os animaes, e até em nós na noſſa infancia, he certamente voz da Natureza; porque nenhuma outra voz ahi póde fazer-ſe ouvir. O meſmo modo tenho para provar o que diz a *Luz da Boa Razão.* Aquillo que todos pensão, quando os não previne a paixão, he ſem dúvida voz da Razão. Ora deſte genero he o amor dos filhos aos pais.

*Baron.* Como tambem o amor do pai para com ſeus filhos. He paſmar ver huma deſtas Aldeans com o ſeu filho no collo, que ſeja elle como for, ſe eſtá toda revendo nelle, como encantada; tudo lhe acha bom, tudo lindo, tudo engraçado, não tem feição nenhuma em que lhe não ache huma graça eſpecial. Já na infancia lhe acha juizo, galanteria, eſperteza. Ora o chega ao peito, e abraça com carinho, ora o retira hum pouco para o ver á vontade; ora o torna a chegar para lhe dar mil óſculos. Humas vezes o levanta nos braços, outras o aſſenta no collo, e lhe faz tomar mil differentes poſturas, repetindo a cada huma dellas a doce palavra, *meu rico filho*; parecendo-lhe que todos lhe acharáõ a meſma

ga-

galanteria que ella lhe está achando ; o que certamente não he assim ; porquanto as vizinhas vem a mesma criança , e a olhão com indifferença. Sinal de que todos aquelles affectos da mãi não são movidos pela *Razão* , mas sim inspirados pela *Natureza* ao coração materno.

*Coron.* Se vós , Senhora , não fosseis mãi , não poderieis pintar tão bem o carinho materno.

*Baron.* Em nós , que temos educação polida , e mais instrucção , podião estes carinhosos affectos nascer da *Razão* ; porém nas Aldeans obra a pura e simples *Natureza*. Como tambem nos brutos : ver o cuidado com que huma gallinha trata dos pintos que acaba de fazer nascer , em quanto elles não tem força para se governarem : como os chama , como os agazalha , como os cobre com as suas azas. Se vê alguma cousa que lhes possa servir de alimento , esquecida de si , lho vai metter no bico , aqui rapa com os pés a ver se descobre alguma cousa que lhes dê ; alli corre ligeira , se ao longe percebe cousa util : se vê que se affastão , chama por elles , inquieta-se , volve para mil partes , até os ver junto a si , recreando-se se os vê espertos , satisfeitos ,

tos, vigorosos. Não ha figura mais viva, meus amigos, do que a Natureza inspira ás mãis a respeito de seus filhos. Em quanto o pessoal crime delles não faz esquecer o carinho materno, assim os tratão.

*Theod.* Discorreis bem, Senhora, e essa razão convence; porque este impulso, que geralmente sentem os pais para com os seus filhos, não he sómente obra da Razão (como logo direi) mas he impulso da mesma Natureza, o qual antes de ouvir os conselhos da Razão, os move ao amor e carinho. Em todos os climas, em todos os povos, em todas as Regiões ha este amor, final de que o Creador gravou esta lei no centro dos corações maternos, o que he tão natural, que até nos brutos estranhamos o contrario, se acontece que alguma vez o vejamos. Até o amor proprio, paixão inata em todos, nos impelle a amar os proprios filhos, por serem em certo modo parte de nós mesmos.

*Baron.* Nisso não vos canceis mais, Theodosio.

*Theod.* Cançarei, porque quero provar que a nossa *Luz da Razão* nos põe esse preceito, gravado na nossa alma pela

Mão

Mão do Creador; preceito que nenhum syſtema de Filoſofia poderá jámais illudir.

*Baron.* Ora dizei, que iſſo eſtimo eu.

*Theod.* Se eu provar que Deos com empenho (a noſſo modo de fallar) quer que os animaes tenhão amor a ſeus filhos, parece-me que tenho provado que tambem quer que nos homens haja eſſe amor; porquanto os homens são obra das ſuas mãos mais mimoſa do que os animaes: que me dizeis, Coronel?

*Coron.* Concordo.

*Theod.* Ora deixai-me ſer Filoſofo á minha vontade, e diſcorrer ſolidamente em couſas bem pequenas. Que juizo, que diſcurſo, que ſagacidade não he preciſa aos paſſarinhos para prepararem o berço aos ſeus futuros filhos? Que voltas não dão, quando andão na lida de lhes formarem os ninhos, em que hão de pôr os ovos, crear os filhos, e morar com elles juntamente, e defendellos da chuva, e de todos os mais incommodos dos tempos? Deveis, amigos, reparar em tudo, e em tudo reflectir. As andorinhas andão no ſeu voo quaſi arraſtando-ſe pela terra; mas he para que no voo por ſima da agua molhem o peito, e que depois ro-

roçando pela terra fação o lodo de que ſe ha-de formar a nova caſa; e nos pés e no bico levão as palhas, ou hervas que mais lhes ſervem. Lá vão buſcar as beiras dos telhados, ou o lugar commodo para os crear ſem o inconveniente da chuva. O Creador lhes dá eſte continuo cuidado na fadiga, que nada tem de agradavel aos ſentidos (reparai no que digo) *nada tem de agradavel aos ſentidos da aveſinha*, que padece niſto mil incommodos. Ora quem lhes ha-de dar a Planta para o novo edificio; para que nem falte, nem ſobeje do commodo para a mãi, e para os filhos; os filhos que ainda hão-de vir? Ella nunca vio fazer ninhos da ſua eſpecie; e a obra ha-de ſer inteiramente conforme ao coſtume. Ora o ninho, em que ella naſceo, não o vio fazer, depois partio para a Africa, onde não crião as andorinhas; e logo no verão ſeguinte quando aqui chegou, entrou neſta lida. Torno a dizer, quem lhe hade fazer a Planta? Quem lhe ha-de dar officiaes, e enſinar a conſtrucção? Ninguem. Mas lá tem no Creador o Arquitecto que lhe dê o riſco, o Meſtre que lhe enſina a tirar do ſeu peito, e debaixo das proprias azas as plumas maſſias,

para forrar por dentro a casa, onde seus filhos hão-de nascer; lá tem o Mestre que lhe ensine a incubar os ovos depois de os pôr, e fazer com o calor contínuo ou do seu corpinho, ou do seu consorte, que os filhos se vão formando dentro da casca, até sahirem: lá tem hum Mestre que lhe ensine como ha-de ir buscar alimento proprio para os filhos nessa tenra infancia, &c. e isso exactamente, como he costume na sua especie. E isto quer seja em Portugal, quer em França, quer na Polonia, ou qualquer outra parte. Isto ha-de ser assim infallivelmente. Ora dizei-me, Coronel, quem he este Arquitecto, e Mestre tão cuidadoso, e tão habil, que sabe o que se faz em toda a Europa, e o que se fez em todos os seculos precedentes? Quero que me digais quem he este Mestre. He o *Acaso*? ou he *causa Intelligente*? respondei.

*Coron.* Dizer que he o *Acaso*, he hum disparate maximo; porque no Acaso nunca houve, nem póde haver uniformidade; e uniformidade em todos os seculos, e todos os lugares he impossivel que seja do *Acaso*.

*Theod.* Logo he causa Intelligente, e de sabedoria, e de paciencia infinita.

*Ba-*

*Baron.* E accrefcentai o que já me tendes dito, *Caufa prefente a todos os tempos, e a todos os lugares*, para faber o que fe fez fempre, e em toda a parte.

*Coron.* Caufa Intelligente, que efteja prefente a todos os tempos, e a todos os lugares, quem póde fer fenão o Creador?

*Theod.* Pois fe o Creador eftá enfinando a effa andorinha, que por diante de nós anda voando, enfinando, digo, a tratar com tanto amor os filhos que ainda não tem; e o mefmo faz Deos a todos os animaes, efquecer-fe-hia de dar ao homem a mefma ordem, e de lhe pôr neffa *Luz da Razão* que lhe deo para feu governo, effa mefma inclinação que poz no chamado *Inftincto* dos animaes? Será Deos menos Pai do homem que dos paffaros, e dos ratos, e dos mais vís infectos? refpondei como Filofofo.

*Coron.* Não poffo negar que o voffo difcurfo convence.

*Theod.* Logo temos que Deos como noffo Creador poz na Razão humana effe preceito de amarem, e cuidarem os pais de feus filhos; e que effa propensão natural que todos fentem he preceito da Razão, por onde Deos manda que o homem fe governe.

*Coron.* Mal sabeis, Theodosio, quanto tenho gostado de vos ouvir. Nunca ouvi discorrer assim neste ponto.

*Baron.* Meu Coronel, descançai que a doutrina de Theodosio sempre he solida, e nunca se funda em bellas palavras. Agora vereis em que se funda o horror que todo o genero humano tem, quando vê hum filho ingrato, ou cruel com seu pai. Que barbaro houve em todo o mundo, que não detestasse a crueldade de Nero, quando mandou matar sua propria mãi? Ou a de *Dioscoro*, quando com o braço infame cortou a cabeça de Santa Barbara sua filha. Este horror, que faz tremer as entranhas do homem mais duro, prova que a Natureza, e o Author della manda este mutuo amor.

*Coron.* Peço-vos que não digais mais neste ponto, porque está tratado completamente. Vamos, Theodosio, a outro.

## §. VIII.

### *Dos Deveres dos homens para com o seu legitimo Soberano.*

*Baron.* EU dizia, Theodosio, que depois de tratar dos deveres do homem para com os pais que a Nature-

za lhe deo ; cahe bem tratar dos deveres dos homens para com os ſeus legitimos Soberanos.

*Coron.* Cuidado com iſſo, porque he ponto muito critico neſtes tempos. Vós já tendes aſſentado que para o Bem de toda a Sociedade de homens he neceſſario que de huma parte haja authoridade ; e de outra ſubordinação. Ora ſeja como quizerdes ; mas eu ſempre requeiro neſte ponto para mim mui eſcrupuloſo , que não ſe tire ao homem a ſua nativa , e eſſencial *Liberdade* que lhe concedeo o Creador.

*Theod.* Deſafogai , amigo , que eſtais rebentando. Dizei , dizei tudo o que neſte ponto penſais.

*Coron.* Eu nada penſo ſenão o que he hoje ſentimento de todo o genero humano illuſtrado , e dos que tem os olhos abertos para ter horror ás preoccupações com que nos tinhão creado velhas tontas na infancia , e Meſtres ignorantes na adoleſcencia. Graças a Deos que já o genero humano tem reſpirado , e aberto os olhos.

*Baron.* Ora ſeja-vos parabem , meu Coronel , eſta ſatisfação com que vos vejo. Até á ſaude vos ha-de fazer bem. Ora com-

communicai-nos essa doutrina, para que nós tambem participemos dessa felicidade, porque tambem somos do genero humano. Dizei o que pensais.

*Coron.* Sou obrigado a dizer o que entendo, já que vós me dais essa liberdade. Eu, como já disse, não posso soffrer esta escravidão, em que querem pôr os meus semelhantes, e torno a repetir o meu argumento. Porventura poderá o homem emendar as obras de Deos, e fazer que fiquem melhor do que quando sahírão das mãos do Creador? Pois não he menor attentado contra o Omnipotente querer tirar ao homem a inata, e essencial *Liberdade* que Deos lhe déra; liberdade que he huma joia preciosissima com que Deos o honrou, e fez semelhante a si. Se o homem nasceo livre, livre ha-de ser até á morte; o tirar-lhe a liberdade he huma maldade tão terrivel, como se lhe tirassem a vida; porque vida sem liberdade não he vida. Quem deo aos homens authoridade para nos tirarem o que Deos nos deo? Se nos quizessem tirar os olhos, ou cortar hum braço, todos clamarião contra a barbaridade desses tyrannos: e que barbaridade não he o arrancar-nos a mais preciosa dadiva do

To-

Todo-poderoſo, qual he a *Liberdade*? Em que razão cabe fazer-me Deos livre, e todos os outros tão livres como eu; e quererem que hum homem, meu igual, me domine a mim, e não quererem que eu o governe a elle? Não, não, minha Baroneza, fique tudo como Deos o fez, que não póde ficar melhor. O contrario he huma execranda tyrannia, que clama contra o Ceo. Baroneza, crede que o homem não tem ſuperior ſenão a Deos; que tão fidalga he a ſua natureza. *Quem he o homem* (diz o paſmoſo Voltaire) *quem he o homem, fantaſma que dura hum momento, o homem, cujo ſer imperceptivel he lá vizinho do Nada, para querer hombrear com o Omnipotente, e dar (como ſe foſſe tambem Deos) ſeus preceitos aos homens que Deos governa?* (1)

*Baron.* O' meu Coronel, eu eſtou quaſi

qua-

---

(1) *No ſeu Poema ſobre a Religião Natural, no fim do Segundo Canto, diz aſſim:*

Aurons nous l'audace dans nos foibles cervelles
d'ajouter nos decrets a ſes Loix immortelles?
Helas! Seroit a nous Phantómes d'un moment
dont l'Etre imperceptible eſt voiſin du Neant
de nous mettre á coté du Maitre du Tonnere
& de donner en Dieu des ordres a la Terre.

quasi convertida pelo Enthusiasmo poetico com que vos tendes explicado. Só o que me falta para vos render o meu entendimento, he o persuadir-me que vós não estais zombando.

*Coron.* Não zombo, Senhora, digo o que na realidade me tem convencido.

*Baron.* E para que mandastes vós arcabuzear aquelle pobre soldado por ter fugido do Regimento já tres vezes? Se esse pobre homem nasceo livre, para que o querieis vós obrigar a servir na tropa? E com que consciencia por elle querer usar do direito que lhe deo o Omnipotente, lhe mandais tirar a vida? Huma de duas, ou vós zombais quando mandais matar hum homem por querer ser livre, ou zombais quando dizeis que elle, e todos os mais por essencia são livres. Vós dizeis huma cousa, e fazeis o contrario: em huma certamente zombais. Ora matar hum vosso irmão por mera zombaria, e sem crime, faz horror: logo estais zombando na doutrina que com tanto empenho me quereis persuadir. Eu logo digo ao meu Mano, o Chevalier, que he vosso Ajudante das ordens, que em vosso nome diga aos vossos soldados, que de hoje em diante podem usar da

ſua liberdade para tudo o que quizerem; e que vós deſde agora não tendes ſobre elles mando algum, nem a menor ſuperioridade. Não he iſto aſſim, ſegundo a voſſa Filoſofia? Dais-me eſta licença?

*Coron.* A minha Filoſofia ſim diz iſſo; mas a minha Nação diz o contrario; e pelas leis que ella tem poſto, eu ſou Coronel, e todos os meus ſoldados me devem obedecer; e o deſertor devia morrer.

*Baron.* Não conſinto em tal; porque vós tirando-lhes o que Deos lhes deo, ſois hum tyranno; tyranno mais feroz, que ſe lhes tiraſſeis a bolſa, ou a vida, porque vida ſem liberdade não he vida. Não acabais de dizer iſto? Quereis emendar a obra de Deos! As leis que iſto mandão são tyrannias.

*Coron.* O' Senhora, não digais iſſo a ninguem, que ſe a tropa toma eſſa lição, a Nação eſtá perdida.

*Baron.* Logo na voſſa opinião a Nação ſó vive por tyrannia, por roubos, por crueldades, por attentados contra o Omnipotente, porque quer emendar a obra de Deos.

*Coron.* Não tireis, Senhora, conſequencias tão horroroſas.

*Baron.* Não ponhais Principios tão falſos,

Po-

Porém este ponto he tão grave, que só vós, Theodosio, o havieis de tratar, que não se deve fiar materia tão importante de eloquencia feminina.

*Theod.* A vossa eloquencia, Senhora, tem sido masculina, e bem vigorosa. Mas eu quero tratar o ponto radicalmente. Vós, meu Coronel, estais n'uma grande equivocação, e confundis a palavra *dirigir* com a palavra *tirar*, que são cousas bem diversas.

*Coron.* Quem duvída que são cousas bem diversas? E sómente algum tonto póde confundir huma palavra com outra. Explicai-vos.

*Theod.* *Dirigir* a liberdade não he *tirar* a liberdade. Os preceitos e leis, e ordens dos Soberanos, e ainda as de Deos, *dirigem* a liberdade; mas nunca a tirão: reparai bem nisto. Se os Soberanos amarrassem os subditos, e os constrangessem a fazer esta, ou aquella acção, então os privavão da *liberdade* que Deos lhes havia dado. Isto fazeis aos vossos soldados, quando os metteis na golilha, ou encarcerais, &c. Mas a lei, ou preceito só serve de *dirigir* a liberdade, convidando com premios, ameaçando com castigos, convencendo com razões, &c. e nada dis-

diſſo *tira*, antes ſuppõe a *liberdade*. Reparai, amigo, niſto que acabo de dizer.

*Coron.* No que?

*Theod.* *Que os preceitos e leis não tirão, antes eſſencialmente ſuppõe a liberdade.* Ide vós pôr hum preceito á pedra que caia para baixo, ou ao vento que ſopre, ou ao fogo que queime, todos ſe ririão dos voſſos preceitos; porque eſſas couſas, a quem vós os punheis não tem liberdade: mandai ás aves que voem, aos peixes que nadem, ás lebres que corrão; todos vos terião por mentecato, porque não tendo eſſas couſas liberdade, erão incapazes de leis, e de preceitos. Logo (reparai bem) logo os preceitos não tirão, antes ſuppõem, e provão a *liberdade*. Provão a liberdade, e ſómente o que fazem he *dirigilla*. Com que, meu amigo, os voſſos Filoſofos são muito fracos Filoſofos; porque trocão os nomes, e confundem as idéas das couſas, tomando a *direcção* da liberdade por *deſtruição* della.

*Coron.* Sempre eſſe dirigir a liberdade por meio dos preceitos, he em certo modo tirar, ou ao menos diminuir a liberdade que Deos dera ao homem.

*Theod.*

*Theod.* *Outro erro* ( meu amigo ) *dos vossos Filosofos, e erro palpavel.* Dizeis que os preceitos tirão, ou diminuem a liberdade que Deos dera ao homem; ora quináo, meu amigo. Deos immediatamente que creou o homem livre, logo lhe poz o preceito do pomo vedado; preceito com ameaço do castigo de morte. Logo *o homem nunca teve liberdade, senão dirigida com o preceito.* Por conseguinte he erro dizer que as leis, e preceitos dos Soberanos diminuem a liberdade que Deos dera ao homem; porque Deos só lhe deo esta liberdade acompanhada, e dirigida pelos preceitos.
*Coron.* Isso foi lá a Adão; mas nós fallamos de todos os homens; e esses não tiverão o preceito do Pomo vedado. Deos os deixou inteiramente livres.
*Theod.* De vagar, meu amigo: outro quináo. *A Luz da Razão*, ou como outros chamão *Lei natural* ( que o vosso Voltaire, e os mais sequazes confessão ) esta lei natural quem a gravou no entendimento de todos os homens? Supponho que haveis de dizer que foi o Creador. Ora esta *Lei da Razão*, ou Natural, quantos preceitos involve! Bem vedes que são muitos; e todos esses preceitos

poz

poz o Creador a todo o homem que não he fatuo. Logo o Creador não deo liberdade a pessoa alguma a quem Elle mesmo não puzesse preceitos. Vede que os preceitos, e as leis não se oppõem á liberdade que Deos nos deo; pois que Deos a ninguem jámais deo liberdade, sem que lhe intimasse preceitos.

*Baron.* Vós dissestes bem, meu Theodosio, que os preceitos em vez de destruir, provavão a liberdade, porque elles sómente se põem para dirigir a liberdade; e onde a não houver, he cousa irrisoria o dirigilla; e assim os Soberanos pondo leis aos outros homens, por modo nenhum lhes offendem a liberdade.

*Coron.* Que Deos ponha leis, e preceitos aos homens não impugno; porque he Deos, e não lhes deo outra liberdade, senão essa que está sujeita ás leis; mas os homens não tem a authoridade que Deos tem.

*Theod.* Meu Coronel, ainda errais terceira vez no vosso discurso. Ora vinde cá: concordais comigo que Deos a todo o homem, por mais livre que fosse, poz todos os preceitos que se involvem na *Lei natural.* Ora os Soberanos só põem as leis que estão escritas, e são confor-

mes

mes á Luz da Razão, e *Lei natural*; logo se todas as leis humanas se fundão na Luz da Razão que Deos nos deo, nunca os preceitos humanos offuscão a liberdade que Deos nos deo; pois que elles só mandão com as suas leis o que Deos tem mandado pela Lei da Razão.

*Baron.* Grande affrontamento tivestes agora, meu Coronel; vós mudastes de côr: vós não fallais! Foi ramo de estupôr, ou espasmo?

*Coron.* Não podeis, Senhora, perder esse espirito de brincar, ainda na conversação mais séria!

*Baron.* Ah meu Coronel, vós padeceis convulsões de espirito: em que aperto se não tem visto o vosso entendimento. Ora salta para o ar com o espirito Poetico do vosso Voltaire, ora cahe no chão, sem saber parte de si. Muita compaixão me deveis, posto que misturada com riso; que he propriedade de rapáriga dar huma risada, quando nas danças altas vê algum estirado no chão depois de ter saltado como vós com tanta arrogancia.

*Coron.* Vós em estando ao lado do vosso Mestre sois intoleravel, porque atacais brincando, e com hum desdem engraçado não dais lugar a resposta.

*Ba-*

*Baron.* A reſpoſtas que não ha, como lhe hei-de eu dar lugar? Vamos, Theodoſio, a outro ponto.

## §. IX.

### *Que a Soberania, e authoridade ſobre os homens não póde eſtar no Povo.*

*Theod.* VAmos, Senhora, deduzindo conſequencias juſtas dos Principios eſtabelecidos. Nós já temos moſtrado que os homens, não obſtante ſerem livres por natureza, podem receber preceitos, e leis dos Soberanos. Convem agora ajuſtarmos com o Senhor Coronel, donde vem, ou onde póde eſtar eſta Soberania ſobre os homens.

*Coron.* Dizei vós o que quizerdes, que eu tenho por couſa certa, e certiſſima que a Soberania, e Authoridade ſobre os homens ſó póde eſtar no Povo, e hoje he couſa aſſentada (1). O Povo, meus amigos, he o Soberano, que tem na ſua mão toda a authoridade, e a dá a quem lhe parece, e quando lhe parecer, e lha póde tirar, e dalla a outrem.

*Ba-*

(1) Encyclopedia na palavra *Authoridade.*

*Baron.* Ora explicai-me bem isso, que he materia muito importante; quero ficar bem instruida. Mas pergunto: Se o Povo he o Soberano, quem são os vassallos, e subditos desse grande Soberano? São os passarinhos?

*Coron.* Os outros homens, a quem se não deo a authoridade.

*Baron.* Mas esses homens, a quem vós chamais vassallos, são povo, e tem a inata Soberania, que vós lhes achais. Como he isto? Essa gente são vassallos, e Soberano ao mesmo tempo? Explicai-me isto que quero entender bem.

*Coron.* Senhora, eu explico. O Povo he o unico Soberano que ha no mundo; mas como não podem governar todos os homens que compõem o Povo, cedem os mais naquelle, ou naquelles que elegem, e a elles voluntariamente dão a authoridade, até sobre quem lha deo; mas de fórma que lha podem tirar, se elle abusar della, e podem dalla a outrem.

*Baron.* E nesse caso do Povo tirar a authoridade a quem elle a tinha dado, por não usar bem della, quem ha-de ser o Juiz dessa causa? O Povo não; porque he parte queixosa: o Soberano que era, tambem não, porque he a parte crimi-

nosa. Quem ha-de logo ser o Juiz, que sentencee esta grave causa, e diga quem tem razão? Considerai, e depois respondei.

*Coron.* O Juiz ha-de ser a *Força*: porque não ha outro.

*Baron.* O' meu Coronel, isso he só no paiz dos *Touros*, ou na Região dos *mariolas*, porque ahi só prevalece a *Força*. Eu fallava na Região da gente, que tem cabeça, e *Razão* nella. Nos brutos prevalece a *Força*, nos homens a *Razão*. Mas isso era até aqui: agora os vossos Filosofos tem o privilegio de parentesco com os brutos, podem entrar na classe delles, para não usarem da razão, mas sómente da Força. Perdoai, Theodosio, tomar eu o vosso lugar; porém he defeito antigo que já me conheceis.

*Theod.* Senhora, gósto da vossa viveza; e não queirais reprimilla, quando a Razão natural vos incita a fallar; porque a arma da *Razão* não reconhece sexos. Vamos nós agora, meu Coronel, a averiguar este ponto. Vós dizeis que o Povo he que deo a authoridade aos Soberanos, porque os homens cedêrão a sua nativa authoridade n'um, ou em muitos que houvessem de governar, sendo o seu gover-

no ou de Monarquia, ou de Republica, &c. Ora dizei-me: Esta authoridade, que o Povo deo ao soberano, se foi dada, como lha póde outra vez tirar? Como póde reassumir a si, o que já muitos seculos antes tinha dado? Se for por crime, he preciso hum Juiz imparcial, para condemnar o Soberano depois de provado o crime; Juiz, que, como disse a Baroneza, não seja parte. E se he por authoridade que o Povo conserve para tirar o que deo, então ha muito que dizer.

*Coron.* Esta authoridade, que o Povo tem para dar a soberania a quem quizer, he hum Morgado, de que elle não póde ceder; e ainda que por seculos não usasse deste poder que tinha, sempre tem direito a elle, porque he Morgado: e póde ainda sem crime tirar, e arrancar o Sceptro da mesma mão onde o mettêra, e dallo a quem quizer (1).

*Theod.* Se isso he assim, meu Coronel, vede as bellas consequencias que dahi se seguem. Nessa vossa doutrina o Povo não deo a Authoridade ao Soberano, mas sómente a depositou; e tendo-a elle como

(1) Encyclopedia na palavra *Governo*, e palavra *Authoridade*.

mo em depoſito, a todo o tempo a póde ir buſcar, e dalla a outrem.

*Coron.* Sem dúvida.

*Theod.* Bem eſtá. Logo ſe o Povo, ſem mais direito que a ſua primitiva authoridade, póde tiralla do Soberano onde a tinha, e dalla a quem muito lhe parecer, procurando em tudo conſervar o direito da *Igualdade*, poderá uſar da meſma juſtiça contra os Donatarios das terras, e Cavalheiros, que deſſes Soberanos recebêrão doações de terras, e de governos, ainda em premios de ſerviços; porquanto ſe o Soberano era hum tyranno, abuſando da authoridade que não era ſua, mas do Povo, tudo o que elles tiverem dado aos voſſos antepaſſados he nullo, e abuſo da tyrannia; e vos irá o Povo tirar todos os voſſos bens hereditarios; porque todos elles, ou por hum, ou por outro modo vierão deſſe Soberano, que uſou mal da authoridade nelle depoſitada.

*Coron.* Não: iſſo agora de me tirarem os bens herdados dos meus antepaſſados, e ha mais de cem annos, não póde ſer juſto.

*Theod.* E como foi juſto tirar a Luiz XVI. a Coroa, herdada ha tantos ſeculos de ſeus Avós, ſem lhe provarem o menor

crime? E isso só pelo delicto de ser Soberano?

Mais: os vossos Doutores dizem que não ha *Justiça*, nem *Injustiça*, mais que a *sensibilidade fysica*, e o *interesse pessoal.* (1) Logo toda a vez que o Povo se persuadir que os vossos bens hereditarios em vez de se accumularem n'uma familia, he mais util se se repartirem por elles, immediatamente saltão na vossa casa, e vos deixão despojados de todos os vossos bens: porque emfim o Povo he Soberano, e para elle não ha *justo*, nem *injusto*, mas sómente a conveniencia. Como este ponto he mui essencial, convem levallo até o fundo; mas para isso quero primeiro que a Baroneza peça palavra de honra ao Senhor Coronel, de que hade responder ás minhas perguntas, segundo o que na sua consciencia entender.

*Baron.* Isso fará elle, porque lho peço.

*Coron.* Ainda sem empenho o faria eu a Theodosio. Fallai, que vos dou minha palavra de honra, que vos responderei como na minha consciencia entender.

*Theod.* Está bem. Vós não podeis negar, que na multidão tumultuaria, ou na collec-
ção

(1) L'Esprit pag. 90.

ção de todos os que vivem n'uma ſociedade, *ſempre os máos são mais do que os bons.*

*Baron.* Já percebo, Theodoſio, o voſſo argumento, não vos quero interromper: ah meu Coronel, eſtais em grande aperto.

*Coron.* Pobre de mim: contra dous, e a hum tempo, como poderei defender-me? Sim, Senhores, na collecção de todos os homens, que vivem na ſociedade, ſempre os máos são mais do que os bons.

*Theod.* Tambem haveis de conceder, que tambem *os ignorantes são mais do que os inſtruidos.*

*Coron.* Tambem iſſo aſſim he.

*Theod.* Ainda quero mais: haveis de conceder, que a gente vil, e que ou vende as ſuas acções por dinheiro, ou que vivem em baixa fortuna, são muito mais do que aquelles, que tem eſpiritos nobres, ou são ricos, e abaſtados.

*Coron.* Tudo iſſo he innegavel.

*Theod.* Ultimamente quero que me concedais que os máos, os ignorantes, os vís e groſſeiros são regularmente os mais inſolentes, e atrevidos.

*Coron.* Confeſſo que aſſim he.

*Theod.* Ora ajuntai agora todas eſtas verda-

dades que confessastes, para ver o que dellas se segue. Concedestes que no Povo são muito mais em número os *máos*, do que os bons; os *ignorantes*, do que os bem instruidos; os *vís*, e de baixa fortuna, do que os generosos, e ricos. *Os insolentes*, *e atrevidos*, do que os prudentes. Ora sendo o Povo o Soberano como quereis, ides metter o sceptro supremo na mão dos *malvados*, dos *ignorantes*, dos *vís*, e dos *insolentes*, e *atrevidos*. Que bello Soberano para o bem da sociedade!

*Baron.* Que disse eu, meu Coronel? Que disse?

*Coron.* Senhora, deixai-me respirar. Vejo a minha honra empenhada, dai-me tempo.

*Theod.* Ajuntai mais esta circunstancia mui attendivel: que nessa revolução contra os que governavão, os *vís*, *e de baixa fortuna* são os que tem esperança de melhorar de fortuna, e não podem perder; mas os outros não. Vede agora as consequencias certissimas. Estando a soberania na mão do Povo, e o sceptro supremo, em qualquer resolução que haja de tomar-se, ha-de prevalecer o número dos *máos*, dos *ignorantes*, dos *vís*, dos *a-*

*tre-*

*trevidos*, e dos que eſperão ganhar, e *não podem perder*; e nada podem fazer os poucos, que forem *bons*, *prudentes*, *bem inſtruidos*, *e abaſtados*, que ſó podem perder, e nunca ganhar. Que reſoluções eſperais, meu amigo? Conſiderai, e reſpondei-me, ſegundo a voſſa honra.

*Baron.* Terrivel laço vos armou Theodoſio.

*Coron.* Senhora, he ponto que merece reflexão madura, dai-me tempo, e reſponderei. Mas agora ſó digo que eſta doutrina não he minha, mas ſim dos maiores homens que hoje conhecemos.

*Baron.* E eſſes homens que agora apparecêrão de novo no mundo, que condemnão tudo quanto por muitos ſeculos ſe tinha reputado por juſto, ſanto, e util ás ſociedades; eſſes grandes homens, digo, não tem olhos para ver as funeſtiſſimas conſequencias que dos ſeus Principios ſe ſeguem? Conſequencias, digo, funeſtiſſimas, e infalliveis? Ponde-vos, Coronel, de ſangue frio, e reſpondei; não com authoridades de homens novos, mas com a razão natural que Deos vos deo. Já tendes idade para caminhar pelo voſſo pé, e paſſaſtes já do tempo da infancia, em que vos levavão com andado-

res,

res, como criança que temem que caia. Respondei, segundo o que o vosso juizo vos dicta.

*Coron.* Prometto; mas depois de considerar no ponto.

*Baron.* Ora vós não vedes, que em todo o governo, seja elle o mais justo, e o mais prudente, se podem ajuntar os homens criminosos, e malvados, gente vil, pobre, perseguida pelas justiças, gente malevola, e libertina, que nada tem que perder, para fazer hum bando? Não vedes que podem prégar essa soberania que elles tem, sendo parte do Povo que he o legitimo, e verdadeiro Soberano? e allegar a liberdade que Deos lhes dera, a *Igualdade* nativa pela natureza? Que he *tyrannia* a dos Soberanos, e que grandes bens e fortunas se esperão, se botarem abaixo do throno os que nelle se sentão, e levantarem para elle outros seus companheiros que vivem na miseria? se lhes prégarem, segundo os vossos Doutores, que nada que faça conveniencia he *injusto*, e que tudo o mais he quimera, achais, digo, que esta prégação não fará grande número de sequazes? e que vão tumultuariamente tirar o sceptro da mão a quem o tinha, para o darem a quem

ma-

mais lhes agradar? Ora feito isto, não vedes os effeitos desta doutrina? Se os não vedes, sois bem cego, porque tudo está patente aos olhos; e como isso com a mesma facilidade que se faz hoje, se póde fazer daqui a hum mez, e dahi a hum anno, e dahi a quinze dias, que inquietação não faz isto ás sociedades? E quem poderá viver socegado em qualquer systema de governo que haja? Respondei, segundo o vosso juizo.

*Coron.* O' Senhora, porque não pondes escola de Politica, que tereis discipulos sem número? Mas sabeis vós o que dizem os meus Mestres? Dizem que este espirito filosofico he o *Pacificador dos Estados* (1).

*Theod.* Bem sei: e o author desse artigo da Encyclopedia estabelece os Principios mais certos para as inquietações dos Estados; porque diz (2) que o *governo dos Soberanos sómente he legitimo, em quanto elle se encaminha ao bem dos Povos.* Ora em se ajuntando huns poucos de malvados, que ralhem de qualquer cousa do governo, ahi está já provado que

não

(1) *L'Esprit Philosophique est le grand Pacificateur des Estats.* Encyclopedia na palavra *Fanatisme.*

(2) Encyclopedia na palavra *Gouvernement.*

não he legitima a authoridade de quem estava no throno; e o devem (na sua Theologia) botar abaixo; porque, segundo o mesmo livro (1) *o Principe recebe das mãos do Povo a authoridade que tem sobre o Povo.* Vede, amigo, que bellas maximas para se fazerem em poucos dias dez mil revoluções, em qualquer systema de governo que haja. Bello modo de pacificar os Estados! Nós o vemos, e vós tambem.

*Ciron.* Eu não sou obrigado a responder ás difficuldades que se podem oppôr contra esse grande livro que todos estimão.

*Baron.* Sois obrigado a não seguir doutrina, que he contraria não sómente á vossa razão, mas á vossa propria experiencia, e aos vossos olhos. Dizei em que está a differença de hum homem de juizo, a hum tonto, ou mentecato? Sómente está em que o homem de juizo diz: *He por esta razão*, ou ao menos *he porque não ha razão contra, e o dizem.* Pelo contrario o tonto, diz *he*, *ainda que seja contra a razão, mas he*: e dá-lhe huma rizada. Sómente nisto he que se vê o juizo do homem, diz *he*, *por esta razão*;

(1) Encyclopedia na palavra *Authoridade.*

*zão*; e ſe lhe deſtroem a razão com outra mais forte, a que elle por mais que lute, e forceje não póde reſponder, diz *cuidava que era*, *mas enganei-me*, *e digo que não he.* Tomai eſte conſelho, meu Coronel, e vamos, Theodoſio, a outro ponto.

*Coron.* Não me poſſo gozar mais da voſſa converſação, porque me chega aviſo que devo ir ſem falta a caſa do meu General: ſe o negocio for breve, voltarei á noite.

*Baron.* Com goſto vos veremos.

## §. X.

### *Donde procede originariamente o Poder ſobre os homens.*

*Baron.* EU eſtimo, Theodoſio, eſta auſencia do Coronel por eſte motivo impreviſto, para fallarmos á vontade ſobre eſtes pontos tão importantes; e já convidei minha Mãi para aſſiſtir á noſſa converſação, o que ella acceitou com muito goſto; porque, ſegundo o que ella ouve deſde o ſeu Gabinete de quando em quando, não tem paciencia para aturar os diſparates do Coronel; e por outra

tra parte deseja instruir-se radicalmente n'uma materia que importa, e em que tantos fallão sem fundamento.

*Theod.* Fizestes bem; porque as opiniões do Coronel que convem rebater com força, e com energia, cortão o fio do discurso, que nós seguiriamos se estivessemos sós, ou em boa paz.

*Madam.* Eu me aproveito gostosa da occasião que nos dá a ausencia do Coronel; porque esta noite não espero visitas, e na presença do Coronel não quero disputar, porque nem soffro as suas opiniões, nem elle na minha presença fallará francamente: e para a instrucção de minha filha convem que elle descubra todo o horror das chagas gangrenadas da sua Filosofia. Assim vamos, Theodosio, aproveitando o tempo; porque se o General o não demorar muito, ainda torna.

*Baron.* Ha-de tornar mais manso, porque levou estocadas mui penetrantes, e bem conhecia a Razão; mas não queria confessalla. Vamos adiante, Theodosio.

*Theod.* Está provado, Madama, que o homem foi creado por Deos, singularmente para viver em sociedade (Tarde XIX. §.1.) Depois continuamos, provando que as leis que Deos deo ao homem para viver

em

em ſociedade, não podem ſer as leis que a Natureza inſpira pelas Paixões, como o noſſo Coronel queria. (§. 2.) Seguio-ſe moſtrar que tambem não podião ſer as leis do Intereſſe Peſſoal, que he hoje a maxima dos impios. (§. 3.) Deſterradas eſtas peſtiferas opiniões, eſtabeleci as leis fundamentaes de toda a boa ſociedade, que são *preferir cada membro da ſociedade o Bem do commum ao ſeu proprio Intereſſe*; e a outra, que *deve cada qual tratar os ſeus companheiros, como deſeja ſer tratado por elles.* (§. 4.)

*Madam.* Eſſa he a lei aurea do Evangelho, que abrange todas quantas leis ha uteis á ſociedade que ſe poſsão imaginar.

*Theod.* Entrámos depois diſſo na grande queſtão, ſe podia haver entre os membros da ſociedade huma *total Igualdade*; e ſe demonſtrou que eſta *total Igualdade* era couſa quimerica, e peſſima para a ſociedade, ſe a pudeſſe haver. (§. 5.) Continuei depois diſſo que convinha á ſociedade, e que era indiſpenſavel haver hum Superior que governaſſe. (§. 6.) Fallámos em conſequencia da ſuperioridade que dá a Natureza, que he a dos pais a reſpeito dos filhos, e do amor mutuo que deve haver entre elles. (§. 7.)

E

E esta doutrina abrio o caminho para tratar dos superiores civís, e dos deveres de todo o membro das sociedades para com os seus legitimos Soberanos. (§. 8.) Ultimamente se tratou a questão da *moda*, isto he, se a soberania, e authoridade sobre os homens estava no Povo, e delle he que nascia; e o nosso Coronel foi mui ferido na opinião que tenazmente seguia; mas mostrou-se-lhe claramente o seu erro.

*Madam.* Sobre isso ouvi quasi tudo desde o meu Gabinete.

*Theod.* Agora, Baroneza, convem tratar radicalmente donde vem originariamente o poder de hum homem sobre os outros homens.

*Baron.* Agora toda a doutrina que me derdes assenta bem.

*Theod.* *Deos* (sendo nosso Creador, e o unico Pai de todo o genero humano) *tem sobre os homens todo o Poder.* Sómente Elle o tem, e a quem Elle o quizer dar. A razão he, porque pela sua Mão Omnipotente tirou do abysmo do *Nada* a nossa alma, que he a parte principal do homem; e ainda a fabrica maravilhosa do nosso corpo organico foi deliniada inteiramente por Deos, como já

vos

vos expliquei no principio desta Filosofia Moral (Tard. XVII. §. 1.2.3. 4.5.6.) Ora *como todo o Ser do homem originariamente sahio de Deos, tem o Creador todo o Poder sobre o homem*; bem como todo o artifice o tem sobre a obra das suas mãos; e nem este chega a ter tão grande dominio; porque não deo o ser á materia de que formou a sua obra.

*Madam.* Excellente Principio, meu Theodosio, vamos ás consequencias que tirais dahi.

*Theod.* *Se só Deos tem o Poder sobre o homem, só Deos o póde delegar em quem muito quizer.*

*Baron.* Bem vos entendo, minha Mãi: vós com os vossos olhos graciosos cheia de gozo me estais dizendo que não ha consequencia mais evidente. E que luz vamos recebendo por este modo. Continuai, Theodosio, que estou persuadida que *sómente Deos, que tem todo o Poder sobre nós, he que póde delegar este Poder em quem muito lhe agradar.*

*Madam.* Que bellamente concorda isso, meu Theodosio, com o que lemos nos livros Santos, dizendo S. Paulo, que *todo o homem está sujeito a algum Poder que fica assima delle; porquanto todo*

*do o Poder vem de Deos.* ( 1 ) Tanto assim, que *os Potentados não são senão Ministros de Deos* ; ( 2 ) e por essa razão *quem resiste ao seu Poder*, *resiste ás ordens de Deos.* ( 3 ) E ainda eu acho mais forte o que Jesu Christo disse a Pilatos, Ministro delegado dos Romanos, que elle *não teria Poder algum sobre Jesu Christo, se lhe não fosse dado lá de sima* ; e com tudo, Pilatos não era homem santo ; mas confessa Jesu Christo que ainda assim o Poder que tinha civilmente, *era dado pelo Ceo.* ( 4 ) Donde se infere ( quanto a mim bem claramente ) que até os Potentados, e Ministros civís, que são máos, tém o seu Poder sobre os homens dimanado de Deos. Porém vós, Theodosio, melhor do que eu tereis examinado o ponto.

*Theod.* Tenho, Senhora, e meditado muito nelle. Digo pois, que como só Deos tem todo o dominio, e Poder sobre o homem, sómente Deos o póde delegar em

( 1 ) *Omnis anima potestatibus superioribus subdita sit : non enim est potestas nisi a Deo.* Rom. 1. 13.

( 2 ) *Dei enim Minister est tibi in bonum.*

( 3 ) *Qui resistit Potestati, Dei ordinationi resistit.*

( 4 ) *Non haberes potestatem adversum me ullam, nisi tibi datum esset desuper.* Joan. 19. 11.

em quem muito quizer. Vamos agora a ver em quem Deos o quer delegar.

*Baron.* Vamos a isso.

*Theod.* A voz do Senhor he a *voz da Recta Razão* ; digo isto , porque aquella Luz da Razão , que todo o homem sente em si , quando está livre de paixões , de interesses particulares , e de partidos ; aquella voz , que todo o homem sensato ouve no seu interior , e que por mais que elle a queira fazer calar nunca o consegue ; aquella voz , que todos ouvem em qualquer clima que seja , não póde deixar de ser voz Divina.

*Madam.* Essa circunstancia que dissestes , de que por mais que nós não a queiramos ouvir , sempre no interior da nossa alma grita , clama , teima , e reprehende , necessariamente he *voz superior a todos aquelles , a quem reprehende.* Demais , esta voz he geral , porque todos confessão que lhes succede o mesmo : logo sendo superior a todos os homens , he voz Divina. Nisto estou certa ; e tu , minha filha , sem dúvida que estás por isto.

*Baron.* Estou ; porque já Theodosio me tinha convencido com esse argumento. Continuai , Theodosio.

*Theod.* Esta voz Divina pois da *Recta Ra-*

*zão* he a que quando os homens são poucos em hum novo Paiz, manda que todos obedeção ao *Pai de familias*; e quando multiplicada a gente, e as familias hum pai não póde vigiar sobre a sua, e sobre as alheias, manda a *Boa Razão*, isto he, essa *Voz Divina*, que haja hum, que cuide nos interesses de todos, e utilidade de todos os membros da sociedade; e nesse caso dão a preferencia ou ao *Conquistador*, ou ao *Descubridor*, ou ao *mais poderoso*; em fim áquelle, que mostra ter circunstancias para poder acudir a procurar o bem commum, e evitar os males communs, e que a todos perjudicão. Isto manda a Boa Razão, isto manda a voz de Deos; logo nesse sujeito he que Deos (supposta as circunstancias) delega a sua authoridade. Ora estabelecido huma vez o systema do Governo, e principiando a praticar-se em paz, manda Deos pela *Voz da Razão*, que o particular ceda do seu parecer, ou interesse, ainda que seja contrario; porque a Lei geral de toda a sociedade (§.4.) manda *preferir o bem público ao particular interesse*. Ora o bem público depende da sujeição dos particulares ao superior já estabelecido; pois a Razão, e

a experiencia tem moſtrado que deſta deſunião, e rebeldia ſe ſeguem damnos graviſſimos. Logo (reparai bem) logo *a voz de Deos manda aos homens que ſe ſujeitem ao ſeu ſuperior eſtabelecido, ainda que ſeja máo*; porque no lugar que tem, faz (como diz S. Paulo) o lugar de *Miniſtro de Deos. Eis-aqui em quem Deos delega o ſeu Poder*. Eis-aqui como o Poder civil, que Pilatos tinha ſobre a vida de Jeſu Chriſto, lhe vinha lá de ſima: *Non haberes poteſtatem adverſum me ullam, niſi tibi datum eſſet deſuper*. Como não eſtá aqui o noſſo Coronel, fallo-vos neſta linguagem das Eſcrituras.

Ora deſta doutrina vos podeis, Baroneza, valer para as circunſtancias particuleres; aſſentando que de Deos he que vem todo o Poder, e que o delega nos ſuperiores eſtabelecidos; porquanto ainda que foſſem ao principio mal eſtabelecidos, por ſerem, v. g. as conquiſtas injuſtas, e violentas; depois de eſtabelecido eſſe tal, ou qual governo, prevalece a lei da Paz, iſto he, do ſocego, que he *hum Bem univerſal dos povos*, ao particular juizo deſte, ou daquelle, que ſe reputa vexado, ou injuſtamente opprimido. As leis eſta-

belecidas são as que governão, porque são as depositarias da Paz, e do geral soccego. *Bem commum*, que todos devem preferir a tudo o que for interesse particular, segundo a voz da Recta Razão, que he, como dissemos, a voz de Deos. Mas ahi temos outra vez o Coronel.

*Madam.* Eu me retiro; e ainda bem que levo esta doutrina tão essencial. Eu vos deixo.

## §. XI.

### *Dos deveres do Homem para com as Leis civís.*

*Baron.* INda bem que vindes, Coronel, que pela brevidade do tempo vejo que o negocio do General não seria caso de Conselho de Guerra; porque sempre tenho susto quando se fazem, pois regularmente sentenceais á morte os criminosos: que são terriveis as vossas leis Militares.

*Coron.* Mas são precisas: aliàs não poderia haver obediencia na Tropa.

*Baron.* Estimo que estejais nessa opinião; porque agora Theodosio queria instruirme na obediencia que todo o homem deve ter ás leis civís; e pelo que me dize-

zeis ſupponho que concordareis comnoſco, approvando a obrigação que todo o homem tem de ſe conformar com as leis civís, eſtabelecidas no ſeu paiz.

*Coron.* Se eu fallar como Filoſofo, não poſſo concordar com iſſo; porque ainda que eu pratíco o que mandão as leis Militares, he ſó por força do meu cargo de Coronel, mas não porque aſſim o entenda como Filoſofo. Hoje todos os homens illuminados ſeguem, que como Deos fez o homem livre; he huma eſpecie de tyrannia tirar-lhes a liberdade, amarrando as ſuas acções com leis ſobre leis, ſob pena de caſtigos, e de tormentos, ſem que ſeja livre ao homem fazer o que elle deſejava.

*Theod.* Amigo, já vós moſtrei que as leis não tiravão a liberdade que Deos nos deo, mas que ſó ſervião de a dirigir, e encaminhar; tanto aſſim, que eſſe meſmo Deos, que creou o homem livre, logo lhe poz hum preceito do Pomo vedado, com pena de morte; além da *Lei da Razão* impreſſa na alma de cada hum, que ſempre lhe eſtá dizendo: *Faze iſto*, ou *não obres aſſim*, &c. E a eſta lei nenhum homem póde fechar os ouvidos, por mais que queira. Além de que (como

mo já vos disse) tanto he certo que as leis não tirão a liberdade, que antes he huma prova de haver liberdade n'um sojeito o ver que se lhe põe leis; pois que ninguem porá hum preceito ás pedras, aos passaros, &c.

*Baron.* Pelo que ouço não vos lembrais do que já está dito; e como a vossa teima vos faz esquecer, por isso foi bom repetillo.

*Coron.* Lembro muito bem; mas o meu entendimento não se rende de todo. Perdoai, Baroneza, porque a minha *vontade* está prompta a render-se aos vossos acenos, mas o meu *entendimento* não; porquanto elle não está sujeito aos impulsos do meu coração.

*Baron.* Como estais fino! E como estais duro! Pois que tratando já esse ponto, vós não tivestes que responder aos argumentos que vos fazião; mas não convem tornar a tratar o que já fica tratado; que esta conversação não he para a vossa convicção, mas para me instruir a mim. Fallai, Theodosio.

*Theod.* Amigo, já dissemos que creando Deos o homem para viver em sociedade, lhe havia de dar as leis mais proprias para *o Bem commum* dessas socieda-

dades. A *Lei da Razão*, impressa pelo Creador na alma de cada hum, lhe está dictando que he preciso que não se governe cada qual pela sua cabeça; porque então n'um Povo de duzentos homens, haveria duzentos pareceres diversos, e tudo seria huma desunião, e guerra civíl, puxando cada qual para o que fosse seu appetite (especialmente os que tivessem a desgraça da vossa Filosofia, e systema de ter por licito, e santo tudo o que lhes fizesse mais conta.) Este inconveniente salta aos olhos, e não ha homem sensato que não veja que esta dessordem he summamente nociva á sociedade. Que dizeis?

*Coron.* Quizera negallo, mas não posso.

*Theod.* Eis-aqui o porque a *Lei da Razão* persuade geralmente que convem ajustarem-se todos, e concordar no que he util ao *Bem commum*; e que não fique isto meramente na voz, e na tradição; mas que se escreva, e ponha em termos claros, para que todos os mais, e os vindouros se accommodem, e estejão pelo que está determinado. Estas leis são hum *Deposito público*, em que todos puzerão as suas vontades; onde se vê que a lei não impugna a minha vonta-

tade livre; porque nessa lei todos puzerão, e declarárão a sua livre vontade.

*Coron.* Que o Povo desse tempo depositasse nas leis que estabelecêrão as suas vontades, entendo eu; mas que ahi depositassem tambem a vontade dos vindouros, não posso entender; porque o Povo que fez essas leis já morreo ha muito tempo.

*Theod.* E quando morreo esse Povo que fez as leis? Podereis procurar-me huma certidão authentica do anno do seu obito?

*Baron.* Favor vos faz Theodosio em vos não pedir a certidão do dia, e contentar-se com a do anno do obito.

*Theod.* Amigo, o Povo não he pessoa que morra; nem jámais achareis documentos que diga: *Neste anno morreo o Povo velho, e nasceo outro Povo.* Hum homem morre, e todos vão morrendo pouco a pouco, e outros tantos pouco a pouco vão nascendo; mas o Povo he huma Pessoa moral que nunca morre; e assim quando hum Povo deposita nas leis as suas vontades, os presentes, e os vindouros ahi as depositão. Aliàs, a cada passo as leis se derogarião, porque cada qual allegaria, que desde o anno de tantos até agora hão-de ter falecido tantas pessoas, que já fazem falta notavel no Povo que es-

eſtabeleceo, ou acceitou eſta lei; por conſeguinte já ſomos outro Povo, e dizemos que não eſtamos pelo que os noſſos antepaſſados quizerão. Ora que funeſtiſſimas conſequencias não ſe ſeguirião deſta doutrina, e filoſofia? Perguntai-lhe a reſpoſta, Baroneza.

*Coron.* Eu não poſſo negar, Senhora. (Não me atraveſſeis com os voſſos olhos tão vivos, que eu vos reſpondo.) Empenhei-vos a minha palavra de honra; e não poſſo illudir a reſpoſta ſéria com alguma galanteria, como ſe coſtuma fazer nos apertos.

*Baron.* Pois então que dizeis, *ſim*, ou *não*?

*Coron.* Confeſſo que admittindo nós que o Povo ſe muda, quando morre parte notavel dos primeiros que admittírão as leis, ſe ſegue huma graviſſima perturbação na ſociedade. Mas....

*Baron.* Mas que?

*Coron.* Sempre he huma couſa cruel, que nós, que ſomos vivos, e naſcemos livres, nos achemos manietados por defuntos, que já não exiſtem; cujos oſſos eſtão mirrados, cujo corpo foi paſto de bichos, cujas almas Deos ſabe onde eſtão; e que nós por noſſa propria vontade confeſſemos que eſtamos amarrados por cadave-

res,

res, he cousa cruel! E o que mais admira he, que vós sendo Senhora, sentenceais todo o genero humano a esta servidão; e que obrigueis até as pessoas do vosso sexo, essa deliciosa, e estimavel metade do genero humano a ser escravos de gente morta; e que os condemneis sob pena de castigos a fazer o que elles mandárão nessas suas leis que nos deixárão.

*Baron.* Descançai, que as Senhoras não temem os castigos, nem gemem com as leis; porque com muita honra de seu sexo se conduzem pela *Lei da Razão*; Lei que sómente opprime os malvados que se entregão ás paixões; e paixões que vós-outros os Filosofos da moda adorais, porque os vossos Doutores as tem canonizado como santas, ainda as mais escandalosas. Mas quem se governa como nós pela *Lei da Razão*; quem por esta corrige as paixões, não teme as leis civís, que todas se fundão na Lei da Razão a que estamos costumadas. Desgraçados daquelles que viverem entre vós-outros os Filosofos da moda; porque forceiando cada qual para dar satisfação aos seus interesses pessoaes, sem admittir mais leis que as dos seus appetites, vivirão

rão como se estivessem no mato entre os Ursos, Leões, e Serpentes.

*Theod.* Esse ponto, Baroneza, já está tratado; agora convem que o Senhor Coronel confesse que para o Bem da sociedada he preciso que haja leis, que unão as vontades de todos, neste ou naquelle ponto, que for util á sociedade, em ordem a que todos trabalhem no que for util a todos; pois hum só particular, ou dous não podem acudir ás necessidades do commum. Sem huma lei constante, que faça unir as vontades de todos, nada bom se póde fazer. Adverti, meu amigo, que hum só particular se tem máo coração, póde fazer muito mal á sociedade; mas sendo hum só, que bem poderá fazer? He logo certo, e certissimo que *para o Bem da sociedade he preciso que as Leis civís unão, e ajuntem em certos pontos as vontades de todos.* Concordais nisto, ou não?

*Baron.* Quer concordeis, quer não, eu, com vossa licença, cá vou assentando esta Proposição na serie das que estão provadas, que eu escrevo para minha instrucção, e meu governo, e não para outrem.

*Coron.* Fazeis bem, Senhora, porque não he razão que a rudeza do meu entendimen-

mento perjudique a vossa instrucção; e por isso não replico. Mas sempre me he custoso sujeitar-me ás leis, que eu não acceitei, mas só meus avós acceitárão.

*Theod.* De vagar, meu amigo, que tambem vós as acceitastes.

*Coron.* E como? Sem eu o saber, nem querer! Não póde ser.

*Theod.* Eu vo-lo provo. Vós desde que nascestes, e tivestes uso da razão, vos tendes aproveitado de todas as utilidades que vos trouxerão as Leis civís; sempre estimastes, e acceitastes gostoso *os bens continuos que as Leis vos trouxerão*; tanto assim, que mil vezes vos tendes queixado, quando os Magistrados se descuidavão de as fazer observar, por não castigarem logo as transgressões. Ora isto he approvar, e acceitar essas leis, de cujos bons frutos gostais, e cuja infracção condemnais. Isto he acceitar formalmente essas Leis. Respondei-me, se puderdes.

*Baron.* Eu vos acudo, meu Coronel, que vos vejo ir ao chão de narizes: eu vos acudo; e vereis que nem sempre sou contra vós. Dizei que tendes approvado, e acceitado as Leis naquillo que vos são commodas; mas não nas cousas que vos não fazem conta.

*Co-*

*Coron.* Vós, Senhora, zombais do meu entendimento. Pois eu posso approvar as leis no que ellas me são commodas, e reprovallas no que me são incommodas! Eu bem conheço que aquillo que me desaccommoda a mim, talvez accommoda ao commum dos outros homens; e se eu approvar as leis no que ellas me são favoraveis, e commodas a mim, tambem devo approvallas no que são commodas aos outros; porque as leis nunca devem attender a hum só particular, mas a todos; ou ao menos ao commum, e mais ordinario; e assim se eu disser que acceito as leis no que ellas me tem sido commodas, mas não no mais, digo hum disparate manifesto.

*Baron.* Acho-vos muita razão; e vejo que isso era grande injuria do vosso entendimento; mas eu não acho outra sahida; e magoava-me de vos ver por terra sem vos poderdes levantar, opprimido do argumento de Theodosio. Agradecei-me a boa vontade de vos dar a mão.

*Coron.* Senhora, razões são razões, cada qual as volta para onde quer; e vós, Senhora, com o vosso respeito, e mais ainda com a vossa agradavel viveza de engenho, sois capaz de enredar o Filosofo mais circunspecto. *Ba-*

*Baron.* Seja : mas eu accrefcento em virtude do que eftá dito eftoutra Propofição , fe vós , Theodofio , concordais ; e he , que *todo o homem que vive em fociedade , deve obfervar as Leis civís eftabelecidas no feu Paiz.*

*Theod.* Efcrevei , e governai-vos por ella : paffemos a outro ponto.

## §. XII.

### *Que entre as Leis civís para o Bem da fociedade he util a Lei da Religião.*

*Baron.* QUaes são logo , meu Theodofio , as leis principaes uteis a toda a fociedade ?

*Theod.* Os que formão a fociedade , ou o Soberano que a governa , he que devem eftabelecer as leis mais proprias , e mais uteis para effes Eftados ; mas huma Lei , que eu creio de muita utilidade , he a lei da Religião.

*Coron.* Nada , nada , meus amigos , iffo não , por modo nenhum : até niffo què pertence a cada qual , quereis vós que fe tire a liberdade ! Eu não vi igual empenho ao que vós tendes em opprimir o genero humano. Deos nos fez livres , a

Filosofia nos quer conservar em summa liberdade; e se eu concedo as leis civís, em ordem ao Bem da sociedade que dellas depende, nunca poderei soffrer lei de Religião, que não tem nada com os interesses da Sociedade. A Religião pertence só á minha alma, e a Deos; nada tem com os outros homens, que não vem o que tenho na minha alma. O culto que eu devo a Deos, e o modo de o adorar, he cousa sómente minha, os meus Concidadãos nada tem com isso. Mandem as leis que eu não minta, que não furte, que não mate, que não engane a ninguem, que não falte á minha palavra, &c. isso sim, porque disso depende o Bem público; mas que eu seja Atheo, ou Mouro, ou Gentio, ou Judeo, he cousa que nada importa aos outros homens com quem vivo. Não acabáreis de crer, Baroneza, que vós estais cheia de preoccupações, e de erros, que a vossa Aia vos mettia na cabeça, quando ereis Menina. Segui a Religião que quizerdes, que isso lá toca á vossa alma; porém no que toca á sociedade, sede vós civíl, cortez, graciosa, affavel, e galante, como Deos vos fez, que nisso fazeis á sociedade o maior serviço que lhe podeis

fa-

fazer: não attendais a outra Religião para esse effeito que ás leis da amizade, e do amor, que nessas podeis fallar como Senhora soberana de todos os corações que vos tratão.

*Baron.* Que me dizeis, Theodosio, ao caracter do Coronel? Quando eu julgava que estaria escandalizado de vós, e de mim, por se ver convencido por nós, rompe agora em cumprimentos, e lisonjas, e expressões do mais fino, e galante Cavalheiro! Vós, meu Coronel, tendes hum entendimento bem elastico.

*Coron.* Não entendo.

*Baron.* Eu me explico. Nós na Fysica chamamos *elastica* a qualquer vara, que com o pezo, ou com qualquer força dobra até ao chão; e passado isso se levanta para o ar como se não tivesse dobrado. O vosso entendimento he assim: quando vos vedes opprimido com o pezo, ou com a força dos argumentos de Theodosio, repugnais; mas por força dobrais, e vos rendeis; passado isso, sahis vigoroso, altivo, direito, como se nada tivesse passado por vós; chamo a isto entendimento *elastico.* Respondei vós, Theodosio, ás razões do Coronel, que esta materia he gravissima, não he para mim.

*Theod.*

*Theod.* Vós, meu amigo, já concedestes que erão uteis as leis Militares; e por conseguinte tambem as civís: dizei-me agora, para que são ellas uteis?

*Coron.* Para prohibir as desordens; para cohibir os malfeitores com o medo dos castigos; para refiear os mal intencionados, em ordem a que deixem viver os homens em paz, &c.

*Theod.* Ninguem discorre melhor. Ora dizei-me, amigo: E quem ha-de cohibir os malvados, e maliciosos no coração, para que não commettão os crimes occultos? Ha crimes que na astucia bem meditada dos criminosos, levão a *salvo conducto* dos castigos; e até da reprehensão, e estranhez dos outros homens. O odio, a traição escondida, as intrigas do amor, que meios inopinados, e idéas nunca vistas estão inventando, para que ninguem saiba, nem suspeite o crime, ou ao menos o criminoso. Quem está exercitado no mal, emenda no segundo ou terceiro lance a pouca cautela que teve no primeiro: de fórma, que póde dizer o que certo criminoso em França escreveo n'uma esquina, quando se tirava rigorosa devassa do seu crime:

*Não te canses de balde, meu Luiz;*
*Porque eu estava bem só, quando isto fiz.*

Quem ha-de impedir só pelas leis civís os crimes que se commettem, estando o criminoso só? Fica seguro que não ha testemunhas, nem accusador. Só o temor de Deos o póde refrear, só a sua Religião. E ainda que muitas vezes se vem a descubrir os crimes mais occultos, quantas vezes se escondem de fórma, que sómente Deos os vê.

*Coron.* Basta a experiencia que mostra que se podem descubrir, para refrear todo o homem prudente, e fazer que se não exponha.

*Theod. Homem prudente!* E que prudencia suppondes vós em hum criminoso, exercitado em maldades que nunca se lhe descubrírão? Além de que, nunca houve no mundo homem tão louco, que forjando na cabeça modos de commetter o seu crime ás escondidas, não se persuadisse que havia de conseguir o occultallo. Todos esperão conseguir que se não saiba. Ora todos esses sómente pela Religião, e temor de Deos he que se refreão; porque das leis civís sempre a

sua

ſua aſtucia lhes promette livrallos. A experiencia dos que penſando que nunca os ſeus crimes ſe deſcubririão, ſe achárão convencidos, e caſtigados, não baſta; porque os que determinão, ou pensão em commetter as maldades que ſe lhes antoja, nunca condemnão os crimes que os outros fizerão; mas ſómente a pouca cautela que tiverão niſſo; e eſſa reflexão não os cohibe do crime, mas excita a deſcubir novos eſtratagemas para os occultar. Sómente o temor de Deos, a quem nada ſe póde eſconder, he que póde ſer freio, que tenha mão na malicia dos homens.

*Baron.* Ponde-vos, meu Coronel, em huma povoação, em que ſómente ſe temão as leis civís, para ſe não commetterem crimes manifeſtos, mas que ás eſcondidas poſsão fazer tudo o que quizerem, principalmente ſeguindo a voſſa Filoſofia (de que tudo o que lhes fizer commodo he licito) e dizei ſinceramente ſe viviricis ſeguro no meio de tantos inimigos occultos; fallai como homem de bem: viviricis deſcançado?

*Coron.* Confeſſo que não.

*Baron.* Ora ponde outra Povoação, em que todos tenhão temor de Deos, e ſigão a

verdadeira Religião, não viviríeis mais seguro? Vede que eu sou a que vos pergunto.

*Coron.* Senhora, confesso que nessa gente viviria muito mais descançado.

*Baron.* Ora, Theodosio, tirai vós a consequencia destas proposições que o nosso Coronel concede.

*Theod.* A consequencia he que *para o bem da sociedade he muito melhor a lei da Religião*. Esta proposição he por si mesma manifesta; porque nós estamos tratando das leis que conduzem para o bem da Sociedade.

*Coron.* Pois está feito, haja lei que mande que todos os Cidadãos tenhão Religião, seja embora; mas fique livre a cada qual escolher a Religião que mais lhe agradar, seja Pagão, ou Judeo, ou Mouro, ou o que quizer.

*Baron.* Mas não Christão; porque reparo que nisso não fallastes.

*Coron.* Nada vos escapa, Senhora!

*Baron.* Vós no que toca á nossa verdadeira Religião seguistes a doutrina dos vossos Filosofos nestes nossos tempos, que consentião todas as Religiões, e até o *Atheismo*; porém por modo nenhum os verdadeiros Christãos.

*Theod.*

*Theod.* Ora, meu amigo, que bem eſperais vós de huma ſociedade, em que hum he Mouro, outro Gentio, outro Judeo, outro Incredulo, outro que fórma a Religião á ſua fantaſia; póde haver união, póde haver harmonia, tendo huns por licitas humas acções que outros condemnão? Que bella ſementeira de diſcordias, e dilaceração da Sociedade!

*Coron.* Deixemos, Senhora, eſſe ponto.

## §. XIII.

*Das obrigações do Homem para com os malvados, e eſcandaloſos. E ſe he licita a Vingança.*

*Baron.* VAmos agora, Theodoſio, applicando as doutrinas geraes a alguns artigos em particular, v. g. o como ſe deve o homem haver com os *malvados*, e eſcandaloſos; poſto que a Filoſofia do Coronel nos diſpenſa de tratar eſſe ponto.

*Coron.* Porque razão dizeis que diſpenſa?

*Baron.* Porque ſegundo a voſſa Filoſofia, não ha, nem póde haver malvados, nem criminoſos.

*Coron.* Inda mal que os ha; e hontem me ſe-

ferírão os ladrões hum criado meu, e o roubárão; e teve muito trabalho para escapar com vida. Livrem-se elles de que eu saiba quem forão.

**Baron.** Coutados, se o fizerão pelo seu proprio interesse, fizerão muito bem; e vós os deveis louvar, segundo a vossa Filosofia.

**Theod.** Pois vós, amigo, não vos lembrais do que nos tendes dito, e que publicamente ensinão os vossos Doutores, que vós abraçais, e seguis? *O satisfazer as paixões, e o interesse pessoal são a base de toda a Justiça.* Isto he do vosso grande Mestre (1); e outro Doutor vosso diz, que *o crime que nos parece mais horrendo, vem a ser louvavel, se a necessidade obriga; de fórma, que hum Juiz bem entendido, deve ás vezes castigar acções boas, se forão feitas com fins máos; e premiar o que fizesse acções más com motivos de virtude.* (2)

**Coron.** E que motivo de virtude podião ter esses ladrões em roubar, e ferir o meu criado?

**Baron.** Eu o acho nas vossas doutrinas (3). Di-

(1) L'Esprit pag. 90.
(2) *Phyronsme du Sage.* §. 103.
(3) *Les Moeurs* pag. 398.

Dizem que *todo o homem, que he capaz de amar, he virtuoso*; e isto he Dogma vosso estabelecido no *Catecismo da Galanteria*, segundo já vos tenho ouvido n'algumas conversações. Ora talvez que esses ladrões não tivessem com que galantear alguma Menina da sua affeição, senão com o que roubárão ao vosso criado; e ahi tendes hum bem claro motivo de virtude, porquanto he effeito do amor. Isto não tem resposta.

*Coron.* Eu abomino, e detesto semelhante virtude.

*Baron.* Se isso he assim, então abominais, e detestais a doutrina dos vossos Mestres. Tende paciencia.

*Coron.* Quando me não faz conta, não a sigo.

*Theod.* Nesse vosso dito mostrais que a regra da vossa Filosofia he o vosso commodo; e que se vos faz conta huma doutrina, he verdadeira; se vos não faz conta, he falsa. Não ha cousa mais desembaraçada para viver á larga. Amigo, se vós me promettels de detestar toda a Filosofia que vos não he util, ou commoda, eu me obrigo a que detesteis todos esses systemas da nova Filosofia, que até agora tendes com tanto empenho engran-

grandecido ; porquanto não ha doutrina mais peſtifera , nem mais nociva a eſſes meſmos que eſpeculativamente a ſeguem ; vós bem vedes que ſerve de louvar , e approvar, e canonizar os mais malvados homens que tem havido. Eu vos cito os authores , e as paginas , em que elles trazem eſſas doutrinas, capazes de canonizar os mais horriveis crimes. Além do que agora diſſe a Baroneza , diz hum grande Filoſofo dos voſſos ( 1 ): *Que todo o ſentimento que naſce em nós , ou pelo temor de padecer , ou pelo amor do deleite , he ſentimento legitimo , e conforme ao noſſo Inſtincto.* E outro , que tambem tem authoridade entre vós-outros , ( 2 ) diz claramente , *que he preciſo cuidar no corpo antes de cuidar na alma ; e procurar ao ſeu corpo todas as commodidades , e não ſe privar daquillo que póde cauſar deleite ; que havemos de dar á Razão huma guia , que vem a ſer a Natureza.* Ora qual he o malvado em todo o mundo que não ſeja capaz de amar ? *Logo he virtuoſo.* Qual he o malvado , que não obre ou pelo medo dos trabalhos , ou por amor do deleite , lo-

go

( 1 ) Les Moeurs pag 82.

( 2 ) *Diſcours ſur la vie heureuſe* pag. 148.

go *obra ſegundo o inſtincto da Natureza.* Qual he o malvado, que não metta debaixo dos pés a Razão, e quer que ella ſirva ás paixões da natureza? Ora niſſo faz o que deve, ſegundo a voſſa doutrina. Vedes, meu Coronel, que vós livrais todo o mundo de malvados, e de criminoſos! Porque, ſegundo a voſſa Filoſofia, eſſes que até aqui chamavão malvados, são na voſſa opinião homens virtuoſos, e que obrão como deve ſer.

*Coron.* Eſtá feito: não he eſſe o ponto que queriamos tratar, era ſe os malvados devem ſer caſtigados, e como; porque niſſo ha que dizer.

*Theod.* A Juſtiça pede que os bons ſejão premiados, e os máos caſtigados: agora convem averiguar ſe a vingança he licita, ou não.

*Coron.* *Dar bem por bem*, e *mal por mal*, he a couſa mais racionavel que ſe póde mandar. Quem recebeo o *bem*, pague com outro *bem*; e quem recebeo o *mal*, pague com outro *mal.* Iſto, meu Theodoſio, he o dictame da Boa Razão.

*Baron.* Nunca vos vi, meu Coronel, tão racionavel.

*Theod.* Senhora, nem tudo o que parece racionavel o he na realidade. Dizei-me,

Se-

Senhora, hum pai de familias tem muitos filhos, se na sua presença hum offendeo o outro, approvará o bom pai que o offendido se vingue delle na sua presença?

*Baron.* Não certamente. Deve tomar a si o castigo do delinquente, e a satisfação do offendido.

*Theod.* Outro tanto faz Deos comnosco, que todos somos filhos de Deos. Quando alguem offende o seu Concidadão, o Pai supremo de familias deve castigar o criminoso, e não consentir que o offendido se despique.

*Coron.* Pois que! Deve o malvado ficar impune!

*Theod.* Não, isso seria grande desordem; mas deve castigallo o Juiz que tem authoridade pública sobre elle, e não o particular.

*Coron.* Pois se o Juiz, que não he o offendido, deve castigallo; mais proprio he que o castigue o mesmo offendido, que tem para isso direito.

*Theod.* Não convem por modo nenhum. Ora ouvi-me com socego, e talvez que me acheis razão. Na vingança nunca póde o offendido obrar de sangue frio, e com a medida exacta da Justiça. Quem es-

eſtá offendido, ainda que pégue na Balança da Juſtiça, nunca ha-de tér a mão tão pacifica, e quieta que lhe não trema. O que eſtá offendido ſempre ſe ſente alterado, o amor proprio ferido grita, a bulha interior aturde a alma, que deſſe modo não póde ouvir a *voz manſa da Razão*. Entretanto a paixão péga fogo, o fogo faz fumo, e eſte offuſca os olhos do entendimento. Ora a alma, que nem vê bem, nem ouve a voz da Razão, como ha-de governar rectamente as ſuas acções? Deſte modo ſempre o vingativo excede os limites que a Razão podia preſcrever, e a vingança fica em parte acção injuſta, e o criminoſo fica injuſtamente offendido. Eis-aqui porque a *vingança* ſempre fica injuſta. Quero, Senhora, pôr-vos huma comparação bem propria. Ponhamos n'uma ſala dous contendores que lutem a braço: ſe nós tirarmos pelo pavimento huma linha recta, e dermos a cada qual o ſeu terreno, e diſtricto além do qual não lhe ſeja licito paſſar, ſeria poſſivel que luctando elles, não paſſaſſem ora hum, ora outro do ſeu diſtricto, entrando no alheio? Pois o meſmo ſuccede em todas as contendas; nunca ſe guarda reſpeito

exactamente á linha que designa os termos da justiça de cada qual; e por isso na força de lucta, ambos costumão ter sua *razão*, e ter sua *sem razão*; porque passão ambos mutuamente além do seu direito, e entrão injustamente pelo terreno do contrario. Não deve isto acontecer, quando o Juiz desapaixonado julga do crime em que elle não foi offendido, e determina (segundo as leis) a pena que he merecida.

*Baron.* Nunca entendi isso como agora; e vejo a razão, por que as leis nunca permittem ao particular offendido o direito de se vingar a si mesmo.

*Coron.* Vós, Theodosio, nestas doutrinas que dais suppondes os homens de páo, e por modo nenhum de carne; vós os suppondes inalteraveis, insensiveis, em fim como se fossem de bronze, e sem a menor paixão.

*Theod.* Quero-os sensiveis á Razão, que para isso he que são as leis. Vós como apadrinhais as paixões, tomais outro caminho, algum ha-de errar.

*Baron.* Devemos logo assentar como cousa certa, que os malvados, e criminosos devem ser castigados, não pelo particular que foi offendido, mas pelo Juiz deputado par a esse fim pelas leis. *Theod.*

*Theod.* Podeis aſſentar iſſo no voſſo peculio de verdades provadas. Agora falta diſcorrer ſobre outro ponto, em que o Senhor Coronel não concordará comigo; e he ſobre ſe he licito, ou não dar aos criminoſos a pena de morte.

*Coron.* Eu diſcorrendo ſem paixão, digo que não; ſe obrar com ella, digo que ſim. Eu dou a razão. Como Deos he o Author da noſſa vida, ſó Deos he que a póde tirar a quem Elle a deo; e julgo com bons Filoſofos, que nunca homem deve tirar a vida a outro homem; porque não he licito á creatura desfazer o que Deos tem feito. Verdade he que iſto he frequentiſſimo tirarem os homens a vida a quem ſó Deos a podia dar; mas reſpondo a iſſo, que fazem mal.

*Baron.* Que eſtranha doutrina em hum Militar!

*Coron.* Senhora, nós obramos ſegundo a praxe, e eſtilo do mundo; porém as maximas eſpeculativas de cada qual ſó dependem do diſcurſo de cada hum. Eu ſigo huma couſa na eſpeculação; mas na praxe faço como os outros.

*Theod.* Se Deos (que he o Author da vida) não nos tiveſſe dado as leis para a tirarmos aos criminoſos, tambem eu ſegui-

guiria essa vossa opinião, meu Coronel; porém nós vemos que o Creador logo no principio do mundo ameaçou com pena de morte certos crimes que prohibia. Este foi sempre o seu castigo mais ordinario, com que quiz cohibir os homens de certos crimes que vedava; porquanto praticamente se conhece, que a morte he o unico castigo que refrea do mal o homem propenso para a maldade.
*Coron.* Muitos outros castigos ha que são peiores que a mesma morte: sirvamo-nos dessas penas, e deixemos a vida a quem Deos a deo. O desterro para terras doentias, para paizes faltos de viveres, e abundantes de feras: as galés por muitos annos, o carcere por toda a vida são mortes lentas, e martyrios mais crueis que a mesma morte. Que quer dizer hum tormento, que não dura senão hum momento? Huma bala (sem que se sinta) nos mata; hum golpe na garganta, quando começa a sentir-se, já nos deixa incapazes da menor afflicção. Amigo, o temer a morte he para almas rasteiras, espiritos da plebe, animos cobardes, corações femininos, &c. e nós os Militares, que somos creados com espiritos generosos, vamos para a batalha cantando;

do; e quando vemos cahir os companheiros ao nosso lado, mais temos inveja á gloria militar daquella morte honrada, do que medo, ou pavor, que são affectos indignos de quem tem a nossa profissão. Agora se nos vissemos prezos, ou deshonrado na frente das tropas, isso não poderiamos tolerar. Com que, Baroneza, assentemos que a morte só he castigo para gente vil; e outros castigos serão capazes de cohibir todos os crimes; qualquer castigo que toque na honra, fará mais effeito. Deixemos a vida a quem Deos a quiz dar.

*Baron.* Vós tendes fallado como Militar, e com effeito, no principio de qualquer encontro bellico, se assim fallasseis aos vossos soldados, os terieis bem animosos. Mas só tenho huma dúvida neste vosso desprezo da morte, e he, que o anno passado vos vi bem desanimado, quando vos annunciavão huma hydropesia de peito, que he quasi morte sem remedio. Eu vos via perdido de melancolia, e que fazieis diligencias bem custosas para fazer vir Medicos de bem longe, em ordem a ver se com effeito vos livrava da hydropesia; e remedios bem custosos de supportar vos livrárão della. Não acho con-

cor-

concordia entre tanto medo da morte então, e tanto desprezo della agora.

*Coron.* A fallar a verdade, eu não gostava dos annuncios que me fazião da morte; porém então fallava como homem, e agora como militar.

*Theod.* E os criminosos que a sociedade deve castigar a que classe pertencem? á classe de homens, ou de Militares? Se são militares, concordarei comvosco, que mais sensivel talvez lhes será despiremlhes a farda, e as insignias Militares na frente do Regimento, do que a morte occulta; mas não se suppõe que Militares sejão criminosos, (vá esta lisonja) supponho que os criminosos são meramente homens, e estes (como vós) devem temer a morte, mais que nenhum outro castigo.

*Coron.* Sendo os castigos mui prolongados, certamente são huma morte lenta.

*Theod.* Não obstante isso, o commum dos homens criminosos antes querem esta morte lenta, que a outra violenta, e breve. He prova constante que quando algum criminoso está sentenceado á forca, se acaso por ser dia de annos do Principe, ou cousa semelhante, se lhe perdoa a morte, e a trocão em galés, ou degredo per-

perpetuo para terras peſſimas, fervem nos ſeus companheiros os parabens, as alegrias, os feſtejos, &c. ſinal de que melhorou o criminoſo da ſentença.

*Baron.* Sempre ouvi aquillo meſmo, por mais cruel que foſſe o degredo.

*Theod.* Ainda mais. Certo Soberano, poucos annos ha, que levado da voſſa Filoſofia, tirou a pena de morte, e poz huma lei que a ninguem ſe déſſe; mas ſim trabalhar toda a vida nas obras públicas, com taes, e taes penas, &c. Iſto foi no principio de ſeu Governo; mas fervêrão de modo os crimes, e inſultos em todo o ſeu diſtricto, que no fim ſe vio obrigado a condemnar á morte innumeraveis vaſſallos, deſenganado que ſó a morte he que póde cohibir animos malevolos, e propenſos ao mal.

*Baron.* Com tudo iſſo, meu Theodoſio, ſe eu foſſe Soberana, havia de ter grande difficuldade a condemnar á morte a criminoſo algum.

*Theod.* Senhora, vós obrarieis então ſegundo os impulſos da Natureza, mas não ſegundo os dictames da Razão; e accreſcento que daveis prova de animo cruel para com os voſſos vaſſallos.

*Baron.* Provas de animo cruel! Não entendo.

*Theod.* Ora ſupponde-vos Soberana, e que vos davão parte que apparecião Urſos, ou Leões, que fazião grande eſtrago, não ſó nos rebanhos dos voſſos vaſſallos, mas nas aldeias, matando mulheres, furtando crianças, deſpedaçando os caminhantes, e que vós não conſentieis que ſe mataſſem eſſes Urſos, e feras crueis, ſeria em vós piedade?

*Baron.* Deos me livre de tão mal entendida piedade: era ſer piedoſa com os Urſos, e cruel com os meus queridos vaſſallos, que erão filhos meus.

*Theod.* Outro tanto digo agora. Os ſalteadores, e aſſaſſinos, &c. são Urſos diſfarçados com pelle humana; poupar a eſtes criminoſos ſeria ſer cruel com as peſſoas que elles mataſſem, ou feriſſem, ou maltrataſſem. Supponde que perdoaveis a hum deſſes criminoſos, e que elle livre da morte, continuava nos ſeus depravados crimes, e que matava quatro, ou cinco peſſoas, ſobre quem carregavão eſſas mortes? Vós ſe poupaſſeis à morte de hum Urſo, ou Leão, e elle depois vos deſpedaçaſſe alguma criança, quem deixaria de vos criminar neſſa morte? pois que tendo eſſa fera preza, e proxima a ſer morta, lhe tinheis

por

por mal entendida piedade concedido a vida.

*Baron.* Então certamente eu me creria homicida.

*Theod.* E no nosso caso porque não? Deos vos livre, Baroneza, de que abusasseis tanto da vossa inata piedade, porque era huma crueldade verdadeira: e quem accommodaria os clamores do povo, vendo que vós não defendieis as vidas dos innocentes para poupar a morte dos culpados. Desde que hum homem intentou matar, ou fazer grave insulto aos seus concidadãos, se declara inimigo disfarçado de todos; e céde por isso de todo o direito da sua vida. Estais livre desses apertos; mas bem vedes que he huma verdadeira crueldade com os innocentes, a que parece clemencia com os culpados.

## §. XIV.

### *Dos deveres do Homem para com os amigos.*

*Theod.* AGora este ponto, Baroneza, vos pertence a vós mais que a ninguem, porque vos tenho ouvido muitas vezes discorrer nas leis da Ami-

zade, e com boa Filosofia: e demais, a materia de amor he propria de corações femininos.

*Baron.* A verdade he, meu Theodosio, que nesta materia tenho filosofado muito; e parece-me que vós, Coronel, não concordareis comigo nos Principios em que eu me fundo. Dizei vós primeiro o que dizem lá os vossos Doutores, e depois eu direi o que penso.

*Coron.* Os nossos livros fallão do Amor com summo elogio; e não se póde negar que esta nobre paixão os merece. Hum diz, *que o sentimento de amor he a unica base, em que se podem firmar os fundamentos de huma moral util* (1). Outro ainda diz mais, porque tem este Dogma: *Todo aquelle, que he capaz de amar, he virtuoso; como tambem todo o que for virtuoso he capaz de amar* (2): tanto identifica este grande homem o *Amor* com a *Virtude*. E além disso accrescenta, *que não ha que temer que a paixão do amor faça perjuizo aos costumes, porque sómente os póde aperfeiçoar; porquanto todas as virtudes se dão mutuamente as mãos; ora a ternura do coração he huma virtude.*

*Ba-*

(1) L'Esprit pag. 230. (2) Les Moeurs pag. 398.

*Baron.* Que bello difcurfo, Theodofio! E não fe envergonha hum homem de dar huma prova tão ridicula para firmar hum fyftema tão abfurdo!

*Theod.* Não vos admireis, Senhora, que nos homens a gangrena do coração paffa facilmente á cabeça. Elle não póde ignorar que effa paixão quando fe chega a apoderar do coração, não conhece termos, nem limites; porque nem as leis, nem a decencia, nem os direitos da natureza, nem o refpeito do fangue, nem os nós de amizade, nem o amor da Patria, nem os intereffes da Religião baftão para ter mão nella. Nada difto ignora quem vive no mundo; e não obftante iffo, diz o que ouviftes.

*Coron.* Ainda diz mais, porque diz, que *os homens são loucos, quando fe perfuadem* (1) *que he coufa louvavel refiftir á paixão de Amor; e que he coufa vergonhofa o deixar-fe vencer della; porque o unico meio de fe livrar da fua importunidade he conceder-lhe todos os feus defejos.*

*Baron.* Bafta, bafta, Coronel, não vos aconteça o referir femelhante doutrina dian-

(1) Les Moeurs pag. 72.

ante de nenhuma Senhora; porque o decóro que se nos deve não o consente: e isso chega a ser blasfemia contra o respeito que nos he devido; convém sempre reflectir no nosso decóro.

*Coron.* Perdoai, Senhora; mas eu o fiz obrigado do vosso preceito, que me mandava referir a doutrina dos meus livros. Não sigo isto, sómente refiro o que li.

*Baron.* Vamos pois, Theodosio, a discorrer solidamente.

*Theod.* Senhora, antes que entremos no discurso, nós devemos distinguir *amor de paixão*, e *amor de estimação*, que são cousas mui differentes. Dizei pois, Senhora, o que sentis de hum e outro amor; porque nessa materia (segundo o que vos tenho ouvido) podeis ler de cadeira; e o Senhor Coronel com mais gosto hade ouvir as doutrinas da vossa boca, que da minha.

*Coron.* A Baroneza tem para comigo huma eloquencia a que não se póde resistir. Dizei pois, Senhora, o que entendeis nesta materia de *Amizade*, e *Amor*.

*Baron.* Nessa materia confesso que sou herege, e herege bem refinada, porque nada creio. Tenho humas idéas tão differentes do commum, que forçosamente

os

os meus ſyſtemas, e ſentimentos hão-de ſer oppoſtos aos voſſos; e por iſſo quando me fallão em *Amizade*, e *Amor*, deixo paſſar eſſas palavras como as que não ſignificão nada; e nada creio.

*Coron.* Fazeis injuria manifeſta a todos os que vos tratão, e vos conhecem; porque depois de *incredula* chegais a ſer *ingrata*, titulo o mais feio; e que não póde cahir n'uma Senhora, em quem a Natureza prodiga depoſitou todas as bellas qualidades que vos fazem amavel a todos que tem a felicidade de vos conhecer. Não, minha Senhora, ſempre foi o primeiro dever do homem amar a quem o ama.

*Baron.* Eſtais, meu Coronel, muito enganado comigo. Eu ſou herege neſte ponto, e quaſi hereſiarca; porque deſejo deſenganar as minhas amigas do erro em que vós-outros as quereis pôr. Ora dizei-me: Huma Senhora bem prendada da Natureza, e do eſtudo, formoſa, viva, diſcreta, engraçada, civil, attenta, &c. agrada geralmente a todos? Ora pergunto: *E tem obrigação de amar a todos? e amallos ſob pena de ſer ingrata?* Reſpondei-me. Ha-de ter coração de eſtalagem para accommodar tanta gente?

Co-

*Coron.* Nunca me fizerão pergunta que mais me embaraçasse.

*Baron.* Vede o que respondeis. Se disserdes que ella tem obrigação de amar a todos os que gostão della, que desgraçado he o coração dessa creatura, que por infelicidade sua he tão prendada! Porquanto vendo-se obrigada a amar a todos os que gostão della; será obrigada a amar muitos tolos, muitos enormes, muitos viciosos, muitos insolentes, muitos atrevidos; em fim a tudo. Não ha coração mais infeliz! E ainda mais, e sob pena de ser ingrata! Com que, meu Coronel, ajustai-me estas contas. A Senhora de quem se trata he perfeitissima; todos os que a vem e tratão morrem por ella; aqui entra tudo, homens feios, tolos, viciosos, ridiculos, insolentes, em fim monstros; e a pobre Senhora na vossa opinião ou ha-de amar a tudo isso, ou ser ingrata. Não ha mais infeliz alternativa.

*Theod.* Ora, meu Coronel, respondei-lhe.

*Coron.* Não posso.

*Baron.* Logo he falsissimo o commum Proloquio, que he *obrigação de toda a pessoa o amar a quem a ama.* Não ha lei mais cruel, e mais opposta á Filosofia

do

do coração humano. Se hum tolo, hum bruto, hum homem carregado de vicios, e hum compendio de defeitos me quizer amar, hei-de ser obrigada a amallo! Ainda que o meu entendimento repugne, o meu coração se revolte, a minha alma o deteste, e toda a pessoa de juizo o abomine! Aliàs sou ingrata! Ah que Filosofia! a mais barbara que possa haver.

*Coron.* Senhora, não me crimineis a mim, que eu seguia o Proloquio commum que me ensinárão.

*Baron.* Vós-outros os Militares não sabeis a anatomia moral do coração de huma Senhora: os vossos corações são creados com polvora, nutrem-se de sangue humano, as feridas, as mortes, as batalhas, dez mil inimigos mortos são hum grande pratinho para a meza de hum General. As Cidades arrazadas, os campos talados, e tudo o que faz horror á Natureza, he o vosso regalo. Ora corações deste genero não entendem nada de amor. Isso pertence-nos a nós, cuja alma mimosa não soffre violencia, nem constrangimento. *Huma alma bem formada só deve amar o que em si for objecto amavel.* Este he o meu Dogma fundamental.

Co-

*Coron.* Mas as pessoas que vos amarem já nisso tem merecimento, que as faz dignas da vossa correspondencia.

*Baron.* Meu Coronel, não entendeis nada da Filosofia do coração. Representai-vos hum lobo, correndo atrás de huma ovelha por montes e valles, aqui sobe ao cume de hum monte, logo baixa á profundeza de hum valle; aqui salta hum regato, lá se some por huma brenha emmaranhada; aqui lhe atira hum caçador, lá escapa de outro, nada se embaraça com os perigos, tudo por amor da ovelha, porque morre por ella. Ora pergunto: Estará esta ovelha, que isto vê, obrigada a ter amor a este lobo?

*Coron.* Por modo nenhum; a aborrecello isso sim.

*Baron.* Pois que! hum amor só com outro amor se paga; se o lobo morre de amor da ovelha, e faz por ella mil excessos, e se expõe a mil perigos, ella será ingrata se não lhe tiver amor. Vós rides! Não quero riso, meu Coronel, quero resposta.

*Coron.* E que resposta quereis vós, se a não ha?

*Baron.* Por isso eu vos disse que vós-outros não entendeis a Filosofia do coração de hu-

huma Senhora. Chamais Amor, o que não he, nem tem femelhança de Amor. O lobo gosta da ovelha, queria fartar-se da sua carne, que lhe he saborosa, e tenra, &c. isto he amor de si, mas não da ovelha. He paixão de amor do seu ventre, a pezar do odio da miseravel ovelha que lhe cahir nos dentes. Ora não he isto hum retrato do que vós chamais paixão de Amor? Será amor de si mesmo; mas não do miseravel objecto que esses lobos malditos perseguem. Esse malvado *Zopiro*, que persegue a honrada *Zenobia*, em que mostra o seu amor? se lhe procura o seu maior mal? Cego da paixão de amor para comsigo, não duvida sacrificar a pobre, e desgraçada victima á sua barbara paixão. Isto he amor? He hum refinado odio, he hum crime horrendo, he hum attentado escandaloso, he huma insolencia imperdoavel. Respondei, se podeis.

*Coron.* Muitas vezes o fim de quem ama huma bella Senhora, he só o recrear-se de estar contemplando a sua belleza, e regozijando-se das suas prendas; e nisto sómente está cevando a sua paixão de amor.

*Baron.* De amor assim he, mas amor de

de si mesmo, porque nisso se lisongea a si. Ora supponde que essa Senhora polida e graciosamente attende a outro Cavalheiro de quem elle não gosta, ahi tendes tudo perdido; e talvez o amor se volte em odio: tudo ha-de ver ás avessas; porque o affecto primeiro não era amor dessa Senhora, era amor de si mesmo, e desejo de ser attendido, e nada mais fóra do amor a si mesmo. Meu Coronel, eu vos digo o meu systema, que he quanto a mim fundado na Boa Razão. *O amor deve seguir a estimação, e a estimação o merecimento*; e assim se huma Senhora de juizo, e bem prendada apparece em huma assemblea brilhante de Cavalheiros, em que ha de tudo, se entre elles houver alguns de costumes pessimos, discursos tolos, expressões estudadas, maximas erradas, pensamentos atrevidos, elles gostaráõ da Senhora, porque ella o merece; e ella os aborrecerá a elles, porque elles o merecem. Deste modo dá-se o seu a seu dono. Quem merece estimação seja embora amada; e quem merece desprezo, seja aborrecido. Isto he o que pede a Boa Razão; e he o que eu digo. Mas eu, Theodosio, tenho discorrido com muito

fo-

fogo. Vós tratai o ponto com mais methodo, e sangue frio.

*Theod.* Gostei que o Senhor Coronel vos ouvisse, e que admirasse a vossa Filosofia do Amor. Tratando pois o ponto que pertence á nossa Filosofia moral, e dos deveres de hum homem para com os seus amigos, digo que convem dar huma idéa fixa do que he ser amigo, porque muita gente troca os nomes ás cousas. Que entendeis vós, Senhora, por *amigo*, *amizade*, *amor*, &c.

*Baron.* Eu digo, *que amar a huma pessoa he desejar-lhe seriamente o bem a essa pessoa.* E já vedes que deste modo condemno a maior parte das amizades, amores, &c. porque desejão *o bem para si*, e não attendem *ao bem dessa pessoa a quem amão.*

*Theod.* Approvo: ora isto posto, vou a explicar os deveres do homem para com os seus amigos. *O amor de Paixão, está dito, que não merece correspondencia nenhuma.* Isto he hum Dogma infallivel; porque no Amor de paixão cada qual que ama busca o seu proprio interesse, e não o bem do objecto amado; e assim não he *amor verdadeiro*, he amor *falso*, e ás vezes *odio verdadeiro*. Do que

que o mundo dá provas evidentes a cada passo. Ora hum amor, que he odio verdadeiro, e que por modo nenhum he amor, que correspondencia merece?

*Baron.* A correspondencia que merece he o desprezo, e o aborrecimento.

*Theod.* Agora o *Amor de estimação*, isto he, *amor com que se deseja o Bem ao objecto amado*, e não a si proprio, merece retribuição, isto he, que eu deseje o bem a quem mo deseja a mim. Isto pede-o a Boa Razão.

*Baron.* Mas com cautela, meu Theodosio, que esta retribuição, e correspondencia he sómente para lhe desejar o bem, mas não para a *affeição amorosa*, se ahi não houver merecimento para a estimação.

*Theod.* Dizeis bem, Senhora; porque he da essencia de hum coração bem formado, o não *amar* sem *estimação*; e não estimar sem *merecimento.* Ora no caso que vós, Baroneza, suppuzestes (que he mui frequente) em que huma Senhora completa, cujas prendas de corpo e alma sejão raras, se veja cortejada por indignos, misturados brilhantemente com pessoas de merecimento: esta Senhora deve ser amada de todos, e he justo que to-

dos

dos lhe desejem o seu bem, e toda a felicidade; e tambem ella deve desejar a cada qual dos que a cortejão, o bem que lhes for proporcionado; e isto he verdadeiro *amor de correspondencia.* Mas aos indignos não deve *estimação*, e por consequencia não deve, nem póde ter *amor de affeição*, porque não ha merecimento sobre que caia.

*Coron.* Vós-outros tendes feito hum systema para a Republica de Platão: são doutrinas para corações imaginarios, e não para os corações que ha neste mundo de carne e sangue, que só sabem viver de amor.

*Baron.* Coronel, crede que vós-outros não entendeis a linguagem da Razão. Vós só conheceis a linguagem da Paixão. Mas fiquemos nisto. Quem quizer possuir o coração de huma Senhora, que ainda o esteja de si, e não esteja preza e cativa; quem quizer possuir esse coração puro, ha-de cuidar em merecello com prendas que lhe mereção a estimação, e não se contentar com incensos de aluguel, e obsequios de theatro, onde quem quer os vai aprender, para os encaixar na primeira occasião que haja. Meu Coronel, crede que nós conhecemos a lingua-

guagem da *Galanteria*, e que sabemos mui bem que entre cem Cavalheiros que nos obsequeão, talvez não haja nem hum verdadeiro amigo. Nós que trazemos as cabeças enfeitadas por fóra, não as temos calvas por dentro: ouvimos, fallámos, e cá por dentro zombamos, e rimos; porquanto cremos que se vós encontrais hum cento de Senhoras, a cada huma dellas fazeis os maiores obsequios, e vendeis as falsas primazias, que vos dicta o *Ritual de Galanteria*. Continuai, Theodosio, o ponto no estilo que vos parece melhor.

*Theod.* Para cumprir com o nosso intento, digo que o amigo que o he de verdade, deve prestar ao seu amigo todo o serviço que se não oppõe a obrigação maior. Quero dizer, que não se oppõe a Deos, á alma, á Patria, e aos pais naturaes, &c. porque esta obrigação he mais forte, e não deve ceder á pura amizade.

*Coron.* Eu sigo que se a *Amizade* he verdadeira, deve prevalecer a tudo.

*Theod.* Reparai que tambem Deos he amigo verdadeiro, tambem a Patria, e os pais são amigos verdadeiros. Logo se o direito da *Amizade* he na vossa opinião

tão

tão forte, que prevalece a tudo, deve prevalecer a *Amizade de Deos*, *a da Patria*, *a dos pais*, &c. A obrigação que a Natureza nos impõe deve estar primeiro que aquella que nós livremente tomamos. Ora o homem primeiramente foi creatura de Deos, do que amigo do seu amigo: primeiro foi filho da Patria, e de seu pai, do que fosse amigo de ninguem: logo deve essa amizade de obrigação preferir á amizade de eleição. Passemos a outro ponto.

## §. XV.

### *Dos deveres do homem para com os miseraveis.*

*Baron.* NÃo vos esqueça, meu Mestre, o instruir-me nas obrigações que tem o homem a respeito dos miseraveis, porque quero saber a que estou obrigada. Quero distinguir a *Generosidade*, *da Humanidade*, *e da Caridade.*

*Theod.* Nesta materia, como em todas, he razão que ouçais primeiro o Senhor Coronel.

*Coron.* E com gosto fallarei, do que os meus livros tanto nos recommendão; e

vos seguro que nunca se fizerão valer tanto como na nossa Filosofia os sagrados direitos da *Humanidade.* Os novos Filosofos são os que mais que ninguem tem estudado, e publicado os *Direitos* incontrastaveis do *Homem*; pois nos fazem ver com a maior evidencia, que nós devemos considerar a todos como irmãos, filhos do mesmo pai, que he *Deos*, e da mesma mãi, que he a *Natureza.* Este vinculo indissoluvel de *Irmãos* gera hum caracter harmonioso de Igualdade nos mutuos direitos da Humanidade, que repugna á introduzida, e tyrannica differença de *Soberania*, *Despotismo*, *Oppressão*, &c. Esta lei da *Irmandade* gera *Igualdade*, e desta nasce hum *amor mutuo*, *terno*, *fiel e constante*, com o qual tem o miseravel, e afflicto todo o soccorro prompto em todos os homens; porquanto todos o amão como a irmão, e respeitão como igual. Crede, Senhora, que nunca no mundo se fez valer tanto como agora, este mutuo amor de *homem* para *homem* seja quem for, como no systema dos Filosofos novos.

*Baron.* Nunca no mundo se apregoou mais, e nunca se executou menos. (Veja-se a *Guilhotina* num. 192 & 804.) Ora, meu

Theo,

Theodosio, que me dizeis ao tom de apregoar pelo mundo esta nova descuberta, e grande novidade de nos amarmos todos como irmãos? He cousa bem nova, meu Coronel! Ora o certo he, que de quando em quando apparecem no mundo cousas nunca sonhadas. O' meu Coronel, os vossos Mestres supponho que não sabem esta novidade que vos vou a dar. Na Era de 2514 annos da Creação do mundo deo o Creador a Moysés no Monte Sinai, que fica perto do Isthmo de Suez, huma lei expressa a todo o homem; de *amar os outros homens como a si mesmos*; e quando Deos veio ao mundo ha 1800 annos, mandou amar como a si mesmos até os nossos inimigos. Bem vedes que isto he cousa nova! Talvez que o Creador, e tambem o nosso Redemptor, aprendessem dos vossos Filosofos esta nova descuberta! Ah meu Coronel, que esquecido estais do Catecismo que na puericia vos ensinárão! Com que, se nos quereis prégar esse Sermão do *Amor do proximo*, não espereis esmola da prégação, porque he Sermão mui velho, já o temos ouvido muitas vezes.

*Coron.* Senhora, vós pegais fogo por qual-

quer cousa. Nós estamos em conversação amena. Que dizeis, Theodosio?

*Theod.* Eu estou na maior confusão que se póde dar; porque tenho na memoria muitos dogmas da vossa doutrina, que desejo que vós me concordeis com esta lei do amor mutuo. Dissestes os dias passados que, conforme os vossos livros, *a sensibilidade fysica, e o proprio interesse erão os dous motores do Universo moral.* Dissestes que *quem buscasse o seu commodo, ainda com perjuizo alheio, obrava louvavelmente.* Dissestes que deviamos *buscar o nosso bem ainda com perjuizo dos outros, com tanto que fosse o perjuizo menor que pudesse ser.* Desculpastes o furto, e outras violencias, quando nos era commodo, e tinhamos interesse nisso que faziamos, &c. Ora em tudo isto bem se vê que mostramos amor a nossos Irmãos, e veneramos os sagrados direitos da *Humanidade*, e da *Igualdade* que elle tinha. Não he assim, meu Coronel?

*Baron.* Que tendes, Coronel, tarda-vos a falla! Tomai lá este meu vidrinho: cheirai, que vos ha-de aliviar.

*Coron.* Vós, Senhora, ainda nas materias mais sérias conservais o vosso ar jocoso.

Ora

Ora já disse o meu pensamento, diga Theodosio agora o seu.

*Theod.* Como o fim destas conferencias he, Senhora, a vossa instrucção, devo dizer-vos, que a commiseração com os nossos irmãos infelices he não só preceito de Deos, mas tambem da Razão, que he tambem ser de Deos por outro modo. Deos he Pai de todos, e os pais que derão a vida aos filhos, tem obrigação de lhes dar alimentos, se elles não o podem procurar. Os bens do commum Pai (tomai bem sentido) estão neste mundo; e destes bens hão-de sahir os *alimentos* dos filhos, porque a isso todos os bens do Pai estão hypotecados. Se estes bens se achão na mão dos ricos, tenhão paciencia; dem ao miseravel o de que elle necessita, que este encargo está nos bens, e não na pessoa. O pobre como he filho de Deos, tem direito aos seus alimentos, estejão elles onde estiverem: não lhos podem negar; porque o Pai commum quando deo ao rico estes bens, já lhos deo com esse encargo de alimentar o pobre.

*Baron.* Ora ahi está huma doutrina clara que eu entendo; e nella vejo que he mais obrigação que liberalidade o soccorrer o miseravel.

*Theod.* Façamos nisto, Senhora, maior reflexão. Deos creou a tudo que ha neste Universo, e de todas as suas creaturas em certo modo he Pai, a todas deve sustentar, e a todas sustenta. Sustenta as aves no ar, as feras nas brenhas, os bichos nas tocas, e os peixes no mar. Não ha insecto a quem Deos não tenha sempre posta a meza neste ou naquelle lugar, em que lhes tem o alimento mais analogo e proporcionado; e em todos cuida a sua Providencia; nenhum jámais pereceo de fome. Só algum passarinho nas gaiolas, porque esses estavão ao cuidado dos homens: todos os mais que estão ao cuidado de Deos passão, e vivem. Ora tendo Deos tanto cuidado dos mais pequenos insectos, e dando a todos alimento, não se póde esquecer do homem, que he a sua creatura mimosa. Mas onde estão os alimentos do pobre, do enfermo, do estropeado, que o não podem ganhar com o trabalho? Onde estão depositados estes alimentos, senão nos bens do rico? Logo em consciencia deve dar o rico o alimento de que necessita o pobre. Isto he o que me dicta a Boa Razão.

*Baron.* E isso he o que eu entendo bem.

Nos

Nos noſſos Morgados temos eſſa lei em ſeu vigor. Mortos os pais, paſſa o Morgado ao filho mais velho, e eſte tem obrigação de alimentar ſeus irmãos, á proporção da força da ſua caſa, e da precisão dos filhos; e aſſim ſe julga por ſentença; e aſſim ſe faz.

*Theod.* Os avarentos ſe deſculpão da *Eſmola devida*, dizendo que outros ricos ha, e que tem tanta obrigação como elle de ſoccorrer o pobre, e ſe deſculpão. Mas aqui ha mais que dizer: he ſem dúvida que havendo na Cidade ſete ricos v. g., todos eſſes eſtão obrigados a ſoccorrer o miſeravel; e quanto he de natureza, todos tem igual obrigação da eſmola; mas ſe o pobre me pede a mim, tenho eu mais obrigação de lha dar, do que os outros a quem não a pede; porque elle (tendo direito á minha eſmola) ma pede. Exemplo: Tendes vós, Baroneza, ſete rendeiros nas voſſas fazendas; todos elles tem igual obrigação de vos pagar a renda convencionada; mas ſe vós a pedirdes a Franciſco, e não a pedirdes a João, tem Franciſco mais obrigação de vos pagar a renda; porque vós tendo igual direito contra ſete, por pedirdes a eſte, tendes ſobre elle o voſſo

di-

direito mais forte, que sobre os outros.

*Baron.* Se tendo o pobre igual direito á esmola de todos sete, e se cada qual se escusar, fica o pobre sem soccorro, e todos diante de Deos criminosos de furto; porque obrão contra o direito que Deos deo ao pobre sobre os bens dos ricos. Eu não sei que gosto tem o avarento em juntar dinheiro e mais dinheiro.

*Coron.* Sempre he o metal mais bonito que Deos creou.

*Baron.* Pois regalem-se de o ver; e para esse gosto basta hum cartucho de moedas: mas como não vedes o que está fechado na arca, de que serve o ser metal bonito? Ah meu Coronel! que esses ricaços não sabem que gosto tem ver mudar hum semblante afflicto em cara alegre. Eu conheci hum Inglez, homem verdadeiramente Filosofo, e por conseguinte liberal, e de genio estoico. Tudo fazia lá por certa razão, e nunca por costume, ou paixão. Sempre a sua casa estava provída só com o necessario, e tudo o mais da sua renda era para outrem. Perguntado elle se lhe bastarião duzentos mil cruzados de renda cada anno para as suas idéas, replicou se erão bem se-

gu-

guros esses duzentos mil cruzados; e respondendo-lhe que sim: calou-se, e reflectio, e depois de hum momento sahio, dizendo, que ao segundo anno quebrava infallivelmente. Celebrou-se com riso a resposta depois daquella consideração, e satisfez, dizendo:

Eu se me visse com duzentos mil cruzados de renda bem seguros, não havia de consentir que dez leguas á roda da minha casa houvesse cara triste; ora para remediar a todos, não bastava a minha renda; e infallivelmente quebrava, e me perdia.

*Coron.* Era verdadeiramente Inglez.

*Baron.* E verdadeiramente Filosofo; e sabia avaliar o gosto que tem huma alma bem formada, quando acudindo ao miseravel, vê de repente nascer no seu semblante a alegria, e desapparecer a negra sombra da afflicção em que estava.

*Theod.* Esses genios assim são humas bem proprias Imagens de Deos, que parece fazer gosto de nos enriquecer cada dia com os presentes da sua Providencia.

*Coron.* Ora, Senhores, triste nova. Chega-me aviso que á manhã deve marchar o meu Regimento, e não sei para onde. Sinto perder o gosto de assistir ás vossas con-

conferencias, Senhora, e de aprender do vosso Mestre; e devo retirar-me sem demora.

*Baron.* He justo, e sentimos o vosso incommodo. Adeos.

*Theod.* Ora, Baroneza, vós tendes visto como os ímpios discorrem, e qual he o principio sobre que os seus systemas sempre rólão, que he franquear todos os diques das paixões, saltando por todas as leis da Natureza, ou para fallar claro, do nosso Creador; porquanto nunca os vereis contar com lei nenhuma, nem com a da Razão, nem com as leis civís, nem com as leis da Religião.

*Baron.* Eu tenho pasmado, que dos innumeraveis systemas que elles publícão, nunca nos dão fundamento solido, nem razão firme.

*Theod.* Que escandalizado estará o Creador, vendo o máo uso que estes Filosofos fazem da Razão que Elle gravou nas suas almas! quando vir que sómente usão della para forcejar a illudir os seus preceitos; e forjar outras leis inteiramente contrarias á sua Immortal, e Invariavel Razão. Vós tereis observado que tudo quanto vos tenho ensinado, o tenho provado com a simples lei da *Boa Razão*,

que

que ninguem póde ignorar, e ninguem a póde contradizer.

*Baron.* Contradizer não, mas desprezar isso sim, e dizer quatro graças em contrario, e com isso ir caminhando por onde mais conta lhes faz. Tenho meditado no diverso modo com que vós discorreis, e com que elles discorrem; e vejo que vós sempre ides buscar o fundamento á *Boa Razão*, que Deos nos imprimio, e elles á liberdade, e soltura das paixões. Mas ainda bem que estamos livres do Coronel estes tempos.

*Theod.* E tambem as materias principaes da Filosofia Moral já estão tratadas.

## §. XVI.

### *Dos deveres de hum Homem sensato para com os Libèrtinos.*

*Baron.* TEmos, Theodosio, tratado dos deveres de hum homem para com os malvados, para com os amigos, para com os miseraveis, &c. mas ainda me falta saber como me devo portar com esses libertinos, que a torto, e a direito querem arrastrar a gente para a libertinagem.

*Theod.* Já me tinha lembrado isso, que he pon-

ponto muito necessario hoje ; mas na presença do Coronel não se podia levar discurso seguido ; porque como havia de levar suas cutiladaszinhas disfarçadas , e politicas , forçosamente se havia de doer , a dor faz dar gemidos , e ás vezes gritar , e o grito perturba a paz , e tira toda a amenidade da conversação : por isso fui reservando essa materia para o tempo da sua ausencia. Mas para que a sua causa não corra inteiramente á revelia , convidai vosso Irmão o Chevalier , que he mais docil , ou vosso Primo o Commendador , e fallaremos no ponto.

*Cheval.* Que ajustes são esses com Theodosio sobre o Chevalier ? Vós em quanto cá estava o meu Coronel não me convidaveis ; e agora estais contando comigo , pelo que eu ouvi da camara de nossa mãi !

*Baron.* Chevalier , não vos agasteis , que somos bons amigos : Eu sempre ouvi dizer , que os fins de qualquer empreza devião concordar com os principios. Vós assististes ás primeiras lições que Theodosio me deo sobre a Ethica , agora quero que tambem assistais ao remate dellas.

*Cheval.* Mas de que me serve assistir ao remate unicamente da vossa instrucção , da

qual

qual ſómente ouvi ha dias o principio, ſem ao menos ter huma breve, e curta idéa do que nas voſſas converſações com Theodoſio paſſaſtes?

*Theod.* O reparo do Chevalier he juſtiſſimo, Baroneza; e em poucas palavras eu vou a ſatisfazer o que pede. Vós, Chevalier, aſſiſtiſtes á conferencia em que moſtrámos quanto reſpeito, e quanto amor devia o homem a Deos pelo que tinha feito nos Ceos para o homem unicamente, e iſſo ſó fallando como Filoſofo, que vê, e ſabe obſervar; e tambem pelo que Deos obrou na terra ſómente para o homem.

*Cheval.* Diſſo me lembro muito bem.

*Theod.* Seguio-ſe o tratar do que nós deviamos a Deos pelo que o Creador tinha obrado no noſſo corpo organico, e ainda mais na noſſa alma; e com iſſo concluimos as obrigações do homem para com Deos, que era a primeira parte da Filoſofia Moral. Paſſámos á ſegunda, que erão as obrigações do homem para comſigo meſmo; e eſtabelecemos primeiramente o juſto e louvavel amor que hum homem ſe deve ter a ſi proprio, onde ſe tratou do amor proprio legitimo e bom; e tambem do amor proprio deſ-

desordenado e bastardo: seguírão-se depois disto como consequencias de hum solido principio, o condemnar o ridiculo systema do *Egoismo.*

*Cheval.* Dizeis bem, quando lhe chamais ridiculo, porque sómente he toleravel na região dos Poltrões: passemos adiante, porque esse disparate não merece a honra de que seriamente se impugne.

*Theod.* Tirámos tambem por consequencia a obrigação que todo o homem tem de conservar a sua vida, a sua honra, o seu bom nome, onde se mostrou a loucura dos senhores Duelistas.

*Baron.* Neste ponto calai-vos, Chevalier, bem sabeis porquê vos digo isto.

*Cheval.* Sois mais velha, e além disso, Senhora, obedeço.

*Theod.* Tambem dissemos que cada qual devia procurar a sua subsistencia pelo trabalho, ou pela industria, e pelos meios proprios do seu estado, caracter, &c. De tudo isto démos razão bastante. Agora quanto á terceira parte da Filosofia Moral, que he do que respeita aos outros homens, tratámos primeiramente da natureza do homem, que foi creado para viver em sociedade: dissemos depois que o Creador lhe havia de dar leis commo-

das

das para a conſervação da ſociedade, e que eſtas leis devião de ſer tiradas da Boa Razão, e não das *Paixões*, nem do *Intereſſe Peſſoal*, mas ſim de *preferir cada qual o Bem do commum ao ſeu proprio Intereſſe*; e de *não fazer aos demais o que não goſtaria que lhe fizeſſem a elle.*

*Cheval.* Não ha leis mais ſantas, nem mais racionaveis, poſto que bem ſei que o Coronel havia de repugnar muito. Vamos ao mais.

*Theod.* Seguio-ſe o averiguar ſe nas ſociedades podia haver huma total igualdade; ſe era indiſpenſavel a ſuperioridade de alguem; e qual era o direito que tinhão a ella os pais de familias, os Soberanos eſtabelecidos no Paiz de cada qual. Depois examinámos ſe a ſuperioridade, e ſoberania eſtava radicalmente no Povo, ou ſe verdadeiramente vinha de Deos; e ultimamente tratámos das obrigações do homem para com os malvados, para com os amigos, para com os miſeraveis, &c.

*Cheval.* Depois de tratardes tudo iſſo, que me reſta a mim, ſenão dar-vos a vós, Baroneza, o parabem de ter recebido do noſſo Meſtre tão abundante inſtrucção.

*Ba-*

*Baron.* Ainda falta tratar hum ponto, e he, como se deve portar huma pessoa de juizo com estes senhores libertinos, que sem serem chamados, nem provocados, procurão inspirar-lhe todo o seu veneno, por mais innocentes que sejão os costumes que nella encontrem. Vós rides!

*Cheval.* Baroneza, eu devo fallar-vos em confiança, como Irmão. Sempre foi maxima dos perversos, quererem engrossar o seu partido, juntando a elle muita gente.

*Baron.* Parvoice, meu Irmão; pois a verdade triunfa como a força? Nas cousas em que a força obra, attende-se ao numero dos braços que nella trabalhão; e o que dez braços não podem vencer, vencerão vinte, ou trinta; mas não he assim a Verdade: se huma cousa em si mesma, e diante de Deos não he verdade, ainda que muitos teimem a dizer que he verdade, nem por isso ella o será. Meu Irmão, não sejais povo, que crê affoutamente tudo quanto se diz, considerai nas cousas como são intrinsecamente, e vede se tem, ou não alguma impossibilidade; ou se pelo contrario ha alguma razão intrinseca, que prove que he verdade; e então ou approvai, ou reprovai.

Às vozes dos homens acaſo podem mudar ás couſas a ſua natureza? Cada couſa he como o Creador a fez; e todos os homens conjurados a mudar-lhes a ſua natureza, nada podem fazer neſſe ponto.

*Cheval.* Ainda aſſim os votos de muitos, ſendo unanimes, fazem grande força para ſe lhes dar credito.

*Baron.* Iſſo he nos factos hiſtoricos, que prudentemente acreditamos apoiados ſobre a fé humana; porque todo o homem ſe envergonha de mentir; e aſſim he difficil que muitos deſprezem o juſto horror que devem ter á mentira. Nós ſómente fiados neſta idéa, que he filha da noſſa natureza, que repugna a julgar mal de muitos ſem prova, he que vindo muitos a dizer que vírão, nos animamos a crer, o que fiados em pouca gente não creriamos. Porém quando ſe trata da Natureza das couſas, nada faz que muitos digão que he, ſe ella na realidade não for; porquanto por mais que ſe ajuſtem os homens em dizer que ſim, nada põe, nem podem tirar na Natureza das couſas. Supponhamos que dez mil dos voſſos camaradas que forão (quando ereis *Carabineiro real*) ſe ajuſtavão a dizer que a noſſa alma he mortal, e que morre com

o corpo, como eu ouvi muitas vezes ao nosso defunto Tio; por ventura esta unanime sentença dos Militares faz que a alma seja mortal, quando Deos (como se prova evidentemente) a fez immortal? Que faz logo ao systema dos ímpios que eu siga ou não siga os seus disparates? Dizei, meu Irmão, que interesse tem a causa dos libertinos em que muitas Senhoras galantes a sigão, se isso nada faz, para que as cousas sejão como elles o dizem?

*Cheval.* Sempre os que errão tem tal qual desculpa, tendo companheiros nos erros.

*Baron.* Eu não fallo da desculpa, fallo do erro; e se eu seguir hum erro essencial, que toca immediatamente na minha felicidade, ou desgraça; pergunto, se este erro he menor, ou se a desgraça se diminue, quando se augmenta o numero dos desgraçados? Respondei-me a isto.

*Cheval.* Isso não: a desgraça sempre he a mesma, quer eu o seja só, quer muitos desgraçados comigo. Sempre he o que he, e os ditos dos outros, ou a companhia delles não tira, nem diminue o meu mal.

*Baron.* Logo que bem póde fazer á causa dos libertinos, que eu, ou as Senhoras, que elles lisongeão, sigamos o seu partido? Respondei-me.

*Che-*

*Cheval.* Não me aperteis tanto; respondão elles.

*Baron.* Não lhes direis, meu Irmão, que he loucura pensarem os homens que por formarem os seus systemas hão de mudar a natureza ás cousas, e até á de Deos? Mas já isto he muito para mim, fallai vós, Theodosio.

*Theod.* Esse argumento, que vós tendes feito, he o que eu naturalmente faria se me lembrasse; porquanto verdadeiramente vai a atacar o principio surdo, e como base occulta dos seus procedimentos. Querem elles ver-se soltos, e livres do freio que põem ás suas paixões, e desordens, tanto á Luz da Razão, como á Lei Divina, como ás Leis humanas: este he o seu ponto essencial, tirar toda a prizão; e começão por se desembaraçar das leis humanas, e dizem que todas ellas são tyrannias. Esta Proposição nunca se ouvio em Paizes civilizados; mas como isto lhes faz conta, põe-se nos livros, e papeis públicos, ajuntão muita gente que diga que sim, e promptamente se persuadem que a cousa he como elles dizem. O caso he que o não provão, e que antes deste frenezi todo o mundo dizia o contrario, nem se punha o ponto em dú-

dúvida; mas não importa, (dizem) *faz-nos conta, he assim.*

Além disto, *he preciso* (dizem elles) *livrar-nos da Lei de Deos; e como?* (respondem) Não admitamos que haja Lei alguma Divina; e ajuntemo-nos muitos a dizer que *Deos não se embaraça cá com as acções dos homens*, porque isso não lhe está bem. Mas vós não provais isso (lhes replicão) Não importa (continuão) faz-nos conta (1): ajuntemos muitos homens que digão isso; e fica estabelecido o nosso novo *Decalogo*; e nessa supposição póde cada qual entregar-se ás suas paixões. Com esta sentença saltão todos de contentes.

Mas será isso assim na realidade? (perguntará hum homem de juizo) Seja, ou não seja (respondem) digamos isso com firmeza, digamos quatro graças aos velhos que disserem o contrario, e com dous risotes temos respondido ás provas concludentes, que nos queirão oppôr, e fiquemos nisso mais descançados.

Ainda mais: falta o desembaraçarem-se da Luz da Rázão, que dentro de cada hum

(1) Dicci^onaire des Filosophes, pag. 7. On n'apporte point de preuves; mais n'importe, cette hardiesse me satisfait.

hum de nós clama que não devemos v. g. fazer a hum irmão noſſo o que nós não quereriamos que outrem nos fizeſſe. Eſta voz he muitas vezes importuna; e por mais que a queiramos fazer calar, não he poſſivel o conſeguillo, e aſſim nos eſtá embaraçando a fazer o que queriamos. Ora eſtes Senhores não pódendo fazer emmudecer eſſa voz ſincera, manſa, e conſtante, ſe querem aturdir com ſyſtemas, com ditos de outros, com certas leis formadas na caſa de café, ou na aſſemblea de Pedreiros livres, &c. e á força de cada hum ſe diſſer a ſi meſmo *não he*, *não he*, *não he*, marcha deſafôgado na carreira das paixões. Mas quando o vinho deſta bebedice moral acabar de ferver, ſempre lá dentro diz a Razão: *Olha que não vás bem*, e o remorſo reſuſcita.

Aperta a *Razão natural*, e diz que o Ente Supremo não ſe accommodará ás leis de quatro amigos, que ſe ajuſtárão a dizer debaixo das bandeiras de Voltaire, Alambert, Rouſſeau, e Diderot, o que elles diſſeſſem. Deos certamente (diz a Razão) não eſtará pelas ſuas doutrinas; então o coração eſtremece, e ſe aſſuſta; porquanto como cada hum depois da morte ſó ha-de cahir nas mãos do Ente

Su-

Supremo, e não nas dos Filosofos da moda, lá lhes diz a Razão n'uma voz submissa, e meia abafada: *E se isso for estou perdido*! Para tirar estes escrupulos, vede o que fazem: (vós, Chevalier, sois testemunha pelo que tendes lido, e tendes ouvido aos vossos amigos) vede o que fazem: *Pois não haja Deos.* E ponhão-se em París tres cadeiras, em que publicamente se ensine que *não ha Deos*, e *nunca o houve*; e que tudo isto que vemos no Universo se achou feito, sem que causa nenhuma o fizesse. Ora póde haver sentença mais louca?

*Cheval.* Quanto a isso sempre o tive por huma borracheira literaria; como se a existenccia de Deos dependesse da licença que para isso lhe dessem os senhores Filosofos. Confesso que muitos dizem isso; mas os mais não chegão a tanto: contentão-se com que a alma dos homens morra com o corpo, e que depois da morte não tenhão que receber premio, nem castigo do que fizerão; e outros teimão em que Deos se não embaraça com as obras dos homens, e que podem elles cá no mundo fazer o que quizerem, sem que o Senhor se escandalize, nem dê por offendido.

Ba-

*Baron.* Estes dous pontos, meu Irmão, já na vossa ausencia estão bem debatidos (1); e não creio que vós estejais tão tocado dessa gangrena, que duvideis de artigos tão essenciaes.

*Cheval.* Não chega a tanto a minha tal qual adhesão a esta moda, que entre os Militares he a *materia da conversação.*

*Theod.* Eu cuidei que vós dissesseis que era a *materia da sua profunda meditação.* Amigo, huns pontos, em que se interessa a nossa desgraça eterna, ou eterna felicidade, merecem huma serie, e profunda consideração; e não meramente ditos galantes, e zombarias de soldados, e irrisão de gente livre. Dizei-me, Chevalier, se se tratasse de anniquilar a vossa casa de Armendariz, ou de ensovalhar a vossa familia com algum casamento indigno, ou de vos prenderem n'uma torre, contentar-vos-hieis com dizer quatro graças na casa de café, lendo frescamente as gazetas?

*Cheval.* Não certamente.

*Theod.* Pois a questão da Immortalidade da alma, e das contas que devemos dar ao Ente Supremo que nos creou, e que nos deo

(1) Tarde 17. §. 4. e Tarde 19. §. 2.

deo a lei da razão para governarmos as nossas acções, e a nossa vontade livre, não vos interessão, Chevalier, a vós, a mim, e a vossa Irmã, muito mais do que essas cousas que disse? Porventura o Ente Supremo que nos creou, e deo a vontade livre para obrar, mas o Entendimento recto para governar a vontade, conforme as luzes da Razão que lhe infundia, poderá ver com indifferença que n'um conventiculo retirado se ajustão huns poucos de Filosofos da moda, e sem mais profundarem as essencias das cousas, e a natureza dellas, dizem: *Livremo-nos deste freio das penas futuras, e contas a Deos, e digamos que tal não ha.* Poderá Deos ver isto com indifferença? e depois quando pela morte lhe cahirem na mão estes Filosofos, ou os seus sequazes, ficará Deos satisfeito se lhe disserem: *Senhor, os meus Mestres me disserão que pela morte se acabava tudo*, ficará o Creador contente, e satisfeito?

**Cheval.** Vós tendes bom geito para Missionario.

**Baron.** O caso he se tem bom geito para Filosofo, e se sabe discorrer, e tirar de huma Proposição as consequencias devidas.

**Theod.**

*Theod.* Eu, meu Chevalier, ſempre vos criei, e acoſtumei a uſar do entendimento que Deos vos deo, e a não engolir contradicções manifeſtas, eſpecialmente em materias que não são bagatelas, ou de brinco. Tudo vai, meu amigo, a parar neſte diſcurſo que chamão *Meſtre.*

1.° *He preciſo dar deſafogo ás noſſas paixões.*

2.° *Logo he preciſo livrar a noſſa vontade das leis que a reprimem.*

3.° *Logo digamos que não ha taes leis.*

E aſſinão todos, e fica eſtabelecido que não ha leis que reprimão as noſſas paixões. Eis-aqui a baſe de toda a Filoſofia da moda. Confeſſai, Chevalier, ſe no fundo do voſſo coração não entendeis que iſto he verdade.

*Cheval.* Que me eſtais vós, minha Irmã, atraveſſando com os voſſos olhos? Bem vos entendo. Eu não poſſo negar, Theodoſio, que iſſo he aſſim.

*Baron.* Pois então volto ao meu primeiro argumento, Chevalier. Acaſo a convenção, e ajuſte de huns poucos de homens, ou ainda de todos elles, podem mudar a Natureza das couſas?

*Che-*

*Cheval.* Isso não: todos os homens dizião que o ar não pezava, e já nesse tempo elle pezava tanto, como agora peza: todos assentavão antigamente que não havia *Antipodas*, e já nesse tempo os havia, como os ha agora. O ajuste dos homens não tem nada com a Natureza das cousas, que os homens não fizerão, nem dependem da sua vontade. Nisso dizeis bem.

*Baron.* Estimo que me acheis razão, e que na realidade he huma rematada loucura persuadirem-se esses discipulos de Voltaire, Alambert, Rousseau, e outros, que a nossa alma, e a vida eterna, e Jesu Christo, e o seu Evangelho dependem para serem como Deos os fez, de que esses senhores digão que sim; e que aliàs devem proceder como se nada disso fosse verdade. Dizei-me, Chevalier: Supponhamos que todos os homens concordavão que para melhor symmetria dos nossos rostos, convinha que tivessemos tres olhos na testa, como as moscas, e dous narizes, e duas gargantas para nos livrarmos dos garrotilhos; e que isto ficava assentado geralmente por essa Junta, &c. Que fazia isto para a natureza das cousas? Por ventura isso fazia que desse

ajus-

ajuſte em diante naſceſſem os homens de outro modo do que antecedentemente? Vós rides! Mais me devo eu rir de que as leis, e ſyſtemas dos voſſos amigos mudem a natureza da alma, a natureza do entendimento, e Luz da Razão, a Natureza do Creador, a Natureza das ſuas leis, &c. pois tudo iſſo tranſtornão as maximas dos libertinos. Livrai-vos, meu Irmão, de cahir em ſemelhantes deſpropoſitos: e quando quizerdes dizer iſto he, ou não he, não vos fieis do que outros dizem, meditai nas razões intrinſecas, que naſcem da natureza das couſas, para as acreditar, ou impugnar.

*Cheval.* Cá levo eſſa lição, minha Irmã: vós eſtais no arguir mais adiantada do que no noſſo tempo, em que Theodoſio nos inſtruia a todos quatro. Adeos, que ſe he verdade que o meu Coronel parte, tambem eu devo partir, poſto que ainda não tive ordem.

*Baron.* Iſſo em breve tempo ſe ſaberá, adeos. Mas vós, Theodoſio, bem vedes que algum fruto fez no Chevalier eſta breve recapitulação da Filoſofia Moral.

*Theod.* O Chevalier he baſtantemente docil, e tem juizo claro: a companhia dos outros he que lhe faz muito mal. Vós deſ-

descançai por ora, que eu tambem descanço. E respondendo á pergunta de como se deve portar huma pessoa sensata com os libertinos, digo que se devem tratar como hum enfermo frenetico, a quem as razões serias não convencem; porque não está com juizo capaz de as perceber, e muito menos de as ponderar para lhe conhecer o seu pezo. Elles de ordinario argumentão com dicterios engraçados, com admirações enfaticas, com invectivas poeticas; se vos argumentarem nesta linguagem, respondei-lhes nella; ou dando-lhes hum riso merecido, perguntando-lhes onde estudárão a sua Theologia? E dizei-lhes que em quanto não vos mostrarem Certidões authenticas do seu Doutoramento nessa Faculdade, não os reconheceis por Mestres; e tratai-os neste tom. Adeos, que vossa mãi vos espera, pelo que ouço. Adeos.

F I M.

# PROTESTAÇÃO DO AUTHOR.

SE acaſo neſta Ethica, ou Filoſofia dos coſtumes, eſcapou alguma ſentença, ou doutrina, ou ainda palavra, ou fraſe, que deſdiga não ſó da pureza da Religião Catholica Romana, Decencia, ou Doutrina dos bons coſtumes, que a noſſa Theologia nos enſina, proteſto que a minha intenção he, e foi, e ſerá ſempre não me affaſtar della n'um apice; e por iſſo aqui me retracto, e deſdigo de tudo o que tiver diſſonancia com a sã Doutrina da Catholica e Romana Igreja, em cujo ſeio fui creado, e deſejo morrer.

*Theodoro d'Almeida.*

IN-

# INDICE

Das Materias, que ſe tratão neſta Filoſofia Moral, ou Ethica.

---

## PARTE I.

### *Da Filoſofia Moral.*

### TARDE XVI.

Das obrigações do Homem para com Deos, tiradas do que Elle fez no Univerſo, para bem do Homem.



TAR-

## TARDE XVII.

Das obrigações que temos para com Deos, deduzidas do que Deos fez no Homem, para commodo do Homem.



PAR-

# PARTE II.

## *Da Filosofia Moral.*

## TARDE XVIII.

Das obrigações do Homem para comsigo.

# PARTE III.

## *Da Filosofia Moral.*

## TARDE XIX.

Das obrigações do Homem para com os outros Homens.



§. IX.

# ERRATAS.

| | | erros | emendas |
|---|---|---|---|
| Pag. 18. | linh. ultima | sãe | sáo |
| pag. 19. | linh. penultima | quadros | quadrados |
| pag. 19. | linh. ultima | cabos | cubos |